



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Julianna de Souza Cardoso Bonfim

***As Recordações de Itália (1852-1853)*, de A. P. Lopes de Mendonça: uma**

**obra política**

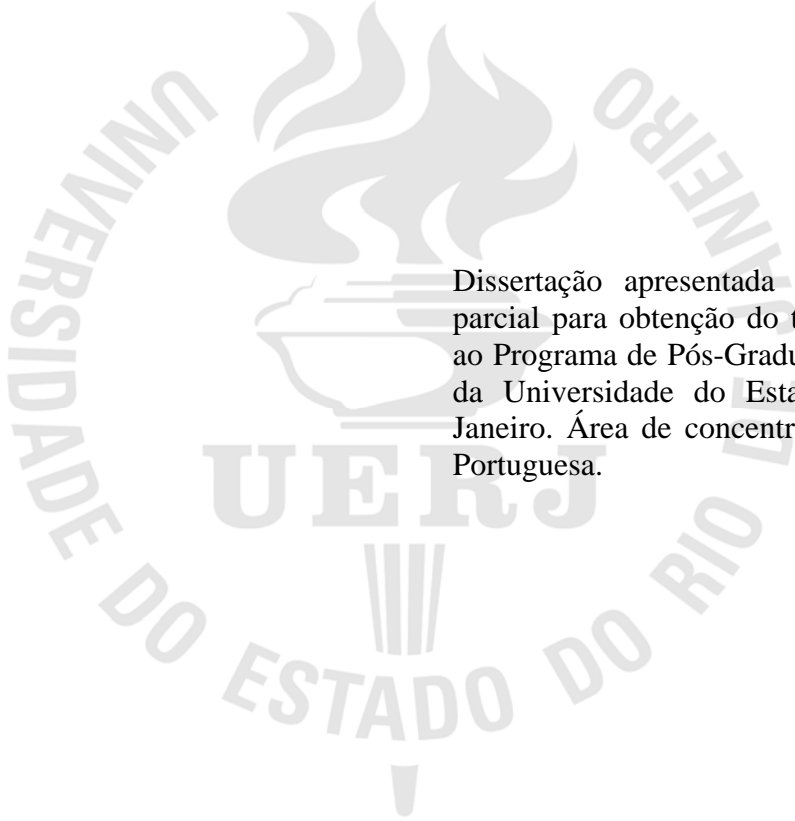
**Edição e estudo crítico**

Rio de Janeiro

2013

Julianna de Souza Cardoso Bonfim

***As Recordações de Itália (1852-1853), de A. P. Lopes de Mendonça: uma obra política***  
**Edição e estudo crítico**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Nazar David

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

M539 Bonfim, Julianna de Souza Cardoso.  
As Recordações de Itália (1852-1853), de A. P. Lopes de Mendonça – uma obra política: edição e estudo crítico/Julianna de Souza Cardoso Bonfim. – 2013.  
344 f.

Orientador: Sérgio Nazar David.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Mendonça, A. P. Lopes de (Antônio Pedro Lopes de), 1826-1865 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Mendonça, A. P. Lopes de (Antônio Pedro Lopes de), 1826-1865. Recordações de Itália – Teses. 3. Romantismo – Portugal – Teses. 4. Socialismo – Portugal – Teses. I. David, Sérgio Nazar, 1964-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Julianna de Souza Cardoso Bonfim

***As Recordações de Itália (1852-1853), de A. P. Lopes de Mendonça: uma obra política***  
**Edição e estudo crítico**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovada em 16 de abril de 2013.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Sérgio Nazar David (Orientador)

Instituto de Letras da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gumercinda Nascimento Gonda

Faculdade de Letras da UFRJ

Rio de Janeiro

2013

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe, que sempre priorizou e valorizou meus estudos acima de tudo, por todo o amor e suporte que dedicou a mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Sérgio, em primeiro lugar, por ter me ensinado tanto – sobretudo o amor pela literatura portuguesa oitocentista – e por acompanhar com tanta competência e interesse a elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos Andréa, Aytel, Camila e Mauro, que a UERJ me trouxe e são tão importantes, me auxiliando e estimulando, cada um a seu modo, para que esse projeto fosse realizado.

Ao Raphael, pela paciência e apoio, mesmo em circunstâncias adversas.

Às professoras Ruth Macedo e Henriqueta Valadares que, cada uma em uma época decisiva da minha vida, foram inspiração e exemplo.

– No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas-políticos, aos moralistas se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignomínia crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico. [...] seja o que for; cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis.

*Almeida Garrett*

## RESUMO

BONFIM, Julianna de Souza Cardoso. *As Recordações de Itália (1852-1853), de A. P. Lopes de Mendonça: uma obra política: edição e estudo crítico*. 2013. 344 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Antônio Pedro Lopes de Mendonça, escritor romântico de postura liberal radical, que fez da literatura seu meio de subsistência, produziu uma escrita que flertou com muitos gêneros, da crônica-folhetim ao romance – porém sempre permeada pelo viés político. Defendeu o Romantismo como um movimento extraliterário que ajudou a impulsionar transformações cruciais na sociedade portuguesa e, filiado à política jacobina, foi um dos precursores dos ideais socialistas em Portugal. Fez oposição à Regeneração, por entender que os esforços deste governo eram insuficientes às necessidades do país, e soube reconhecer, posteriormente, as mudanças promovidas por ele, defendendo os regeneradores em comparação com os absolutistas. Foi considerado ultrarromântico por muitos autores, o que consideramos uma classificação reducionista, por não ter em conta um aspecto fulcral da obra deste autor: o objetivo de formar leitores críticos, o compromisso civilizacional, de conscientizar e de ser combativo às injustiças de sua época. Usou a ironia a seu favor, como uma arma de pensamento, para acomodar, nas entrelinhas de seus romances, suas críticas à sociedade que se apresentava. Tendo percorrido uma Itália ainda não unificada, na viagem que inspirou as *Recordações de Itália*, pôde perceber como a falta de unidade dos grupos revolucionários em torno de um mesmo ideal era empecilho à unificação daquele país e convocou, por meio de seu jornal *Eco dos Operários*, as classes menos favorecidas à busca por justiça social, dando espaço a textos dos próprios trabalhadores e inculcando neles a importância da soma de forças por uma causa única. Morreu como louco, certamente não por não aceitar e por não se adequar às hipocrisias e injustiças que lhe eram impostas por aquela sociedade.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa Oitocentista. Socialismo. Sociedade Portuguesa. Romantismo. Política.



## ABSTRACT

António Pedro Lopes de Mendonça, a romantic writer with a liberal radical political position, who made his living out of literature, has left a written legacy which has flirted with many genres, from chronic to serial novels – yet always permeated by a political bias. He has defended the extra-literary Romanticism as a movement that helped propel crucial changes in Portuguese society, affiliated to the Jacobin politics, and he was a precursor of socialist ideals in Portugal. He has made opposition to regeneration, understanding that the efforts of this government were inadequate to the needs of the country; but could recognize later changes promoted by him, advocating in favor of the regenerators when compared to the absolutists. He was considered ultra romantic by many authors, which we consider a reductionist classification, because it does not consider an essential aspect of the works of this author: the goal of forming critical readers, the civilizational commitment, educating and opposing the injustices of his time. Mendonça used irony in his favor, as a thinking strategy, to accommodate the lines of his novels, his criticism of the society he lived in. Having traveled throughout Italy while it was not yet unified, the trip that inspired *Recordações de Itália*. He could then see how the lack of unity of the revolutionary groups around a common ideal was a force against the unification of the country; and he called, through his newspaper *Eco dos Operários*, the lower classes to the quest for social justice, giving space to texts of the workers themselves and convincing them of the importance of the union of forces for a major cause. He died being considered crazy, certainly for not accepting and not fitting in the hypocrisies and injustices that were imposed by that society.

Keywords: Portuguese Literature nineteenth century. Socialism. Portuguese Society. Romanticism. Politics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Folha de rosto do exemplar, com carimbo.....	18
Figura 2. Assinatura de Júlio César Machado no exemplar.....	18
Figura 3. Vista do Porto de Génova em meados do século XIX.....	45
Figura 4. Cartuxa de Pavia.....	82
Figura 5 - Duomo de Milão.....	87
Figura 6. Lago de Como.....	119
Figura 7. Vista de Veneza em meados do século XIX.....	139
Figura 8. Basílica de São Marcos.....	145
Figura 9. Palácio Ducal.....	148
Figura 10. Canal de Veneza e Ponte do Rialto.....	153
Figura 11. Atílio e Emílio Bandiera.....	192
Figura 12. António Pedro Lopes de Mendonça, por Joaquim Pedro de Souza.....	265
Figura 13. Folha de rosto de um exemplar do <i>Eco dos Operários</i> , onde se pode ler a inscrição “COLABORADA POR LITERATOS E OPERÁRIOS”.....	282
Mapa 14. Divisão da Itália em sete estados, após o Congresso de Viena (1815).....	300
Figura 15. Giuseppe Mazzini.....	303
Figura 16. Camilo Benso de Cavour.....	306
Mapa 17. Trajetória de A. P. Lopes de Mendonça e viagem à Itália (1850).....	309

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 A EDIÇÃO DA OBRA</b> .....	19
1.2 <b>Critérios de Edição</b> .....	19
<b>TOMO I</b> .....	22
CARTA PREFÁCIO .....	24
INTRODUÇÃO.....	26
I. NO MAR.....	28
II. GIBRALTAR.....	32
III. GIBRALTAR À NOITE .....	39
IV. GÉNOVA.....	44
V. GÉNOVA À NOITE .....	57
VI. OS MONUMENTOS DE GÉNOVA.....	62
VII. DE GÉNOVA A PAVIA .....	74
VIII. A CARTUXA DE PAVIA.....	81
DE MILÃO A MONZA .....	86
Capítulo I. ....	88
Capítulo II.....	90
Capítulo III. ....	93
LA VENDETTA .....	94
Capítulo I. ....	94
Capítulo II.....	97
Capítulo III. ....	101
Capítulo IV. ....	105
Capítulo V. ....	108

Capítulo VI. ....	109
Capítulo VII. ....	111
Capítulo IV. ....	113
Capítulo V. ....	115
UMA EXCURSÃO AO LAGO DI COMO .....	118
Capítulo I. ....	120
Capítulo II. ....	120
Capítulo III. ....	121
Capítulo IV. ....	121
Capítulo V. ....	122
Capítulo VI. ....	123
Capítulo VII. ....	124
Capítulo VIII. ....	125
Capítulo IX. ....	126
Capítulo X. ....	128
Capítulo XI. ....	129
Capítulo XII. ....	131
Capítulo XIII. ....	132
Capítulo XIV. ....	133
Capítulo XV. ....	134
Capítulo XVI. ....	136
<b>TOMO II</b> .....	137
CARTAS .....	138
Capítulo I. ....	138
II. S. MARCOS .....	143
III. PALÁCIO DUCAL .....	147
IV. O GRAN CANALE .....	152

Capítulo V. ....	156
Capítulo VI. ....	161
BEPA .....	165
HISTÓRIA ITALIANA .....	166
Capítulo I. ....	166
Capítulo II. ....	167
Capítulo III. ....	168
Capítulo IV. ....	168
Capítulo V. ....	170
Capítulo VI. ....	171
Capítulo VII. ....	173
Capítulo VIII. ....	175
Capítulo IX. ....	176
BEATRIZ (Episódio da Revolução de 1848).....	179
Capítulo I. ....	180
Capítulo II. ....	181
Capítulo III. ....	182
Capítulo IV. ....	184
Capítulo V. ....	185
Capítulo VI. ....	187
Capítulo VII. ....	189
OS IRMÃOS BANDIERA.....	190
Capítulo I. ....	193
Capítulo II. ....	193
Capítulo III. ....	194
Capítulo IV. ....	195
Capítulo V. ....	196

Capítulo VI. ....	197
Capítulo VII. ....	198
MILÃO .....	199
Capítulo I. ....	200
Capítulo II. ....	203
Capítulo III. ....	207
IV. MARIA DAS GRAÇAS .....	211
Capítulo I. ....	216
Capítulo II. ....	217
Capítulo III. ....	217
Capítulo IV. ....	219
Capítulo V. ....	221
Capítulo VI. ....	222
Capítulo VII. ....	224
D. ANDRÉ SPERONI (Fragmentos dum livro inédito).....	226
Capítulo I. ....	228
Capítulo II. ....	228
Capítulo III. ....	229
Capítulo IV. ....	231
Capítulo V. ....	232
Capítulo VI. ....	233
Capítulo VII. ....	234
Capítulo IX. ....	235
Capítulo X. ....	237
HISTÓRIA DUMA ARTISTA .....	239
Capítulo XI. ....	245
A ITÁLIA POLÍTICA.....	246

Capítulo I.....	247
Capítulo II.....	249
Capítulo III.....	251
Capítulo IV.....	254
APPENDIX .....	257
Capítulo I.....	257
Capítulo II.....	259
Capítulo III.....	260
<b>2 ESTUDOS MENDONCIANOS AO LONGO DOS TEMPOS.....</b>	<b>263</b>
2.1 <b>Introdução</b> .....	.....
2.2 <b>Estudos mendoncianos</b> .....	267
2.3 <b>A ironia – um modo de pensar</b> .....	268
2.4 <b>Ultrarromântico?</b> .....	271
2.5 <b>Romantismo – um fato social e político</b> .....	274
2.6 <b>Aproximações com o Realismo</b> .....	277
2.7 <b>Um escritor socialista – a voz dos operários</b> .....	278
2.8 <b>Considerações finais sobre os estudos a respeito da obra de A. P. Lopes de Mendonça</b> .....	284
<b>3 A. P. LOPES DE MENDONÇA: DO CABRALISMO À REGENERAÇÃO.....</b>	<b>285</b>
3.1 <b>Cabralismo</b> .....	285
3.2 <b>Regeneração</b> .....	287
3.3 <b>Uma mente política: participação nas insurreições portuguesas</b> .....	289
3.4 <b>A morte da rainha</b> .....	293
3.5 <b>As críticas à Igreja</b> .....	295
3.6. <b>Itália – Da primeira guerra do <i>Risorgimento</i> ao reino da Itália (1848-1861)</b> .....	297
3.7 <b>A trajetória de A. P. Lopes de Mendonça nas <i>Recordações de Itália</i></b> .....	307
<b>4 AS RECORDAÇÕES DA ITÁLIA (1852-1853), DE A. P. LOPES DE MENDONÇA</b> .	<b>312</b>

4.1 Portugal na Europa oitocentista.....	313
4.2 O labor literário.....	315
4.3 O valor da arte.....	318
4.4 Os rumos da modernidade.....	320
4.5 O papel da mulher.....	323
4.6 Religião.....	324
4.7 As narrativas.....	325
4.7.1 <u>Beatriz</u> .....	326
4.7.2 <u>Os Irmãos Bandiera</u> .....	328
4.7.3 <u>Um proscrito</u> .....	329
4.7.4 <u>D. André Speroni</u> .....	331
4.8 Itália política.....	334
4.9 Appendix.....	337
<b>CONCLUSÃO</b> .....	339
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	342



## INTRODUÇÃO

A ideia desta dissertação surgiu após três anos de participação no projeto de edição da *Correspondência Familiar* de Almeida Garrett, edição crítica a cargo do professor Sérgio Nazar David, publicada em 2012 pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda de Portugal.

O trabalho com Garrett instigou-me a lançar na tarefa de edição, não de um conjunto de manuscritos, mas de uma obra impressa, que, no entanto, nunca alcançou uma segunda edição: *Recordações de Itália*, de 1852-1853, de A. P. Lopes de Mendonça, elogiada pelos teóricos, porém pouco abordada de forma mais sistemática. Optamos por uma edição mais no feitio das de uso corrente, uma espécie de primeiro tratamento para uma eventual nova publicação.

Nosso trabalho de edição inclui, portanto, a fixação do texto e a anotação (bem objetiva). Nossa edição de *Recordações de Itália*, por conseguinte, não é um simples anexo, mas parte integrante deste trabalho.

O texto base adotado foi um exemplar pertencente a Júlio César Machado, o sucessor de A. P. Lopes de Mendonça no jornal *A Revolução de Setembro*, da única edição publicada em livro, que saiu em dois tomos, pela Tipografia da Revista Popular (Tomo I, em 1852) e pela Tipografia do Centro Comercial (Tomo II, em 1853), ambas de Lisboa.

Optamos por critérios de edição moderadamente conservadores, que mantêm ao máximo a fidelidade à escrita do autor, sobretudo os termos de época, os estrangeirismos e a pontuação singularíssima do autor e da época. Atualizamos a ortografia de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico.

A segunda parte da dissertação, de “Estudos”, inicia-se com um capítulo de fortuna crítica. É onde estudamos os principais críticos que se debruçaram sobre a obra como um todo de A. P. Lopes de Mendonça: José Augusto França, Ofélia Paiva Monteiro, Victor de Sá, Jacinto do Prado Coelho, Alberto Ferreira e Sérgio Nazar David.

Segue-se um segundo capítulo, essencialmente histórico, voltado à contextualização das *Recordações de Itália* na época em que foram escritas – período na Itália e em Portugal, bem como dos escritos com valor histórico na obra do autor em apreço; e um terceiro e último capítulo, que apresenta um estudo analítico da obra, apontando os aspectos mais importantes desta, com ênfase no político, que permeia toda a obra de A. P. Lopes Mendonça.

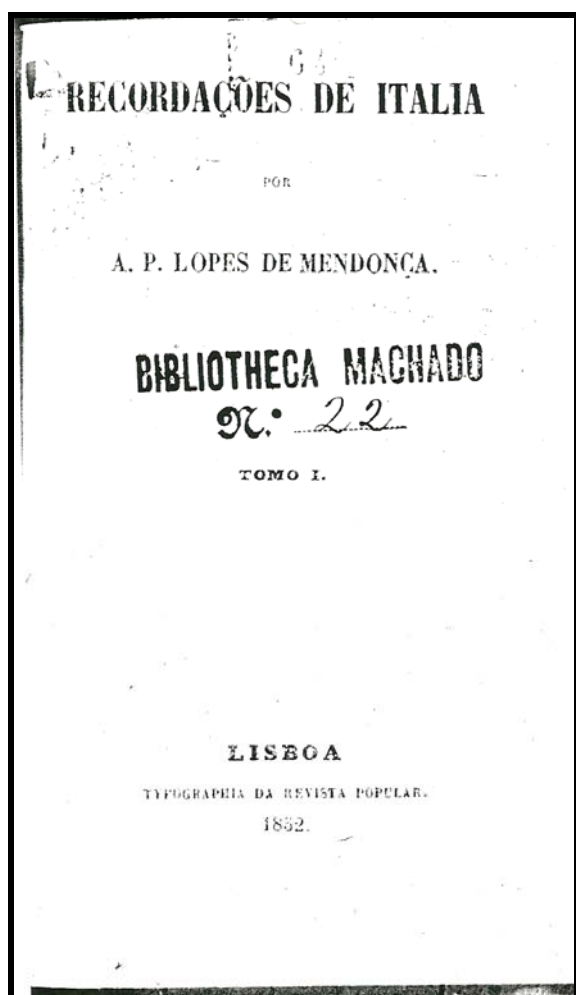


Figura 1. Folha de rosto do exemplar, com carimbo da Biblioteca de Júlio César Machado

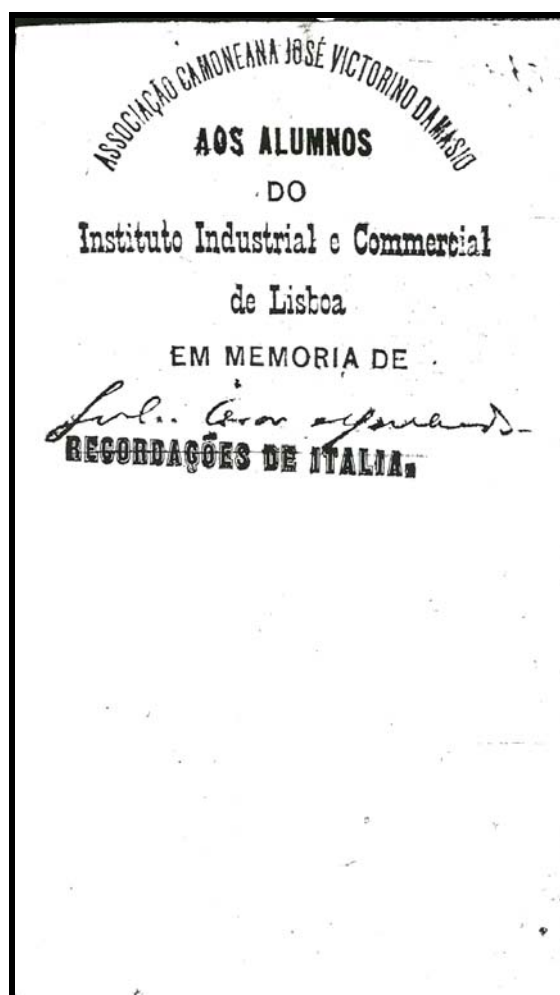


Figura 2. Assinatura de Júlio César Machado no exemplar.

## 1 A EDIÇÃO DA OBRA

### 1.2 Critérios de Edição

A presente edição das *Recordações de Itália*, de A. P. Lopes de Mendonça toma por texto base a única edição publicada em livro, em dois tomos, datada de 1852 (Tomo I), vindo a lume pela Tipografia da Revista Popular, de Lisboa; e 1853 (Tomo II), pela Tipografia do Centro Comercial, da mesma cidade. Como a publicação em livro se deu ainda com o autor em vida, e como não há notícia do manuscrito, convém adotar esta lição, e não as que saíram anteriormente, em 1850, na *Revista Universal Lisbonense* e, em seguida, n' *A Semana*.

Até o século XIX, não havia, na língua portuguesa, uma norma que regulamentasse a ortografia. Apenas no início do século XX, precisamente com o Formulário Ortográfico de 1911 e, ulteriormente, na assinatura do primeiro acordo, de 1931, Portugal estabeleceu um padrão de escrita. Por esse motivo, as publicações anteriores a esta data sofrem de oscilações ortográficas.

Mantivemos máxima fidelidade à escrita do autor, não modernizando as formas em que a divergência gráfica resulte em realização fônica diversa da atual, em efeito estilístico, bem como as formas arcaicas. Desse modo, por exemplo, não se atualizam *abóbera*, *inevriante*, *noute*. As intervenções no texto, de modernização moderadamente conservadora, seguirão o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990.

O uso de apóstrofos é mantido nas ocorrências em que há intenção estilística (*n'alma*, *d'ouro*) e atualizado, empregando-se a maneira contraída em casos em que a norma atual assim o recomende (*dum*, *desse*, *nalgum*).

Quanto aos sinais « e », optamos por substituí-los, ora por travessão, quando fica evidente que este introduz uma fala – neste caso, normalmente, quando A. P. Lopes de Mendonça só emprega o símbolo «, sem “fechar”; ora por aspas duplas, quando se trata de citação.

O emprego de letras maiúsculas e minúsculas apenas foi alterado nos casos de substantivos topônimos grafados com minúscula, como em *Palácio Ducal*, mas mantém-se a escolha do autor nas sequências de reticências, pontos de exclamação e interrogação. Mantêm-se em maiúsculo as palavras assim grafadas por escolha estilística do autor.

Foram mantidas a paragrafação e a pontuação (ainda que não obedecem à atual norma da língua portuguesa). A pontuação oitocentista era prosódica, e, assim como as ortográficas, as normas gramaticais não eram muito claras e, por isto, considerando que a pontuação é parte do estilo do autor, optamos por conservar a pontuação que emprega A. P. Lopes de Mendonça – sobretudo o emprego das vírgulas – interferindo somente nas situações em que esse emprego suscite prejuízo e/ou ambiguidade no texto. Podemos destacar três exemplos que ilustram bem esses casos de pontuação: “Haverá três anos era ainda uma das mais belas mulheres de Veneza, o que é quase dizer, *que* teria poucas rivais nos outros países do mundo.” (p. 46, vol. II), no qual o “que”, conjunção integrante que introduz uma oração subordinada, pelas atuais regras de pontuação, não deveria vir depois de vírgula; “já nos previne a imaginação para as divagações do livro mais sinistramente espirituoso, *que* eu tenho lido, D. Juan?” (p. 47, vol. II), um “que” como pronome relativo, introduzindo uma oração adjetiva restritiva, portanto, pelas atuais normas gramaticais, sem vírgula; e “A bala, *que* me atravessou, deu já num cadáver...” (p. 54, vol. II), neste caso, o que introduz uma oração subordinada adjetiva que pode ser tanto restritiva quanto explicativa, a depender da escolha do autor, que, mais uma vez, foi mantida.

A oscilação entre “i” e “e” no início de palavras foi suprimida, optando-se pela forma moderna (*egreja* > *igreja*), bem como ocorre com os ditongos “ea” e “ae” (*canaes*, *creança*), que foram atualizados, devido à realização fônica semelhante às formas atuais correspondentes, respectivamente, “ia” e “ai” (*canais*, *criança*).

Os hífen, quando não empregados por motivos estilísticos, foram atualizados. Assim, *idade-média* > *idade média*.

Os nomes próprios foram atualizados de acordo com a norma atual (*Luiza* > *Luísa*), à exceção dos nomes estrangeiros, que se mantiveram conforme o cânone os consagrou. As palavras e expressões escritas em língua estrangeira mantêm-se como no original, seguindo sem nota, bem como as palavras grafadas em itálico por estratégia estilística do autor e os nomes de obras.

Modernizamos exclusivamente as palavras cuja alteração na grafia não suscitasse qualquer diferença em relação à realização fônica. Dessarte, atualizam-se: palavras que apresentavam consoantes dobradas (“bb”, “cc”, “ff”, “ll”, “mm”, “nn”, “pp” e “tt”) cuja pronúncia não sofre qualquer alteração em relação à atual (à exceção das palavras grafadas com “rr” e “ss” ainda empregados atualmente); palavras com as consoantes fricativas /s/, /f/ e /z/ que aparecem grafadas com “s”, “ss”, “sc”, “x”, “z” ou “ph” diferentemente da atual

grafia; palavras com “th” (em lugar de “t”), gn, “mn” (em lugar de “n”), “ch” (em lugar de “qu” ou “c”); palavras com “y” em lugar de “i”; palavras cuja grafia com “h” diverge da atual. Como estamos fixando um texto português do século XIX no Brasil, cabe ressaltar ainda a ortografia das ocorrências das consoantes “c” oclusiva velar das sequências interiores “cc” (cujo segundo “c” tem valor de sibilante), “cç” e “ct”; o “p” das sequências interiores “pc” (em que o “c” é sibilante), “pç” e “pt” e o “b” da sequência “bt”, em *subtil* e suas derivadas. Mantivemos a forma portuguesa em todos esses casos, já que, segundo o Acordo Ortográfico de 1990, o emprego dessas consoantes nesse ambiente fonético deve conservar-se ou não, facultativamente, quando são proferidas na pronúncia culta ou quando oscilam entre a pronúncia e o emudecimento.

Optamos também pelo acento agudo na oscilação entre agudo e circunflexo nas vogais tônicas seguidas de consoantes nasais – como ocorre em *trémula* e *género* – e na distinção, praticada em Portugal, entre as formas de terceira pessoa do plural do presente e do pretérito do indicativo (respectivamente, *amamos*, *louvamos/ amámos*, *louvámos*), já que, em ambos os casos, pretendemos manter o timbre aberto da pronúncia portuguesa.

Os casos de equívocos evidentes – como a troca de tempos verbais, os problemas de concordância ou os erros em relação a nomes e palavras, o não fechamento de parênteses, a necessidade de vírgula para aumentar a clareza do texto, a falta ou troca de letras em palavras – serão corrigidos no corpo do texto e escritos entre colchetes [ ], com indicação em nota da lição do texto base em nota.

As notas de rodapé dão conta ainda dos aspectos históricos e biográficos elucidativos do texto a que estão apensas. Fizemo-las de modo que resultassem bem objetivas e que favorecessem a leitura, sem pesar demais no conjunto do trabalho, que visa também à divulgação de uma obra quase absolutamente esquecida de um autor que já vem sendo cada vez mais valorizado por críticos de renome.

Alertamos que o texto referido nas notas será o da nossa edição. Mantemos a data da primeira edição entre parênteses retos, com a paginação de *Recordações de Itália* deste trabalho.

**RECORDAÇÕES DE ITÁLIA**

POR

A. P. Lopes de Mendonça

Fixação de texto por  
Julianna de Souza Cardoso Bonfim

TOMO I

AO SEU AMIGO  
**Alexandre Herculano**  
OFERECE

*A. P. L. de Mendonça.*

## CARTA PREFÁCIO

A nobreza hoje compra-se com dinheiro: os velhos nomes aristocráticos ou desaparecem pela acção do tempo, ou se apagam pela longa inação de gerações degeneradas: a única realeza incontestável do século é a da inteligência – os únicos brasões que o povo hoje respeita são os que se adquirem pelo culto austero da ciência, pelas improbas vigílias do estudo e do trabalho.

Não é para me fazer cortesão da nova realeza, que tende a elevar-se sobre as ruínas dos velhos preconceitos de raça, e das modernas usurpações do feudalismo monetário, que eu lhe dediquei este livro.

Português, podia saudar o historiador das nossas glórias: literato, podia prestar homenagem a um dos criadores da literatura moderna portuguesa, sem que me acusassem de lisonjeiro: mas a verdade é que os dotes eminentes do filósofo, e do pensador, valem menos a meus olhos do que as virtudes austeras, e o carácter elevado do homem individual: é a esse, que me honra com a sua estima e amizade, que eu consagro este livro, cuja insuficiência literária apenas pode ser desculpada atendendo a que foi escrito com a rapidez inevitável, que acompanha os trabalhos da imprensa periódica.

E todavia, se há ocasião para acatar e engrandecer a glória dos homens, que representam intelectualmente um país, é quando se viaja em nações estranhas, é quando vemos esquecida a grandeza e quase perdida a memória dos feitos que ilustraram a pátria, e lhe concederam, um tão eminente lugar na história da civilização moderna.

Camões! eis o nome que sobrevive, grandioso e intacto, entre os tantos que enobreceram esta terra: *Os Lusíadas*, eis o monumento que nos não deixa olvidar de todo na imaginação dos estrangeiros. A voz eloquente do poeta é mais poderosa do que o génio dos navegadores e a espada invencível dos guerreiros!

É que a nação que dobrou antes de todos o cabo das tormentas, cujos pilotos primeiro circum-navegaram a terra, que abriu à actividade humana mundos ignorados, jaz há dois séculos moribunda e abatida: o seu testamento de glória é um poema, cujo autor ele deixou morrer de fome num hospital; leem-no como o seu gemido extremo de agonia e desdenham de saber se essa nação se constituiu uma província espanhola, ou uma colónia inglesa!



Para que o havemos de negar?... merecemos talvez o opróbrio desta indiferença; mas é por isso mesmo que devemos abençoar aqueles que fazem saber à Europa que existimos, em monumentos literários, que não cedem aos de nenhuma outra nação: é, por isso mesmo que mais duma vez nos há-de lembrar o nome do homem que tomou um lugar distinto entre os Guisot, Thierris, Micheletes, Savignis, e Macaulais.

Os que saíram de Portugal sabem que não exagerámos de nenhum modo o imerecido esquecimento que envolve a nossa terra: é desse sentimento pungente que nasceram as linhas de introdução, que escrevi, quando comecei a redigir os apontamentos da minha rápida e fugitiva viagem.

É que os povos são tão ingratos como os indivíduos: é que a nossa decadência não tem o prestígio de um infortúnio heroico, como o da Polónia, ou o da Itália; é que nas nossas convulsões revolucionárias, a que a imprensa estrangeira apenas dedica algumas frases frívolas e pouco meditadas, não podem eles perceber se estão em luta ideias definidas ou interesses miseráveis: se se trata de inaugurar um sistema político, ou de satisfazer uma ambição torpe e insignificante.

Quando é que nos reabilitaremos na imaginação das nações que nos cercam? Quando é que aqueceremos os nossos membros fatigados e inertes ao sol da civilização europeia? Quando é que poderemos elevar a nossa fronte humilhada pelos desvarios e torpezas da monarquia absoluta e destes dezessete anos de corrupção e de estupidez representativa?

É aqui que me cumpre lamentar, meu amigo, que as suas opiniões monárquicas o afastem das fileiras da democracia: que convencido, como nós, que só uma grande revolução nos pode salvar, tente ligar as tradições do passado e as inspirações do futuro, por um sistema de equilíbrio social e político, que não é semelhante ao do governo constitucional, mas que eu creio tão ineficaz como ele, para nos resgatar da nossa humilhante e vergonhosa situação.

O que posso assegurar é que isso em nada diminui o respeito e veneração que o nosso partido lhe consagra; o que não impede também que deixemos de fazer votos para que algum dia entoe connosco um viva ao triunfo dos princípios democráticos e republicanos.

*Lopes de Mendonça.*

## INTRODUÇÃO

Se não [houvesse]<sup>1</sup> no mundo editores, declaro que não escrevia uma linha desta viagem.

Podem, por conseguinte, amaldiçoar, em todos os tons, os pacíficos mamíferos, que se divertem neste século a dirigir, com mais ou menos espírito, as tísicas colunas de um jornal português.

A Itália é viajada palmo a palmo, por todos os *touristes* do mundo. Alguns dias antes da minha chegada a Veneza, a gorda e espirituosa individualidade de M. Théófilo Gautier havia, como eu fiz depois, saudado o Leão de S. Marcos, passado pela Ponte-dos-Suspiros, atravessado a cidade em gôndola, e tomado alguns sorvetes no café da *Parthenopea*.

As suas impressões hão-de ser lidas proximamente por todo o mundo, que soletra, no folhetim da *Presse*. As minhas, ainda que valessem alguma coisa, auguro desde já, que não passam do Cabo da Roca, senão para entreterem alguma brasileira, negra como os bronzes de Florença, na hora sacramental de uma calmosa sesta.

Ora, se é assim, tenho o direito de ser muito mais sensabor, do que é razoavelmente permitido a um escritor público.

As perspectivas de futuro são tão diversas!... A glória aqui depende dos nervos mais ou menos suscetíveis de meia dúzia de parvos, sentados em concílio geral, nos bancos de um café: e a respeito de fortuna, afirmo ser uma deusa, de há muito divorciada como o estreito orçamento de um literato, ou de um jornalista.

Seja, como for, declaro que me vou estabelecer perante o leitor livre de todo o cerimonial consagrado. Escrever, neste país, equivale, sem hipérbole, a chegar-se um homem ao fogão, em dia de frio rigoroso, e a chamar os primos e as primas, os vizinhos e as vizinhas, alguns papás e mamans, e ser o narrador officioso daquela tribo caseira.

Não me julguem exagerado. Por exemplo, todos os meus leitores, se julgam com direito, a interrogar-me, de viva voz, sem me serem previamente apresentados. A mim parece-me que é um excesso das imunidades de assinante, e, afinal de contas, um ataque atrevido às posses da minha laringe.

---

<sup>1</sup> No texto base: “houvessem”.

Quando cheguei de Itália muitas pessoas, que eu apenas conhecia de vista, atravessavam sem cerimônia a rua, e diziam-me com uma voz docemente familiar: “Muito bem chegado, Sr. Lopes de Mendonça, então que tal pareceu a Itália?”

Se a isto se chama ter popularidade, cedo-a de boa vontade, ao primeiro *calça de coiro*, que tentar ser eleito deputado. É a popularidade mais incômoda, que Deus fabricou para engrandecer e, consolar o orgulho individual.

Por meu crédito, declaro, que respondia sempre pelo mais conciso, pelo mais sumido, e pelo mais enjoado monossílabo, que pode ser entoado pela voz humana.

Um escritor, nos outros países, é uma espécie de animal que vive absolutamente como o resto da criação, e que está salvo de poder ter a mão apertada por todos os assinantes e leitores das suas obras.

Aqui, parece ser exactamente o contrário. É considerado um monumento nacional, uma obra de município, um móvel de uso público. Só por isso, independente de outras razões, eu resignaria o encargo de fazer rir e chorar esta geração insípida que hoje se emprega nas poéticas evoluções da *letra de câmbio*, e começa a alumiar-se com gás portátil.

A Providência decide o contrário. Uma vez que não tenho em perspectiva, nem um ataque de apoplexia fulminante num rico tio do Brasil, ou das Índias, nem o acaso de me sair a sorte de Portugal ou de Espanha, nem a verba graciosa do testamento de algum milionário inédito, não há remédio senão remar nas galés da imprensa, e imaginar, nos meus pesadelos, o sorriso alvar de algum tendeiro, refazendo o embotado espírito nas fatias torradas do jornal político, e nos *fofos do folhetim*.

Seja em desconto dos meus pecados!

## I. NO MAR

Confesso ingenuamente que gosto do mar, que tenho um fraco irresistível por um navio, que me balanço voluntariamente nas enxárcias, que admiro a tempestade, e que vivo fraternalmente com essas boas e poéticas organizações, que se chamam *marinheiros*.

O vapor Infante D. Luís, que me devia transportar[,] é um navio histórico.

Paquete na sua infância, chamava-se *Royal Tar*: depois, na sua virilidade seguiu o partido conservador, chamou-se *Infante D. Luís*; prisioneiro na barra de Lisboa, teve a condescendência de seguir as bandeiras rebeldes, populares, e denominou-se *Salter*: prisioneiro britânico, deixou-se despojar pelos fiéis aliados, sem um murmúrio, sem um único queixume: ameaçado de doença crónica, foi nestes últimos tempos, tomar ares a Londres donde voltou com uma máquina regular, e um andamento extremamente suportável.

Era o *Argos* desta expedição musical.

Partimos numa quarta-feira às oito horas da manhã. Era um belo dia de outubro, adornado de um céu azul claro, e de um mar pacífico e bonançoso.

Despedi-me *in petto* de todo o mundo elegante, que estava abarracado pelas praias, no *toilette* mais patriarcal que se pode imaginar: no Tejo, com a clássica camisola na barraca... naturalmente na simplicidade evangélica dos nossos primeiros pais, antes de serem expulsos do paraíso terreal.

A recordação não é pudica, mas é verdadeira.

Eu poupo neste sítio a infinidade de pontos de admiração, de qualquer outro escritor se serviria, para pintar as magnificências deste belo porto.

Sou conciso: tudo quanto fez a natureza, é suntuoso, sublime e encantado: com raras exceções, tudo quanto fez o homem, é pequeno, trivial e ridículo.

Com licença, tirai-me a Torre de Belém, os Jerónimos, e ainda vos concedo, a monstruosa concepção da Ajuda, e dizei-me, se a arte pode filiar esses barracões pintados de branco, de vermelho e amarelo, que alguns *parvenus* chamam pomposamente palácios?

Há porções então da cidade, que nos ferem os nervos de uma maneira excessivamente desagradável, e criam – neste formoso céu, e nesta límpida atmosfera! – uma moléstia só própria dos nevoeiros de Londres: o Spleen.

Perdoem-me esta divagação: o vapor já passou a barra: e disse adeus ao práctico, que se despede majestosamente sentado na popa da sua barca.

Eu tenho pena, por causa dos leitores, que todos os meus pensamentos poéticos se condensassem nas mais prosaicas considerações econômicas, políticas e sociais.

Como eu me extasiaria então diante deste céu puro e azulado, deste mar bonançoso e tranquilo, destas estrelas que desferem uma luz tão plácida e melancólica, deste sol tão resplandecente e desassombrado!

Já envelheci demais para ver rebentar do peito o entusiasmo, que engrandece estas cenas majestosas da natureza. Quando se não nasce poeta, quando apenas se é poeta, por ocasião, nas crises da vida, ou no calor juvenil do sangue, cedo se perde esse dom maravilhoso de tornar contagiosa a admiração pelas causas, verdadeiramente belas e sublimes, que existem cá na terra.

E depois, um vapor não tem aquela graciosa e encantada poesia de um navio de vela. Já alguém disse que um navio parecia um cisne desprendendo as asas ao sopro da brisa: que o vapor dava ideia de um fogão, fugindo a toda pressa, a cavalo num moinho.

E é assim! O marinheiro no vapor despe-se de uma parte da sua grandeza poética: parece que é uma vontade misteriosa, fatal, que o conduz a outras paragens: esse prodígio da civilização, esse elemento utilizado para dominar outros elementos, essa força aproveitada para domar e reduzir outras forças, tudo lhe acanha e lhe sujeita as faculdades: e quão raras vezes se lhe desprendem as velas, e pode ele ter orgulho da sua actividade e do seu esforço!

Que formosos e sossegados dias passámos nós longe da terra! Que belas e poéticas noites gozadas com um charuto na boca, e os olhos fitados no azul do firmamento, recamado de estrelas!

Juro aqui, que não me lembrei nem do sistema constitucional, nem dos custosos emolumentos de um passaporte, nem de um baile de cortesias e de contradanças sensabores, nem dos cafés corredores, nem das grinaldas verdes de nenhuma beleza requestada; sonhava nas graciosas gôndolas de Veneza, nas madonas de Rafael, nas concepções de Miguel Ângelo, nas maravilhas daquela terra, tantas vezes ilustre, e poucos meses antes glorificada pelos feitos da sua heroica revolução!

É banal já o lamentar a extrema decadência da nossa pátria, a imensidão do seu abatimento, que contrasta com o admirável esplendor do seu glorioso passado: mas quem se

não sentiria transpassado de dor, avistando ao longe Ceuta, Arzila, Tanger, essas terras conquistadas a preço de tanto sangue, hoje perdidas – para sempre! – para as nossas armas?

O pensamento de D. João I, que expirou nas areias de Alcácer-Quibir, era imenso, como o seu engenho, e o único que nos poderia tornar uma potência de primeira ordem. Continuar a monarquia portuguesa pela África, tornar Portugal o ponto de comunicação entre a Europa e aqueles férteis sertões, concentrar todos os recursos do país para a conquista de um novo império, aproximar assim a civilização progressiva, e a civilização moribunda, eis o que tentou D. João I quando de repente se apoderou de Ceuta: eis o que fez com que o Infante D. Fernando preferisse os mais incríveis martírios, antes que se entregasse a preciosa chave que nos devia abrir os tesouros de um florescente império.

A descoberta da Índia, que ilustrou o nome português, que deu tantos anos de opulência ao país, foi ao mesmo tempo o gérmen de dissolução, que devia devorar a nossa existência. Afastados daquele primeiro e glorioso teatro, obrigados a distrair as nossas forças para tão dilatadas regiões, o génio dos nossos navegadores e dos nossos homens de guerra faltou de repente aquela terra bem fadada. Combatia-se tibiamente: defendíamo-nos apenas: já não havia o desejo veemente de alongar os limites das nossas conquistas, de fundar os alicerces de um novo reino, de prosseguir o Portugal, desde o Algarve até as planícies abrasadas do deserto.

E como é penoso pensá-lo! Se Afonso de Albuquerque, um dos maiores capitães da história moderna, houvesse empregado ali as maravilhas do seu talento, e os prodígios da sua espada, éramos hoje decerto uma grande nação, com a cabeça na Europa, com os membros estendidos por toda a África ocidental: não era só Portugal[,] era a humanidade inteira, que haveria ganho neste baptismo feito pela civilização cristã à civilização árabe; senhores de um dos maiores impérios do mundo, nem os *lansquenettes* de Filipe II se teriam apossado destes reinos, nem a infeliz restauração de 1640 teria vindo dar uma sombra de existência miserável e febril aos ânimos degenerados de uma aristocracia servil e venal, e às paixões cobiçosas de um clero ignorante e devasso.

Passemos adiante!

Como a arquitetura exprime tão bem a diferença entre a ambição heroica de D. João I, e a indolência majestosa e egoísta de D. Manoel!

Comparai os Jerónimos e a Batalha. Dizei-me, se depois de verdes um e outro não notais o abismo que separa a monarquia aventureira e idealista do Mestre de Avis, e a monarquia cobiçosa, comercial, avarenta, insaciável do primo dos Braganças.

Nos Jerónimos ainda se veem aquelas colunas – palmeiras, aspirando para o céu, mas depois a cúpula, abafando-as pesadamente, parece dizer-lhes: “abandona esses pensamentos imortais, doravante calcula o peso do ouro das Índias, e o valor dos monopólios régios!”

Quando pensei tudo isto, não pude por mais tempo olhar aquelas encantadoras perspectivas, lancei os olhos para o mar, e pus-me muito prosaicamente a sorver o meu penúltimo charuto.

Eu te abençoo, Cristóvão Colombo, digno marinheiro a quem devemos mais este delicioso prazer, que nos consola de tantas amarguras!

Se Hamlet te conhecesse, não pensava tanto no tremendo problema do nosso destino: tu és a minha única medicina moral: contigo, afronto o esquecimento e a ingratidão! Contigo não há para mim amor desgraçado, nem afeição traída: *erva* verdadeiramente *santa*, quem te sabe gozar como mereces, abençoa a vida e as viagens, Manilha e Havana, e até o próprio *Contrato do Tabaco*, o que é o cúmulo da caridade evangélica!

## II. GIBRALTAR

Salvo-vos, meus queridos leitores, de uma dissertação sobre os montes Calpe e Abila, e se os antigos chamaram aquele ponto Colunas de Hércules, e os moiros Gebel Tarik (*Monte de Entrada*).

A erudição é uma coisa que eu respeito infinitamente, mas no seu lugar, e na sua ocasião própria. Asseguro que apenas saltei em terra, em vez de consultar um guia inglês volumoso e compacto, fui visitar as fábricas de charuto, e a cozinha do *King's arms Hotel*. Cairia por conseguinte no flagrante delito de pedantismo, se neste momento importunasse a paciência de quem me lê, com uma ciência improvisada cuidadosamente no meu gabinete de trabalho. Graças a Deus a minha actividade locomotiva é muito mais perseverante do que a minha vocação literária! Eu prefiro mais viajar trinta mil léguas, do que ver-me encerrado, a sós, com trinta mil volumes.

E antes de tudo, a perspectiva da Bahia de Gibraltar é deliciosa e magnífica. A montanha, que se denomina *Morro*, surge de repente diante de nossos olhos maravilhados, e parece que vigia cuidadosa a África e a Europa, que se aproximam e se observam neste ponto. O seu prolongamento inferior forma o que se denomina *Ponta da Europa*; e as suas alturas dominam orgulhosamente a costa da África, com os seus oiteiros pardos, sombrios, e quase privados de vegetação.

Em face da cidade, que se desliga timidamente aos pés desta soberba e gigantesca massa de granito, percebe-se a costa da Andaluzia, e as casas alvejantes da cidade de Algeciras, que parece uma donzela vestida de festa, e banhando os pés nas límpidas águas do golfo.

Gibraltar é uma verdadeira península, que está ligada ao continente por uma língua de terra, que se denomina *Terreno neutro*.

A primeira povoação, do lado de Espanha, é S. Roque, pequena cidade, que é testemunha muitas vezes dos passeios equestres das amazonas inglesas, com o rosto coberto com o inevitável e pudico véu de gaze verde.

A primeira impressão que tendes apenas desembarcais no cais, é que um golpe de vento vos arrojou para uma nova Babel, e que estás condenado a expressar-vos por gestos, se a vossa língua é ignorada.



Um sentinela inglês, alto como uma torre, teso e esguio como um pinheiro, e de uma *mise-en-scène* militar, impossível de igualar, afasta com um gesto soberano, e uma palavra orgulhosamente concisa, a multidão inumerável de gaiatos, de todas as nações e de todos os tamanhos, que gritam em italiano, em espanhol, em inglês, em hebraico, em árabe, em francês, em genovês, como se quisessem ligar num imenso coro línguas tão diferentes e distintas.

Aconselho-vos, como amigo, que tapeis cuidadosamente as orelhas, e que caminhes para a estação da polícia, que é a dois passos, sem pretender compreender o que eles dizem.

Ali, desconfio que podeis falar, em qualquer língua conhecida, que sereis facilmente compreendido, e achareis resposta no mesmíssimo idioma. Eu falei em português, e redarguíram-me no mais puro lisbonense. Mostrado o meu passaporte, deram-me o bilhete de passagem concebido nestes termos:

*Nº 7. Waterport Gibraltar 5 Day of Octbr. 1850. Permit for Lopez de Mendoza until first Evening Gun-Fire.*

Haviam elevado o meu nome às honras de uma aristocracia verdadeiramente peregrina. Senti correr nas veias o sangue, de uma maneira particular, e conheci imediatamente que a polícia me havia despachado um Medina-Sidonia, sofrivelmente autêntico. Cobri-me imediatamente com o chapéu, com toda a arrogância de um grande de Espanha: e entrei nos domínios ocupados pela pérfida Albion (estilo de jornal da oposição.)

O mercado de Gibraltar, que aparece em seguida, tem ainda todo o cunho espanhol. Vi mulheres de mantilha, duvidosamente belas, e velhas, aonde a fealdade habita, em proporções positivamente ideais. Uma espanhola velha é alguma coisa de horrível e de fantasticamente tremendo: são olhos perdidos entre pranchas de pergaminho, estrigas de linho, confusamente amontoadas na cabeça: uma boca enregelada, e imensa que vos deixa ver uma fileira rareada de dentes amarelos: membros, ou antes ossos, apenas resguardados por umas pele rugosa e tisonada: e sobre tudo isto pedaços de seda, de uma cor baça, que semelham as ataduras de uma egípcia.

Entrámos na região dos arrieiros: ouvimos o estalar dos chicotes, e das pragas: vimos aquelas figuras conduzindo as carretas, com todo o garbo, e orgulho indígena: percebemos uma escala cromática de *ah! eh! ih! oh!* com variações de assobio nacional. Estávamos em plena Andaluzia!

Durou-me pouco a ilusão, não tardou que eu entrasse num grande largo, com o carácter exclusivamente inglês. À direita um quartel, em frente fortificações, do outro lado casas com esse *at home, e comfort*, que caracterizam os inventores do *plum-puding do roeastbeef*, e do *beefstack*.

E é o que faz de Gibraltar uma cidade comodamente insuportável. Digo que nunca vi nas ruas tão irrepreensivelmente *macadamizadas*, e tão rigorosamente limpas: afirmo que as casas, sem arquitectura, e sem relevo, podem oferecer a um viajante toda do repouso, mas quem no fim de duas horas não for acometido de um acesso de *spleen*, é porque tem os nervos e o coração afinados no positivismo mais comercial deste mundo.

É que Gibraltar, além de ser inglesa, não tem aquele aspecto majestoso e regular, que denuncia o desenvolvimento racional de uma civilização definida. É uma cidade, cujos habitantes parecem estar ancorados, e não domiciliados na terra: dir-se-á que ao sopro do vento do levante, navios e habitantes desaparecem e a deixam entregue às desolações da solidão.

Sabeis como os naturais de Gibraltar se chamam si mesmo? *Rock's scorpions*, isto é, uma graça estranha, sem lar, nem família, abrigada num rochedo, e dotados de um maravilhoso génio cosmopolita. A língua, que é o principal elemento de uma nacionalidade, não existe para eles: falai-lhes italiano, respondem-vos em italiano, falai-lhes em espanhol, respondem-vos em espanhol, falai-lhes em inglês, respondem-vos em inglês: ó raça de cardeais Mezzofantis, eu antes vos quisera mais ignorante; para vos acreditar mais poética!

A povoação inglesa é totalmente de arribação: são as famílias dos oficiais de guarnição, uma colecção de inglesas magras, altas, louras, sérias, pudicas, religiosas, e acredito, aqui entre nós, que excessivamente sensabores.

Entretanto, e como uma excepção, entre aquelas que desfilavam a cavalo, e de carruagem, eu distingi uma de extraordinária beleza.

Tenho-a retratada na imaginação: vejo-a passar nos meus sonhos, como uma aparição angélica e encantada. A cabeça rodeada de cabelos loiros-cendrados, caídos em deliciosos anéis, por um pescoço gracioso como o do cisne, e transparente como o mais puro alabastro, dir-se-ia de uma das virgens de Guido Reni, cujos quadros eu depois admirei tanto em Itália.

Não era só a regularidade artística das feições, era a graça temperada pelo pudor era o sentimento idealizado por um olhar meigo e angélico, que olhando para o céu, parecia recordar-se de haver já lá existido, e adorado a Deus!

Estava ao cair da noite, sentada no passeio às bordas do mar, à sombra fúnebre de um cipreste, e numa atitude toda de meditação íntima, e como de êxtase intelectual.

Mais ao longe eu saboreava um charuto havano, e a olhava com o recolhimento com que os cristãos devem olhar as santas nos altares, e os anjos no céu. Lembrei-me de Miranda, lembrei-me de Ofélia, de todas essas criações sublimes do primeiro poeta do mundo, depois de Dante.

Aquela mulher, realçando com a brancura do seu vestido as cores carregadas de uma vegetação africana; tendo acima de si um céu esplêndido, e azul, apenas mosqueado de leves nuvens: tendo a seus pés as ondas bonançosas do golfo, murmurando docemente de encontro ao rochedo, era capaz de inflamar de poesia um agiota, e um galopim político, os animais mais estupidamente prosaicos deste mundo: eu que não sou nenhuma destas coisas, vivia todo naquele momento nessas esferas ideais, que só conhecem os poetas, e os doidos.

De repente, estremei eu, estremeceu ela, estremeceu a montanha. O sinal de se fechar o porto, proferido por uma peça, situada numa altura inacessível, acabava de ser dado: caí da poesia na realidade: era a voz do anjo exterminador lançando por terra os muros de Jericó: estava em Gibraltar, estava num covil comercial, e aquele anjo talvez – quem sabe? – calculasse de cabeça quantas libras esterlinas renderia alguma carregação de pano azul, de sabonetes, e de vidros de água de colónia!

Ó antiguidade, tiveste razão quando deste a Mercúrio, deus do comércio, os atributo de deus dos Ladrões!

Ainda os últimos esplendores do crepúsculo alumiam os horizontes da Andaluzia e já a brisa tempestuosa da noite refrescava a superfície lisa das águas, quando eu deixei de contemplar aquela formosa produção da Grã-Bretanha, para observar os movimentos de uma linda espanhola, que subia ligeira como uma sílfide, e graciosa como uma corsa, a rampa do passeio.

Era um verdadeiro tipo andaluz – juro-o por todas as descrições dos *touristas*, e por todos os versos dos poetas!

Que movimentos de cabeça, que conchegar de mantilha, que *coquetear* de leque, que encantado sorriso de lábios, que ligeiro pisar de dois pés de fada!

Digo-o sem vergonha, deixei o anjo sonhar nos céus desvanecidos de sua imaginação e olhei a mulher, que pensava apenas – acho eu – nas realidades mais ou menos aprazíveis deste mundo sublunar.

Fiz mais ainda: eu, que estaria séculos inteiros sem dirigir a palavra a uma inglesa, com medo do *improper*, e das penalidades infalíveis do *cant* nacional, achei-me compatriota da linda andaluza, e puxei da garganta com visível esforço, e não menos incómodo um *Buenas noches, senhorita beso a usted los piés*.

Se fosse a inglesa, ter-me-ia trespassado com um olhar gelado como os nevoeiros de Londres, e perfurante como a ponta de uma baioneta, em dia de revista: a andaluza olhou para mim, e ofereceu-me um sorriso que eu pagaria, não digo com o meu sangue, que não sei se está em bom estado, não digo com a minha vida, porque mentia como todos os poetas, mas com uma província se fosse Nicolau I, com sete títulos azuis, se pertencesse à raça dos Rotschild em miniatura. As dádivas apaixonadas agora, depois da invenção da economia política calculam-se em valores, como quaisquer outros produtos realizados. E viva a economia política!

Era tão gentil aquela donzela! o seu vestido preto curto, deixava a descoberto um fragmento de perna tão delicadamente torneado, a sua mão travessa afagava com tão graciosa negligência os arbustos silvestres que se estendiam pelo caminho, que pensei na Esmeralda de Victor Hugo, e na pobre cabrinha Djali, essas leituras predilectas dos meu quinze anos!

E repito-o outra vez: esqueceu-me de todo a inglesa: e não me lembraram os olhos azuis, quando vi os pretos: e varreram-se-me da imaginação os anéis louros, ao contemplar as formosas tranças da espanhola: e abandonei o anjo nas atmosferas nebulosas do misticismo para me extasiar diante da fada, doidejando entre as moitas do jardim, à hora melancólica do crepúsculo.

Eu sou um perfeito contraste; ando suspenso entre o céu, e a terra, entre a poesia e a realidade: tenho uma imaginação fogaosa, e um espírito frio, e céptico: é por isso que passo da adoração ao desprezo: dos mais loucos sonhos aos pensamentos mais triviais: elevo-me até a concepção metafísica de um amor ideal, e olho mesmo sem tédio depois, uma dessas mulheres sem nome, que a sociedade atira aos abismos do vício, com a mesma impiedosa indiferença com que condena as cinco partes da população à abjeção e a miséria.

Inglesa, e espanhola, anjo e fada, olhos azuis e olhos negros, tudo me passou do espírito, à noite, quando ouvi *cigadilhas* espanholas, ao som da guitarra, e coros cantados com acompanhamento do tinir argentino de copos de Málaga, e Val-de-penas.

Que bela perspectiva para um amador de tipos artísticos! Andaluzas, valencianas, madrilenhas, judias, pitorescamente dispostas em torno de uma mesa, de cigarro na boca, e

copo na mão. Parecia o banquete do último acto do *Profeta* de Meyerbeer. Mas não houve incêndio: o pano caiu sem nenhuma sombra de cena trágica.

E com que delírio eu ouvi cantar:

Um cigarro y mi tabuco  
 Uma caña de jerez  
 Mi querida y mi caballo  
 ¿Que mas gloria puede haber?  
 .....

Perdoem-me este episódio, que não é positivamente ortodoxo: para estudar os costumes, e nisso um autor português pode parecer-se com todos os escritores deste mundo, não se pode exclusivamente frequentar os salões de um baile, ou tomar chá numa reunião muito decente e muito insípida: se cometi o irreverente pecado de passar um pedaço da noite numa companhia um pouco tumultuosa, foi tudo pelo amor da arte!

Conheceis a bela poesia de Zorilla – *Las Hojas secas*? Pois ouvi-a repetir com um sentimento, com uma entonação angelicamente melancólica, por uma rapariga de quinze anos, pálida como uma madona de mármore, e de uns olhos tristes, tristes como se recordassem de um passado inocente, e se vissem desterrados num inferno de amarguras.

Era tudo silêncio então. Aquela voz meiga, e de um timbre maviosamente apaixonado, parecia o murmúrio de uma pomba esvoaçando sobre um terreno semeado de cadáveres:

Quando repetiu:

¡Madre, te encuentro llorando!  
 ¡Ah, no atiendes a mi voces!  
 Mirasme, y no me conoces?  
 ¡Tan mudado, madre, estoi?  
 ¡Tan pronto borrar pudieron  
 Mi rostro las desventuras...?  
 ¡Bebi tantas amarguras  
 Pero alfin, madre, yo soy.

¡Cuan tremula está tu mano!  
 ¡Tu corason cuan opresso!  
 Madre, no tienes un beso  
 Ni una queja para mi?  
 ¡Lloras! Beberé tu llanto...  
 Mas abrasan tus mejillas...

Heme, madre, de rodillas  
Avergonzado ante ti!

Eu vi mais de um semblante toldar-se de nuvens, mais de uns olhos orvalharem-se de lágrimas. É que também o peito dela arfava em suspiros comprimidos, é que as palavras lhe saíam trémulas e balbuciantes dos lábios: é que era íntima, e profunda a dor do poeta, revelada em tão magníficos acentos!

E pensei comigo! De que vale o arrependimento, quando o estigma é eterno, fatal?

Não lavas a infâmia, nem com sangue, nem com lágrimas! A tua depravação existe inexorável, ainda que embranqueças os cabelos, com o contacto gelado das lajes de um altar, e percas o brilho dos olhos, pelo destilar contínuo de amargoso pranto! O culpado, uma vez convencido, não espera nem reabilitação, nem misericórdia: a vergonha é irremissível; e a condenação eterna. Separada da sociedade pelo vício, eliminada da humanidade pela miséria – mulher! de balde te arrependes, de balde invocas a Deus no céu, e à religião na terra; só tens o desprezo por património: assim o quer essa sociedade hipócrita e corrompida, assim o publicam às vezes mil bocas, tão manchadas de beijos infames como a tua! Perdida no deserto ilimitado da tua culpa, só tens por único horizonte, por derradeira ambição, elevares-te à aristocracia da devassidão; porque então nesta civilização bastarda, o vício às vezes é tão respeitado, tão idolatrado como a virtude; deixa de ser um objecto de desprezo, para se tornar quando muito um assunto de escândalo.....

Este credo desconsolador, que eu tracei aí, nessas poucas linhas, não acusa acaso esta época maldita, que se comprimiu dentro do círculo das emoções materiais, como um cadáver dentro da tumba, que o leva ao cemitério?

Para que hão-de lançar aos pés do Cristo as Madalenas afogadas em pranto, com os cabelos negros derramados num seio de alabastro, se já lhe morreu de todo a esperança de um mundo melhor?

Na religião da Economia Política, o presente é tudo e o futuro nada: no Cristianismo a vida não era mais de que um contínuo sacrifício à ideia da morte, ao dogma da imortalidade!

Esta crise passageira da civilização, há-de passar: a humanidade sem religião, sem ideal, seria como um viandante perdido num deserto de trevas: a luz, trémula, mal distinta um momento, há de brilhar de novo com esplêndido fulgor: o egoísmo das cifras há-de morrer como a brutalidade das armas, e o arbítrio da força: e no meio das ruínas destes sistemas desvanecidos, há-de erguer-se outra vez a cruz, porque a cruz é eterna!

III.  
GIBRALTAR  
À noite

Era um dia de calor: a população de Gibraltar saiu a tomar ar.

Era a Andaluzia passeando nas ruas de Inglaterra: aquela língua tão sonora, tão enérgica, tão travessa, tão risonha, parecia estar comprimida ali, afrontando, aquelas casas direitas, regulares, alinhadas, severas, como um pelotão de soldados ingleses.

Aquele vestuário tão pitoresco, tão gracioso, tão elegantemente ligeiro, não podia combinar-se com o *macadam*, com a oca amarela, com as *persiennes* verdes, e sobretudo, com uma música infernal, que se ouvia dentro do *club* inglês.

Deus perdoe aos que tocam, aos que cantam aos que ouvem a música quando ela deixa de ser a mais bela das artes, e se torna o mais insuportável dos *charivaris*! Se o inferno está povoado de maus músicos, ensaiados para tormento dos ouvidos pecadores, declaro solenemente que me faço ascético, como S. Simeão Stilita, para entrar directamente para o paraíso, sem passar pela sala de espera do purgatório.

Digam o que disserem, o povo espanhol é um grande povo. Ciúme nacional, à parte, não o há nem mais valente, nem mais generoso, nem mais gentil, nem mais bizarro. Quem é que conversa, como uma espanhola? Que olhos há, tão peregrinamente feiticeiros, que tentem olhar depois de verem a centelha fugaz, apaixonada, incisiva, que desferem os olhos negros de uma andaluza? A mantilha não é uma moda: é um preservativo. Quebram os raios de luz, em que a paixão, ou o entusiasmo os acende.

E pensar que Gibraltar antigamente não era uma feitoria inglesa! E recordamo-nos, que a Espanha já adormeceu com as chaves do Mediterrâneo à cinta!

Esperavam, neste momento, uma dissertação sobre a grandeza, e decadência dos impérios? Isso cheira a bafio, como uma porção de roupa branca, conservada cinquenta anos dentro das arcas de uma família, com séculos de *foro grande*. A providência dá margem a todas as vaidades nacionais, reserva consolações a todas as nações abatidas: quando a Inglaterra era apenas o teatro sanguinolento de discórdias repugnantes, quando se podia dizer dela, que a sua história devia ser escrita pela mão do carrasco, abríamos nós à actividade humana mundos ignorados, inaugurávamos o reinado da indústria, e preparávamos essa grande transformação material, que tinha de consolidar a revolução religiosa e política do

século dezesseis. Se nos tocou a mão da adversidade, é não desesperar do futuro: depois de emprendermos tão grandes coisas, não é muito que repousemos um momento à sombra desses loiros, colhidos com tão improbas e gloriosas fadigas.

Mas que influência tem certos acontecimentos sobre as mulheres?... Acaso as catástrofes políticas alteram a explosão dos sentimentos do coração?

Que a pátria esteja onipotente ou desfalecida – orgulhosa de triunfos, ou humilhada de revezes, – a verdade é que a andaluza há-de ter sempre olhos vivos e rasgados, pé pequeno e tentador, a mantilha que lhe enquadra os gestos, o leque que lhe revela os pensamentos, aquele donaire, e aquele *salero* que lhe conquistam a admiração.

De resto, nas ruas sentia-se um borbonho terrível: não se dava um passo, sem que inocentemente o braço não adivinhasse por debaixo do macio cetim dos vestidos, uma tez mimosa, e burnida, como se vê nas figuras pintadas por Júlio Romano.

E então meditei eu no contraste entre os costumes portugueses e espanhóis! Na vivacidade de uns, na severidade dos outros: lamentei a sorte dessas pobres donzelas, que vivem nos segundos, terceiros e quartos andares, saindo apenas aos Domingos à missa, e que tem de pescar um marido dessas inacessíveis alturas!

O destino matrimonial chega a ser um mistério aventureiro. Eu acredito até que mais de um marido não tem exactamente retratada na imaginação a fisionomia da sua noiva. Viu-a com grave risco de um catarro impertinente, e de um *torticolis* implacável – em noites úmidas e sombrias, de uma janela entreaberta. Foi dessa respeitável distância que trocaram os mais fervidos pensamentos. E apesar de quase mutuamente se ignorarem, de se não haverem revelado moralmente um ao outro, é tão bondosa e pacífica uma organização burguesa, que os dramas domésticos quase sempre têm a conclusão bem aventurada dos romances de Ana Radcliffe: “Casaram. Tiveram muitos filhos, e viveram felizes!”

Com estes pensamentos, veio à meia-noite encontrar-me tomando uma quantidade indeterminada de limonadas gasosas, bebida inofensiva, e que mal serve para mitigar a calma abrasadora daquelas noites africanas.

Era hora de partir para bordo; caminhámos até ao sítio que por especial favor, se reserva para o embarque dos oficiais de marinha; o *Read Staff*, às dez, e doze horas.

Então compreendi a severa disciplina que se observa numa praça de guerra, e como é quase impossível qualquer tentativa de surpresa militar.



Fiquei deveras assoberbado da minha importância, e da dos meus companheiros! Para cinco ou seis pessoas o acompanhamento foi de oito soldados: abaixaram uma primeira ponte levadiça, por onde passámos entre duas alas destes discípulos de Marte. Depois descemos por uma escada de caracol, tão íngreme e incômoda, que me lembrou imediatamente a da *Conquista de Malaca*, dança que se deu no teatro de S. Carlos. Finalmente, parámos num pátio à espera que os braços robustos dos guerreiros de S. M. Britânica levantassem outra ponte levadiça, com grande rumor de correntes, e ranger desagradável de gonzos. Desfeito este último obstáculo, e proferido o inevitável e conciso *good night*, a ponte caiu, e ficámos no cais de embarque, chamando pelos nossos catraeiros.

Estava decidido: se eles fossem remissos ou esquecidos, teríamos de passar ao relento, porque nem a própria rainha Vitória, seria capa de fazer abrir de novo as implacáveis pontes do *Read Staff*.

E não era uma grande peça, para quem se sentisse um pouco poeta, e não lhe tivesse esquecido um *paletot*, para se resguardar do orvalho da madrugada.

A noite era esplêndida de luz, e o céu resplandecia de estrelas. Todos os objectos apareciam ao longe com essa aparência vaporosa e indistinta, com que muitas vezes se reproduzem num sonho encantado e feliz. A aragem soprando suavemente sobre o mar, abria rastros de *ardentia*, cujo clarão fosforescente deslumbrava a vista. Os navios pousados na extensa baía, apenas agitados com aquele insensível movimento, que assemelha o da respiração humana num sonho inocente e tranquilo, alegravam aquelas águas que iam morrer nas costas da Andaluzia, e se perdiam do outro lado, nos confins do horizonte.

Era majestosa aquela cena, e não sei que sentimentos vagos e misteriosos despertava n'alma.

Confesso a verdade, o meu espiritualismo, que não se fortalece nem com os dogmas imperiosos da religião, nem com as dissertações laboriosas da filosofia, o meu espiritualismo, que se exprime apenas por um horror inexplicável e tremendo ao pensamento horrível do nada, triunfa sobretudo quando me vejo em presença do mar, e das montanhas – da imensidade do Oceano, e da onipotência inexplicável da criação.

É então que a cabeça se nos dirige para o céu, que tentámos decifrar o enigma do nosso destino, que queremos soletrar uma das sílabas desse verbo misterioso que deve explicar o problema do *eu*, e do *não-eu*, do homem, e da natureza.

Poucos minutos depois, o nosso batel, com dois remos por banda, nos conduzia ao vapor Infante D. Luís, ancorado garbosamente ao lado de uma fragata turca, vizinhança esta, que demonstra maravilhosamente que a cruz e o crescente já podem minar-se, sem esses porfiados rancores, que devastaram por tantos séculos os sertões da África, e as formosas campinas das Espanhas.

Atracámos, e conheci completamente como a legislação inglesa, calculada em algarismos, é admirável para proibir a um proletário de se entregar à ferocidade dos seus instintos, e às decisões nervosas da sua cólera.

Estes malvados genoveses não se contentavam senão com um peso por cabeça: eram por conseguinte quatro pesos (3\$680) que eles pediam, com gritos desentoados e com gestos pouco respeitosos.

Satisfazendo esta exorbitante requisição, e dando um sopapo a cada um, *par dessus le marché*, eu declaro que tinha a consciência de que fazia o meu dever. Mas isso era exactamente o que eles queriam. Um sopapo em face humana está taxado a 50\$000 réis: quatro sopapos, se me não esquece a operação da soma, completavam a quantia de duzentos mil réis. Decididamente, seria pagar caríssimo este inofensivo prazer, e os meus fundos não me permitiam entregar-me a estes exercícios, *in anima vili*, do pugilato, e do *box* britânico. Pagámos resignados, com um acompanhamento de pragas e blasfémias, que, ao que parece, se podem proferir *gratuitamente* nos domínios de S. Majestade Britânica.

E acredito que só assim se poderia ter em respeito aquela população, que a diferença de nacionalidade e religião poderia trazer em rixas contínuas.

Numa cidade, aonde existem duas mesquitas mouras, duas sinagogas judias, alguns templos protestantes e católicos, e estou evidentemente persuadido que um certo número de lojas maçônicas, e com tudo isto um desejo veemente de adquirir *duros*, *reales de vellon*, e *reales de plata*, estas muitas devem tornar excessivamente bonançosas as relações sociais.

E porque não serão os estrangeiros, exceptuados desta exorbitante penalidade? Faço o solene juramento de que se alguma vez for rico, vou a Gibraltar de propósito, distribuir um número razoável de murros e bofetões, pagando-os generosamente em prata, porque o ouro começa a cair num descrédito crescente.

Agora, meus caros leitores, o Infante D. Luís parte em direcção a Génova, e eu prometo finalmente levar-vos, a salvo, à soberba perspectiva dessa histórica cidade.

Por isso, calo uma anedota que nos transforma a mim, e aos meus companheiros, em sultão *Haroun-el-Reschid*, Grão-Visir *Giaffar*, e *Mesrou*, chefe dos eunucos, dos conhecidos contos das *Mil e uma Noites*, e uma conversação que tivemos com um gordo piloto genovês, que se dizia primo de Garibaldi.

Parte das recordações de um viajante guardam-se para uma noite de inverno, perto de um excelente fogão, com um charuto havano na boca, e sentindo as odoríferas emanações de um café primoroso, perfumando a atmosfera de um gabinete *comfortable*.

#### IV. GÉNOVA

Quero narrar-vos, antes de tudo, o que procedeu a nossa entrada em Génova.

O dia havia sido enovoado, e de aguaceiros, o mar estava agitado, o vento soprava rijo e tempestuoso, os últimos clarões do crepúsculo expiravam mornos e débeis sobre as nuvens cinzentas que se acastelavam caprichosamente no horizonte.

Esperávamos entrar em Génova de noite, e poder ainda ouvir, pelo menos, a áriafinal do *Nabucodonosor*, cantada pela voz apregoadá da prima-dona da moda La Cruvelli.

Às oitos horas pouco mais ou menos, descobriu-se o tímido bruxulear de uma luz, que aparecia e desaparecia em dados intervalos. Os supersticiosos de outras eras diriam que era uma estrela, desterrada do céu, e que se banhava de despeito nas azuladas ondas do Mediterrâneo.

Depois, e quando nos aproximávamos mais da terra, duas outras luzes, mais ténues começaram a luzir ao lado da primeira que as dominava.

Eram os faróis do porto de Génova, que brilhavam apesar do escuro da noite, e da cerração do horizonte.

Fizemos sinais para nos trazerem piloto. Viram-nos, mas era tanto o mar, que não se atreveram a mandar uma lancha receiando alguma catástrofe.

Passámos até ao alvorecer da aurora, umas vezes em sucessivos bordos, outras em imobilidade completa. O balanço era deveras incómodo! os passageiros novatos não tardaram a sofrer as inclemências do enjoo.

E como estava belo o céu, à meia-noite! De um lado, nuvens vaporosas, e cinzentas estendiam-se em fitas caprichosas: do outro, nuvens mais negras, e compactas, chocavam-se ao longe, lançando do seu seio esplêndidos relâmpagos. Por cima de nós, a atmosfera estava límpida e azulada: as estrelas cintilavam freneticamente, pelas rajadas impetuosas que faziam estremecer os raios de luz.

Um céu bonançoso no mar é belo, mas é monótono. Apraz-me esta luta porfiosa dos elementos: esta variedade de situações e de vistas.

O vapor entretanto gemia apertado pelas ondas, que se lhe despedaçavam no costado. O jogar de *bombordo* a *estibordo* era de tal ordem que de vez em quando os objectos caíam com grande estrondo, e rolavam pelo convés.



Figura 3. Vista do Porto de Génova em meados do século XIX  
(SPELLANZON, Cesare. Storia del Risorgimento e dell'unità d'Italia. V.7. Milano: Rizzoli Editore, 1960, p. 140.)

Levávamos connosco um passageiro – organização seráfica, e carácter angélico, como raras vezes se encontram neste mundo, que julgou ser aquele o último dia da sua vida, e que como bom e fervente católico, se despedia de todos os santos e santas da corte do céu, na mais bem pronunciada, e distinta ladainha, que é possível ouvir!

Aquela voz repassada de fé, e de fervor religioso, sobressaindo no rugido das vagas, e no ranger das pranchas, comoveu-me profundamente, apesar de eu ser mediocrementemente devoto, como todos sabem, e de conhecer que o perigo que nos ameaçava, não valia a pena nem mesmo de despertar o sono, a quem tivesse podido conciliar com as sinfonias daquela pouca desferida tormenta.

Passada esta primeira impressão, confesso o meu pecado! – tive o mau gosto de adormecer como se fosse um muçulmano fatalista, ou um ímpio sectário do *panteísmo* moderno.

Aos primeiros clarões do crepúsculo, percebemos as verdes costas da Ligúria, e sobre as faldas de um monte os alvejantes palácios de Génova – a soberba.

*Ecco la Italia!* gritei eu transportado de entusiasmo, e de gozo poético. E tirei o meu barrete de marujo da cabeça, para sentir a brisa da Itália revolver-me os cabelos, e para saudar essa terra eternamente grande, eternamente gloriosa – grande ainda, quando as sinistras bandeiras de um domínio estranho, flutuam nos seus castelos, e nas suas muralhas.

Então eu perguntei, como a *Lady Sabina* de um dos romances de George Sand: “é esta verdadeiramente e sem metáfora a terra de Itália que eu avisto: são estes os seus perfumes que eu respiro, e o seu céu que me alumia!”

A Itália! a terra que se aprende a conhecer, quando se é criança, nos livros de ensino: que se admira, quando homem, nos monumentos literários: – que se associa à palavra arte, como essas constelações que comemoram o mútuo afeto de dois amigos – a Itália, que aparece coroada em todos os séculos com os nomes mais gloriosos da história – que não contente de dar o berço a César, esse Napoleão dos tempos antigos, deu o ser a Napoleão, esse Cesar dos tempos modernos!

Via-se de perto, aquela ilustre mártir, que caíra exangue e desfalecida, depois de morder o seu último cartucho, e de proferir a sua derradeira maldição! Via-se, e tinha ao lado de mim os olhos ansiosos de um proscrito de duas revoluções, cujos cabelos haviam encanecido na terra do desterro, cuja alma ardente e heroica se havia associado às dores da

sua pátria abatida, e que naquele momento, a saudava enternecido, depois de quatorze anos de ausência!...

Não tardou que uma lancha tripulada de genoveses, e com um gordo piloto ao leme, viesse amarrar-se à popa do vapor, e que a perspectiva de Génova se nos desenvolvesse aos olhos, iluminada pelo sol de um belo dia de Outono.

Do lado esquerdo, montanhas cobertas de vegetação, semeadas aqui e além de pequenas povoações; em frente, a cidade dos palácios que parece debruçar-se sobre as águas do Mediterrâneo, como um peregrino do deserto, que desaltera a sua sede na fonte de um *oásis*: do lado direito, a costa vai apagando-se pouco a pouco por uma curva insensível, até deixar de todo descobertas à vista as planícies imensas do mar.

O porto fechado por muralhas é pequeno, e quando não reina o sudoeste é bonançoso: haviam pelo menos, naquele momento, ancorados oitocentos navios, improvisando uma espécie de cidade flutuante, porque todos estão dispostos, com pequenos intervalos, numa mesma linha – formando diversos pelotões desde o ponto do embarque até ao arsenal de guerra.

Quando o vapor havia orgulhosamente passado por entre os dois pequenos faróis, e demorava a sua marcha impetuosa, para descansar as fadigas, senti uma das mãos do meu companheiro italiano pousar-se no meu ombro, e vi que com a outra me apontava para a gigantesca estátua de André Dória<sup>2</sup>, que parece dominar ainda os destinos da sua terra natal, bafejado pelo perfume dos arbustos, e flores de um viçoso jardim.

Como é poderosa e invencível a influência de um grande poeta! Dória é o glorioso almirante que vive na história sem empalidecer a par de Carlos V.<sup>3</sup>, e Francisco I.<sup>4</sup>. – os dois atletas, cujo ciúme quase devora todo um século: Dória, é o marinheiro, rival dos nossos, e que numa longa vida de 95 anos, quase que não teve por tecto senão o firmamento, e por horizontes senão os que a proa descobre no infinito das águas, e não pensei nele, e não me sobressaltou o seu nome! – Lembrei-me de um revolucionário, que seria obscuro, se o não

---

<sup>2</sup> Andrea Doria (1466-1560) foi um notável *condottiere* e general italiano que lutou a favor de Carlos V. (GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.]. v.4, p. 2267)

<sup>3</sup> Carlos V (1500-1558) foi príncipe dos Países Baixos (de 1516 a 1556) e Imperador do Sacro Império romano-germânico (de 1519 a 1556), coroa que conquistou em batalha contra Francisco I. (GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], v.3, p. 1356-7)

<sup>4</sup> Francisco I (1494-1547) foi rei da França e negociou com Carlos V o tratado de Noyon, que lhe assegurava o ducado de Milão. Com a morte de Maximiliano da Áustria, disputou com Carlos V, sem sucesso, a coroa imperiaGEDL Para lutar contra seu rival, tentou de balde aliar-se aos ingleses. Após o insucesso, dedicou-se à luta contra a causa austríaca. Foi mecenas e grande encorajador das letras e das artes em geral. (GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], v.5, p. 2908)

imortalizasse a pena de Schiller: desse Conde Fiesque<sup>5</sup>, o Catilina genovês, que se desprende dos braços de uma esposa adorada, para erguer o estandarte da revolta, e que próximo do triunfo, se afunda nas águas, com o peso da armadura!

Capricho dos poetas, que não só dão realidade aos tipos imaginários da sua fantasia, que fazem correr de boca em boca os nomes de – Posa, S.Preux, Júlia, René, Manfredo, D. Juan – mas até dão vida eterna a um pobre personagem que ficaria esquecido nas páginas de um historiador descuidado!

Quem era Fiesque? Um nobre devasso, que escandalizava os habitantes de Génova, com o esplendor das suas festas, e o tumulto das suas orgias: fez-se conspirador uma noite: e ao romper da alva, os sonhos daquela ambição devoradora, disfarçadas nos desperdícios e nas ostentações do luxo, o enigma daquele carácter enérgico, que como o do Bruto antigo, põe a máscara do vício, como o outro da loucura, para esconder a sua ânsia de poder, tudo jaz amortalhado nas ondas do Mediterrâneo, ao pé das galés da República!

Schiller tocou-o com a sua mão onipotente de escritor, como Cristo o cadáver de Lázaro, e ele ergueu-se do fundo das águas, e tomou para sempre um lugar importante na imaginação da humanidade!

E riam-se esses pobres políticos, vermes que se agitam no fundo deste sepulcro, que se chama sociedade, das existências caprichosas e excêntricas que se dedicam ao culto da arte, que elas mais poderosas que a voz de um povo, mais ilustres que a mão de um monarca, ungem os escolhidos da sua inteligência, e concedem-lhes a coroa eternamente viçosa que floreja entre as mais afastadas gerações.

Estou fundeado em Génova. Cobre-me o céu esplêndido, e celebrado da Itália. Talvez até esteja perto do sítio, aonde se afundou o *desordeiro* Fiesque, revolucionário mal agourado, como tantos, prometido em vida às iras implacáveis *conservadoras*, sujeito depois de morto, aos comentários acerbos e caluniosos das suas penas envenenadas, e vingativas.

Vejo a Itália, mas como nos versos do poeta, expirando no verdor dos anos, Giacomo Leopardi:

O patria mia, vedo le mura e gli archi  
E le colonne e i simulacri e l'erme

---

<sup>5</sup> Gian Luigi Fieschi (1522-1547), conde de Lavagna, ficou famoso por conspirar para destituir Andrea Doria do poder, fato que inspirou Friedrich Schiller a compor o drama, *Die Verschwörung des Fiesco zu Genua*, em 5 actos, cujo enredo contrapõe Fieschi, retratado como tirano, a Verrina, um guerrilheiro idealista. (*GRANDE Enciclopédia Delta Larousse*. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v. 5, p. 2743)



Torri degli avi nostri;  
 Ma la gloria non vedo,  
 Non vedo il lauro e il ferro ond'eran carchi  
 I nostri padri antichi.....

Gémeas na mesma dor, a minha e aquela terra, podiam repetir esses plangentes e magoados brados numa mesma voz, e afogados num mesmo pranto. Lançado na revolução, quase ao desabrochar da vida, vira as coronhas estrangeiras descansarem nas praças do velho Porto: e ainda de volta a Lisboa, divisara a bandeira inglesa hasteada sobre as antigas torres, banhadas pelo soberbo Tejo, então humilhado e servo!...

O meu bom amigo italiano não dizia palavra, mas pensava acho eu, no mesmo assunto. Estes acordos democráticos, é que não há tirania que os desvaneça. O pensamento é incrucificável, e ri-se de todos os Pilatos, e fariseus. Suposto isto, sentei-me prosaicamente sobre um baú, e acendi um charuto, com aquela íntima, e inexplicável voluptuosidade, que acompanha o fumador, quando compreende deveras as delícias dessa filosófica operação.

Não tardou que a polícia nos aparecesse, com o seu gesto grave, solene, e interrogador.

De casaca à paisana, e chapéu redondo ou de farda azul, bordada de prata, e *bonet* de galão, declaro que nunca me são agradáveis os cumprimentos desta senhora.

Afirmam que o mundo não pode passar sem ela. Não contesto, declaro, entretanto, que a minha humilde pessoa prescinde opticamente da sua existência, e paternal solicitude. Pediram-nos os passaportes. Entregamo-los. Neste acto, não pude deixar de comemorar, comigo mesmo, os trabalhos penosos a que se sujeita um homem que quer viajar.

O fisco tem feito importantes descobertas no assunto em questão. Se custasse apenas dois mil e quatrocentos réis, era exorbitante, mas ao menos lógico. Mas que me importa a mim o selo, e a amortização de notas? Que ganha um proletário, na existência de uns pedaços de papel, chamados *notas*, e de um estabelecimento de crédito, denominado *Banco*?

O *selo*?... Se aparece impresso, para dar realce ao papel, prescindia de tanta glória: se é para se mostrarem as armas de Portugal, a exposição não havia inconveniente em que fosse de graça: era assim que a minha bolsa entendia a questão: mas o fisco pensa de outro modo, e tem argumentos decisivos em favor da sua opinião.

Esperámos duas boas horas, que a polícia soletrasse em terra cada uma das sílabas dos poucos eloquentes dizeres, que completam a autenticidade pessoal do viajante.

Podia decorar cada um dos aspectos daquele encantado, e bellissimo panorama: e ao mesmo tempo praguejar contra a preguiça, e os escrupulos administrativos. Mas é necessário

confessar que, em relação ao passaporte, é extremamente razoável o aforismo Italiano: “*chi va piano, va sano chiva sano, va bene*”.

Em Itália, metade da população, acho eu, sabe ler e escrever, para ter o prazer de pedir à outra metade, e aos estrangeiros, o passaporte. Não se dá um passo, sem ver à portinhola da diligência uma cara, realçada por um ponto de impreterível interrogação, e que estende o braço sem cerimônia para vos encher com um selo o espaço branco do vosso inseparável documento. Felizmente, este serviço é completamente gratuito: ao inverso de tudo, quanto mais absurdo e odioso, mais caro é.

Estava ansioso de ver a terra, e no fim de duas compridas horas de espera, podemos finalmente navegar até ao pequeno cais, aonde reside a polícia, e poucos passos distante a alfândega.

Atravessámos as ruas marítimas artificialmente improvisadas pelas embarcações, estendidas em linha, e abicámos à terra, aonde nos vimos rodeados dos terríveis *facchinis*.

Aqui valeu-nos o nosso experiente amigo italiano. Ajustámos preliminarmente com o capataz a condução das bagagens: doutro modo, acontecer-nos-ia uma não pouco vulgar catástrofe: uma pegaria na mala, outro no saco de noite, algum tirar-nos-ia o chapéu, para o levar triunfantemente na mãos, e quem sabe se não nos descalçariam as botas, para alcançarem um frete *honroso, rendoso, e pouco trabalhoso*.

Lembra-nos sempre, netas conjunturas, o dito de Voltaire, quando partiu da Holanda: “*Adieu, candux, canards, candile*”. Esta última palavra pode-se aplicar aos *facchini*, sem temor de ofender a verdade.

A alfândega é polida como um camarista de semana, e não se demora muito tempo a registrar bagagens. Arrependi-me então de não haver trazido alguns charutos de Gibraltar. Em Itália fuma-se caro e mal: ponto que a aproxima de Portugal, com licença dos meus amigos do Contrato do Tabaco.

Estávamos no bairro de movimento comercial. Havia uma desafinação completa nas vozes de todas aquelas azafamadas turbas. Por aqui calculei, que o solfejo, e ainda menos o *contraponto*, não fez aliança com os *livros de razão*, a *letra de câmbio*, a *factura*, e os *tutti-quantis* do mundo mercantil.

Adoro a civilização. Quando tomo uma chávena de café com leite, e uma torrada, e me dizem que a porcelana é de *Sèvres*, ou de *Saxónia*, que o café veio da Havana, ou do Brasil,

que o açúcar é das Antilhas ou da América inglesa, que a manteiga chegou de *Cork*, ou de *Hamburgo*, dou graças ao génio comercial, e ao espírito navegador.

Mas visto de perto, examinado no seu giro, enfastia-me, desgosta-me. A minha alma artística contrai-se como a sensitiva, em presença daquele *babelismo* desarmónico, e tumultuoso.

Génova é uma cidade opulenta, e exclusivamente comercial. Aqueles palácios suntuosos, aquelas igrejas magníficas, tudo tem um perfume de *deve*, e há-de *haver*.

Passámos a região, propriamente mercantil, caímos na atmosfera *banqueira*, tomámos lugar no *Hotel Feder*, situado mesmo defronte do *Banco de Génova*.

Que fadigoso aspecto! homens arrancando a carteira do bolso, outros escrevendo sobre um papel, alguns gesticulando com vivo interesse, a maior parte girando em caprichosas direcções.

Se para ter dinheiro, se precisa de tanto trabalho, venha antes a pipa descansada e ociosa de Diógenes, sem a repugnância do tracto, que me aterra na seita cínica.

No *Hotel Feder* estava longe de Diógenes cem léguas. As escadas eram de mármore, os aposentos espaçosos, os tectos doirados, os tapetes de um delicioso padrão, os criados de um *toilette*, a fazer morrer de inveja qualquer burguês em férias de domingo, levando à missa, de braço dado, a carinhosa esposa e enxotando adiante os tiranizados frutos do seu amor religioso e legal.

Asseguram-me que o palácio aonde agora está esta hospedaria, fora em felizes eras, residência do almirantado, e se vira passeado por não sei quantos Dórias, descendentes do famoso André, cuja gigantesca estátua, o povo diz corresponder exactamente às suas proporções, enquanto vivo.

Não indaguei a verdade de ambas as coisas. Pus-me à janela, a *flanar*, como um cantor em disponibilidade, com a garganta repousada, e a bolsa vazia.

Um homem que tomasse ao pé da letra, tudo quanto lhe dizem os livros, que se afastasse inteiramente da vida real, deveria ter emoções extraordinárias e novas.

Génova, a conquistadora, a rival de Veneza, a que se vira cortejada de reis, e nações, sabeis o que fazia às doze horas do dia? comerciava, traficava, mercadejava, vendia, comprava, enriquecia-se prosaicamente como um merceeiro esperto, ou um *marchand de nouveautés*, recentemente chegado de Paris.

Todos os tempos têm a sua poesia: a poesia do século desanove é diversa da dos outros séculos, não há duvida: mas ou eu me engano, ou ninguém se lembra que a pátria<sup>6</sup> de Cristóvão Colombo, se divirta a passar letras de câmbio pelo canto das ruas, e se entregue exclusivamente às operações do capital e juros.

Sáímos para aproveitar as horas antes do jantar, e examinar o bairro elegante da cidade. Fomos à rua Balbi, a la *Strada Nuova*, visitámos rapidamente algumas igrejas, e o Palácio Ducal, e pousámos no fim no *Café da Concórdia*, a tomar *vermuth*, vinho inventado contra o fastio e o conhecido *absinto*, licor celebrado por todo o gastrônomo, que prepara conscienciosamente para um jantar copioso.

O *Café da Concórdia* tem a sua sede num palácio. Entra-se por uma formosa arcada de mármore, dá-se os bons dias a um ramalheteira, que nos oferece, com um sorriso, as suas flores, deliciosamente ordenadas, passa-se a um pequeno jardim, iluminado a gás de noite, e depois examina-se um gabinete no género *rococó*, de extrema opulência e de maravilhoso aspecto.

São espelhos custosos que revestem as paredes: são mesas de pés doirados e tapetes turcos que mobilam o pavimento: são reposteiros e bambinelas de veludo vermelho que guarnecem as portas e as janelas: são sofás de veludo da mesma cor, que convidam ao *dolce far niente*, e que vos intimam que tomeis o desdenhoso *orientalismo* de um paxá de sete caudas, que não veja em sonhos o fatal cordão, que lhe ameaça a onipotência.

Ainda bem, não examinava, e não gozava deste luxo, exposto franca e rasgadamente, sem as prosaicas restrições de um génio meticulosamente econômico, quando ouvi a voz do meu amigo italiano, que nos fazia o seguinte discurso: – Isto que vedes é uma miséria à vista do Café Pedrocchi, em Padova. Isso é que é riqueza, isso é que é sonho das *Mil e uma noites!*

– Então quem diabo se lembrou de ir construir um café desses, numa pequena cidade? perguntei eu meio incrédulo.

– Pedrocchi era um pobre botequineiro, que com as penosas economias do seu tráfico, comprara umas casas; escavando-as, encontrara um tesouro. Ficou imediatamente acometido do pensamento de Heróstrato<sup>7</sup> – o de ser imortal na posteridade: com a diferença que um para o conseguir queimou o templo de Diana, em Éfeso, e que o outro, edificou o melhor café do mundo, e enriqueceu a sua pátria com uma maravilha.

<sup>6</sup> No texto base, “patria”.

<sup>7</sup> Heróstrato foi um efésio desconhecido que, pela ambição de se tornar imortal, incendiou o templo de Ártemis, Éfeso, considerado uma das Sete Maravilhas da Antiguidade, na noite em que nasceu Alexandre. (GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970 v. 6, p. 3338)

Levantei-me com entusiasmo.

– Ó Pedrocchi, disse eu, tu eras um génio, e o destino não te tinha reservado para administrar calda de capilé, em copos de água, nem para seres escansão de Jamaica, e marasquino, de Vermuth e absintho? Compreendeste o século, e é de crer que o século te não compreenda a ti. Napoleão, alcançou a glória, exterminando alguns milhões de homens, em sanguinosas batalhas: Byron, Lamartine, e todos os grandes poetas, têm a sensaboria de se recomendarem aos vindouros, vendendo os mistérios da sua alma, e perdendo noites em tremendas e fadigasas vigílias! Tu, ficas eterno na memória, enquanto houver viajantes na Itália, enquanto uma quantidade indeterminada de *lords* spleenáticos, e de *ladys* pálidas e interessantes, abrirem a boca de entusiasmo, diante das pedras imortais da tua famosa pátria!

Sem ironia, se os barões fossem Pedrocchi, e se houvesse algum raio artístico na cabeça desses merceeiros, que fazem governo, e dão as cartas nesta *banca*, Portugal seria outra cousa que não é, Lisboa teria deixado de ser uma cidade balcão, como a construiu o marquês de Pombal, e uma cidade-pucilga, como a herdámos de Pedro II, e D. João V.

Já houve um autor céptico que disse que “o amor morava apenas no quente ninho da rola”. Eu afirmo que o elemento artístico existe apenas nas águas furtadas de algum poeta ou literato pobre.

Deixemo-nos de lembranças tristes: esqueçamo-nos da pátria: vamos jantar à *table de hôte*, do Hotel Feder, que já são horas, e beber à saúde desse povo, que ou gire esfarrapado e faminto pelas ruas, ou se sinta conduzido no vivo galope de dois cavalos, rico ou pobre, fidalgo ou plebeu, é, será sempre, em todos os séculos, um povo artista.

É curioso o aspecto de uma *table d’hôte*, mesa redonda, na mui clássica e substancial linguagem do antigo Isidro.

No momento em que entrámos, perto de duzentas pessoas, se entregavam à trivial tarefa da nutrição. Confesso que o borburinho que se ouvia, faria expirar a palavra na boca do mais enraivecido *calça de coiro*, pedindo uma autorização de empréstimo, para rebocar as paredes da sua freguesia.

Estive a ponto de me retirar. A hora que eu desejo menos anárquica, é a hora do jantar: uma ceia admite-se descabelada, e doudejante: o jantar é, deve ser, apreciado com quietação e adubado de uma conversação plácida, e íntima. Nisso estou todo divorciado com os meus amigos socialistas: o banquete em comum é uma ideia, não direi absurda, mas pouco humana:

e o *caldo negro*, esse detesto-o, abomino-o, tenho irritações de estômago só de ouvir falar nessa iguaria *spartana*.

Agora, cabe o revelar uma trapaça dos nossos amigos, e fiéis aliados ingleses. Não é atrevimento o declarar que as nações estrangeiras quase que ignoram a nossa existência: o nosso pavilhão raras vezes tremula nos seus portos, os nossos produtos poucas vezes empacham as suas alfândegas, e os seus mercados: a nossa literatura nem mesmo penetra na nação vizinha: o esplendor dos nossos feitos contemporâneos apenas se aprecia no *Diário do Governo*, e se resume em quatro ou cinco linhas nas folhas estrangeiras. Qual seria o meio de avivar a nossa memória, não digo já na cabeça ou no coração, mas no paladar dos povos estranhos? Era fazendo-lhes beber o nosso admirável vinho, provando-lhes que a beberagem com que adubam os seus banquetes, nem mesmo tem a consistência da *água-pé*, o *bouquet* e picante do vinho verde. Pois essa mesma glória é-nos roubada pelos ingleses.

Baptizaram o vinho do Porto, *Port-wine*, e é assim que ele corre e circula adulterado, transformado mais duma vez – e se dizeis que esse vinho é produzido nos férteis oiteiros da nossa pátria, mais dum copeiro sorrirá incrédulo, e resmungará entre os lábios *Porto wine*, como o mais solene desmentido aos nossos patrióticos protestos.

Afinal, outro aforismo que eu alcancei para meu uso é que “a civilização mata a poesia”. À parte uma certa *nuance*, a vida exterior dos genoveses é exactamente semelhante à dos lisbonenses. Vestem-se do mesmo modo, *flanam* com a mesma cara, andam e comem, sobretudo, com a mesma desordenada elegância de um *dandy*, convidando quatro ou cinco amigos para um almoço no Mata, ou um jantar no Chapelier.

As mulheres, essas, é que Deus as fadou com um irresistível atractivo. Falo das do povo, e classe média, que as da classe aristocrática, vestem-se, comem e falam à *francesa*, e a não ser a tradição do *sigisbeísmo*, cuidadosamente conservada, seriam tão vulgarmente infieis, e tão trivialmente protestantes do matrimónio, como as outras criaturas do seu sexo, nos outros países.

A carnção da genovesa é deveras de um pálido transparente, alabastrino, admirável. Colocai sobre essas fisionomias dois olhos negros cintilantes, e esplendidamente ordenados de largas e acetinadas pestanas, envolvi-as de um véu branco, semelhante em tudo à mantilha espanhola, e que se denomina *pizzoto*, e dizei-me então se a genovesa não é das mulheres, mais lânguida e suavemente provocantes, que podeis encontrar na vossa estética experimental.

Não admira que o pincel italiano realizasse tantas maravilhas no mundo da arte; o que faz pena, é que a história não revele a que feiticeira *contadina*, a que primorosa fada milanesa ou napolitana, romana ou genovesa, nós temos de agradecer aqueles tipos imortais de anjos e madonas, de Madalenas e *Psichés*, que nos transportam para os céus encantados da idealidade plástica.

Um das coisas notáveis em Génova, é a quantidade de padres e frades que circulam pelas ruas. Vi-os de todos os tipos, encadernados em burel grosseiro, e em fina casemira; pálidos, esqueléticos, com as faces rugosas e secas como um pergaminho crestado ao fogo, com as barbas longas, e os olhos encovados, e brilhantes da chama interior do fanatismo, ou da devoção, e também gordos, anafados, roliços, com as faces rubicundas, e os lábios risonhos, representando completamente a vida despreocupada, e um pouco pecaminosa, que desde Rabelais até ao *Compère Mathieu*<sup>8</sup>, e *Gil Blás de Santilana*<sup>9</sup>, a musa revolucionária, e filosófica<sup>10</sup> debuxou em traços indeléveis de chiste e de verdade.

Não poderei afirmar, se a eles se deve uma certa liberdade de costumes, um certo cinismo de relações que caracterizam ali as classes elevadas. O que sei é que os vi fumar nos cafés, como granadeiros suíços, e que os lábios que rezam *matinas*, e cantam *te deum laudamus*, enxugam, com admirável nitidez, rum da Jamaica, marasquino de Zara, e todos os cremes possíveis dos liquoristas.

Génova é a terra por excelência do *cavaliere sirvente*, do sigisbéu. O marido ali não é um homem, é um mito. A sua individualidade matrimonial pode assimilar-se à do *sacador* da letra de câmbio. Paga em caso de protesto, mas raras vezes, goza da soma adiantada na operação comercial: mas também como é livre e solta a sua existência! O braço constante é o *cavaliere sirvente*: o que acompanha a esposa ao passeio, ao teatro, o que a intertem no *soirée*, ou no baile, o que chama a carruagem, ou a *cadeirinha*, o que tira da algibeira saís e perfumes quando ela desmaia é o *cavaliere sirvente*. Mais ainda, o *cavaliere sirvente* é um homem-cabide: na sua mão está muitas vezes o leque, e a *clotilde*, no seu braço o *casabeque*, e o *regalo*: é ele quase sempre a *femme de chambre* de *la signora* na saída do teatro, e no largo vestíbulo, aonde espera o veículo que a transporte do baile até às macias plumagens do seu leito solitário. *Cavaliere sirvente!* se és feliz, e nem sempre assim acontece, pagas cara a ventura: se és infeliz, decerto o destino te reserva um lugar no paraíso dos pobres de espírito.

<sup>8</sup> *Le Compère Mathieu Ou Les Bigarrures De L'esprit Humain*, romance do período iluminista, de Henri-Joseph Dulaurens.

<sup>9</sup> *L'Histoire de Gil Blas de Santillane*, de Alain-René Lesage.

<sup>10</sup> No texto base, "philófica".

E o marido? O marido, nas classes altas, é um especulador de casamento; lido o contrato entre macho e fêmea de duas nobilíssimas famílias, – imediatamente se concebe, porque o *cavaliere sirvente* é um complemento indispensável no matrimónio.

Computado, somado, exposto, verba por verba, o dote da mulher, o marido compromete-se do seu lado a certas condições humilhantes, que já o desautoram de todo o sentimento nobre e elevado. Declara-se o número de criados que devem servir *la signora*, o número de cavalos que deve haver na cavalaria, o número de pratos que deve ter ao jantar, a parte de aposentos que deve gozar na sua mansão futura. É um arrendamento, e não um matrimónio: o marido é uma espécie de rendeiro, que toma um dote por empreitada, e se compromete às condições impreteríveis dum foro, não sei se com *laudemio de vintena*.

A prostituição moral atinge os últimos limites da infâmia: depois disto, uma esposa que não castiga o marido com um *cavaliere sirvente*, é um anjo de virtude, ou uma estátua de estupidez. Que faz então essa religião, recheada de conventos, que consente assim a postergação<sup>11</sup> solene de toda a poesia, de toda a grandeza ideal do consórcio – da comunicação purificada pelos preceitos divinos do Evangelho, e da eternidade? Bem diz o provérbio que: “*em casa de ferreiro, espeto de pau*”. Muitos padres e frades, e pouca religião – eis definida a situação do catolicismo na Itália, sem exageração, nem espírito de partido. E viva o *cavaliere sirvente*!

---

<sup>11</sup> No texto base, “prostergação”.



V.  
GÉNOVA  
À noite

Dupaty<sup>12</sup>, que escreveu sobre a Itália umas eloquentes e rápidas cartas, e que era ao mesmo tempo um magistrado severo e grave como a beca, e os bacalhaus, com que se vestia nos dias de cerimónia parlamentar, inseriu sobre Génova estas linhas frescas, se quiserem, mas indispensáveis para se conhecerem os costumes dum país: “*Il y a tant de libertinagem à Génes, qu’il n’y a pas de files publiques: tant de prêtres, qu’il n’y a point de religion: tant de gens qui gouvernent, qu’il n’y a pas de gouvernement: tant d’aumônes que les pauvres y fourmilent*”.

Estes dois últimos flagelos, não digo que tenham desaparecido, mas existem modificados. Há governo respeitado e estabelecido pelas luzentes baionetas de alguns regimentos saboiardos e piemonteses. O estado florescente da Ligúria fez diminuir também a mendicidade, para quem o luxo mais suntuoso destina um formoso palácio, denominado *Albergo dei Poveri*. Deviam chamar-lhe antes *Albergo dei Principi*; falaremos dele em tempo e lugar.

As duas proposições primeiras são extremamente exactas. E uma delas faz-me lembrar o célebre decreto da República de Veneza, chamando outra vez à cidade as meretrizes que haviam sido desterradas. *Nostri buoni meretrici*, dizia o Senado, com o presentimento talvez de que a literatura houvesse de conceber *Manon Lescault* de Prévost, *Sara* de Balzac, *Fleur de Marie* de Eugénio Sue, e *Fernande* de Dumas. Os escândalos haviam-se multiplicado, a tal ponto, que usavam daquela válvula de salvação, com um raro discernimento político.

A não ser algumas desgraçadas criaturas, que circulam pelo bairro marítimo, pobremente trajadas, que já perderam todo o encanto, e todo o prestígio de mulheres, Génova não conhece essa triste necessidade das grandes cidades.

E todavia não é menor o movimento, nem a vida menos animada de noite. Parece que tudo tem um ar de festa; o prazer é uma missão tão grave e tão séria, como as mil preocupações da vida material e positiva. Nos cafés veem-se homens e senhoras conversando e *charlando*: os teatros estão cheios: as janelas abertas, deixam perceber a luz nas casas e

---

<sup>12</sup> Charles Mercier Dupaty (1771-1825) foi um escultor francês que viveu na Itália, partidário do estilo antigo. (GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v.4, p. 2298).

palácios, e denunciam plenamente que se vive, que se aprecia ali a brisa da noite, e os tópidos perfumes do estio.

Fuma-se alegremente um charuto antes de ir para o teatro, gozando daquele apreciável tumulto do realejo que toca, do *polichinelo* que grita, dos grupos que se cruzam animados, das mulheres que se adiantam envolvidas no *pizzoto*, e que vão para algum inevitável *rendez-vous*, dos militares que passeiam fera e galhardamente aquelas espadas que se embainharam em Novara, pelas intrigas das *camarilhas* piemontesas!

Que peça se dá em *Carlo-Felice?* – *Toussaint Louverture?* de Lamartine. – Porque não vai o *Nabuco* de Verdi? – Está indisposta a Cruveli. – Indisposição de *prima-dona*, que se cura com ostras e *sauterne*, com *funghi trifolati*, regados de Ask, ou Champanhe.

Venha Lamartine traduzido em prosa italiana. É o grande poeta, que faz esquecer, o *girondino*, ao menos, de boa fé, das jornadas de 1848.

A história do teatro *Carlo-Felice* não leva muito tempo a contar, porque a sua construção é de data bastante recente. Nem remonta às eras gloriosas das repúblicas, nem aos dias aziagos da ocupação austríaca.

O *ceci tuera* de Victor Hugo, tem admirável aplicação aos acontecimentos que pouco e pouco transformam o mundo antigo. Este teatro nasceu das ruínas da antiga igreja e convento de S. Domingos. O apóstolo da inquisição sofreu, num país aparentemente religioso e católico, a singular afronta de se ver substituído por um monumento profano, e que por tantos séculos sofreu as iras implacáveis de padres e clérigos.

Em 19 de Março de 1826 foi posta a primeira pedra. Em 7 d’Abril de 1828 abriu-se ao público, cantando-se a *Bianca* e *Fernando* de Vicente Bellini, e um hino dedicado ao soberano, pelo já celebre *maestro* Caetano Donizetti.

Um espaço vestíbulo adornado de duas ordens de colunas nos conduz à plateia, que tem capacidade para conter três mil pessoas, pouco mais ou menos, com cinco ordens de camarotes, além da galeria (*logione*).

O teatro deve ser pouco inferior em grandeza ao da *Scala* de Milão. Os ornatos e decorações são opulentos, e o palco é deveras suntuoso. Os corredores são largos, e o tecto de uma extraordinária elevação. É inútil declarar que é todo construído de mármore magnífico.

A primeira impressão desagradável que se experimenta, é a da escuridão. Apesar da cidade ser iluminada a gás, as damas, ao que me disseram, opõem-se a que se aplique este

melhoramento ao teatro. Apraz-lhe[s]<sup>13</sup>, acho eu, viver na intimidade e gozar da música sem gastarem tempo em grandes preparos de *toilette*.

Pois deviam-no exigir. Raras vezes temos visto concentradas e reunidas tantas fisionomias, não digo só belas, mas mais do que belas, distintas. Perfis de uma regularidade apetitosa, pálidos, mas dessa palidez transparente, e mimosa, que deixa perceber o azul das veias, e todas as fugitivas impressões de uma organização nervosa e delicada.

Aqui se reconhecem as vantagens do *cavaliere sirvente*. Apresentámos o lado imoral, cumpre-nos fazer realçar o seu lado útil, se o pode ter. O *cavaliere sirvente* salva a aristocracia da degeneração física. Cruza o sangue plebeu, rico de generosa seiva, e purificado pelo trabalho, com o sangue empobrecido, e fatigado, dessas existências inertes, e mórbidas, que se consomem na ociosidade, e nos prazeres de uma vida sedentária. As raças, como o Anteu da mitologia, tomam forças da terra, que é a sua mãe. Por aqui se explica como a aristocracia inglesa é até, fisicamente superior ao povo: não depende só da esmerada educação, que os robustece, mas da ascensão lenta, e sucessiva das classes inferiores. Quem era Caning? O filho duma atriz devassa. Quem era Robert Peel? O filho dum industrial inteligente. Brougham, Lindhurst, todos aqueles que o talento aponta à admiração pública, breve se confundem com a classe dominante: de modo que há raras famílias cuja ascendência date de dois ou três séculos, e todavia a aristocracia inglesa é a mais respeitável, a mais onipotente, a mais ilustrada que existe sobre a terra: é talvez mesmo a única que mereça esse nome: que as outras são rótulos ilustres, que servem apenas para compor o estado-maior estéril de monarquias cadavéricas e moribundas.

Silêncio! Lá se levanta o pano, e vou pela primeira vez ouvir em cena, na declamação, os harmoniosos sons da língua italiana.

Sem querer fazer agora um juízo crítico ao drama de Lamartine, pareceu-me excêntrico que ele elevasse ao nível de *Toussaint-Louverture*, todos os personagens secundários do seu drama.

O que me maravilhou sobretudo, e mais do que a composição do autor das *Meditações*, e do *Jocelin*, foi o entusiasmo provocado por alguns daqueles trechos: a vitalidade política que aquilo anunciava; o aspecto fero dos militares, retorcendo o bigode,

---

<sup>13</sup> No texto base, “Apraz-lhe”.

quando o povo se erguia dos bancos, a palavra – *Libertá!* – proferida com energia e convicção pelo actor encarregado do principal papel.

Eis-aqui o que é a glória, eis ainda o que pode seduzir a imaginação dum homem e fazê-lo representar com coragem e contrição, na comédia da vida! Num país estrangeiro, Lamartine é saudado por uma população inteira, as suas palavras são recebidas entre rugidos frenéticos, o seu nome conservado na memória com respeito religioso! Assim vale a pena, empalidecer em noites duramente veladas, ver no rosto cavadas as rugas da meditação, escrever com o sangue do coração as tremendas catástrofes da vida, que no fim luz um raio de glória que vos aquece a cabeça calva e despovoada, que vos alumia o rosto desencantado e triste... Em Portugal, se quereis um conselho, fazei-vos agiota: é um mister infame, mas podeis afogar o remorso com Bordeaux, Champanhe, Reno, Madeira, Xerez e Málaga. E se enriquecerdes, certifico-vos que podem reconhecer-vos a firma comercial, e *lui faire honneur*, como dizem os franceses. A vossa firma literária, essa, custa-lhe a ser acreditada, mesmo nos mais ilustrados círculos da vossa terra.

Fui colocar-me convenientemente para ver passar as damas. Mostraram-me então duas das *liones* genovesas – : *la signora N\*\*\** e *la signora L\*\*\**, que fumam, jogam o bilhar, vão às mais vertiginosas corridas em fogosos cavalos, e mantêm-se dentro do género, com uma inqualificável boa fé.

Apesar do socialismo, faço esta declaração, *toto ore*. Abomino que a mulher seja escrava: quero-a emancipada pela inteligência e pelo coração; detesto ao mesmo tempo essas criaturas indecisas, de um sexo moral positivamente *neutro*, que querem ressuscitar Esparta, e desprezam parte dos sublimes atributos da sua organização, e da sua natureza.

Que os Hércules fiem aos pés das rainhas Omfales, admito: que elas saibam vencer e domesticar as mais rudes vontades, os mais enérgicos caracteres, tudo isso nem me parece extraordinário, nem deixo de o considerar poético.

Mas a mulher que se faz igual do homem, que atira à pistola, que joga o florete, que adormece com os loiros ou os negros cabelos sobre a mesa de uma orgia, conservando nas mãos estrangulado o gargalo de uma garrafa, perde essa imensa superioridade, que a torna respeitável e sagrada aos olhos de um homem.

Depois, quando os seus belos olhos quiserem mandar, já ninguém lhes obedece. Realeza destronada, acende talvez num coração ingénuo e puro a chama devoradora de uma

paixão frenética, mas está perdida para essa adoração poética, para esses *extasis* divinos, que são o mais delicioso apanágio da nossa natureza débil, e mortal.

E o tipo mesmo da *lione* perde muito, transplantado para um país estrangeiro. *La Primarica*, e a Duqueza de *Marcilac*, dos romances de F. Soulié, não se compreendem, não se cultivam bem senão naquela atmosfera tumultuosa e desordenada de Paris.

As cidades pequenas veem tudo, veem demais. Sabem quantos beijos secaram os lábios frescos e úmidos de uma donzela: descobrem no bilioso da tez, nas manchas azuladas que lhe circundam os olhos ávidos e lânguidos, o segredo das paixões, e o rasto das lágrimas de agonia ou de prazer, que lhe regaram o travesseiro numa noite de sonhos tumultuosos ou de *criminal conversation*, como pudicamente exprimem os ingleses.

E que importa? Vale a pena guardar o tesouro das suas ilusões, para os despender numa hora, e cair no fim, no abismo da sociedade, decrépito e ao mesmo tempo abrasado de desejos com as faces cadavéricas, e o coração desfolhado de esperanças?

Pois não! que as rolhas de Champanhe estoirem, que os cigarros havanos se desfaçam em nuvens voluptuosas e odoríferas, que o chicote impaciente fustigue as ancas do cavalo, que a doidice nervosa dos amores fáceis, nos conserve ansiosos e acordados. A poesia está morta, porque já ninguém crê. Vive-se pelas inspirações do momento: eis a tremenda conclusão desta civilização materialista e bastarda.

Leitor, perdoa, eu sou, bem me conheço, um secante maçador. O que existe tem uma razão de existir, e é uma mania deplorável o querer afinar tudo exactamente como uma orquestra de Musard ou de Tobeckque. Este século tem muitos *contras*: tem também uma quantidade grande de *prós*. Se ele não tem fé, se possui maior estômago do que coração, se vive nas delícias da terra, e não quer lembrar-se das ideais venturas do céu, é que tudo assim devia de acontecer, e estava marcado no livro misterioso dos destinos humanos.

Por isso, como findou o espectáculo, procure-se como se poder o *Hotel Feder*, toque-se a campainha pata tomar algumas chávenas de café, e fumar charutos, leia-se por exemplo algumas páginas *De la décadence de l'Angleterre*, de Ledru-Rollin, que se comprou num livreiro, apague-se a luz, e entre-se no sono, que é a imagem da morte, quando nos não apoquentam sonhos importunos, ou pesadelos incómodos.

## VI. OS MONUMENTOS DE GÉNOVA

Uma vez por todas, e a propósito de todas as coisas de que houvermos de tratar, faça-se a reflexão de que isto não é um tratado de crítica, um compêndio de estética, uma série de estudos artísticos, feitos de luneta no olho, e de pitada nos dedos, mas as impressões fugitivas de um espírito despreocupado, que vê tudo de corrida, porque o tempo não lhe sobra e que não acredita, de mais a mais, nas admirações calculadas desses charlatães da arte, que fingem chorar horas inteiras diante do nariz de uma *madona*, ou dos louros anéis de um mimoso *bambino*.

Esta não é uma região inexplorada, é um país velho e antigo, e por isso mesmo inesgotável para a análise, e sempre fecundo para o pensamento. Que outros façam uma estatística dos monumentos, contem o número das estátuas, estendam em largas colunas os nomes dos pintores, misturem indiferentemente os termos técnicos, para explicarem *nuances*, que eles só compreendem: o que eu vou escrever são apenas esses traços vagos e duvidosos, que um *amateur* atira velozmente para as paginas de um *Album*.

Direi sempre, e é uma verdade de simples intuição: existe mais novidade num objecto antigo, visto debaixo de um aspecto novo, do que num objecto inteiramente desconhecido. Para a imaginação vale mais o Tibre, cujas ondas por tantos séculos conduziram consigo a história do mundo, do que o Nilo imenso e majestoso, que alimenta com os seus limos e escórias, a produção agrícola do Egito.

Não me demoro mais nesta explicação. Quem a não entender, salte com os olhos esta página e mande-me ao diabo que lhe não levo nada por isso.

Lembra-vos, meu querido leitor, nas *Viagens do Reno* de Victor Hugo, um capítulo que ele intitulou: *A propósito do museu Walraf?*

É aí que ele conta as incríveis exigências do *pourboire*, com um chiste, não vulgar no sombrio e austero cronista da *Notre Dame*, e no impetuoso poeta das *Orientais*, e das *Folhas de Outono*.

Ora esta inevitável verba que os operários intitularam *molhadura*, os cocheiros e bolieiros *gorjeta*, e os camponeses *matar o bicho*, ou *pagar o vinho*, é decerto a mais insuportável exigência para a bolsa pouco abastada de um homem de letras.

Ides visitar um monumento, o porteiro faz-vos uma cortesia à porta: primeira *molhadura*. Passais ao primeiro pavimento, e já dais de frente com o *cicerone*. Explica-vos tudo o que se encontra na sala, com a precipitação verbal de uma velha rezando *Padres Nossos* e *Aves Marias*: segunda *molhadura*. Depois este, entrega-vos a outro, e passais de mão em mão, de *cicerone* em *cicerone*, de *molhadura* em *molhadura* até ficardes repleto de entusiasmo artístico, e completamente vazio de numerário.

Quando Alexandre visitou Diógenes, disse-lhe este sabido cumprimento: “Eu quisera ser Diógenes se não fosse Alexandre”. Se não tivesse a vocação desgraçada de homem de letras, preferiria o cargo de *cicerone* a ter de rabiscar resmas de papel, mais ou menos sensabores, e de atormentar a imaginação umas poucas de vezes na semana, com grave detrimento da minha paciência.

O *cicerone* é o mimoso filho da preguiça. O seu ofício é a ociosidade: a sua vocação principal é a de rir das figuras mais ou menos grotescas, que passeiam pela Itália um renitente *spleen*, ou fogem das garras impiedosas de um exército de credores, em completa insurreição.

Com os pulmões em bom estado, com uma sofrível dose de memória, estais *cicerone*: decorais os nomes dos autores dos quadros da vossa sala, e aprendeis a história suficiente para explicar os assuntos: feito isto, formulais um sermão, e viveis abastadamente, repetindo-o a cada novo viajante.

Por fora, sei eu que é assim o *cicerone*, por dentro não tive ocasião de o avaliar. Parece-me entretanto que o *cicerone* pertence a essa raça, semiartística, e semiaventureira, que tem em muito pouca conta todas as glórias do mundo, e que daria os louros de Austerlitz e de Marengo, por um prato bem adubado de *funghi trifolati*. Rara, cuja abnegação, contida dentro dos limites da sensualidade, e da preguiça, iguala a dos monges e cenobitas do primitivo cristianismo e dos cínicos da antiguidade. Haveria nalguns a massa de que se fazem os heróis, preferiram de boamente a cómoda obscuridade, e os gozos honestos de uma vida tranquila, e livre de comoções fortes. Essas naturezas desambiciosas, fumando um charuto depois de um jantar primoroso, julgam pigmeus morais os loucos que se afadigam a agitarem o ar com o som do seu nome, e a incomodarem os tipos com o esplendor das suas façanhas, militares, políticas, ou literárias. O *cicerone* talvez possua essa filosofia, preferível cem vezes aos sonhos febris dessas mediocridades turbulentas, que atormentam a sociedade, para se incharem com algumas insígnias vaidosas, e passearem pelo mundo a estéril demonstração da sua desprezível avidez.

O Palácio Ducal tem a sua história, como todos os edifícios públicos. O arquitecto Marino Bocanegra foi quem se encarregou do desenho da fábrica, no ano de 1291. Nesse mesmo século, elevou-se aos ares a torre que ainda conserva pouco mais ou menos a sua primitiva estrutura.

No ano de 1388, sendo doge Antoniotto Adorno acrescentaram ao palácio um salão majestoso. Em 1591 construíram outro, ainda mais suntuoso. Desgraçadamente um incêndio acontecido no ano de 1777, destruiu e arruinou inteiramente as duas salas aonde tinham lugar as sessões dos dois conselhos – maior, e menor. As duas magníficas salas que hoje se patenteiam, à admiração dos estrangeiros, são de data recente, e perderam todo o atractivo da antiguidade.

Os quadros que vi, nem me causaram admiração, nem me parecem pertencer a autores, ao menos pelo que tenho lido, que possuam uma decisiva, reputação no mundo da arte.

Num dos vestíbulos, aonde existem os pedestais das duas estátuas de André Dória, e de seu sobrinho, arrancadas pela fúria popular no ano de 1797, há um quadro de *Pagi* com a *Madona*, S. João Baptista e S. Jorge.

Na sala maior (do grande conselho) corrida em volta de elegantes colunas da ordem coríntia, há uma espécie de medalha com a apoteose da Ligúria, e os feitos da família Giustiniani. Depois há estátuas, ornatos e pinturas, mais ou menos simbólicas, de Giovani David, Emanuele Tagliafico, de Ravaschio Traverso, Andrea Casaregi, e do cavalheiro Carlo Giusepe Ratti.

Todos estes nomes, que não pertencem, como veem, ao século de ouro de pintura, e estatuaria italiana, não se realçam pela magnificência e elevação das obras artísticas. Não, que eu tivesse tempo de examinar miudamente cada uma das composições, mas nenhuma me fez sentir no peito aquele sobressalto, que depois senti, em presença de Rafael e Guerccino, de Paulo Veronese, Ticiano e Tintoreto.

Expliquem como quiserem esta presciência, este instinto, a verdade é, que sem designar o autor, nem a escola, vendo um quadro pintado com superioridade, eu apontava-o imediatamente como uma maravilha d'arte. Em Milão, em Veneza, e na *Chertosa* de Pavia, não me faltou nunca a emoção profética que os jogadores baptizaram com o nome expressivo de *palpite*.

A capela tem muitos *frescos* de João Baptista Carlone. Este pintor é de uma reputação secundária, mas é bastante apreciado na Itália. Entretanto, a intensidade, a correcção, a



excelência do seu talento, perderam forçosamente pela espantosa quantidade de obras, que se encontram por toda a parte, marcadas com o seu nome. Este artista alistou-se, acho eu, na classe dos industriais: tornou-se *faiseur* como A. Dumas, Scribe, e os modernos sibaritas da *letra redonda*.

Ó divina arte, virgem de casto olhar, e de austero e elevado aspecto, pálida como o lírio, de loiros cabelos espargidos em anéis pela curva deliciosa do teu pescoço, docemente inclinado, tu que de joelhos sobre a terra, só sabias erguer os olhos pelo espaço infinito dos céus, eis-te agora, mísera vagabunda, vendendo os teus segredos, como a mulher pública os seus encantos, a tanto por coluna, e não invocada, para engrandeceres a alma, mas para engrossar as rendas do literato, do artista, e do poeta!

O demónio da cobiça também te precipitou do altar sagrado, donde dominavas as pequenezas do mundo: estendes a mão ao oiro, e os lábios à devassa voluptuosidade dos grandes e dos pequenos: as tuas vestes puras e santas [arrastaram-se]<sup>14</sup>, mais de uma vez, no lodo da ignomínia .....

.....  
 .....

E por isso contemplemos no gabinete dos síndicos, dois quadros atribuídos a Alberto Durer: S. Mauro, e S. Nicolau. Se são ou não são do mestre alemão, isso não poderei eu decidir: o que posso afoitamente afirmar é que raras vezes me vi repassado de maior respeito religioso, de mais sincera projecção ideal: aqueles homens são na realidade santos: naquelas faces pálidas, naquele sofrimento resignado e austero, sente-se desapontar uma esperança infável e augusta. A alma radiosa que lhes vive nos olhos, bem se vê que triunfa da carne crucificada pelas asperezas da penitência, pelas duras provas do ascetismo.

Ali admira-se o cristianismo em toda a sua simplicidade, e não transformado pelos desejos terrestres. Os braços que acabaram de suster o pincel em vez de se lançarem, como os de Rafael ou Ticiano, ao colo voluptuoso da Fornarina ou da Muraneza, elevam-se ao céu, e oram fervorosamente: Alberto Durer é a alma de um cristão bafejada pela imaginação de um artista.

---

<sup>14</sup> No texto base: "arrastram-se".

## ALBERGO DEI POVERI E O PASSEIO D'AQUA SOLA.

O nome exacto das ruas e praças por onde se tem de passar, para se poder visitar este estabelecimento de caridade, e dar algumas voltas no passeio, não vos saberei eu dizer, com temor de que algum genovês irritado me lance em rosto a minha inexactidão, ou a minha pouca memória.

O que posso assegurar é que subi por uma magnífica escadaria de mármore preto, e que descobri da iminência, aonde está construído o passeio, um dos mais mimosos e agradáveis panoramas, que tenho visto em minha vida.

O passeio é simplesmente um passeio, com belas árvores, e ruas formadas e divididas por diferentes arbustos, uma parte talvez no género inglês, se me não engana o pouco que sei da ciência de floricultura, e jardinagem. Também não podemos repetir os nomes mais ou menos latinos, de que se serve a botânica, para desafeiçoar a imaginação do culto do reino vegetal. A respeito de flores, gosto de lhes aspirar os perfumes, de lhes admirar as cores, mas prescindindo de lhes saber o nome científico. São palavras que têm muitas sílabas, e que esgotam o pulmão, se por acaso tentámos pronunciar-las duma vez.

Este passeio não é grande, longe disso; mas está calculado para se poder nele respirar, durante os dias calmosos, e as noites tépidas do estio: deve ser belo, numa noite de luar, ver reflectida a lua nas azuladas águas do Mediterrâneo, alagando de luz aquelas verdes montanhas que se projectam, estreitamente abraçadas, até se perderem no horizonte.

Ao lado é que se descobre o suntuoso edifício do Albergo dei Poveri. A sua construção teve princípio em 1655. Emmanuel Brignole foi um dos que mais concorreu para que este monumento se completasse. Só duma vez ofereceu cem mil liras de Génova, quando por falta de dinheiro, se iam suspender os trabalhos.

A fachada tem a base toda edificada segundo o estilo toscano: no corpo principal, as decorações pertencem à ordem coríntia. Nota-se ali um fresco de Giambatista Carlone, que representa os protectores da cidade.

Possui um grande número de estátuas, de diferentes autores, de secundária reputação, dedicadas aos que mais beneficiaram aquele estabelecimento. Os nomes ainda hoje reluzem entre os da aristocracia genovesa: é António Grillo; Giusepe Durazzo, Setimia Palavicini, Maria Spinola Grillo, Filippo Ferretto, e o advogado Gandolfi.

Emmanuel Brignoli ofereceu um quadro, atribuído a Puget, da assunção da Virgem, que está na igreja.

Existe também na igreja um baixo-relevo em mármore, que se supõe de Miguel-Ângelo-Buonaroti, e que pelo menos, é de um merecimento artístico superior. É Nossa Senhora com o filho morto nos braços. Levei muito tempo a contemplar aquela severa e dolorosa composição, que o cinzel não abriu só com a imaginação e o talento, mas com a fé.

E depois, eu não sei que gozo melancólico e triste existe em nós, homens do cepticismo quando nos extasiamos diante das obras, que as almas crentes de outros séculos avivaram com o mágico esplendor da esperança!

Eram eles que faziam obras duráveis e grandiosos monumentos, porque lhes não pesava no coração a dúvida do seu futuro destino. Nós, somos os homens da prosa, dos prazeres materiais, e do movimento febril. Queremos rasgar os ares com a rapidez do caminho de ferro, queremos sujeitar a natureza, usando das suas forças, em nosso benefício. Não é a arte, é a indústria, a rainha do século. E por isso, esta sombria agonia, que acomete o espírito, quando se vê perseguido da sinistra ideia do nada, não se revela se não nos hinos desesperados, e nas tremendas imprecações da poesia. A arte moderna é sensual e pagã. O ideal, o verdadeiro ideal das gerações desvanecidas, e do culto cristão, esvoaça solitário sobre as agulhas das grandes catedrais, e não pousa na terra, que a terra está órfã de esperança.

E que importa? Em vez de prantearmos o passado, preparemos o futuro: se a vida do homem, como a vida da humanidade é uma contínua luta, é louco o que se assenta sobre as ruínas, dizendo que a existência é um amargo pungir, a ciência uma mentira, e a glória uma quimera.

A morte passa como um relâmpago, e já Lutero disse no cemitério de Worms: *Invideo, quia quiescent.*

Para visitar as setenta igrejas, sem contar as capelas e oratórios, que existem em Génova, seria necessário muito tempo, e um certo fervor católico, que não é hoje muito vulgar nas almas arrefecidas do nosso século.

Não houve santo, na folhinha, de um certo vulto, acho eu, que escapasse a estas invocações religiosas. Génova – *a soberba* – torna-se humilde em presença do céu. As cidades são como os indivíduos: julgam-se absolvidas com estas demonstrações, como os outros *testando à alma*, ou fundando uma capela.

Deixemos esta questão quase teológica. Estas matérias não são o meu forte. Considerando céptica e mundanamente este facto, direi que Génova seguiu a moda do tempo, Feliz moda debaixo do aspecto artístico: se não fosse ela, como poderíamos hoje admirar tantas obras primas de pintura, escultura, e mesmo de labor mecânico?

Num passeio que demos, vi eu o tal palacete dedicado à memória de Cristóvão Colombo. É construído com uma simplicidade verdadeiramente antiga. Nem se recomenda pelo tamanho, nem pela profusão dos ornatos. É concisamente belo, como essas ruínas que nos restam da Grécia de Péricles, e de Alcibíades.

A quem pertenceu esta ideia, tão generosamente patriota? A dois pobres homens da plebe, enriquecidos de repente pela herança de um desses tios das Índias, de que tanto têm abusado os fazedores de melodramas, e de romances, lacrimosos e patéticos. É este um facto, que denuncia as tendências de um povo. Génova, ou se veja tutelada pela aristocracia, ou dominada representativamente pelo governo sardo, nunca poderá curvar-se de boamente à sua situação política. As suas aspirações são democráticas, e não compreende as bastardas transacções, com que se rebocam as classes apodrecidas, e se ampara a queda de símbolos degenerados e perdidos na opinião.

O mármore do edifício lá estava cravejado de balas, poupadas em Novara, quando se tratava da independência italiana, despendidas prodigamente em Génova, quando se tentava esmagar o povo, e calar-lhe o grito espontâneo, e generoso. Os donos da casa, ardentes patriotas, conservam-nas como um troféu. Fiquem ali muito embora, para lembrar perpetuamente a dívida contraída, e que deve ser tarde ou cedo paga!

Vamos à catedral – aonde há muito que ver, e aonde um homem se esquece de todas estas preocupações políticas, que mais ou menos nos despontam na imaginação.

A fachada é construída em duas épocas principais, diferença facilmente perceptível; uma parte em 1100, e a outra em 1523, durante a magistratura do doge Otaviano Fregoso.

Há três estilos dominantes e que retratam as épocas: o bizantino, o italiano da meia idade, e o grego moderno.

Dizem, e é pelo menos de crença implícita para os fiéis, que as cinzas de S. João Baptista existem na Catedral. Na capela destinada ao precursor, se admira a sua estátua, e a da *madona*, e do menino, têm no pedestal o nome do autor – um grande artista!

Mal podemos lançar os olhos para as pinturas, mais ou menos estimadas, mas aonde se não encontra obra de nenhum dos principais da arte. Era Veneza então que triunfava, e pagava, a peso de ouro, os pincéis de Ticiano, de Tintoretto, e de Veronese.

Partimos para o Palácio Serra, extenuados, sinceramente, por tanto acatamento religioso e cristão. Queríamos ver uma Vénus, presenciar os saltos dum fauno, afagar as madeixas de uma bacante furiosa, sentir e ver alguma coisa de profano, aproximar-mo-nos da terra, que já não tínhamos fôlego para subir mais alto, nos esplêndidos espaços da adoração.

Para fazer ideia da magnificência, é necessário dar um passeio pela *Strada Nuova*. É a rua dos palácios: cada qual mais majestoso, mais imponente, mais soberbo, com as suas fachadas, com as suas entradas suntuosas, com os seus estuques e mármore.

O que é de notar, é que as antigas famílias que os possuem, não os habitam. Vivem mais longe, desterradas em más casas, como se julgassem indignas daquele esplendor.

É longa a lista destas habitações, verdadeiramente reais, que faziam dizer a M.<sup>me</sup> de Staël, que *Génova era uma cidade construída por um congresso de monarcas*.

É o Palácio Reale, na *Strada Balbi*. O Palácio Adorno, na *Strada Nuova*. O Palácio Ragio, na *Strada del Campo*. O Palácio Spinola, na *Praça di Peliceria*. O Palácio Brignole, vulgarmente denominado o Palácio Rosso, na *Via Nuova*. O Palácio Balbi, na *Strada Balbi*. O Palavicini, na *Piazza dele Fontane Amoroze*. O Palácio Cambiaso, na *Strada Nuova*. O Palácio Negrone, na *Praça dele Fontane Amoroze*. Palácio Negroto, *Piazza del Guastato*. Palácio Gavoto, *vicino al portelo*. Palácio Pandi, *Strada Nuova*. Palácio Doria, Palácio Ragio, Palácio Spinola, Cataldi, Brignole Sale, Gambaso, Palavicini, na *Strada Carlo Felice*. Peloso, Pessaglio, Defierrari, Centurione, Odero, Durazzo, Gavoti, na *Piazza Garibaldi*, e mais outros, que seria longo e fastidioso referir.

Estes marinheiros e comerciantes, que tinham numa das mãos a espada, e na outra o oitante, que combatiam, e negociavam a um tempo, não se despediram da vida, sem atirarem nobremente os seus tesouros ao regaço dos artistas, e eternizarem em mármore a fama das suas vitórias.

Qual será a razão por que em Portugal, a nossa aristocracia, nem deixou de si essa memória? Como é que ela se resignou a esconder as suas riquezas em ignóbeis pardieiros, e que moribunda, abandonada do antigo heroísmo, não quis denunciar ao mundo, que merecera os cantos de Camões, e os capítulos de Barros e de Couto?

Eu respondo, e parece-me não errar no meu juízo. É que a onipotência monárquica cedo absorveu os orgulhos da fidalguia. É que os peitos fortes despiram a armadura, para vestirem a libré de cortesão. Classe eminente, e ao mesmo tempo serva, não era nas mesuras do paço que podia encontrar essa altivez, essa consciência do seu poder, e da sua glória, que dá o desejo grandioso da imortalidade histórica. Morriam contentes vendo o seu nome no *foro grande*, e a sua genealogia no *livro dos costados*. Depois, durante o reinado da dinastia bragantina, era tão remota sempre a influência milagrosa dos feitos antigos... Abanhavam o lume, punham a toalha, ordenavam os manjares, ferravam os cavalos dos seus monarcas; com estes apreciáveis e honrosos deveres, esqueciam-se de tudo – do passado e do futuro: e quando o povo se agitou, não tiveram força para lhe resistir – pactuaram: deixaram-se dominar pelos *mercieiros* e *barões novos*, e não tarda que façam causa comum com eles.

Isso pouco nos importa, afinal: incómodo, e secante, seria, que eu e o leitor ficássemos à porta, a fazer dissertações, quando o digno *cicerone* do Palácio Serra, já abre os dentes num sorriso prazenteiro, e mede com o seu olhar penetrante as nossas fisionomias, para nos calcular a força pecuniária da bolsa, e a generosidade do ânimo.

Entremos.

Dupaty escreveu três ou quatro linhas a propósito desta sala, que resumem a impressão que ela nos deixa, concisa e expressivamente; “O que é a natureza quando se olha por um prisma, eis como é o salão do Palácio Serra. Que espelhos! que pavimento! que colunas! quanto pórfido! quanto mármore! O nome que aqui convém, é a magnificência”.

Afinal, não há memória que retrate essa quantidade de quadros, que se admiram em muitos daqueles palácios. No caos da imaginação, como nas desoladas ruínas de um terremoto, sobressai esta ou aquela figura, e depois tudo se confunde, e quase que se esquece.

Acontece também que as obras dos pintores, estão absurdamente confundidas: os grandes com os vulgares, os engenhosos com os medíocres. Na arte, não pode deixar de haver aristocracia, e pôr ao lado dum quadro de Rubens, e dum retrato de Wandick, duma madona de Guerccino, ou duma cena mitológica de Albano, as obras de Piola, Cambiacio, Carlone, Precacino e *tuti quanti*, parece-nos um sacrilégio.

Não houve decerto bom gosto nestas combinações caprichosas. A aristocracia concedeu facilmente a qualquer artista o direito de colocar o seu nome no *livro de oiro* dos pintores. Ora é mais fácil criar um duque, do que improvisar um artista: e pôr na cabeça a coroa de doge, do que manejar o pincel dos Rafaéis e Giorgions.

O Palácio Durazzo é também um prodígio de opulência, e possui alguns quadros dos mestres de pintura. Existem dois do mesmo nome, e na mesma rua, mas este de que falámos na *Strada Balbi, il primo a destra*, é o que se recomenda mais aos estrangeiros.

Numa das salas há sete quadros de Guido Reni – um S. Pedro d’ Anibal Carachi, Maria e o Menino de André del Sarto, quadro defeituosamente retocado, o que altera o estilo do grande artista.

Na segunda sala há um quadro de Guerccino, os *Fariseus apresentando o dinheiro a Christo*, e outro que se lhe atribui também. Admira-se uma meia figura da Madalena, devida ao pincel de Ticiano, mas mexida pelos *restauradores*.

Noutra sala há três ou quatro quadros de Wandick, o retrato de Filipe IV de Rubens, *Psiché, e o Amor dormindo* de Miguel Ângelo Buonaroti, dois quadros de Ribera (Spagnoletto) e *Cérès, e o Amor* de Ticiano.

Eis o que sinceramente eu posso dizer dos monumentos de Génova. Ouvi uma missa na Anunziata, que é uma igreja opulentíssima de ornatos, e cujo tecto é todo recamado de ouro, mas nada observei de coisas d’ arte, dentro deste magnífico edifício.

Havia tão belas *madonas* vivas, de olhos negros, e mantilha branca, que escusei implorar a admiração doutra parte que não fosse da natureza encantada e palpitante.

Foi uma missa artística, e musical. Um regimento saboiardo entrou de barretina na cabeça, e banda militar na frente; ouvi trechos do *Nabuco de Verdi*, e vi que os olhos das genovesas olhavam mais os bigodes louros dos oficiais, do que a estola do padre, e o livro da missa. Pecados veniais decerto, que uma modesta *ave-Maria* rezada com contrição, resgata decerto sem a mínima dificuldade.

Quero-vos falar também dum monumento que eu vi, ainda expendido de majestade, apesar da devastadora influência do tempo: a aplaudida *prima-dona* T\*\*\* T\*\*\*, que em Lisboa mereceu tantas ovações entusiásticas, e tão rasgadas demonstrações de paixão delirante e frenética.

Que olhos aqueles – santo Deus! – e como iluminavam a sua fisionomia pálida, e já assinalada daquelas rugas indiscretas, que proclamam que já se passou a linha fatal da vida da mulher – os trinta anos!

Retirara-se do teatro, e vivia, perdoem, se talvez levanto um falso testemunho, com um certo *marcchese*, que não era nem seu irmão, nem seu primo, nem seu padrasto, nem seu

tio, nem mesmo seu compadre, e que por conseguinte desconfio muito que fosse... seu amante.

A palavra é tão doce, que absolve seguramente a imoralidade da ideia. O que havia de fazer *la povereta*, com aqueles olhos cintilantes, com aquela cintura de vespa, e aquelas mãos de uma palidez, e de uma elegância tão sedutoras?

O marquês, que pertence a uma das primeiras famílias de Itália, não tinha nascido também para representar outro papel neste mundo. Há homens que se criaram para *amantes*, como o cipreste para dar sombra aos túmulos, e as roseiras para enfeitar os jardins.

Eram onze horas da manhã, – e admirem os que me conhecem, como eu sou madrugador durante uma viagem! – quando fomos encontrar a bela *prima-donna* em *toilette* de manhã, quebrando com a ponta dos dedos a epiderme de dois ovos quentes, e roendo melindrosamente, que não era trincar aquilo, umas fatias imperceptíveis de pão torrado.

Como nos falou de Portugal! Como nos perguntou por tanta gente conhecida! Como indagou quem havia casado, ou quem tinha ficado solteiro!... Naquela ocasião, parecia haver voltado à aprazível e *confessável* idade em que havia debutado nas taboas de S. Carlos.

Oh! inconstância e decepção das coisas humanas! Os *estroinas* do seu tempo eram agora ventrudos, e graves pais de família: os que passeavam uma cabeleira negra volumosa e superfinamente anelada à *S. Simon*, não tinham já um cabelo na cabeça, ou quando muito, ocultavam os estragos do tempo com o sacramental *chinó*: outros, haviam-se arruinado de fortuna, o que não é caso muito frequente: as damas, as mais volúveis, as mais caridosas, haviam-se de todo despedido dos prazeres da vida, do *mundo*, do *diabo*, e da *carne*, e confessavam-se todas as semanas, e ouviam missa todos os dias. Luxo de consciência, porque não é na quadra de arrependimento, e quando se cometem poucos pecados, que se precisa ir tão frequentes vezes ao tribunal da penitência.

Se ela voltasse a Lisboa, e visse os seus antigos conhecimentos, repetiria mais uma vez o sabido conceito das Escrituras: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas!*

O que me determinou a sair de Génova, além do desejo de acompanhar os meus amigos, foi o ir a um *hotel* pedir a lista, e ler em grossas letras:

*Ox-tail soup.*

*Fish of every sort.*

*Rump-steak.....*

.....



Nunca enjoiei, na minha vida, mas naquele momento tive todos os sintomas que dizem acompanhar esse terrível incômodo do viajante.

A vista de um inglês, causa-me sempre tristeza. A língua inglesa produz-me invariavelmente *spleen*.

Era tempo de deixar Génova, e de partir para Milão.

Os *lords* ingleses viajam mais frequentemente em Roma, e Nápoles, e enterram-se invariavelmente no cemitério do *Campo Santo de San Spirito*, em Florença. Tinha esperança de não ouvir zunir esse desagradável idioma aos ouvidos, e de não ver muitas daquelas caras graves, e sérias, engravatadas com solenidade, e de presenciar os seus gestos, debruados da inevitável luva branca, ou *jaune*.

Ó bela Itália, terra da liberdade, e da elegância descuidosa, aonde as mulheres sorriem quando querem, aonde os homens falam, andam, e cumprimentam com tanta afabilidade e franqueza, para que caíste em graça aos ingleses, que deixam nos teus risonhos dias um rastro dos seus nevoeiros eternos, nos teus costumes alguma coisa do seu tremendo *improper*, na tua língua alguns dos seus sons ásperos e satânicos?

Até na lista de um *hotel* te encontrei, *ó fiel aliada* do meu país!... E por isso, prepara-te, diligência, que fujo do sopro inglês, e vou admirar os róseos lábios, ou dourados cabelos, e os olhos languidamente azuis das formosas lombardas.

VII.  
DE GÉNOVA A PAVIA

Perdoem-me todos os que viajaram, viajam, e hão-de viajar, a *diligência* foi para mim uma sensação nova, e um martírio que espero que me hão-de levar em conta, no apuramento definitivo dos meus pecados.

Entrei às duas horas da tarde, e saí às cinco horas da manhã do dia seguinte!

Estive quinze horas, quase sem interrupção, embocetado, fechado, engaiolado dentro de um veículo, e não quebrei sete vidros, e não afoguei um dos postilhões, e não estrangulei qualquer dos meus companheiros de viagem, e não arranquei a cauda a nenhum dos tísicos rocins que nos conduziam... Ó prodígio não vulgar de virtude!

Esgotei todas as pragas algarvias que sabia de cor, isso é verdade: acotovelei um inofensivo velho, que devia pernoitar em Tortona, e que ressonava, como uma cobra de cascavel assobia; deitei a língua de fora, e fiz caretas a todas as mulheres que encontrava: cantei como um endemoninhado, e no fim dormi como os outros, pelo poderoso contágio do exemplo.

Na diligência dorme-se: a diligência foi feita para dormir, e quem não poder dormir, não tem remédio senão roer as unhas, fumar se lho consentirem, e pisar os calos aos vizinhos, se o fumo os incomoda, e não lhe permitirem usar desse direito natural na civilização moderna.

Ó diligencia, tu é que me fizeste conhecer que na vida não há meio-termo: ou ser milionário, ou *lazzaroni*: ou poder viajar em carruagem própria, ou andar a pé, de trouxa ao ombro, *flanando* como um estudante pelas estalagens, e beliscando a face rosada de alguma cozinheira, mais afeiçoada aos sete pecados mortais, do que aos mandamentos da Lei de Deus.

Quinze horas! E comprar em Voghera umas fatias de presunto, e beber em Novi um copo de vinho-vinagre, como é o da Itália do Norte, e ter de deitar a cabeça pelo postigo para ver as montanhas figuradas ao longe, e fumar um mau charuto, e ouvir a todas as *mudas* o postilhão pedindo o *pour boire*, naquele dialecto genovês, que afirmo haver cometido mais de um adultério com a minha eterna inimiga, a língua inglesa!... *Corpo di Bacho, sangue di Christo!* valha-me o mais frenético *bestemiar* da língua italiana...

Chegámos às cinco horas da manhã a Pavia, e apenas pus pé em terra, deitei a correr para o *Hotel da Lombardia*, que fica mesmo pé do teatro da cidade, mergulhei a cabeça dentro d'água, e quis passear enquanto se nos prepara o almoço.

Mas que encantadora aparição me demorou! Duma elegante carruagem de viagem vi descer duas mulheres, uma de meia idade, a outra moça, e fresca como... vá lá uma comparação velha e relha, mas exactamente aplicável neste caso! – como um botão de rosa, que desabrocha fresco e úmido numa manhã de Abril!

E estando defronte do castelo dos Visconti, aonde ficou prisioneiro Francisco I, depois da batalha de Pavia, julguei que era uma castelã perseguida por algum *condottieri*, e tomei eu as proporções de um vingador de *tuertos e agravos*.

Quem há ali que não faça de D. Quixote milhares de vezes, nos silenciosos impulsos da sua imaginação?

Caí na realidade. As madeixas louras do seu cabelo estavam amoldadas dentro das abas de um chapéu à *Stuart*, e eu em vez de capacete, agitava nas mãos um gorro vermelho turco.

Adeus poesia! Com estradas lisas, caminhos de ferro, gendarmes, e agiotas, é perder a esperança das aventuras!

E navega a gente na vida como sobre uma coberta de veludo: e sem mesmo espreitar o que fazem as damas, parte a examinar os canais, as comportas, e pisar o terreno, aonde se deu essa sanguinolenta batalha, que tornou cativo um rei de França.

A primeira coisa que vi apenas saí do *hotel* foi um anão risonho, e de agradável fisionomia, arranhando grotescamente as cordas de uma viola. Não tomei o encontro como um mau agouro, porque em Itália o género anão abunda, talvez por um daqueles admiráveis caprichos da natureza, que cansada de produzir o belo, também não desdenha de conceber o ridículo e o hediondo.

Depois parei um momento a contemplar as ameias do castelo dos Visconti, monumento admirável que marca um dos episódios dessa grandiosa luta entre os dois gigantes do século dezesseis – Carlos V e Francisco I.

Como a imaginação se me embebeu de repente naquelas cenas majestosas, que me haviam produzido tanto entusiasmo, e tanta indignação, feito derramar tantas e tão amargas lágrimas, quando era criança!

Esta animosidade alimentada dum lado pelo génio aventureiro de Francisco I, e do outro, pela doblez política de Carlos V, durou vinte e oito anos!

Ironia e decepção dos acontecimentos humanos! Francisco I morreu em Rambouillet, vítima da devassidão de seus costumes: Carlos V, em S. Just, minado pelo cansaço da sua ambição insaciável.

Pavia é célebre sobretudo pela sua universidade, tão turbulenta na idade média, quase como a de Paris, e que tem dado, nos tempos modernos, o seu contingente de gloriosos mártires pela causa eternamente justa da independência e liberdade italiana.

Estava fechada naquele momento aos estudos acadêmicos, mas abriu-se à nossa curiosidade, pelo influxo poderoso de alguns francos habilmente repartidos pelos seus sedentos *ciceronis*.

O gabinete de anatomia afirmam ser riquíssimo, e eu, completamente hóspede nas ciências médicas, pareceu-me que esta afirmação nada tem de atrevida nem de inverossímil.

Eu não sei que haja espectáculo, que abata mais o orgulho humano, engrandecendo ao mesmo tempo o poder misterioso dessa causa final a que chamamos Deus, do que a exposição dos segredos da anatomia humana.

É a negação do belo, a soberania da morte e do nada, a glorificação hedionda de uma ciência indiscreta, e ímpia, que nos rasga as ilusões, sem piedade nem misericórdia.

O crânio de Abeilard, ali, diferenciar-se-á do de um hotentote, pelo acaso de uma curva, dificilmente apreciável a primeira vista. A bossa da *amactividade* de *Heloisa*, talvez não desdiga muito da do Marquês de Sade. O médico ou é fanático, ou ateu: aquele exame ou nos aproxima do céu, ou nos faz renegar da imortalidade.

Há sobretudo na última sala, me parece, exposto um exemplar do corpo de uma mulher, em cera, notavelmente belo, expressivamente concebido pela imaginação do artista. É uma virgem pálida, com os olhos cerrados pela morte, com os cabelos loiros pudicamente estendidos pelo colo, com os lábios entreabertos tão suavemente, que dir-se-á que o último sopro da vida foi apenas um suspiro de amor, ou de saudade terna e resignada.

Ficais parado, admirando com sincera comoção aquele cadáver, que parece haver adormecido num pensamento celeste: mas dura breve este *extasis*: a mão do guarda levanta um pano que a cobre a meio corpo, e vedes as entranhas daquela bela virgem, repugnantemente representadas, e asquerosamente exactas: as exigências da ciência matam as impressões da arte.

Não me admira que em certas eras, se perseguissem os cultores da medicina. A vista dum gabinete de anatomia tem alguma coisa de infernal e de repugnante. Crânios simetricamente dispostos de um lado: entranhas embalsamadas, certos órgãos conservados dentro de vidros, esqueletos inteiros doutro lado: e ali o princípio da igualdade é ainda mais sinistramente verdadeiro do que num cemitério: o crânio do sábio está colocado junto do crânio do assassino: a cabeça virginal, que talvez não fosse perturbada por um pensamento voluptuoso, repousa ao pé da cabeça ardente, devorada pelas impressões do vício, e da devassidão. Sai-se com um ataque de *spleen*, corre-se a pedir aos esplendores da natureza, e da arte, um sopro que nos reanime o coração, e nos salve do abatimento moral.

E como era belo aquele dia de outono, como estavam viçosos os prados, como aquele ar puro se respirava com prazer, e com delícias! A Lombardia é uma vasta planície, sempre verde, bordada de canais, e de escavações de irrigação: se a natureza é monótona, se a vista não abraça a perspectiva encantadora das montanhas, tudo se desculpa, quando nos lembrámos da prodigiosa actividade, da incansável indústria, que enriquece e desenvolve essa população, comparativamente, a mais numerosa, talvez do mundo.

Foi nos arredores de Pavia, que o génio enciclopédico de Leonardo de Vinci traçou e edificou a primeira comporta!

Como era poderosa e vasta aquela inteligência soberana, que lia no céu os segredos dos astros, que imaginava a concebida na terra as mais ousadas construções, que com a mesma mão com que revelava ao papel as impressões da sua alma, imortalizava na tela os sonhos do seu ideal.

Leonardo de Vinci morreu nos braços de Francisco I. Belo assunto, para um pintor inspirado: representar o génio expirando no seio de glória!

E aqui me lembra contar uma anedota, que eu li há muito tempo, e que segundo o ditado italiano, *si non è vera è bene trovata*.

Ninguém ignora que uma das obras primas de Leonardo de Vinci é o retrato de *Lisa del Giocondo*. Ora, o original deste retrato existia, e afirmam que Francisco I, que o comprou pela soma considerável de quatro mil escudos, empreendeu a guerra do Milanês, menos pelos frágeis direitos de sua avó Valentina de Milão, do que pelos belos olhos de uma certa dama milanese, de que lhe haviam gabado a formosura. Não seria impossível que essa dama fosse *Lisa del Giocondo*, e que o painel de Leonardo de Vinci, acendesse inocentemente uma guerra que tão renhida e disputada se tornou, com o andar dos tempos.

Quem tem tido a desgraça de andar envolvido nas coisas políticas, sabe que os maiores acontecimentos dependem, às vezes dos mais insignificantes motivos: e demais Francisco I possuía pelo belo sexo um desses cultos inconsiderados, e ardentes, que nos conduzem ao heroísmo, ou à infâmia: em certos casos, a ambas as coisas, a um tempo.

Francisco I e o *tout perdu fors l'honneur* – veio-nos à memória, quando estendemos a vista pela vasta planície que rodeia a cidade de Pavia. Aquela vegetação viçosa, e verdejante, alimenta-se – quem sabe? das cinzas de mil heróis!

A imagem da guerra, ainda assim, vigia sempre sobranceira e ameaçadora, sobre as impaciências de liberdade, e as aspirações de independência, que palpitam no coração dos lombardos. Vimos reluzir os sabres dos *hussards* húngaros, que em número de trezentos, faziam admiráveis manobras de cavalaria, com aquela precisão e velocidade, que os recomenda na arte da guerra.

E não admira! aquela língua fez-se para o cavalo, e se os cavalos falassem, não podiam deixar de falar aquela língua! É um abuso de consoantes, determinado em sons de garganta, em sílabas ásperas, que arripiam o nosso ouvido meridional, acostumado aos vocábulos melodiosos e às construcções musicais.

E todavia, naqueles rostos de um branco deslavado, naqueles cabelos louros, crespos e grossos, naqueles torsos, duramente afeiçoados, não há ainda um não sei que do antigo bárbaro, quando se arremessava, nu e delirante, às falanges romanas?

Eis o grande perigo da civilização moderna! A obediência militar exercida sobre aquelas populações, mal libertas ainda das faixas de uma eterna infância, concede uma força desmedida aos velhos poderes, ao espírito da opressão e do despotismo. Esses homens máquinas, que não se entusiasmam por um princípio, que os não alenta uma grande ideia, vão tornar-se um instrumento tremendo, em nome da disciplina, e nas mãos do governo monárquico.

Voltemos para Pavia, que a vista dos soldados deu-me um destes ataques de ira, e de rancor democráticos, que me fazem arder a cabeça, e me extenuam o sistema nervoso.

Admiremos a fachada da igreja de S. Francisco, que pertence ainda às eras da média idade: e partamos para o *hotel della Lombardia*, a ver se o aspecto da gentil viajante me dissipa este acesso de mau humor político.

Quando avistámos as veneráveis ameias do castelo dos Visconti, tomei eu um aspecto solenemente heroico, cruzei os braços, ergui a cabeça, e exclamei: “Francisco I disse: *Tout est perdu, fors l’honneur*!” eu digo neste momento: *Tout est perdu, fors l’appétit*.

Eram quase dez horas, e os movimentos da diligência repetiam-se-me agora no estômago com uma vivacidade incrível. A *bête* ia tomando uma notável superioridade sobre a sua inevitável companheira: *l’âme*. Escuso dizer-vos que esta espirituosa distinção é de Xavier de Maistre.

Era um almoço no género italiano, e por ele só, se podia calcular o grau da civilização deste país. Quando a arte culinária chega a um certo ponto de perfeição, é evidente o adiantamento da nação, aonde ela floresce. Homero pintando-nos Agamemnon puxando pela perna de um boi assado inteiro, denuncia melhor assim, por aquele simples facto, os tempos primitivos da sociedade grega, do que por longas dissertações ou sublimes apóstrofes.

As vinte ou trinta espécies de salame, o presunto cortado em fatias imperceptíveis, os *funghi trifolati*, as deliciosas frituras, numa cidade de segunda ordem, podiam deixar de converter o meu coração, e a minha cabeça ao génio italiano, mas decerto seduziam sem remissão o meu estômago.

Não que eu exagere este culto pela mesa até à incrível obstinação gastronômica de um inglês. Já vistes um habitante da Grã-Bretanha mascando um *ortolan aux truffes*, ou saboreando lentamente um copo de Madeira ou Porto, com um sem número de gestos de aprovação silenciosa?

Se isso vos não produz um ataque decisivo, intenso de *zanga*, possui nervos de uma milagrosa condescendência moral. Felizmente nem a sombra de um inglês veio incomodar esta refeição apetitosa, alegremente finalizada pelas libações de um vinho de Asti *spumanti* que é, a meu ver, o único vinho da Itália do norte, que pode ser apreciado por um paladar, costumado aos deliciosos vinhos da Península espanhola.

A cidade estava triste, e quase deserta. Assim como uma campina viçosa, quando o nordeste requeima as plantas, e as amaralece ao seu contacto devorador, tal se nos representa uma revolução baldada e desditosa, sobre o espírito de uma população.

Pobre Itália! Ontem tão animada de esperança, tão fervente de entusiasmo, tão audaz nos desejos, tão temerária nas lides da guerra: hoje, vendo o penacho do croata roçando as pedras dos seus monumentos, e o mosquete do austríaco ameaçando as suas aspirações generosas de independência e de liberdade!

Oimè quante ferite  
 Che lividor, che sangue! oh qual ti veggio,  
 Formosissima dona! Io chiedo al cielo  
 E al mondo: dite, dite;  
 Chi la ridusse a tale? E questo é peggio  
 Che di catene ha carche ambe le braccie;  
 Si che sparte le chiome e senza velo  
 Siede in terra negleta esconsolata  
 Nascondendo la faccia  
 Tra le ginocchia, e piange.<sup>15</sup>

.....  
 .....

Chora! Chora! ó minha Itália, que não tarda o dia em que mãos robustas te enxuguem o pranto, em que a tua face vergonhosa se mostre radiante pelo esplendor de uma ideia, em que, livre e poderosa, entoes o canto imortal da emancipação democrática!

Essas lágrimas não são perdidas, porque engrossam a corrente da revolução, e vão marcar com traço indelével a frente dos teus opressores.

Ó minha Itália, ouve o que o grande tribuno disse do exílio, que é o trono de glória da sua incansável dedicação: “Mais vale uma hora de comunhão num grande pensamento com um povo que ressuscita, que uma existência inteira na solidão de um trono ameaçado por uns. E desprezado por outros”.

Crê e espera!

---

<sup>15</sup> Trecho da canção *All'Italia*, de Giacomo Leopardi.



## VIII. A CARTUXA DE PAVIA

Devíamos aproveitar o tempo que tínhamos para ver ainda uma das maravilhas da Lombardia – a Certosa – edificada por João Galeace Visconti, que fica a pouca distância de Pavia, cinco milhas, acho eu, e a dezessete de Milão.

Partimos numa carruagem que, segundo a descrição de Alexandre Dumas, deve assemelhar-se muito ao *corricolo* de Nápoles. Ao cocheiro entre parêntesis, faltava-lhe um olho. O cavalo não era dotado daquele excelente humor dum cavalo de posta. Mais duma vez sofreu áspera correcção do seu dono, e os mais enérgicos epítetos no dialecto milanês.

Encantadora estrada! Viajávamos entre dois canais, avistando campos esplêndidos de vegetação, e contemplando de espaço a espaço, brancas e agradáveis habitações, distribuídas de um e outro lado da estrada, como as sentinelas perdidas daquela admirável civilização, que se desenvolve, sem ter de horrorizar-se dessa chaga das nações opulentas – o pauperismo e a miséria.

Parece-me mesmo que no estado em que estão as estradas, na situação agrícola e industrial daquele país, não se viaja, passeia-se, sobretudo na estação amena do outono.

Chegámos finalmente defronte da fachada do mosteiro. Eram três horas da tarde. Hora da sesta. Estava tudo deserto. Viam-se apenas as aves domésticas vagando pelo largo espaçoso que se estende do lado direito. Ouvia-se o murmúrio uniforme do relógio, único documento de que a vida corria, imperceptível e monótona. Doutra modo poder-se-ia imaginar que a existência ali parara totalmente.

Quem não desejou, nas horas amargas, ser monge, e morrer para o mundo, vivendo para a solidão, e para o pensamento! Quem há aí que desgostando-se de fáceis prazeres, com a alma morta para todo o impulso de glória, para toda a emoção de amor, se não imaginasse vagando com os monges de S. Bernardo, nas neves eternas das montanhas, perante as magnificências daquela natureza, que domina os acanhados limites da terra!

É que a igreja está edificada num sítio afastado, como se houvesse fugido do tumultuar das turbas; como se desejasse que os cânticos dirigidos a Deus, não fossem perturbados pela voz das paixões, e dos interesses dos homens. Tudo convida ao recolhimento e à meditação. Aquelas paredes, já amarelecidas pelo tempo, infundem n'alma esse supersticioso respeito,



Figura 4. Cartuxa de Pavia

Disponível em: <http://www.sceltedigusto.it/public/index.php/sulle-orme-di-archestrato/eventi-a-sagre/734-certosa-di-pavia-torna-il-farmers-market-con-le-tipicita-pavesi>

que possuímos pela memória das gerações finadas: e se depois nos lembrámos que ali repousa, de mãos cruzadas sobre o peito, como em constante oração, a estátua do seu fundador, ainda mais se nos gravam no coração as impressões de veneração ao passado.

É que João Galeace Visconti, que elevou este magnífico monumento, que é uma das mais belas igrejas de Itália, tem razão de estar representado em piedosa concentração religiosa. Foi criminoso e muito: e nem todos os feitos do seu heroísmo, e nem todas as esplêndidas criações do seu génio religioso e guerreiro, podem apagar as manchas da sua vida.

João Galeace Visconti, senhor de Pavia, e conde de Vertus, (este último título obtido pelo seu casamento com a princesa Isabel, filha de João II, rei de França) apoderou-se pela surpresa dos estados de seu tio Barnabé, e encerrou-o, a ele e a seus filhos, no castelo de *Prezzo*, aonde se desconfia o ter-se desfeito deles pelo veneno. Este foi o primeiro duque de Milão, e com consentimento do imperador Wenceslau, tomou o título em 1396.

Nesse mesmo ano, em 8 de Setembro, é que começou a fábrica deste suntuoso templo. Parece que lhe foi sugerida por Catarina, filha de seu tio Barnabé, e sua segunda esposa. O mais provável é que fosse para expiar o crime, que o duque se resolvesse a ter propício o céu, por este meio, facilmente acreditado infalível naquelas eras de fanatismo religioso.

Recebeu-nos à porta um monge, de cara beatificada, e poderá dizer, sem ofensa da ordem de S. Bruno, que eu muito respeito, com maiores laivos de simplicidade e curteza intelectual, do que de *extasis* e elevação religiosa.

Era o tipo do leigo, nem gordo, nem magro, – nem rosado, – nem pálido, nem com a fisionomia hipócrita do Ambrósio Lamela de *Gil Braz de Santilhana*<sup>16</sup>, – nem com as feições irreverentes, e profanas de tantos que nós conhecemos por aí, que depois da revolução liberal, lançaram *le froc aux orties*, cantam modinhas e recitam poesias galantes por casas particulares.

Para dizer melhor, e fazer escapar o leitor às torturas de uma longa dissertação, era um destes entes, que vem ao mundo sem saberem porque, e que morrem sem indagarem, em meditações preliminares, se a sua alma gozará da bem-aventurança nos coros celestes, ou será devorada vulgarmente pelos vermes imundos do cemitério.

Para escapar às perguntas, a que naturalmente qualquer viajante submete a sua parca ciência, vendeu-nos por não sei quantas liras milanesas um pequeno livro que trata

---

<sup>16</sup> *Gil Braz de Santilhana*, novela francesa de Alain-René Le Sage.

exclusivamente da *Cartuxa*, e que nos dispensou, é força confessá-lo, de enchermos algumas folhas de papel de apontamentos escritos a lápis. A fachada começada em 1453, cinquenta e um anos depois da morte do fundador acontecida em 21 de Agosto de 1402, foi feita sobre os desenhos de Ambrósio Fossano, por alcunha o *Borgognone*. A época denuncia que se devia afastar do estilo gótico, e entrar um pouco nos domínios da renascença. Efectivamente comparando este edifício com a igreja edificada por Bramante, que eu depois examinei em Milão, conhece-se o parentesco dos géneros, e que já a arte grega, e romana dominavam a inspiração do artista. Entretanto, é necessário confessar que o gótico ainda se reconhece predominante, sobretudo na parte superior do templo.

As estátuas que guarnecem os diversos nichos pouco interessam, porque seria necessária a vista de um lince, para lhes descobrir os defeitos ou as perfeições. As sessenta medalhas de mármore de Carrara, que se estendem no envasamento, essas são executadas com muita delicadeza, e têm o mérito de representarem as cabeças de imperadores e reis romanos. Escolha de assunto, que denuncia já a influência da antiguidade sobre aquele século, que devia aproximar-se pelos Bramantes, Vinci e Buonarotis, pelos Rafaéis, Giórgions, e Ticianos, das mais belas criações do génio antigo.

Existem também espalhados em toda a extensão, e altura da fachada, na parte inferior, uma quantidade infinita de baixos relevos, que reproduzem assuntos da escritura: pertencem a autores secundários, cujos nomes como de razão, acabam em *o* e em *i*, e que eu entrego à importuna minuciosidade descritiva de algum abade, bem ignorante, e bem esterilmente charlatão.

A porta, formada de quatro colunas isoladas, sobre que se sustenta um arco, é admirável pelo aventuroso da arquitectura, e pelo bem acabado de todos os detalhes artísticos. Três baixos relevos reproduzem cenas da história do convento. Um, a cerimónia que teve lugar quando Galeace lançou a primeira pedra do templo: mais acima, a figura de Alexandre III, dando a constituição aos cartuxos: do lado esquerdo, o fúnebre cortejo, que acompanhou o corpo do fundador, em Novembro de 1443, quando se transportou de Malegnano à Cartuxa de Pavia. Ironia e decepção da glória humana! Os restos do onipotente duque perderam-se, naturalmente por desmazelo, enquanto se edificava o túmulo, e talvez estejam confundidos e enterrados Deus sabe aonde!...

À vista disto, de que serve encher o mundo com o brado de um nome, e as páginas da história com algumas linhas orgulhosas, se nem a um pouco de pó a posteridade conserva o culto do reconhecimento, e da admiração?

Para onde atiraram o crânio de Mirabeau, aquele grandioso crânio, donde saiu invencível e armada a revolução de 1789, como a Minerva da cabeça de Júpiter?

Que importa?... O *nada* é tremendo, mas não cogita: as demonstrações da glória, ou as humilhações do desprezo de que valem ao cadáver, que jaz desfeito?

Sigamos este bem monge, que em vez de pensar em tudo isto, lembra-se apenas do momento em que há-de entregar-se às delícias *del pranzo*.

Como é espirituosa, e sagazmente verdadeira aquela bem-aventurança do Evangelho: “Bem-aventurados os pobres de espírito, que é deles o reino do céu!”

DE MILÃO A MONZA



Figura 5. Duomo de Milão

Disponível em: [http://milanotravel.org/milano\\_duomo.html](http://milanotravel.org/milano_duomo.html)

## I.

Eram doze horas em ponto, quando me achei no largo do ‘Duomo’, mesmo defronte daquela soberba fachada, que me usurpou tantas horas de cuidadosa análise, durante a minha permanência em Milão.

Há duas coisas que qualquer milanês vos pergunta sempre se tendes visto: o *Duomo* e o *Lago di Como*. Ora, é deveras uma pergunta escusada: o ‘Duomo’ é uma das construções mais majestosas do mundo; o ‘Lago di Como’ é um dos sítios mais poeticamente encantados que existem sobre a terra.

É mesmo impossível estar uma hora sequer em Milão, sem dar de face com a suntuosa e imensa catedral. Mas perdoa-se esse pleonasma de interrogação ao amor próprio nacional. E é tão sincera, tão despreocupada, tão convicta a admiração que qualquer deles possui pelo ‘Duomo’, que ainda bem não acabastes a resposta, e já ouvis os mais rasgados e expressivos epítetos: *Che beleza! gran Dio! É veramente magnifico!*... e mais cinco ou seis adjectivos, que tão agradavelmente soam na voz melodiosa, e na língua encantadora de um italiano.

As mulheres sobretudo morreriam mil vezes primeiro que arrancassem a mais insignificante pedra é sua igreja adorada. Se o catolicismo tivesse algum dia de perder o seu império, o que eu não acredito, existiria sempre fervente e eterno em Milão, graças ao ‘Duomo’. Qualquer heresia morre de inanição junto daquelas imensas abóbadas, e nem mesmo chega a avistar as graciosas agulhas que flanqueiam e dominam em toda a sua extensão o gigantesco e espaçoso templo.

O sentimento que acomete a alma, quando o olhar se perde naquele vasto edifício, é profundamente melancólico e religioso. A onipotência de Deus revela-se naquele prodígio concebido e executado pela adoração do homem. Não há cepticismo que resista às primeiras impressões de recolhimento e concentração religiosa. Um raio da fé piedosa e cândida das eras desvanecidas aquece a nossa frente, já devastada pelas noites perdidas no prazer, ou sacrificadas ao culto austero da ciência e das comoções políticas.

Naquele momento, e depois de visitas tão [r]epetidas<sup>17</sup>, o meu fervor era exclusivamente artístico. Eu examinava com escrupulosa atenção uma cabeça coberta de véu, esculpida na pedra, logo à direita da porta principal, e que eu classifico como uma maravilha d’arte, apesar de não estar o autor talvez no paraíso das reputações soberanas.

---

<sup>17</sup> No texto base: “epetidas”.



Que delicado cinzel aquele! As feições da estátua transparecem através do véu, e a imaginação recusa-se a acreditar que seja tudo aquilo trabalhado no mármore! Nunca vi a estátua da *'Modestia'* de Canova. Mas julgo que não pode exceder aquela cabeça perdida na multidão de ornatos que adornam a parte inferior deste templo maravilhoso.

Meio-dia e meia hora, e sem chegar o meu companheiro! Começo a desesperar-me: eu que tive a incrível condescendência de quase madrugar, o maior sacrifício que a Providência pode impor-me, verei perdido este sublime esforço, e terei de adiar para outro dia a nossa *partie de plaisir?*

Chegou finalmente, com a carruagem que nos havia de conduzir à estação do caminho de ferro. *Addio, Milano, fino a la notte!*

## II.

Uma estação de caminho de ferro na Lombardia é mais do que um edifício industrial, é um suntuoso monumento. São soberbas e elegantes colunas, que amparam os tectos: os salões de espera adornados de sofás de veludo, com as portas trabalhadas com os mais delicados labores de marcenaria, com espelhos esplêndidos, e paredes cuidadosamente adornadas, não deitariam a perder a reputação de qualquer príncipe abastado, ou de um banqueiro seis vezes milionário.

Eu prezo o luxo: é a aspiração constante do artista, o pensamento predilecto de um democrata moderno. Já passou o tempo em que se apresentavam as eras do *caldo negro* como um ideal de regeneração e de progresso; não se pode desligar a liberdade da civilização, e para resgatar as classes operárias é necessário sobretudo activar e desenvolver os prodígios da indústria e as magnificências da produção.

Saltámos para o *wagon* do caminho de ferro, cuja locomotiva assobiava já impaciente, e partimos.

A primeira vez que um homem se sente impelido com aquela incrível velocidade, tem, a um tempo, o sentimento de um vago terror, e uma inspiração sobre-humana de orgulho.

Dominar simultâneo o espaço e o tempo, fazer desaparecer as distâncias, aproximando os povos e as nações, eis a primeira impressão social do caminho de ferro. Mas que força subtraída à natureza, que prodígio de inteligência, que maravilha d'engenho existe nesta concepção sublime! A antiguidade torna-se pequena, apesar da majestade e grandeza dos seus monumentos, em presença desta revolução imensa concluída pelo espírito moderno.

Há alguma cousa de mágico, de feiticeiro, de profundamente sobrenatural, quando vemos as árvores e as habitações desaparecendo, como por encanto, diante dos nossos olhos deslumbrados. E quando um *humorista* gracioso declara que o 'caminho de ferro' há-de, daqui a tempos, fazer chegar os indivíduos ao seu destino na véspera da partida, exprime nesta exageração paradoxal todos os prodígios dessa invenção, que tem de mudar, em poucos anos, a face do mundo.

Em quinze minutos, com o andamento regular, percorremos as quatro léguas que nos separavam de Monza.

Entrávamos nessa terra histórica, envolvida de recordações, ainda como assombrada por esse meteoro da civilização moderna, que já é para nós quase um homem fabuloso – Napoleão Bonaparte.

Era mesmo numa linda casa de campo, que está próxima a alguns passos do lugar do desembarque, que nos esperava madame S\*\*\* e as suas duas encantadoras filhas.

O dia estava lindo, e nada tinha a invejar aos de Portugal, porque os dias são como as mulheres, quando são bonitas, são bonitas em toda a parte, em todos os climas, debaixo do manto de todos os firmamentos.

Monza é um dos sítios aonde o mundo elegante de Milão toma ares de campo. Um espaço largo que se desenvolve logo ao princípio da cidade estava cheio de soberbos trens, e de um imenso concurso de homens e senhoras que ‘charleavam’ com aquela despreocupada intimidade vulgar na Itália.

Que bela raça é aquela lombarda! Como o tipo do norte se modificou pelo influxo dos costumes e do sangue do meio-dia! Fomos apresentados a uma senhora, um pouco morena, e com os mais lindos e rasgados olhos pretos que é possível imaginar: a própria Andaluzia baixaria os seus de despeito, diante dos olhares ardentes e lânguidos, que pareciam suspensos nas longas e acetinadas pestanas, mas que ainda assim, tinham toda a petulância, toda a vivacidade apaixonada, que enlouquece os que têm visitado Cadiz, Sevilha, Córdoba, ou Granada.

Eis os contratempos morais de uma viajante que tem de calcular dia por dia, a sua permanência em um país estrangeiro. Via uma linda mulher, podia apaixonar-me por ela, exactamente como um herói dos romances de Scudéry, ‘à simples vista,’ e não me era permitido, ao menos, vê-la mais uma hora, admirá-la mais um dia! É nestes momentos que eu chego quase a invejar a riqueza de uma quantidade de tolos que conheço, riqueza que, seja dito aqui entre nós, está na razão inversa do seu próprio senso comum: quando chegam a milionários são fofa e ridiculamente idiotas.

Lanchámos: o lanche é um passatempo gastronômico agradável: desta vez o vinho que bebíamos pertencia à Sicília: era ‘marsalle’ legítimo, agradável e balsâmico como os melhores licores da nossa terra.

São duas entidades distintas, e que apesar disso, muitas vezes se confundem, o estômago e coração: verdadeira *l’âme e la bête* da misteriosa dualidade humana.

Uma fresca e agradável brisa fazia sussurrar a robusta vegetação que enriquece toda a Lombardia. Aspirava-se a felicidade e a poesia naquele céu límpido e azul, naquele sol deslumbrante, nas opulentas magnificências daquela natureza luxuosa.

Quando cheguei às portas da catedral de Monza havia-me esquecido já dos olhos negros. É verdade também que levava pelo braço duas senhoras espirituosas; e se tinha tido tempo para me enfeitiçar da beleza, não me chegara nenhum para apreciar o espírito da minha conhecida de dez minutos.

“Do alto daquelas abóbadas dez séculos te contemplam!” disse eu, aplicando o dito de Napoleão.

E ia tomando uma atitude solene e majestosamente heroica, mesmo de casaca e chapéu redondo, a *mise-em-scène* menos própria do género, quando dei de face com o sacristão.

Era de uma fealdade tão cómica, que desatei a rir, com as minhas companheiras, e deixei os dez séculos em paz.

Fico mal com a literatura romântica, *il pompons et à falbalas*, mas bem com a minha consciência que me não deixa faltar a verdade.

Os dez séculos não se escandalizam, e o leitor sofre de menos uma longa página de sádicas apóstrofes.

## III.

Téniers ou Calot podiam tomar como modelo este malfadado sacristão, exposto junto daquelas veneráveis colunas, como certos acessórios cómicos e quase burlescos, que o pincel de Miguel Ângelo caprichosamente debuxou a par das severas e majestosas figuras do seu quadro do *Juízo Final*.

O que asseguro é que se Victor Hugo desse com ele, quando meditava a sua '*Notre Dame*,' e concebia '*Quasemodo*', diria como Arquimedes: *Inveni!*

Este homem não era só feio, era hediondo: tinha a cabeça tão volumosa e encolhida entre os ombros, que dir-se-ia uma abóbora *menina* meio enterrada no bocal de um vaso; as pernas formavam exactamente o mais perfeito e acabado parêntesis; os braços tinham aquela curteza repugnante das barbatanas de uma foca; a voz sibilava em tom de falsete, e a sua fisionomia contraía-se horrendamente a cada uma das frases que proferia, como impreterível *cicerone* daquele templo, confiado aos seus cuidados policiais e administrativos.

Por aqui se vê que as nossas risadas foram conscienciosas, e que o sacristão não é dos menos raros monumentos a examinar na catedral de Monza.

E se eu vos disser que ele, apesar de toda a sua cómica deformidade, pode ser um personagem da literatura *descabelada*, tormentosa, sanguinolenta, e palpitante, que hoje triunfa nos romances e nos melodramas?

Duvidais? Pois bem; antes de vos falar de Monza, e da '*coroa de ferro*', da rainha Teodolinda e do seu pente monstruoso, do parque de Radetzki e das formosas plantações de árvores que atravessam as ruas espaçosas da cidade, contar-vos-ei este facto, que eu afirmo ser histórico, e que estais no vosso direito, meu caro leitor, supondo-o uma *blague*, mais ou menos engenhosa da minha imaginação.

## LA VENDETTA

### I.

A cena deste conto, história, ou como lhe queiram chamar, passa-se entre o Lago *di Como* e o Lago Lugano, num sítio que desde tempos imemoriais se denomina ‘Vale da Caverna’.

O nome não é posto por capricho, pinta otimamente o aspecto daquela região, que depois da cidade de Porlezza, à proporção que se aproxima dos Alpes suíços, se torna cada vez mais selvagem e sombria.

Marieta era uma formosa e robusta camponesa, casada de um ano, e que se estremecia d’amores por seu marido: sentimento raro nesta nossa era de *Antonys* e de *Jacques*, dos ‘vaudevilles’ de Scribe, e dos contos *drôlatiques* de Balzac, dos folhetins de Janin e das poesias de Gauthier, que tiveram a habilidade de despoetizar a mais bela e pacífica instituição do cristianismo.

É verdade também que um ano passa-se como um sonho nos primeiros delírios do sentimento. No campo, perto daquela natureza severa e fúnebre, ou ao sopro daquelas encantadoras colinas que atravessam o Milanês, toda a afeição se idealiza e se exalta. Os beijos ecoam nas cavernas, ou são levados pelas brisas até encrespem a superfície lisa das águas. Quando se erguem os olhos ao céu, nos impulsos da adoração, veem-se as montanhas cobertas de neve, e o límpido cintilar das estrelas, que se espelham mansamente na polida e alva dureza daqueles gelos eternos. O amor, como Antéo, toma forças da natureza, sua mãe terna e carinhosa. E depois, quando se vive longe dos homens, contemplando, as esplêndidas magnificências da criação, está-se mais perto de Deus.

Que admira que no tumulto das cidades, o amor conjugal ou seja burguesmente ridículo, ou levianamente traído, ou penosamente suportado pela consciência de um dever monótono, e insípido?

Oh! Marieta amava Estéfano com toda a energia de uma italiana, com todo o delírio de uma alma apaixonada e ardente. Já era mãe, e a maternidade exaltara ainda mais o fogo do seu amor. Quantas vezes sentindo no seio os sôfregos lábios do ‘caro bambino’ não ia ela, ansiosa e palpitante, enlaçar-se ao colo do seu marido, como para lhe agradecer as delícias de lhe haver feito despontar no coração a mais santa, a mais pura de todas as afeições – o amor maternal?

Mas, como sabem, meus leitores, a felicidade não tem história. Os eternos diálogos de Filémon e de Baucis, essa cândida legenda da antiguidade mitológica, não encheriam dez páginas do mais imaginoso e fecundo romancista, nem mesmo de Alexandre Dumas, essa catadupa de romances em dez volumes, de dramas em vinte quadros, cuja actividade febril enriquece os gabinetes de leitura, o que se lhe não dá a fortuna, ao menos aproxima-o dos gastos faustuosos do seu herói predilecto – ‘*O Conde de Monte Cristo*’.

Marieta havia sido loucamente amada por um camponês. Repellido no seu amor, jurara vingar-se. “La Vendetta” é tudo para a alma dum italiano. Mais duma vez, quando Estéfano levava orgulhoso a sua Marieta pelo braço, vira a fisionomia de Pietro com os olhos injectados de sangue, com os cabelos eriçados pelo ciúme, aparecer-lhe entre as árvores, como a sombra de Banquo, ameaçadora e terrível, no banquete de Macbeth.

Marieta empalidecia e quase que desmaiava de terror: Estéfano apertava o punho do seu infalível companheiro, o punhal, essa apelação extrema do homem e das nações, na agonia do desespero.

Uma noite, Marieta estava assentada à porta da sua cabana, aguardando Estéfano. O céu, meio encoberto pela tempestade, e meio desassombrado de nuvens, dava à natureza essas intermitências de luz e de trevas, que às vezes nos profundam a alma em melancolia, ou a sepultam em terríveis pressentimentos.

Uivara o lobo nas selvas; e o pequeno Paolo acordara no berço, em choro lamentoso.

Marieta fizera o sinal da cruz, e encomendara-se *al caro bambino, e sua santíssima madre, che son tanto belli e tanto buoni*.

As horas sucediam-se neste esperar angustioso. Quando as onze haviam ressoado, fúnebres e solenes, nos ecos da montanha, pouco depois Marieta pareceu-lhe ouvir um grito de agonia, destes gritos descosidos e roucos, que fazem arrepiar os cabelos, e parar o coração sobressaltado no peito.

Ergueu-se em pé, trémula e palpitante; a lua naquele momento escurecera envolta em nuvens negras; Marieta encomendou-se ‘*a la madona*’, e foi beijar no berço o filho, que adormecera de novo.

Quando voltou, viu uma sombra de homem entre as árvores. Correu para se encontrar com ela, julgando ser Estéfano, depois, sem saber por que, parou, e sentiu correr-lhe nas faces o suor frio do terror e do sofrimento.

A sombra entretanto aproximava-se, a passos lentos, que faziam ranger as folhas secas que os ventos do outono arrancam dos bosques.

Depois, parou debaixo das ramagens frondosas de um castanheiro.

Marieta deu um grito sufocado. Era Pietro.

- Ah! conheces-me? bradou o feroz montanhês.

Marieta levou as mãos às tranças negras do seu cabelo, porque começava a adivinhar uma horrível verdade.

Pietro esteve um momento imóvel e silencioso, depois arrancou lentamente um punhal, que trazia escondido e envolto nas dobras ensanguentadas da sua camisa.

O punhal estava tinto de sangue. Os lábios do montanhês também pareciam havê-lo sorvido. A lua mostrou-se um momento no céu, como para que melhor se conhecesse a ferocidade do assassino.

Estava pálido como uma estátua de mármore, já amarelecida pelo tempo. Os cabelos de um loiro *leonino*, caíam-lhe em tranças pelo rosto; mas os olhos brilhavam-lhe com o esplendor sinistro da vingança.

Ergueu o braço com o punhal em punho, e mostrando-o gotejante de sangue, exclamou num brado terrível: “Ama-o agora, Marieta”!

E lançou-lhe aos pés com desprezo, desaparecendo entre os cerrados e moitas.

Marieta ficou estúpida de dor. Por um momento sentiu as faculdades suspensas; nem o coração lhe palpitava, nem o corpo sentia, nem a cabeça pensava. A mão tremenda da loucura dir-se-ia haver-lhe comprimido o cérebro.

Depois, a verdade luziu-lhe na alma, como um relâmpago em noite escura e tempestuosa. Um suspiro medonho saiu-lhe do peito, como o estertor derradeiro da boca do moribundo.

Correu junto do berço de Paolo, beijou-o com o frenesi do desespero, e disse-lhe como se ele pudesse entendê-la: “És órfão, meu filho; já não tens pai, já não tenho marido”!

Meia-noite soou, lenta e pausadamente, no relógio da aldeia.

O filho dormia: a mãe estava desmaiada.



## II.

Sterne, como sabem, meus leitores, já fez nascer o herói do seu romance *Tristram Shandy*, no penúltimo capítulo. Hão-de dar-me licença, que pelas amplas e extensas garantias da liberdade poética, eu apresente um dos personagens da minha narração, que deixei no berço, contando dezoito anos de idade, forte e esbelto como um desses pinheiros que crescem e se desenvolvem nas montanhas, ao embate das tormentas, e aos ventos vigorosos da tempestade.

Marieta também, já não era a formosa camponesa bela no seu duplo amor, de esposa e de mãe, com os seios mal contidos dentro do corpete, que lhe desenhava energicamente as formas gentis e airozas, com o seu olho azul, umas vezes lânguido de ternura, outras cintilantes de paixão; com aqueles cabelos loiros, tão acetinados e finos, que doidejavam em tranças caprichosas ao sopro da brisa.

Marieta era velha, era feia, era pobre: as recordações tremendas da sua vida davam-lhe, por vezes, a exaltação frenética da loucura: havia noites, em que se via sobre a montanha agitar-se um vulto em giro continuo, com um punhal na mão, proferindo palavras misteriosas: era Marieta, *la povera passa* para uns, a medonha bruxa para outros.

*Oimé!* É horrível, a morte, não há dúvida; e não menos esta decomposição lenta que o tempo exerce sobre o homem, sobre a mulher, sobre tudo.

Lembra-vos a bela lenda de Victor Hugo na sua viagem ao Reno? Àquela carreira diabólica, durante a noite, que durou um século? O pasmo terrível do moço caçador, quando perguntando pela sua noiva, vê uma velha fiando levantar-se, correr para ele, e unir às suas faces rosadas os lábios pálidos e encarquilhados?

E era a mesma mulher: palpitava-lhe no peito o mesmo coração: vivia-lhe a alma talvez abrasada dos mesmos pensamentos: mas perdera a beleza – esse dom frágil e encantado – dom fugitivo, que não dura, que se não reproduz, quando uma vez se perdeu, que é todavia, que será sempre, a aspiração do artista, o sonho delirante do poeta.

E que valia a Marieta contemplar-se retratada nas águas da fonte ou no cristal das rochas, linda e formosa como fora, como havia enfeitado a todos que a viam? O seu amor adormecera sobre um túmulo, concentrara-se sobre um berço. Um berço e um túmulo, que são na linguagem do sentimento, uma saudade e uma esperança!...

A noite estava carregada e tempestuosa: o trovão ribombava na montanha: as janelas da cabana iluminavam-se às vezes pelo clarão intermitente dos relâmpagos.

Paolo aquecia a uma fogueira os vestidos repassados da chuva. Marieta ajoelhada perante uma imagem de marfim da *madona*, rezava com fervor: dois cães de caça negligentemente espojados sobre umas peles de lobo e raposa, e junto dos instrumentos de caça, davam a esta cena toda a candura familiar e doméstica que se admira nos quadros da escola flamenga.

Pelas onze horas, o trovão foi-se ouvindo mais ao longe, e a mais largos intervalos. A tormenta passava.

Marieta levantou-se, depois de beijar devotamente a imagem e de fazer o sinal da cruz, e entreabrindo a porta da cabana, foi observar o tempo.

A lua, meio escondida entre as nuvens, luziu um momento desfazendo as trevas. Marieta deu um grito de terror, e escondeu o rosto entre as mãos.

– Que tens mãe? disse Paolo levantando-se e correndo para ela.

– Foi exactamente numa noite como esta, que assassinaram teu pai: pareceu-me ver o vulto do seu assassino – ali, perto daquele castanheiro!... Há dezessete anos que todos os dias ouço as suas terríveis palavras: – Ama-o agora, Marieta!

– Mãe, e porque me não disseste nunca o nome desse homem? Vive ainda?...

Marieta cruzou os braços sobre o seio, e um riso medonho iluminou-lhe a fisionomia, cravada de rugas, atravessada desses sinais lívidos e verde-negros, que denunciavam as longas amarguras de uma paixão violentamente comprimida no peito.

– És louco, filho! Querias que te revelasse o meu segredo, quando ainda o teu braço não tinha vigor, nem os teus olhos firmeza para marcar o sitio, aonde se deve enterrar o punhal, bem fundo, para que a vítima não escape? E se tu morresses, quem me havia, quem nos havia de vingar?

Paolo ergueu-se de um pulo, com os olhos chamejantes, e os cabelos em desordem. O nariz intumescido pela cólera, dir-se-ia que já respirava e se comprazia com o cheiro do sangue.

Marieta olhava-o com o orgulho de mãe, e ao mesmo tempo com a expressão triunfante de quem vê próximo o momento, tão ardentemente esperado, de um pensamento insaciável de vingança.

– Não, filho! continuou ela: agora és robusto e forte, não será ele já quebrantado pelos anos, que possa esmagar-te entre os braços. Tens idade de vingar teu pai!

Paolo desprendeu silenciosamente a carabina, que estava dependurada na parede.

Os cães alçaram-se sobre as patas, fitaram as orelhas, e olharam-no com os seus olhos expressivos e inteligentes, como se o interrogassem sobre o motivo daquela resolução repentina.

– Deitar! deitar! exclamou Paolo, respondendo ao seu olhar – agora não vou caçar animais, vou caçar homens!

Marieta entretanto arrancava duma velha arca um punhal, enegrecido pela ferrugem, mas aonde se viam nodoas de sangue.

Paolo encostou-se à carabina, e esperou.

– Aqui o tens – disse Marieta – foi com ele que assassinaram teu pai, é com ele que hás-de matar o seu assassino!

E Marieta ergueu o punhal com um prazer feroz.

– Mãe, dize-me o nome desse homem?

– É Pietro Arezzo...

Paolo empalideceu, e levou a mão ao coração, como se o sentisse mortalmente ferido.

– Mas esse homem é casado, tem um filho... mais duma vez temos caçado juntos na montanha!

– Matou teu pai! - respondeu com terrível concisão Marieta.

– Mas esse homem, mãe, tem uma filha, e essa filha... amo-a eu muito! – bradou Paolo com desespero.

Pois sim! – replicou Marieta com entonação horrível – ama a filha do assassino de teu pai.

Paolo já não estava pálido, tornou-se lívido. Um suor frio corria-lhe em bagas pelo rosto, desfigurado pela agonia.

Esteve alguns momentos assim, como esmagado pelo peso daquela revelação. Depois, olhando sua mãe, não disse mais uma palavra. Escondeu o punhal no seio, pôs a carabina ao ombro, e saiu.

Marieta foi de novo rezar de joelhos diante da imagem da *'madona'*.

Paolo divagou muito tempo entre as moitas e árvores silvestres, aspirando a brisa fria e gelada do inverno.

As nuvens fortemente rasgadas, e retintas em partes de um azul branco-pérola, como um vestido adamascado de mulher formosa, tomavam na atmosfera direcções caprichosas e irregulares. Estava tudo silencioso e tranquilo. Ao longe apenas se divisavam as chamas afogueadas, que os carvoeiros acendem, dentro das cabanas.

Paolo teve a ideia de enjeitar esta herança de sangue, e de não afogar a esperança do seu amor nas vestes ensanguentadas de Pietro.

Por momentos, veio-lhe o pensamento de se lançar sobre as ribanceiras da montanha, e de acabar uma vida, sacrificada ao crime, ao cadafalso talvez.

Alucinado por estes desejos contrários, aproximou-se outra vez da cabana, e espreitou pela fresta. Marieta continuava ajoelhada, pedindo a protecção do céu para a sua vingança.

Ao ver aquele rosto, que parecia fulminado pela dor: os cabelos brancos, os olhos encovados, as rugas profundas, que traduziam aquele longo suplício de dezesseis anos, Paolo apertou a carabina junto ao peito com um sentimento de cólera. Viu, por uma visão sinistra, o semblante de seu pai, lívido e ensanguentado, com a espuma branca que cobre os lábios nas convulsões da morte: representou-se-lhe na imaginação o sorriso infernal de Pietro, contemplando o cadáver, e a amargura de sua mãe, quando ouvisse a sua voz repetir-lhe: “Ama-o agora, Marieta”!

Então a ‘vendetta’ como se fora um espírito diabólico, fez palpitar o seu coração de italiano. Não viu nem as lágrimas nem as tranças desfeitas, nem as faces pisadas de Zanetta, acusando-o de a ter feito órfã, de se haver esquecido dela, e do seu amor! Beijou no punhal as nódoas do sangue de seu pai, e partiu.

Marieta rezava à ‘*madona*’ como se o céu pudesse escutar a voz das paixões, como se o cristianismo não fosse a religião, do perdão, da misericórdia e do amor!

## III.

Paolo depois de haver divagado tempo, devorado pela febre e desespero da vingança, sentou-se debaixo das árvores, esperando que amanhecesse.

Um carvoeiro repetia, ao longe, uma canção perto da fogueira. Era uma canção selvagem, repassada de melancolia e de sentimento, uma destas explosões do génio popular, que adivinham e igualam, às vezes, as mais belas concepções da musa civilizada e filosófica.

## O ASSASSINO

– Eu vivo errante na terra, porque o sangue tingiu minhas mãos malditas. Nem meus irmãos me saúdam quando passo, nem o céu me sorri quando o imploro. Não tenho pai, nem mãe, nem esposa, porque todos tremeriam ouvindo bradar em torno de mim: Assassino! assassino! assassino!

A voz parou, Paolo meio fulminado ao ouvir aquelas tremendas palavras, de joelhos, com os cabelos desgrenhados, e as faces horrivelmente pálidas, bradou: Ó minha mãe!

O carvoeiro entoou de novo a canção, como se respondesse ao pungir da sua agonia:

– Morto, não me levantarão nem um túmulo de mármore, nem uma humilde cruz sobre a cova. Ninguém saberá aonde repousam as minhas cinzas, porque ninguém rezará uma oração pela alma feroz do assassino!

Quando caminhava, com passo vacilante, sentiu o tinir de uma campainha, e o tropear de cavalos. Escondeu-se atrás das moitas, para deixar passar os viandantes.

E todavia, o coração palpitava-lhe com tal força, que o seu peito estremecia abalado. Um pressentimento sinistro apoderou-se-lhe da alma. O som monótono e cadenciado da campainha fazia vibrar-lhe dolorosamente as artérias da cabeça.

Quando os viandantes distavam alguns passos do sítio aonde estava, não pôde resistir à sua fatal curiosidade, espreitou por entre as folhas das árvores.

Era[m]<sup>18</sup> Pietro e seu filho. O montanhês, com um largo chapéu derrubado, e a cabeça encostada ao barco, parecia beber os raios do sol nascente com ânsia convulsiva.

O filho ia lançando negligentemente a fouce aos arbustos, e assobiava entre os dentes uma cantiga.

---

<sup>18</sup> No texto base, “Era”.

Paolo não pôde conter-se. Engatilhou a carabina, e desfechou. Pietro caiu do cavalo sem dar um grito!

A mula, em que montava, sentindo-se livre, desapareceu desfilando pela estrada.

O filho olhou em derredor de si, para ver donde partira o tiro. Depois, dando com Paolo, arrancou-lhe do peito um punhal e correu para ele.

Então travou-se uma horrível luta entre eles. Enroscaram-se como duas serpentes, e rolaram pela relva, dando-se golpes com os punhais.

Por muito tempo esteve o combate indeciso. O velho montanhês[,] ferido mortalmente, mas ainda com alentos de vida, seguia ansioso com os olhos aquele duelo renhido e implacável.

O resultado esteve duvidoso por alguns instantes. Mas, em breve, Pietro viu erguer-se a cabeça de Paolo, com o punhal nos dentes, sentiu-lhe os joelhos cravarem-se violentamente no peito de seu filho: depois, por um movimento rápido, Paolo desembaraçando uma das mãos com que segurava os pulsos do seu adversário, travou do punhal, e enterrou-lho na garganta.

O mancebo confrangiu os membros na agonia, soltou do peito um grito sumido e rouco, e permaneceu sem movimento.

Paolo entoou um brado de vitória, semelhante ao dos selvagens quando abatem o seu inimigo na guerra. Pietro repeliu então com angústia: “*Figlio, mio caro figlio!*” e pediu a Deus que o chamasse à sua presença.

Paolo pareceu adivinhar-lhe o desejo.

– Velho – disse ele – mataste meu pai com este punhal, hás-de acabar trespassado por ele. E levantou o punhal ensanguentado.

O velho fez um supremo esforço, ergueu-se a meio corpo do sítio, aonde jazia, e bradou com voz terrível: Assassino de meu filho, acaba de me matar... mas lembra-te que hás-de comparecer antes de seis meses na presença de Deus!

Paolo, mal deixou que acabasse aquelas palavras: sedento, furioso, alucinado pelo frenesi bestial da paixão, lançou-se a ele e cravou-lhe o punhal muitas vezes, sorvendo com delícia os gemidos que lhe escapavam do peito, nos últimos estertores da morte.

Depois e quando ainda contemplava os dois cadáveres, ouviu a voz do carvoeiro mais ao longe, prosseguir a canção:

« Ai do que derrama o sangue de seu irmão, que vive solitário e maldito entre os homens! Ai do que usa de ferro para matar, que morrerá também com ferro! Ai do que tira a vida a outrem, que uma voz medonha lhe repetirá eternamente aos ouvidos “Assassino! assassino! assassino!”

Paolo lançou-se a correr como um desesperado para fugir àqueles sons acusadores: árvores, montanhas, o céu que se matizava do azul sereno da bonança, o sol que luziu radiante no horizonte, tudo tumultuava e se confundia na sua cabeça delirante.

E no final daquela carreira, louca, desvairada, vertiginosa, caiu desfalecido e exangue perto da porta da cabana.

Marieta apenas o viu, rasgou os vestidos em ataduras, e levou-o nos braços para o seu pobre leito.

Horas depois, um préstito fúnebre passava pela habitação do ferido. Paolo prestou o ouvido a uma voz querida, que se pranteava e maldizia a mão traiçoeira que lhe havia morto o pai e o irmão. Era Zaneta.

– Oh! maldito cem vezes o assassino! o assassino! o assassino! exclamou o montanhês, lembrando-se da canção que ouvira durante a noite.

Marieta lavada em pranto, ajoelhou sobre o leito e perguntou-lhe ansiosamente: – Perdoas-me, meu filho?...

Paolo cobriu o rosto com uma das mãos, afastou-a levemente com o braço, e proferiu com voz quase extinta: – Vinguei-te, mãe, vinguei-me... Talvez Deus nos perdoe a ambos!

Ora, o sacristão de que falámos, era então esbirro ou coisa que o valha na cidade de Como.

Vendo as janelas da cabana fechadas, deu-lhe a curiosidade de saber o motivo deste acaso estranho: bateu à porta, e entrou.

Quando viu Marieta meio nua, Paolo no leito, e rastos de sangue pelo pavimento, adivinhou a verdade.

Chamou a toda pressa os fiéis companheiros, e Paolo foi conduzido nessa mesma noite para a prisão da cidade. Marieta acompanhou-o também, acusada de cumplicidade naquele atentado contra as *leis divinas e humanas*, segundo a frase popular.

O sacristão tornou-se por muito tempo, feio como era, e talvez por isso mesmo, o objecto da atenção da cidade. Teve a sua quadra de glória, e as suas ovações de popularidade.

A *Razão* e a *Verdade*, se acreditarmos um conto de Voltaire, estiveram largos anos escondidas num poço: a glória é menos esquiva, passa indiferentemente dos braços do filósofo aos do assassino, do guerreiro aos do espião: é que ela, como a fortuna, corre cega e desvairada, e apanha-se por um cabelo. Este honesto esbirro, que talvez Deus fadasse Fouché em miniatura, passou do civil para o religioso, do profano para o sagrado, e quando uma última e sanguinolenta catástrofe deu a este facto um mais horroroso colorido, já ele era sacristão da catedral de Monza, e papagueava em italiano incorrecto, sobre todas as maravilhas e curiosidades que encerra aquele monumento de dez séculos.



## IV.

O processo instaurou-se com rapidez: o governo queria dar um exemplo severo para ver se assim corrigia os hábitos ferozes da população.

Paolo confessara o crime. Não hesitou um momento em declarar que fora para vingar a morte de seu pai que assassinara Pietro e seu filho.

– E como sabíeis vós que era ele quem assassinara vosso pai? perguntaram os magistrados.

– Assim mo dissera minha mãe, respondeu Paolo.

– Logo foi ela quem vos incitou a cometer o crime? redarguíam eles.

– Será por acaso proibido a uma pobre velha, confiar as mágoas ao seu próprio filho? atalhava Paolo.

Marieta foi posta em liberdade, não se podendo provar que fora cúmplice no atentado.

Uma noite, Paolo deitado nas palhas que lhe serviam de leito, estava sepultado nesse meio sono, em que a realidade se confunde com os delírios de uma mente exaltada. Por uma intuscepção sinistra via o rosto de Pietro amaldiçoando-o na hora extrema, o último olhar de vingança do mancebo que lhe assassinara; e Zaneta, a bela virgem, de olhos azuis e rosto d'anjo, toda vestida de preto, mostrar-lhe com o semblante triste e as faces cobertas de pranto, aqueles cadáveres que eram de seu pai e de seu irmão.

Paolo deu um grito, e acordou. E quando em pé, fora aspirar às grades a brisa fresca da noite, e vira ao longe o *Lago di Como* agitar-se mansamente, como a serpente *boa* quando acorda do seu sono letárgico, sentiu ranger os gonzos da porta, voltou a cabeça e viu um vulto de mulher todo negro, com um véu sobre o rosto, e uma lâmpada na mão.

Paolo julgou que aquela aparição era ainda um medonho fantasma da sua imaginação, e gritou com a voz oprimida, como num pesadelo horrível: “Deixa-me! deixa-me! quero morrer em paz!”

O vulto então levantou o véu, pausada e vagorosamente. Paolo caiu de joelhos, tão rápido como se o braço dum gigante o houvesse derrubado com fúria onipotente.

Era Zaneta.

Como se lhe havia transformado a beleza! Como se lhe liam no rosto pálido as acerbas amarguras da sua mísera orfandade!

E todavia, Paolo não soube dizer se era mais formosa assim, descorada por um lento padecer, do que quando doidejava, descuidosa e palpitante por entre os arbustos viçosos das montanhas.

É que aquela palidez recordava a das virgens do Baixo-Império, retratadas pelo pincel piedoso de Alberto Dürer: é que aqueles olhos azuis, lânguidos e resignados, suavemente envolvidos de um círculo roxo, pareciam já pertencer ao céu, pelos eflúvios de um amor imortal: é que a sua estatura, outrora flexível e aérea como a dos arbustos que crescem à beira dos rios, um pouco curvada e abatida, assimilava-se à dessas estátuas de anjos que choram ajoelhadas sobre os túmulos, simbolizando uma saudade eterna.

Ela parou, e olhou Paolo com uma vista tão piedosamente acusadora, que o montanhês endurecido, arrastou-se até aos seus pés, beijou com devoção a fímbria do seu vestido, e proferiu com voz entrecortada:

– Perdão! perdão!

– Que Deus te perdoe, como eu já te perdoei, Paolo – disse Zaneta em tom grave e melancólico.

Paolo quisera vê-la antes enfurecida e sedenta de vingança: aquela resignação evangélica era o seu mais tremendo suplício moral: levou as mãos aos cabelos com desespero, e batendo com a fronte no pavimento, bradou com desalento: – Deus não perdoa nunca ao assassino; o anjo da justiça diz-lhe sempre aos ouvidos: assassino! assassino! assassino!

E ergueu-se então em pé, pálido, com os olhos espantados, com os cabelos hirtos, como aterrado do som das suas próprias palavras.

– Não blasfemes, Paolo, continuou Zaneta articulando as sílabas com o sopro apenas; mataste meu pai, mataste meu irmão, e eu perdoei-te... porque te amava! Deus não há-de, não pode ser menos misericordioso...

– Oh Zaneta! tenho vivido nestes dias um século... devo ter os cabelos brancos e as faces enrugadas... Sofrer e não poder chorar... arrepender-me, e não poder pedir perdão a Deus... Por que me não conduziram ainda ao cadafalso?... Eu quero morrer!

– Morrer, sim, morrer!... Tu já não podes ser meu... eu já não posso ser tua... Há entre nós um lago de sangue...

E a pobre donzela escondeu o rosto nas mãos, soluçando num pranto sem lágrimas.

A porta rangeu então surdamente, e outro vulto de mulher caminhou lenta e melancolicamente, como uma destas nuvens sopradas pelos ventos mórbidos do estio, e que escondem a lua na sua marcha vagarosa.

Zaneta apenas a viu, deu um grito de horror, e recuou espavorida. Paolo ergueu-se, e beijou-lhe a mão.

– Zaneta, disse então Marieta com voz dolente e meio afogada pela angústia, perdoa a meu filho. Fui eu, só que o incitei ao crime... Que todo o sangue derramado caia sobre a minha cabeça maldita!

– Mãe! minha mãe! bradou Paolo quase louco pela dor tremenda que lhe trespassava o peito.

– Zaneta, não podes, não debes perdoar-me; mas eu também sofri muito, oh! muito! Tinha um marido, e mataram-mo; tinha um filho, e tornaram-mo órfão; era moça, e envelheci numa noite; era bela e orgulhosa de mim, e nunca mais um sorriso me pisou nos lábios... e nunca mais uma flor veio adornar minhas tranças, arrancadas pelo desespero e pela saudade...

Paolo olhava sua mãe, quase delirante: Zaneta encostada às paredes do cárcere, com as mãos erguidas e a cabeça voltada para o céu, parecia implorar a Deus que lhe desse ânimo e conforto para suportar tamanha tortura moral...

– Paolo, estás condenado à morte. Sossega, filho, que, hei-de morrer contigo...

E abraçou-o convulsivamente como deslebrada de que havia junto dela um ente que padecia as angústias dos condenados...

Zaneta achou na energia da sua própria dor, força para não morrer ali: dirigiu-se para a porta, e pondo a mão no peito, como se temesse vê-lo despedaçado por tão acerbo padecer, teve ainda ânimo para dizer a Paolo:

– Não serei tua: serei de Deus!...

– Minha mãe, bradou Paolo depois de um prolongado silêncio – quando me levam ao suplício?... Eu devo, eu quero morrer já!

Marieta regava de lágrimas as mãos frias e crispadas do pobre mancebo.

Paolo permaneceu imóvel largas horas, como a aspirar as últimas palavras de Zaneta.

Depois, repetindo de manso o que ela lhe dissera: Não serei tua, serei de Deus: voltou-se para Marieta, e bradou com voz forte: – Mãe, eu quero um padre!

## V.

Paolo caminhava no dia seguinte para o cadafalso, pálido como um espectro, mas com os olhos firmes, e a fisionomia corajosamente resignada.

Ao longe, sobre uma das montanhas que dominam o Lago di Como[,] via-se uma mulher vestida de negro e suplicante.

Quando passou o padecente, abriu-se no caminho uma janela, e atiraram-lhe um ramo de lírios, ainda orvalhado de lágrimas.

Paolo beijou com devoção aquelas flores, e estreitou-as ao coração.

– Filho, que pensamento da terra é esse que vos faz esquecer da vossa eterna salvação no céu? – perguntou-lhe o padre.

– Padre, estas flores são da minha noiva... que há-de orar a Deus para que me perdoe! respondeu Paolo.

O padre escondeu num abraço, dado ao condenado, o rosto que se alagara de pranto.

Quando o golpe fatal decepou a cabeça de Paolo, a multidão ergueu um brado de comiseração piedosa: e ouviu-se um grito, que os ecos repetiram com repercussão medonha.

Era um vulto de mulher que se havia precipitado: era Marieta!.....

De Zaneta, meu caro leitor, não soube eu o fim, e não me atrevi a profanar a verdade desta narração, improvisando qualquer destas soluções romanescas que contentam a imaginação *'blasé'* das nossas elegantes.

Dedicar-se-ia ao serviço do altar, como prometera a Paolo? Acabaria meia louca, como acontece às organizações angelicais, desterradas num mundo que as não compreende?

Não sei, não posso responder: as maiores dores gastam-se com o tempo; e no centro dos corações femininos, ainda os mais extremos e sensíveis, existe sempre um lugar para a vaidade, essa eterna inimiga dos grandes e generosos sentimentos.

Se hoje conduzisse pelo braço um robusto e boçal montanhês, se afagasse com mão descuidosa três ou quatro rapazes endiabrados, o que poderia muito bem acontecer, declaro então que elevaria às honras de um inviolável axioma o dito de Francisco I: *Souvent femme varie, bien fou est qui s'y fie.*

## VI.

Aonde ficamos nós? Se bem me lembro, à porta da catedral de Monza, rindo-nos do mal aventurado sacristão, mola hedionda de um trágico acontecimento.

Pois entremos. As senhoras fazem devotamente o sinal da cruz; eu, como não via nenhum demónio, a não ser o sacristão que estava convertido ao culto da santa igreja católica, apostólica romana, dispensei-me dessa cerimônia que eu aliás respeito, em nome das minhas ideias democráticas. A cruz é a redenção, e estes actos exteriores são as provas vivas da igualdade que liga todos os cristãos à adoração do mesmo Deus, aos preceitos do mesmo dogma.

Em primeiro lugar, precisamos saber quem era esta rainha Teodolinda, nova Clotilde de um rei bárbaro, que convertido por ela, curvou a indomável frente, às águas regeneradoras do baptismo.

Afirmam as crónicas que era uma formosa e esbelta senhora, tão piedosa como estimada, e que achando-se viúva d'Antário, seu primeiro marido, fora convidada pelos chefes da nação lombarda a escolher outro esposo, jurando eles respeitar e reconhecer como rei a pessoa que o seu coração designasse.

Na linguagem moderna, esta faculdade concedida à rainha lombarda denominar-se-ia *voto de confiança*; mas aqueles tempos rudes ignoravam decerto as subtilezas e artimanhas dos governos representativos.

Como usou a rainha desta autorização em matéria de matrimónio? A história não diz se já estava cativada de Agilulfo, duque de Turim: a verdade é que ela, sem o prevenir, convidou-o para corte.

Então, quando o duque já estava a caminho, a rainha foi esperá-lo em Zomelo: ali, mandando vir uma taça, bebeu metade do líquido que ela continha, e ofereceu-a depois a Agilulfo. Este, como galante e cortês cavaleiro, esgotou-a, beijando depois respeitosamente a gentil mão que lha oferecera.

A rainha então disse-lhe, com as faces afogueadas de rubor: “Não é aí que deve ser o beijo daquele que eu destino a ser meu senhor e meu esposo: a nação lombarda concede-me o direito de lhe escolher um rei; é a vós que convido, pela minha boca, a reinar sobre ela e sobre mim.”

Este ditoso duque, ainda que fosse pouco terno e ambicioso, não poderia enjeitar a homenagem da mulher e da rainha: casaram-se, e em breve aquela voz doce e carinhosa convertia-o ao cristianismo, como Clotilde no quinto século, ao rude e infatigável Clóvis, rei ou chefe dos francos. Ora, como isto tudo se passa durante o sexto século, não é por extremo rigoroso supor que a rainha lombarda cometeu um plagiato... histórico e cristão.

Que era *coquette*, que tratava dos seus encantos, tanto pelo menos como das cousas públicas, para isso basta examinar o seu *relicário*: vi por entre vidros, cuidadosamente salvos da poeira pela mão carinhosa do sacristão, a taça aonde bebia, o leque de pergaminho vermelho com que se abanava, e o monstruoso pente com que desembaraçava as longas e bastas madeixas.

*Per Baccho!* E digam que nós hoje somos espirituosos, e que nos diferenciamos muito dos nossos ascendentes!... A rainha Teodolinda penteava-se, e possuía um leque para se refrescar: naqueles climas, aonde reina muito mais o frio que o calor, o leque era visivelmente um instrumento de sedução, o cetro da mulher substituído ao cetro da rainha.

Não vimos a verdadeira coroa de ferro com que se sagravam os reis da Itália, porque está colocada no topo duma grande cruz, encerrada dentro duma capela da catedral; mas há uma imitação genuína, que todos podem examinar e tocar, se for muito forte a curiosidade.

Além dos quadros de Montalto, César, Proccaccino, e Bernardo Luino, há um representando a *Visitação*, de Guerccino, aonde se pode admirar o milagroso pincel do grande pintor.

Na abóbada circular existe uma colecção de retratos que representa a série de reis que se coroaram com a coroa de ferro desde a Agilulfo até Carlos V, sendo Napoleão o único que depois do poderoso imperador a cingiu solenemente.

A coroa que pousara na frente do genial colosso do século dezesseis “em cujos domínios se não punha o sol”, não pesou decerto nessa cabeça onipotente, que por tantos anos assombrou a Europa com o prodígio das suas vitórias, e sob cujo cadáver se aniquila o esplendor das monarquias, e a autoridade da conquista. Aos grandes homens, como diz Chateaubriand, sucede hoje o reinado dos grandes princípios.

## VII.

Partimos para o parque do marechal Radetzky. A vista perde-se naquela longa fileira de árvores, copadas e viçosas, que o vento inclina e despoja lentamente, que já começava a estação do outono.

Era hora do silêncio: a cidade podia repousar na sesta: o parque estava deserto e abandonado: as senhoras conversavam baixinho, eu aspirava ansiosamente aquela poesia casta e severa da natureza tranquila como imóvel na sua majestade.

Repeti comigo os maviolosos versos de Petrarca, traçados em fragmentos na minha memória:

Italia mia.....  
 .....  
 O diluvio raccolto  
 Di che deserti strani  
 Per inondar i nostri dolci campi!  
 .....  
 Non è quest' il terren ch'io toccai pria?  
 Non è quest' il mio nido  
 Ove nudrito fui si dolcemente?  
 Non è quasta la patria, in ch'io me fido,  
 Madre benigna e pia  
 Chi copre l'uno e l'altro mio parente?

A que cenas de morte e devastação não era devida aquela oferta, feita à espada do velho guerreiro! Podia ele descansar sem remorsos no seio daquela terra escravizada pela força, ensanguentada pela saudade dos que morreram nas batalhas, violada pelo despotismo da vitória, como a virgem cristã doutras eras, trémula e palpitante pela brutal lascívia do bárbaro sedento?...

E tudo aquilo perdeu a meus olhos o seu prestígio de beleza. Levantei-me indignado.

– Que tem? para onde vai com essa cara tão carrancuda e colérica? perguntou-me Mlle. S\*\*\* num italiano tão melodioso e suave, que me fez lembrar imediatamente do provérbio popular: *Língua toscana em boca romana*.

– Por que não vamos nós visitar o Palácio de Monza aonde dizem que estão as aventuras de Psiquê pintadas a fresco por Appiani?...

– Não se permite hoje a entrada...

– *Diavolo!* repeti eu entre os dentes com a clássica entonação dum *vettorino*, vendo as rodas do seu veículo afogadas nalgum pântano rebelde.

– É muito apaixonado da mitologia? atalhou Mlle. S\*\*\* com um malicioso sorriso.

– Acha extraordinário que eu queira admirar Psiquê, que com Vénus são os dois mais complexos tipos de beleza que nos deixou a antiguidade?

– E foi esse desejo que o fez levantar precipitadamente, com ares de enfadado e aborrecido?...

– Oh! não, minha senhora: mas para lhe dizer a verdade sufoca-me este ar que respira o visor-rei da Itália...

Mlle[.] S\*\*\*[,] ao ouvir as minhas palavras, olhou em derredor de si, como se temesse que algum ouvido indiscreto as tivesse percebido: depois, pondo graciosamente o dedo na boca, para me recomendar o silêncio, ergueu os olhos para o céu, como quem implora o auxílio a Deus, que lhe desse a esperança de um melhor destino.

Estava simbolizada naquele gesto, e naquela muda oração, a tragédia pungente do despotismo austríaco.

Os oprimidos invocam a Providência, que já nem na sua própria terra podem soltar um gemido, sem temerem pela sua vida!

Estará ainda longe o dia da reparação e da justiça?



## IV.

E não fomos ver maravilha nenhuma d'arte; fomos prosaicamente jantar como quatro burgueses da *rua de S. Diniz*, em domingo de férias.

E menos felizes do que M. Alexandre Dumas, não tivemos ocasião de apreciar que gosto tem um *beefsteak*<sup>19</sup> *d'ours*: contentámo-nos em dar o nosso voto gastronómico, pela vigésima vez, sobre as diferentes espécies de *salame*, as conservas, os cogumelos com túbaras (*funghi trifolati*), o inevitável *rissoto*, o trivial *macaroni*, e a apetitosa *galanthina*.

Como é pouco poético um homem jantar ao pé de algumas senhoras! como as ilusões se desvanecem! como compreendemos que tem estômago como nós, quando deveriam possuir exclusivamente coração, que a sua vida se resume toda num círculo infinito de afectos!...

E haverá diferenças essenciais entre as mulheres das diversas nações? Eu afirmo rasgadamente que as não encontro. A civilização é uniforme, e nivela tudo: há tipos dessemelhantes, não existem decerto essas separações que constituem as classes, e mesmo as *cotteries*, que criam mundos distintos, em costumes, em gostos, em linguagem, em trato e convivência.

E o que é, afinal de contas, a mulher como a poesia, como a literatura a concebem no nosso século?

Esta questão, bem desenvolvida, daria um volume. Resumi-la-emos nalgumas páginas.

A mulher, zoologicamente, é a fêmea do animal que os naturalistas denominaram *bímamo*.

Moralmente, é um mistério que desde os *Provérbios* de Salomão até as *Memórias do Diabo* de Frederico Soulié, e os romances de Balzac e George Sand, ainda ninguém pôde completamente decifrar.

Socialmente, e como a civilização a modifica, é um ser frágil, cujos cabelos exalam odoríferos perfumes, cujas mãos acetinadas calçam luvas, que as preservam do ar frio da atmosfera, cuja voz é pausada, mórbida, e insinuante: cujos movimentos são graciosos e languidamente sedutores; que se recosta de dia em sofás deliciosos, que repousa de noite em leitos da mais fina e macia penugem: delicada como uma flor, e ao mesmo tempo, forte e enérgica, afrontando as mais ímprobas fadigas.

---

<sup>19</sup> No texto base "*beefstaek*".

Vedes entrar num baile uma donzela: dir-se-á um dos personagens de Ossian, uma daquelas ideais criaturas concebidas pela imaginação sublime de Shakespeare! Repara como está pálida<sup>20</sup>, como o seu vestido branco adornado de enfeites cor de rosa, revela o encanto e a suavidade de uma estatura aérea e dolente: parece que um sopro de aragem bastaria para a reclinar dócil e flexível, como os arbustos num jardim assentado sobre uma encosta. Depois ei-la delirante, rápida, acendida de entusiasmo, doidejando numa valsa, passando horas inteiras diante de vossos olhos maravilhados, como uma aparição fantástica e vertiginosa!

Quem é que lhe deu tamanho poder, tais ímpetos de vigor, e de vivacidade nervosa? Tudo isso é um mistério como o seu carácter, um enigma como a sua contextura moral, um *x* incompreensível, que a matemática social não pode resolver.

E são todas assim, essas deliciosas criaturas, que Deus criou para engrandecer o espírito, e contemplar a existência do homem sobre a terra!

Substitui aquele dialecto milanês pelo suave e distinto das nossas palavras portuguesas, e vede se aquele sorriso, aqueles gestos aquelas vozes ditas ao ouvido, ou murmuradas numa inflexão feiticeira, diferem alguma cousa do que temos visto e presenciado tantas vezes nas nossas salas, no *soirée*, e no baile, no conversar em família ou no diálogo da contradança!...

A mulher é *uma e indivisível* como a república francesa de 1793. É por ela, e com ela que a Europa se tornará uma imensa federação de povos, congregados todos em torno da mesma ideia, e animados do mesmo pensamento.

Mas dito isto, já a tarde se aproxima, e o sol vai no seu declive. Temos de chegar à estação do *caminho de ferro*. Partimos, e necessitamos voltar. Um adeus breve e sentido, um acenar de lenço rápido e supercilioso, e depois eis-nos em frente de um inglês e de uma inglesa, caminhando ele com o inevitável *álbum* debaixo do braço, ela, com um chapelinho de sol e o impreterível *véu verde* sobre um chapéu de palha.

Respiro o *cant* da Grã Bretanha, que Byron tão pitorescamente analisou.

---

<sup>20</sup> No texto base, “paelida”.

## V.

Ninguém me suponha inimigo da Inglaterra, depreciador dessa grande nação, que é a pátria dos Byrons, que vão derramar o sangue pela Grécia, dos Peels que sacrificam a sua existência ao empenho de lhe dar grandeza e esplendor político, dos Wilberforces, que põem ao serviço da emancipação dos negros, da abolição da escravatura os prodígios de uma eloquência sentida e majestosa, des Cohdens, que se votam ao pensamento da paz universal, dos Palmerstons, que vigiam pela liberdade europeia, e sabem abrir os braços aos proscritos de todas as nações, e de todas as ideias.

Essa terra que hospeda Luís Filipe e Guizol, que recebe Ledru-Rollin e Mazzini, que saúda em Kossuth<sup>21</sup> o grande patriota, compreende, com rara delicadeza, que a desgraça é a mais santa e inviolável de todas as religiões. Deus me livre, apesar de ser criado talvez no ódio do nome inglês, que eu não respeite e admire essa grande nação, que não me curve perante a constância serena com que se mantém imóvel no centro da liberdade, como as suas rochas no seio do oceano. Mas agora não insulto o sincero culto que lhe presto, analisando rapidamente estes dois exemplares da fria, grave, e austera Grã-Bretanha.

É uma senhora de vinte e três anos, quando muito, que se atira para cima do sofá do *wagon*, indolente e distraída. Os seus olhos azuis, defendidos pelo inseparável *véu verde*, pasmam sem energia, e sem vida pelos objectos que a rodeiam. Com as mãos descaídas molemente, com o corpo inclinado, com a cabeça repousada sobre o ombro, parece exactamente um fardo que arremessaram para dentro do veículo que a transporta. Creio que abriu a boca duas ou três vezes: é decerto uma milionária que se aborrece: deixou os nevoeiros de Londres, aonde se podia suicidar à sua vontade, e não se sente reviver às brisas tépidas e perfumadas desta poética e formosa Itália!

A pessoa que entrou, dando-lhe o braço, e que se assentou defronte dela, será marido, ou irmão? Eu voto pela primeira hipótese: tem um ar insipidamente conjugal, e tristemente monótono. Está mudo e silencioso, mas no olhar que por acaso lança à sua deveras linda companheira, há esta pungente exclamação: “Sou teu toda a vida!” “És minha enquanto te corarem as faces, te palpitar o sangue nas veias, e usares desse expressivo *véu verde*!”

---

<sup>21</sup> Lajos Kossuth (1802-1894), patriota e político húngaro que defendeu, em 1848, a causa da independência nacional (*GRANDE Enciclopédia Delta Larousse*. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v 7, p. 3838).

O matrimónio cria, acho eu, em Inglaterra, um dos géneros mais triviais de *spleen*. Explicando em todos os seus sintomas, em todas as suas diferentes causas, ilustraria, decerto, o mistério das aventurosas excursões desses *lords* pálidos, magros, secos, e solenemente melancólicos, dessas *ladies*<sup>22</sup> esguias, cor de cidra, e singularmente mudas, que todos os anos repetem o *high satisfactory* diante dos monumentos de Roma, Milão, Génova, Florença, Veneza e Nápoles.

Tive eu então um exemplo da concisão, da economia, da inapreciável brevidade do diálogo britânico. Quando a locomotiva parou debaixo das suntuosas e vastas arcadas da *embarcadere* de Milão, o homem levantou-se tão hirto e completo como um boneco comprimido por uma mola, e sem querer ver mulher, repetiu entre os dentes: “*Come!*”

A esposa, irmã, ou o quer que fosse, reproduziu a mesma operação com uma obediência passiva digna de um soldado russo, e assobiou também com idêntica entonação: *Go!* E foram-se, tendo consumido durante um trajecto de vinte minutos três letras por cabeça. É um assombro de avareza de palavras: uma espécie de capitalização sobre a voz humana, que as nações meridionais só têm que invejar humilde e respeitosa.

O que fazia eu durante todo este tempo? Conversava no meu melhor italiano, capaz ainda assim de arrepiar os nervos de qualquer florentino ou habitante de Roma, com uma espirituosa companheira que o céu me deparara.

Não afirmo que se encontre, a cada passo, na Itália uma Beatriz, que foi a musa misteriosa do Dante, uma Leonor que soube apaixonar maviosamente a alma de Tasso, uma Laura que cativou Petrarca, todas essas *divas* que a poesia eternamente canta, que a história literária santifica, como sendo a inspiração viva dos mais belos génios da humanidade: mas quantas Fornarinas não passam diante dos nossos olhos deslumbrados, tão belas talvez, como a que serviu de modelo às *madonas* do divino Rafael?

Sem exagerar as impressões que se sentem debaixo daquele céu azulado e sereno, creio bem que não era nem na velha Inglaterra, nem nos gelos da Rússia, nem mesmo nas verdes margens do Reno ou do Danúbio que Tasso enviaria a Afonso d’Este dos cárceres de Ferrara aquela sua tão sentida e tão fera oitava.

Tormi potevi, alto signor, la vita  
Che dé monarchi è drito;

---

<sup>22</sup> No texto base, “*lady*s”.

Ma tormi quel che la bontá infinita  
 Senno mi dié, perche *d'amor ho scritto*  
 (D'amore, a cui natura e il ciel m'invita)  
 E delito maggior d'ogni delito.  
*Perdon* chiedei, tu mel negasti: addio.  
 Mi pento ognor del pentimento mio.

“Poderoso senhor, poder-me-ias arrancar a vida: é o direito dos monarcas; mas arrancar-me aquilo que eu possuo da bondade infinita, porque escrevi d'amor (d'amor a que a natureza e o céu me convidam) é um delito maior que todo o delito. Pedi-te perdão, negaste-mo: Adeus: arrependo-mo para sempre de me haver arrependido”.

E tanto isto é verdade, que os grandes poetas é ali que vão buscar os seus modelos. *Romeu e Julieta*, foram idealizados pela inspiração de Shakespeare, mas dizem os seus imortais adeuses nas arrondadas torres de Verona: *Otelo* ama *Desdêmona* em Veneza: e o sombrio e melancólico *Child-Harold* de Byron, é na Itália que sente acendido o fogo do entusiasmo e da glória.

Chegámos ao termo da nossa viagem: é pena que eu não possa me despedir das minhas leitoras, com aquela despreocupada efusão italiana, que é um dos mais suaves privilégios do viajante, que ainda crê nos afectos do mundo, e nas sublimes aspirações da mulher.

UMA EXCURSÃO AO LAGO DI COMO



Figura 6. Lago de Como  
(SPELLANZON, Cesare. Storia del Risorgimento e dell'unità d'Italia. V.7. Milano: Rizzoli Editore, 1960.)

## I.

Viajar! Eu não sei que haja coisa que melhor nos reconcilie com a vida. Viajar! ver homens que nos recebem com o sorriso nos lábios, e que não têm tempo de nos atraiçoar: às vezes, sentir junto ao peito as palpitações de um coração feminino, cujas futuras infidelidades ignoramos sempre...

E depois, tudo é belo, porque não chegamos a poder apreciar as coisas pelo avesso: é o sol que luz, é a onda que s'espraia bonançosa, é a flor que perfuma os ares, é a natureza que se enfeita aos nossos olhos de todos os prestígios. E que rebente a tempestade? É também uma diversão. Mais tarde a atmosfera torna-se serena, as estrelas brilham de novo, a lua cintila no mar em palhetas doiradas...

Não se perdem as ilusões, o único capital de felicidade que Deus concedeu à imaginação do homem...

## II.

E depois, a quietação é o desalento, são as mágoas que dia para dia nos devoram: o velho venerando que desce ao sepulcro, sem nos dar o extremo adeus do afecto que lhe merecíamos... a donzela pura, viçosa e linda, que vimos doidejar num baile, tão cheia de esperança, e que de repente adormece no túmulo... É um vasto cemitério a vida, cujas campas se desenham, uma após outra, diante dos nossos olhos tristes e orvalhados de pranto... De longe não chegam os ecos da agonia, nem se enxerga a mortalha desdobrando-se fúnebre e tremenda... Duas linhas num jornal, e nada mais. Nem a dor se transporta para algumas criaturas vestidas de luto, que caminham melancólicas e repassadas de angustia...

Viajar é esquecer: é embriagar as paixões, é amortecer os desejos, é ser artista... E a arte não morre, e os monumentos não se apagam da face da terra tão rápidos como as criaturas de Deus...



## III.

E todavia, deixando de lado as reflexões amargas, as viagens têm um grande inconveniente, que é um homem levantar-se cedo. Dormir ou não dormir, *that is the question*: dilema tão pungente na sensabor prosa da existência real, como o “*to be or no to be*” do “Hamlet” de Shakespeare.

O “*valet de chambre*” assume as proporções de um tirano de melodrama: vingá-se na ocasião do madrugar de todos os incómodos a que o condena o seu triste mister.

Está, por exemplo, um homem gozando desse delicioso meio-sono que de manhã é tão agradável, e vê como num pesadelo, a fisionomia malfazeja do criado por entre os vidros, e depois a sua voz ironicamente maligna, que lhe diz: “são quatro e meia e o *omnibus* parte às cinco e meia, não tem senão uma hora para se vestir”!

O primeiro desejo é mandar ao diabo o criado, o ônibus, e a viagem: voltarmo-nos para o outro lado, e continuarmos o sono interrompido.

O criado tem entretanto a crueldade de não repetir o chamamento e quando nos encontra outra vez dormindo, autorizado com a recomendação da véspera: “acorda-me de todo o modo, ainda que me zangue!” abre a porta, e apoderando-se nos do braço, puxa por ele como se fosse a corda de uma campainha.

Não há remédio! Arranjais à pressa o vosso saco de noute, embrulhais-vos num amplo *paleto*, tomais a inevitável xícara de café, e partis.

## IV.

Não sei, sinceramente, quantas vezes abri a boca até chegar à estação do *caminho de ferro* em Milão. Duvido que se encontre homem menos madrugador, e que aprecie tão pouco as perspectivas do nascer da aurora. De mais a mais o dia estava enuveado, o frio penetrante do outono fustigava-me a cara e as mãos em intermitentes bafagens de norte. Se me convidassem a ir deitar-me outra vez, não resistiria talvez à tentação.

Eram sete horas da manhã quando embarcámos no vapor, que navega no lago. Lancei os olhos em torno de mim, e achei-me rodeado de homens e senhoras. Lembrei-me do *solatior est miseris*: e bem vi que aquelas criaturas eram meus companheiros de desgraça.

Asseguro que a reunião se compunha de um grande número de estrangeiros, falando cada um, em grupo separado, na sua própria língua. Era uma imagem desvanecida daquela confusão de Babel, que a Bíblia nos descreve.

Belo, deslumbrante era o espectáculo que se me figurava diante dos olhos. As montanhas já cobertas de neve, no cume, estavam envolvidas de nebrina, e todavia as *vilas* deliciosas que as povoam, apareciam vagas, indistintas, com a alvura dos seus mármorees suntuosos, com os verdejantes tapetes dos seus encantados jardins.

O sol dissipando pouco a pouco os vapores que encobriam a terra de uma e outra margem: dir-se-ia um véu de gaze que vela pudicamente a formosura de uma mulher, lânguida, suavemente afastado pela mão terna de um amante feliz.

As águas do lago estavam serenas e adormecidas, e reflectiam os formosos monumentos que a arte criou, desde séculos, para tornar este sítio uma daquelas adoráveis mansões que só a imaginação árabe poderia descrever nos seus contos e poemas.

E quem dirá que este lençol de água, tão manso, tão bonançoso, lançado no meio das montanhas e prolongando-se numa extensão de 50 e tantas milhas até aos Alpes Retianos, como uma odalisca, que beija submissa os pés do seu senhor, se enfurece às vezes e se agita em tremendas tempestades?

## V.

O mar, os rios, e os lagos são caprichosos como as mulheres. De manhã são ternas carícias, suaves beijos, é a vaga que se espreguiça límpida na areia, que lambe com feiticeiro murmúrio o rochedo, e a praia; de tarde é o furor e a cólera, as ondas que se erguem gigantescas, que rebentam altivas, que se despedaçam indomáveis contra a terra que as comprime!

Um dia, era no inverno, vogava uma barca sozinha no Lago di Como. À popa estava assentado um homem de cabelos louros, de luz branca e levemente tostada, com os cabelos

desalinhados, e a atitude melancólica. Era um inglês, que viajava para esquecer – quem sabe? algum amor ardente, alguma paixão enérgica, que lhe devorava a alma, que fora coroada talvez pela traição, e pelo abandono.

A barca tinha a vela solta, e sobre o horizonte inflamado pelos clarões do sol, viam-se nuvens negras e ondulantes...

– Patrão, disse o barqueiro: não tarda a tempestade; a nossa vida corre perigo...

– Tens medo? perguntou o inglês.

– É que se a tormenta nos acomete, é quase certa a morte... disse o homem de mar estendendo instintivamente o braço na direcção do aguaceiro.

– Tormentas de lago! atalhou o inglês com um sorriso irónico.

– Por Nossa Senhora o juro, que ainda as não vi iguais nem no Mediterrâneo, nem no Oceano...

– Tens medo? perguntou de novo o inglês, batendo o pé impaciente. E cravou o boné nos olhos, e conchegou a japona ao peito.

– Que a virgem se condoa de mim, e de meus filhos, que ninguém dirá que eu tenha medo! bradou o barqueiro a meia voz.

E largou mais a vela, e a barca desaparecia negra, e solitária, como o Fausto montado no cavalo fantástico, e correndo pelos espaços infinitos de um mundo ignorado...

## VI.

Um quarto depois, o céu escureceu de todo, e projectou vastas sombras sobre o lago: o vento começou a rugir em rebanadas furiosas... os relâmpagos sucederam com uma rapidez terrível... os trovões acordaram em sons profundos e cavos os ecos das montanhas. Era a tempestade!

– Ei-la conosco! disse o marinheiro olhando triste as águas, já cobertas de espuma tão alva como a que resalta da boca de um cavalo de raça, quando se sente prostrado pela velocidade e pelo cansaço...

Medonha, pavorosa é tormenta na terra: no mar, comprime o coração mais afoito, empalidece o semblante mais orgulhoso e fero...

O inglês cruzou os braços sobre o peito, como um homem que se decide a morrer: os olhos cavaram-se-lhe na órbita circulados de nódoas lívidas, e podiam ver-se-lhe ao clarão do relâmpago, os lábios descorados de terror, mas conservando um aspecto de ameaça... Ao mesmo tempo o seu olhar convulsivo, e meio cerrado, fitava o céu orgulhoso, como o de [Lara]<sup>23</sup>, quando cai expirante nos braços de Kaled, num dos magníficos poemas de Byron...

– Lamentas a vida, homem! disse ele pegando no braço do barqueiro.

– Tenho mulher e filhos! respondeu este, deixando cair a cabeça com desalento...

– Então salva-te! salvemo-nos! Eu sei o que é o mar: o mar conhece-me a mim!

O grande perigo nestas terríveis conjunturas, é que a vela pode fazer com que o navio, segundo a concisa expressão dos marinheiros: “faça da quilha portaló!” e que ao mesmo tempo é necessário conservá-la içada sob pena do barco perder o governo, e de poder despedaçar-se sobre as rochas ...

Não perderam ânimo; a barca virou muitas vezes de bordo, para montar as pontas, e linguetas que atravessam o lago, depois por uma hábil manobra, escolheram um sítio favorável para encalhar, e a barca saltando os rochedos, veio enterrar-se numa porção de areia, como o camelo no deserto que foge espavorido ao *simoom* devastador, e se lança prostrado e palpitante, com a cabeça escondida entre as palmeiras de um oásis...

## VII.

Não se dirá também, nesta luta suprema de um frágil lenho com as ondas, o vento, e a tempestade, que aquelas taboas unidas, que aquelas velas soltas, e meio desfeitas, que aqueles mastros que rangem no calço, e se dobram como vimes ao impulso das brisas agitadas, constituem um ser animado e inteligente, que não obedece à voz do piloto, mas aos misteriosos instintos da conservação?...

O inglês saltou de um pulo em terra, e encostou-se a uma árvore, para gozar daquele majestoso, e horrível espectáculo.

O barqueiro com a voz afogada, com os olhos radiantes, caiu de joelhos, levantou as mãos ao céu, e orou...

---

<sup>23</sup> No texto base: “Larra”.

Contraste que humilha a razão humana, e apaga talvez mil prestigiosas páginas, que pintam as maravilhas da ciência, da civilização, e do progresso...

Para o homem do mundo que conhecera as delícias da vida, que sorvera em dourada taça os gozos cá da terra, a salvação foi um capricho do acaso, a tormenta horrorosa de que havia escapado um manancial de comoções ignoradas, o panorama fúnebre que o rodeava, um motivo quando muito de curiosidade...

Para o homem do povo, simples e rude, a quem Deus concedera para consolo das fadigas, os affectos tão doces de pai, e de esposo, tudo nascia do céu, era ao seu anjo da guarda, a um santo protector, *a la Madona*, que attribuía o haver escapado da morte!

Que vale mais então? esta fé cândida, ou aquela ciência céptica? Estas afeições santificadas pela natureza, e pela religião, ou aquelas torvas paixões, banhadas de lágrimas e de vigílias, que se comprazem na dor, que se alimentam tantas vezes de remorsos pungentes?

Quem não trocará as rugas da meditação, que ofuscam a fronte, a palidez da noite tormentosa, a recordação de mil carícias mentidas, de mil olhares perjuros, pela existência do pescador, que chega desfalecido e cansado à cabana, para abençoar os filhos, e a esposa, e orar com eles?.....

## VIII.

A verdade é que o desconhecido viajante inglês recompensou largamente o corajoso marítimo, tomou nota do seu nome na carteira, e partiu.

Dois anos depois enterrava-se no cemitério do *Campo Santo* em Florença, legando duzentos mil francos ao venturoso barqueiro.

Tudo iria às mil maravilhas, se não aparecesse um advogado, harpia social, que anda à espreita destes festins testamentários como as nauseantes aves da mitologia esvoaçando por sobre as carnes do banquete, e que improvisou um sapateiro, que por acaso possuía o mesmo nome e apelido, apresentando-o com direito ao legado.

O inglês, com aquela discrição que caracteriza a raça, não declarara no testamento nem a profissão, nem o motivo daquela generosidade insólita.

Travou-se um processo. O advogado absorveu, segundo parece, o melhor da herança, e o barqueiro teve que contentar-se com as relíquias de uma artificiosa concordata.

Esta esperteza, que entra na série dos *roubos legais* com que os velhacos abusam dos simplices, serviu apenas de tema de conversação, e acharam-na de bom gosto.

É mais nobre, entretanto, roubar na estrada, expor a vida como salteador, e arrostrar impávido a guilhotina ou a forca!

## IX.

Fiem-se então lá em águas que apenas se encrespam na superfície, e que todos diriam entregues a um sono bonançoso e tranquilo!... A tempestade existe oculta no fundo das vagas, como muitas vezes a traição e o perjúrio sob as feições gentis e cândidas de uma donzela...

Na margem direita temos que reparar, por força, na *vila* de uma celebridade coreográfica, de uma filha mimosa da musa Terpsícore, a dançarina Taglioni, que tanto maravilhou com *entrechats* e *ronds-de-jambe* as plateias de Paris e Londres.

E exageram tanto a alta filosofia de certas abdições! E que direis aos Dioclecianos de saias, que se retiram das grandezas do império, para virem regar modestamente flores num jardim?

Pois que! Dançar ou cantar num tablado, ter durante noutes inteiras cravados sobre si os olhos de milhares de espectadores, sentir o estridor de palmas entusiásticas, aspirar o perfume de centos de ramalhetes e coroas arremessados com delírio a nossos pés, não equivale a pousar num trono, e a ver desfilar gravemente os cortesãos submissos, humildes, e como fascinados pelo prestígio do *onipotenci* real?

Taglioni retirou-se do teatro, quando o seu nome era citado com admiração, e respeito. Abandonou sem hesitar, a poesia dessas emoções artísticas, que embriagam, que enlouquecem, que exaltam o espírito: rainha da cena atirou pata longe desdenhosa o cetro, e depois de haver sido artista, contenta-se agora simplesmente em ser mulher.

Parece que em Milão é malvista por se haver entregue às delícias de uma *cordeal entente* com um príncipe russ[o]<sup>24</sup>, debruado de *tedesco*. O patriotismo Italiano é austero, e intolerante: marca com o *styma* do desprezo a face feminina que ousa aproximar-se dos lábios

---

<sup>24</sup> No texto base: “russe”.

de um *maledeto straniero*! E que tem isso? acaso o coração pode ser cúmplice destes rancores meridionais?

Quem me tornou de todo indulgente para com estes pecados, foi a conversação que tive com uma espirituosa e elegante francesa.

Dizia-lhe eu, um dia, que não podia compreender como os exércitos aliados entrando em Paris, haviam feito tantas e tão rápidas conquistas femininas: que este facto denunciava no belo sexo daquela nação, a ausência completa de patriotismo, que era um ultraje a tantos milhares de bravos soldados, vencidos e humilhados, e quase proscritos no seio da sua própria terra.

Não imaginam que desdenhoso movimento percebi nos lábios da minha interlocutora: com que entonação sarcástica me respondeu, encolhendo os ombros: “Qu’est-ce que célá fait... s’ils étaient des beaux homes...”

Esta francesa, decididamente, e contava mais de trinta anos de idade.

Além! além! não reparais naquele gracioso palácio, que tem em frente um *cottage* tão elegante e singelo? ... Não vedes como as árvores dão sombra aquelas arcadas de mármore, como a relva tapiza suavemente o solo fugitivo meio afogado entre as montanhas? É a *vila* de Teresa Pasta, é o delicioso Fontainebleau daquela realeza que abdicou um trono menos gelado do que o de Cristina da Suécia: é ali que a celebrada *prima-dona*, vive uma parte do ano, agradável e hospedeira para com os amigos que a visitam, benfazeja e caridosa para com os pobres e desgraçados que a imploram, e não consta que haja Monaldeschi algum que a distraia das suas modestas ocupações campestres. Teresa Pasta! Descubramo-nos perante este nome glorioso! Saudemos um dos mais sublimes intérpretes da música moderna, esta quase irmã de Rossini, sócia das glórias do grande maestro contemporâneo!

Ó *diva*, mais feliz do que a tua desventurada rival, do que a sedutora Malibran<sup>25</sup>, tu não sentiste a voz magoada do poeta, dizer-te um fúnebre adeus em lamentosos versos.

Não o ouviste, quando dirigindo-se à sombra plangente de Marieta, lhe pergunta:

Que ne l’etouffais-tu, cette flamme brûlante  
 Que ton sein palpitant ne pouvait contenir!  
 Tu vivrais, tu verrais te suivre et t’applaudir  
 De ce public blasé la foule indifferente

---

<sup>25</sup> Maria Malibran (1808-1836) foi uma famosa cantora de ópera francesa, provavelmente, uma das cantoras mais famosas da história da ópera. Disponível em: <http://www.histoire-image.org/site/oeuvre/analyse.php?i=665> (site administrado pelo ministério da cultura e da comunicação da França).

Qui prodigue aujourd'hui sa faveur inconstante.  
A des gens dont pas un, certes, n'en doit mourir!

.....  
.....  
Connaisais-tu si peu l'ingratitude humaine?  
Quel rêve as-tu donc fait de te tuer pour eux!<sup>26</sup>

.....  
.....  
Esplêndida quadra era aquela em que figuravam ao mesmo tempo na cena *la Pasta*, e *Maria-Felicia Malibran*, *la Fodor* e *la Sontag*: em que *Rossini* produzia algumas das suas grandiosas criações – “*Otelo*” e “*Guilherme Tell*” em que *Meieerberg* fizera aparecer “os *Huguenotes*” e dava a última de mão ao seu “*Roberto-do-Diabo!*”

Oh! *la Malibran* não errou, morrendo devorada pelo fogo abrasador da arte: para que veria ela a mão sinistra da decrepitude desenhando, em torno dos seus olhos radiantes, as rugas da velhice? Que faria ela no mundo, quando as suas inspirações musicais revoassem pela sua imaginação palpitante, expirando-lhe ao mesmo tempo a voz no peito sufocado?

Há realezas que abdicam: há outras que não poderiam existir, privadas de ver uma onda de cabeças ébrias de entusiasmo, mil gritos arrebatados, milhões de palmas delirantes, e flores e coroas, e vivas, e bravos, e lágrimas de enternecimento, e imprecações de ódio!

Ela bem sadia, a gentil *Rosina do Barbiero de Seviglia*, a apaixonada *Desdémona do Otelo*, que só o pintor, e o literato, o poeta e o estatuário deixam herdeiros imortais do seu génio: que a glória do artista é apenas um nome escrito numa página fugitiva, que a sua celebridade expira, em vida, como o frescor, e o perfume das rosas, que a aurora vê desabrochar belas e deslumbrantes, que os ventos da tarde prostram descoradas e sem viço!

## X.

Oh! se há no mundo cousa mais majestosa e sublime do que a música!... *Artistas e maestros* sois vós os verdadeiros filhos do céu: o pintor idealiza a natureza, mas não a anima de movimento: o poeta lança-se no caos de ignoradas sensações, e não as pode revelar à alma, quando transcendem os limites da imaginação criada; é só a musica, essa língua misteriosa e

---

<sup>26</sup> Trecho de *A la Malibran*, de Alfred de Musset.



vaga, que nos leva ao coração os suspiros e as lágrimas, os beijos famintos da paixão, e as aspirações ideais do espírito: qual é o sentimento grandiosamente encantado, e ardente, terno como a saudade, lânguido e voluptuoso como o desejo, que as tuas combinações não exprimam?... Quando o génio das outras artes expira na impotência, começa então a tua inexplicável soberania! ...

Não admira, decerto, que a Malibran sucumbisse ao fervor de tão maviosas impressões: que Bellini depois de haver exalado a ternura de uma alma divinamente melodiosa, se definhasse por uma tísica cruel: que Mozart expirasse aos trinta anos, que Chopin, ainda há pouco, fosse conduzido ao cemitério entre as lágrimas de seus inconsoláveis amigos.

A arte devora as organizações, e suicida os talentos: a glória chama cedo ao túmulo esses seres que possuem a um tempo, a religião do belo unida ao frenesi dos desejos: pensamentos que os elevam ao céu, paixões que os aproximam da terra: a morte vem rápida, porque se esgota a vida na taça tormentosa dos prazeres!

## XI.

La Pasta vive ainda, e ninguém dirá vendo uma mulher reforçada e cheia, modestamente vestida, e singela de trato, que é o glorioso Tancredi, cuja presença era saudada sempre com transportes de sentida admiração. É que a grande artista não possuía, como outras muitas, essa inspiração involuntária, que arranca do peito brados de agonia, ou interjeições de amor, que faz destilar dos olhos lágrimas verdadeiras, que contrai as feições em gestos de dor ou de prazer. Era o estudo, era a ciência do canto, que lhe concederam a celebridade, e lhe conquistaram o entusiasmo público.

Entretanto, e como demonstração de que é necessário não tomar a sério todas as exaltações, que a arte imprime aos caracteres, terei a condescendência de descrever o grupo, com que conversei durante toda a viagem.

Era ele composto de uma *prima-dona*, que estivera ultimamente em Lisboa, Mad. S\*\*\* C\*\*\*, e de seu marido; de uma gentil grega, que viajava entre o consorte, e o irmão: e de um milanês, que – Deus me perdoe a conjectura se é caluniosa! – não era indiferente aos encantos da amável estrangeira.

Esta grega era um tipo: morena, o perfil do rosto de uma regularidade clássica, olhos negros, e rasgadamente fendidos, cabelos vastos, e enquadrando lhe o rosto numa desordem estudada, a cabeça desdenhosamente descansada sobre uma mão pequena, e primorosamente *gantée*; o seu vestido era negro, e só se conhecia que já transpusera a dramática idade dos trinta anos, pela sua estatura demasiadamente arredondada e robusta, e por umas rugas quase invisíveis que se lhe desenhavam nos ângulos da testa, rugas malditas, que Ninon de Lenclos<sup>27</sup> afirmava que desterraria de boa vontade para os pés, se isso fosse possível.

O esposo, que estacava diante dela numa espécie de *extasis* matrimonial, teria sessenta anos, e aproximava-se admiravelmente do género do homem-cabide. Com a boca pendente, os olhos radiantes, sustinha num dos braços o xaile, a *clotilde* ou *genoveva*, o chapelinho de sol da sua metade: com o outro aplaudia, de vez em quando, os ditos picantes, as observações espirituosas, que ela dizia, em tom sentimental e desvanecido: gordo, baixo, e já com a barba e cabeça meia branca, era um destes vulgares exemplares de negociante, que depois de ricos, teimam em divertir-se, gozar da fortuna, e abandonam o balcão, ou o escritório, para se maçarem contemplando o que não entendem, tendo de recordar-se com saudades do *livro de razão*, do *copiador*, do *borrão*, e do giro das *letras de câmbio*. Ou eu me engano, ou sofria de *nostalgia* comercial.

O milanês era de uma fealdade tão completa, e acabada, que parecia um *orangotango*, vestido de europeu. O irmão da grega conversava com uma intimidade por extremo suspeita com a *prima-dona*, o que tornava a situação daquela tribo digna da atenção de um observador.

Bem sei que a religião conceitua estas tentativas antimatrimoniais como um pecado mortal, que a lei as condena como um crime, mas literalmente, são uma diversão artística.

Assim como um romance, ou uma tragédia não se avaliam pela sua conformidade com a liturgia e a doutrina cristã, nem com os preceitos da legislação, mas segundo as prescrições do belo, estas cenas, falando sem hipocrisia, não revoltam a consciência: apreciam-se como um capítulo bem escrito, ou um quadro dramático palpitante de interesse e poesia.

---

<sup>27</sup> Anne Lenclos, mais conhecida como Ninon de Lenclos (1620-1705), foi uma famosa cortesã, que mantinha ligações com célebres homens de sua época e cujo salão era frequentado por livres-pensadores. (*UNICO: Dizionario Enciclopedico Universale*. Roma: Gremese Spada, 1995, p. 1274).

## XII.

Quem inventou a *bas-bleu* foi a Inglaterra: quem encontrou um outro género na espécie que denominou *bas rose* foi Charles de Rémusat<sup>28</sup>, quem, afinal, precedeu de alguns séculos todas as nomenclaturas foi o imortal Molière[,] com as suas *Preciosas* [*Ridículas*]<sup>29</sup>.

Esta grega era preciosa... e ridícula. Era preciosa porque tinha talento, porque possuía espírito, porque Deus a fadara ao mesmo tempo, formosa e gentil: Molière entretanto não poderia deixar de reunir na sua pessoa os dois adjectivos conjuntamente, e as nossas tias velhas chamar-lhe-iam, sem reticências ‘*prognóstica*.’

Quando menos o esperava vi-a levantar-se e ir para a popa fazer pontos de admiração, arregalar os olhos, dar entranha dos suspiros, constituir-se em *extasis* pitoresco.

– Como o vosso país é belo! disse ela depois ao milanês travando-lhe do braço.

O milanês não fez um gesto, mas uma careta de contagiosa admiração. Se era tão feio!

– Como não seria admirável esta terra, quando os *condottiere* nos seus castelos dominavam o país! continuou ela.

– Admirável para eles, muito pouco agradável para as vítimas que de contínuo espoliavam, respondi eu.

– Oh! a nossa época não tem essa poesia encantadora, essas comoções ferventes que se gozavam noutras eras!

O milanês curava com mostras de assentimento a cabeça, a todas estas proposições, proferidas com tom sentencioso.

– As épocas heroicas, minha senhora, são como as montanhas, vistas de longe, parecem confundir-se com as nuvens, examinadas de perto, poucos centos de palmos se elevam acima do nível da terra.

– E que importa? Eu odeio esta vida prosaica e monótona, que não é preenchida por nenhum acontecimento grande: há três meses que viajo na Itália, e ainda não me consta que aparecesse um salteador.

<sup>28</sup> Francisco Maria Carlos, Conde de Rémusat (1797-1875), foi um estadista, filósofo e político francês que transitou entre a ditadura e a oposição francesas, chegando a ser expulso de seu país e tendo sido eleito deputado por Paris. (GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], v. 25, p. 77).

<sup>29</sup> No texto base: “R-dículas”.

– É mau ofício esse, agora; com gendarmes, caminhos de ferro, e telégrafos eléctricos, morrem de fome os que a ele se dedicam. Não me admira que algum dia eu veja nas *notícias diversas* de algum jornal: “morte do último salteador”...

– Pois não há ladrões de estrada na Península? perguntou ela com vivo interesse.

– Enganam-se todos os que nos pintam bárbaros, cruéis e devorados de paixões enérgicas: respondi eu: os ladrões mudaram a sua residência das charnecas para a cidade: uns furtam lenços: outros são empregados, e furtam a fazenda pública: a maior parte tornaram-se agiotas, e roubam o próximo... É uma profissão quase legal hoje...

– Pois não hei-de descansar, enquanto não encontrar uma quadrilha! atalhou a grega.

– Para que saiu então da sua pátria, minha senhora?

– Vivo em Odessa...

– Vivemos em Odessa, afirmou o marido misturando-se na conversação: oh! minha mulher dá concertos para os pobres, e canta como um anjo; é louca por música, e eu também... acrescentou ele desejoso de mostrar a conformidade de gostos que o ligavam à sua interessante consorte.

### XIII.

Não tardou que eu conhecesse ser exactamente verdadeira a asserção. O milanês e a grega revelaram os segredos do seu coração... por música.

Debruçados sobre a amurada do vapor, cantaram a meia voz todos os duetos conhecidos. Estrangularam Rossini, esmagaram Verdi, apunhalaram Donizetti, e Bellini...

A música é pois uma arte que em mais de uma ocasião ameaça a tranquilidade matrimonial...

Realmente afirmo: *son ramage ne ressemblait à son plumage*, como diria La Fontaine: a voz da grega era de um timbre irritante: a garganta do milanês não o absolvía também da fealdade: deveriam ambos ser despachados coristas da primeira filarmónica de província.

E cantaram! cantaram!... Era um delírio: era um namoro que seria capaz de esgotar todos os repertórios...

O marido aplaudia com um sorriso radiante a sua própria desventura...

Mad. S\*\*\* para justificar o ditado que: “em casa de ferreiro espeto de pau”, dialogava<sup>30</sup> com excessivo ardor com o seu parceiro...

Eu, depois do marido, é quem fazia ali pior figura.

Dirigi-me para outro grupo que examinava os lindos pontos de vista, e as formosas *vilas* que de um e do outro lado apareciam sobre as montanhas...

Estavam começando: *il mio cor si divide* do “*Otelo*”.

Se acreditarmos exacta a geografia sentimental de Scudéri, depois da aldeia dos *petits soins*, e da região das *messages galantes*, perdiam-se no rio caudaloso e agitado dos ciúmes...

Como o amor corre veloz... por música!

#### XIV.

Avistámos a vila *Pliniana* célebre pela fonte cujo fluxo e refluxo foi observado por Plino-o-antigo, e descrito por Plino-o-moço; é um fenómeno cuja causa a ciência ainda não pode cabalmente explicar.

Esta *villa* apesar da tradição nunca foi propriedade de Plínio. Ele possuía, é verdade, duas *villas* no Lago di Como, que ele denominava *Comedia* e *Tragoedia*, mas nenhuma é esta. A primeira parece dever ter sido edificada na ponta de Bellagio, a segunda supõe-se fora situada defronte, mas o local não se sabe ao certo.

O Palácio da *Pliniana*, construção austera e de forma quadrada, foi edificado em 1570 por Auguissola, um dos quatro chefes da nobreza de Placência, que apunhalaram o tirano Pedro-Luís-Farnésio, filho do Papa Paulo III.

A cada uma das paragens que fazia o vapor, para largar e receber passageiros, um gracioso espectáculo nos encantava a imaginação.

Dezenas de batéis, quase todos tripulados por senhoras elegantemente vestidas se aproximavam do barco: que mimosas formosuras eu vi então!

Uma, cujo nome me disseram, e que eu não tenho a indiscrição de repetir aqui, estava vestida de luto, e o seu rosto pálido, envolvido de tranças de um louro desvanecido tornava-a semelhante a uma das virgens do Baixo-Império.

---

<sup>30</sup> No texto base “espeto de pau. Dialogava”.

Que olhar tão resignado, e tão triste! Que melancolia tão sincera transparecia nos seus movimentos abandonados e lânguidos!

É que ela olhava a terra um deserto, e já a não cativavam os esplendores do mundo: o seu noivo, o seu amante morrera quase, sob os seus olhos, numa das terríveis cinco jornadas revolucionárias de Milão<sup>31</sup>.

Delirante, louca de desespero fora procurá-lo no meio das balas, no mais acesso dessa luta sanguinosa: respirava ainda: o nome querido da sua alma saiu-lhe dos lábios com o último sopro da vida: oh! desde então, era uma viuvez eterna a que lhe enlutava o coração: retirada no campo, moça, e gentil, bela sobretudo por esse toque divino que uma grande dor moral imprime nas organizações superfinais, conserva-se entregue ao culto dessa tão angustiada e magoada saudade.

Oh! quão rara é esta devoção que ajoelha sobre um túmulo, que se liga à esperança da imortalidade, que se ergue para o céu como as árvores fúnebres, e tristes que dão sombra às campas de um cemitério!

Quantas existências são colhidas pela rápida mão da morte, que não tecem na imaginação humana, a mais leve recordação saudosa!

Morrer?... Que importa morrer, se a nossa memória vive no pensamento de uma mulher, se a nossa imagem revoa ante seus olhos, se as nossas palavras lhe ressoam aos ouvidos na vigília e no sono?

Quem não trocaria as pálidas e fugitivas glórias que sobrevivem à existência do escritor e do poeta, do conquistador, e do artista, pela sorte daquele homem, expirando nos braços da amante, e legando para sempre à sua alma o seu afecto, cortado em flor!

## XV.

Aportámos à vila *Sumariva*, que fica quinze milhas em distancia do ponto de partida.

Esplêndida é aquela construção ainda de data recente. Tive então ocasião de admirar uma cópia da célebre “Joconde” do imortal Leonardo de Vinci.

---

<sup>31</sup> As Cinco Jornadas de Milão foi como ficaram conhecidas as insurreições populares italianas ocorridas entre 18 e 22 de março de 1848, na qual os democratas atacaram as tropas austríacas e, conseguindo expulsá-los da cidade. Foi uma das primeiras revoltas importantes do período que dará início ao processo de unificação da Itália. (SCIROCCO, Alfonso. *L'Italia del Risorgimento*. Bologna: Il Mulino, 1990, p. 278-280).

Depois examinámos de corrida o Palamedes, estátua de Canova, uns baixos relevos do célebre estatuário dinamarquês Thorwsalden, e quadros modernos de autores franceses e Italianos. Jantámos e partimos para a vila *Serbelone*, que fica quase defronte.

É nesse sítio que o lago se divide, e deviam dar-se parabéns ao arquitecto que construiu uma série de jardins sobre a montanha, aproveitando todos os numerosos pontos de vista que tornam encantadora aquela residência.

É uma ascensão contínua que de espaço a espaço nos torna mais vasto o horizonte, mais deslumbrante e pitoresco o panorama daquela mágica região.

Tudo aquilo tornaria poeta a própria burra do profeta Balaam.

Fica-se com os braços cruzados, a imaginação desordenada, o pensamento fulminado, a vista absorta. Transportamo-nos vagamente às deliciosas descrições do paraíso terreal. Desejávamos ver ao pé de nós, uma mulher querida, para vazarmos no seu peito quanto fervido entusiasmo, quanto poética alucinação, e sublime desvario nos acomete o espírito.

*Oimè!* Encontrámos no vértice da montanha uma família inglesa, pai, mãe, filhos, filhas, irmãos e irmãs. Permaneciam imóveis, e friamente impassíveis, como se uma exclamação, ou um brado espontâneo fosse *improper!*

Estavam trajados segundo as regras vestimentais que regem o mundo elegante. Os homens de casaca preta, e luvas amarelas: as senhoras de vestido cor de rosa, chapéu de palha, e luvas cor de canário.

O nosso trajar burguês é decerto, o mais incómodo, o mais desgracioso, o menos artístico que se poderia inventar. Examinado na cidade, e ainda nos jardins medidos a compasso dos arrabaldes, não irrita os nervos em demasia. Mas transportai-o para uma cena grandiosa, e revestida de uma certa poesia primitiva, e dissei-me se o contraste não fere o gosto, e a verossimilhança. O rei das salas, o *dandy* barbeado e engomado, de casaca, de calças estreitas, de chapéu redondo, de luvas, e bengala, não vale decerto o montanhês rude que sobe a encosta encostado ao cajado, o pescador que à borda do rio, expõe ao ar o peito, e os braços nus, o homem do campo que dirige vigorosamente a charrua por entre as camadas de um solo rebelde. O nosso vestuário é uma caricatura: e não é seguramente entre os espartilhos de um estofado de gaze, e as costuras de uma casaca tísica, e de um apertado colete, que se podem criar as formas que serviram de modelo ao Apolo de Balvedera, ao Hécules Farneseu, à Vénus de Milos, e à Vénus de Médicis.

## XVI.

À volta, ainda encontrei a grega no vapor. Estava entregue a um grande acesso de *basbluismo*. Tinha nas mãos aberto o mapa do Lago di Como, e comentava-o a lápis, para maravilhar depois as suas visitas de Odessa.

Disse-me que tencionava viajar na Península Espanhola, e pergunta-me a razão porque Byron falava tão mal dos Portugueses no *Child-Harold*.

– Quem é que pode penetrar na caprichosa imaginação de um grande poeta? – respondi eu. Mas aquele trecho de mau humor nasceu porventura de alguma ofensa feita ao seu amor próprio. Entretanto comentarei as palavras do próprio Byron, quando escrevia a um amigo: “Se é verdade o que dizem de mim em Inglaterra, eu não digno da Inglaterra; se não é verdade, a Inglaterra não é digna de mim”. Direi como ele: se é verdade o que ele disse de Portugal, Portugal não seria digno dele: se não é verdade, ele não seria digno de Portugal!

– Como ousa falar assim de um tão sublime génio? – perguntou a grega...

– Com o mesmo direito com que ele se atreveu invectivar acerbamente a pátria de Vasco da Gama que descobriu a Índia, de Camões que a cantou, de Afonso de Albuquerque que a chamou ao grémio da civilização pelos prodígios de um assombroso génio.

A grega apenas não ignorava o nome de Camões. Estamos esquecidos! Quando nos faremos lembrar de novo?

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.



**RECORDAÇÕES DE ITÁLIA**

POR

A. P. Lopes de Mendonça

Fixação de texto por  
Julianna de Souza Cardoso Bonfim

TOMO II

## CARTAS

### I.

Eu sei que impressão extraordinária senti, quando me deitei na cama com a ideia de que partia no outro dia para Veneza. É necessário ser um pouco poeta e literato, para conceber os sonhos, as esperanças daquela cidade meia real e meia fabulosa, meia cristã e meia oriental, meia europeia e meia árabe.

Lembram-nos os poemas de Byron, as narrações misteriosas de Schiller, as novelas inglesas que lemos na infância, e por último, os romances de Georges Sand: o *Uscosque*, o *Leone Leoni*, primores de imaginação e de estilo, que suspendem a decadência literária, de que este nosso século está dando um triste e miserando exemplo.

A imaginação do homem é de tal modo imperiosa e fantástica, que eu esqueci, durante o trajecto, que estava no ano de 1850, que vivia entre gente de sobrecasaca e chapéu redondo; pareceu-me dever visitar em Veneza aqueles dois *gentis-homens* que são os protagonistas dum drama de *Shakespeare*: achei, de mim para mim, que talvez tivesse de travar conhecimento com o *Shylock* do *Mercador de Veneza*, que tinha a sua loja aberta sobre o Rialto, e de ver entre os canais a sombria fisionomia de *Iago*...

Meu amigo, toda esta alucinação poética se desvaneceu perante os cuidados mui vulgares de uma viagem rápida, ordenada segundo as prescrições administrativas da posta, e da via férrea.

Eu ouvi vagamente uma voz satírica repetir-me aquele lindo trecho duma das árias do magnífico *D. Juan de Mozart*.

Vedrai, carino  
Si sei buonino  
Che bel remedio  
Ti voglio dar

O remédio eu te digo qual é. É partir de Milão e Trevilho pelo caminho de ferro, às sete horas da manhã; é metermo-nos depois da diligência, passar ainda de dia por Brécia, e chegar a Bérghamo às cinco da tarde, com uma fome desesperada, e tendo apenas uma hora para satisfazer essa necessidade trivial, mas irresistível. É andar nove horas ainda em diligência até Veneza, e esperar desde as três da noite que rompa o dia para nos metermos



Figura 7. Vista de Veneza em meados do século XIX  
(SPELLANZON, Cesare. Storia del Risorgimento e dell'unità d'Italia. V.7. Milano: Rizzoli Editore, 1960)

num *wagon*. Felizmente é uma hora do dia seguinte entramos triunfante[s] no *Albergo di Itália*, que fica a pouca distância da praça de S. Marcos.

Eu não sei por que criticam os viajantes, quando eles exageram as suas impressões. É uma sem-razão. A palavra humana é débil para explicar o *extasis* que eu senti, quando subindo a um terraço, que havia no *hotel*, vi Veneza a meus pés; Veneza, a rainha do Adriático, a pátria de Foscari, e de Dandolo, a colónia romana de Aquileia fugindo aos furores de Átila, e fundando um império, que, desde as guerras com a Turquia até a liga de Cambrai, se eleva ao vértice dos mais gloriosos e prósperos destinos.

Para que tudo isto se possa vivamente compreender, é necessário que existam monumentos. É necessário que um homem diga a si mesmo: estas pedras que eu piso, já estremeceram aos passos de Cornaro: aqueles leões são os mesmos, que os patrícios fitavam com orgulho e desvanecimento: aquela é a igreja, aonde Ticiano Palma, Tindoreto, Sansovino<sup>32</sup> vinham ajoelhar e orar: aqueles cárceres abafaram mil generosos clamores, desde os rugidos tremendos de Faliero, até aos doces queixumes de Sílvio Pelico.

Quem duvida de que Lisboa é tão rica de tradições, como as mais nobres e altivas cidades?

Mas o terremoto<sup>33</sup> arrancou da sua frente os seus sublimes brasões. O camartelo moderno raspou-lhe ilustres pergaminhos; e só a erudição pasmosa, e a profunda intuição filosófica do nosso amigo A. Herculano, é que pode não só reedificar pelo pensamento a velha Lisboa, com os seus becos, praças, travessas, e ruas, mas dar vida às gerações, cujo pó ignorado o vento varre, ao descair das tardes de estio.

Esta terra, bem sei, foi uma terra de crimes, de amores violentos, de ódios irreconciliáveis, de paixões ardentes, de ambições sinistras.

Mais duma vez o que começava a noite nos festins, ia ver nascer o dia numa masmorra. E que importa? Eram outras raças aquelas, e parece que o sangue dos nossos avós, se nos turvou nas veias. Oh! bem sei que no nosso século o amor, a fé, o entusiasmo, são como esses velhos caducos, que se arrastam languidamente, sem energia e sem vigor.

Veneza é hoje uma sombra, que olha todos os dias o túmulo, onde tem de desaparecer tarde ou cedo; a que tantas vezes desposou o Adriático, entre os vivas de uma população delirante, há-de talvez repousar em paz no fundo das suas águas!...

Mas também quando o moribundo se reanima, ainda faz tremer os mais ousados. Os velhos leões rugem com furor medonho, e os austríacos pararam uns poucos de meses diante

---

32 No texto base, "Sansoviso".

33 Referência ao terremoto de 1º de Novembro de 1755, que destruiu grande parte de Lisboa, sendo sentido em quase todo o continente. (*GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], v. 31, p. 469).

dessa rainha orgulhosa, que por momentos usou da coroa sacrossanta, que por tantos séculos lhe ornara a frente.

Contemplando Veneza, desde logo se percebe o entusiasmo dos grandes poetas, e o sem-número de lendas que realçam a sua história. É uma fada e é um anjo; anjo que chora encostado aos ciprestes, que dão sombra aos túmulos: fada que é a hora da meia-noite, se embuça no *pizzoto* negro, e vai divagar por entre as lagunas, meio encobertas pelos vapores diáfanos, que se perdem nos confins do horizonte.

Quando, à noite, a Praça de S. Marcos, parecia animada de movimento e de vida, e que eu, afastando-me do tumulto, me aproximei dos cães da *riva dei schiavoni*, silencioso, melancólico, e triste; quando vi a luz da lâmpada dedicada à *madona* pela viúva inconsolável de Marino Faliero<sup>34</sup>, alumiar as paredes do Palácio dos Doges, com o seu vacilante e pálido fulgor, senti confrangido o coração, e as lágrimas vieram-me aos olhos.

Então lembraram-me as palavras de George Sand no *Orco*:

“Dançai, ride, cantai, alegres filhos de Veneza! Para vós o inverno não tem frios, nem a noite trevas, nem a vida cuidados. Pertenceis aos felizes do mundo, e Veneza é a rainha das nações. Quem disse *não*? Quem ousa pensar que Veneza não é sempre Veneza? Tomai cuidado! Os olhos veem, os ouvidos ouvem, as línguas falam; tremei do conselho dos Deuses não fordes bons cidadãos. Os bons cidadãos dançam, riem e cantam, mas não falam. Dançai, ride, cantai, alegres filhos de Veneza! Veneza, única cidade que não foi criada pela mão, mas pelo espírito do homem; tu que parece haver sido gerada para servir de morada passageira à alma dos justos, e colocada como um degrau para eles da terra aos céus; muros, que habitaram as fadas, e que um sopro mágico ainda anima; colunas aéreas, que estremeceis entre o nevoeiro; agulhas ligeiras, que vos confundis com os mastros flutuantes dos navios; arcadas, que pareceis encerrar mil vozes para responder à voz que passa; miríades d’anjos e de santos, que pareceis palpitar sobre as cúpulas, e agitar as vossas asas de mármore e de bronze, quando a brisa corre sobre as vossas frentes úmidas; cidade, que não existes, como as outras, sobre um solo mórbido e lodacento, mas que flutuas, como um rebanho de cisnes sobre as ondas, alegre-te, alegre-te! Um novo destino se abre para ti, tão belo como o primeiro. A águia negra flutua acima do leão de S. Marcos, e pés tudescos valsam no Palácio dos Doges! Calai-vos,

<sup>34</sup> Marino Faliero (1274-1355) foi um notável general e doge veneziano, de família ilustre. Aos 72 anos, comandou o exército que derrotou as tropas da Hungria, comandadas por Luís I. Posteriormente, quando derrotado pelo coronel genovês Paganino Doria, viu-se obrigado a negociar trégua de 4 meses, o que afetou seu prestígio e deixou descontentes os nobres, de quem Faliero jurou se vingar e para quem arquitetou um golpe. Descoberto, Marino Faliero foi julgado e decapitado. Sua vida inspirou Byron, que escreveu um drama homônimo sobre sua vida. (*GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], v. 10, p.866).

harmonias da noite! Sumi-vos, rumores insensatos do baile! Não sois mais, santo cântico dos pescadores: não murmureis sequer, voz do Adriático. Morre, lâmpada da *madona*: oculta-te para sempre, rainha prateada da noite! Já não há venezianos, nem Veneza!...

Dancemos, cantemos, riamos! Porque daqui a pouco a voz do relógio dirá: meia-noite! E o eco dos mortos há-de vir bradar aos nossos ouvidos: Escravidão!...[”]

## II. S. MARCOS

S. Marcos define e explica maravilhosamente Veneza. A praça era o teatro dessa vida aventureira, e epicurista, que Casanova descrevia ainda tão energicamente nos fins do século passado. O templo era, e é ainda, o livro imenso, que nos descreve as suas glórias, a sua paixão pela arte, a sua superstição meio pagã, o seu fausto elegante, e a sua onipotência patrícia.

Templo, maravilhoso na verdade, diante do qual podemos repetir, com leve variante, o dito de Bonaparte: “De cima daquele zimbório nove séculos te contemplam!” Porque a Basílica de S. Marcos, como todos sabem, foi começada no ano de 979, sendo Doge Pietro Orseolo.

A impressão, que S. Marcos produz no espírito, é quase indefinível, à força de ser extraordinária. O risco da catedral de Colónia, segundo uma antiga lenda, foi inspirado ao arquitecto pela mão tentadora de Satanás; o nome daquele, que desenhou a maravilhosa fábrica, desaparece na noite dos tempos, e o grande poeta desceu ao sepulcro sem poder aspirar a essa imortalidade intelectual, que é quase a única recompensa dos que nasceram fadados pela Providência com o selo do génio. S. Marcos dir-se-á construída pelos caprichos sublimes de uma legião de fadas. Deserta e sozinha a praça, lembra-nos aquele conto das mil e uma noites, que descreve uma cidade fantástica, que só a fé de um verdadeiro crente pode devassar nas alturas inacessíveis em que ela estava suspensa.

Este templo incoerente é o resumo de todos os estilos, um mosaico de todas as escolas. As graças dão o braço às *madonas*, e passamos dos austeros altares do cristianismo primitivo às faustosas e opulentas magnificências da imaginação árabe.

As colunas floretadas, as cúpulas, os mármore, os mosaicos, as pedras preciosas, os arrendados, e os florões, tudo parece revelar que os pensamentos de tantos artistas compuseram um hino católico, mas grandioso, em que os suspiros da Madalena, estorcendo os braços nas agonias do remorso, se ouvem a par das estridentes gargalhadas das bacantes; em que o martírio resignado do cristão, expiando com o nome de Deus no circo, se apresenta face a face com as cavalgadas aventureiras dos cavaleiros mouros, fundando com a espada essa civilização excêntrica, cujas relíquias ainda nos enchem de admiração e de assombro.

Numa das fachadas, por exemplo, depois de um mosaico que representa o corpo de S. Marcos arrancado das criptas de Alexandria, vê-se um baixo relevo antigo, que não é nada menos do que Hércules trazendo sobre os seus ombros robustos a corsa de Erimanto, e esmagando com o pé a hidra de Lerna, e em seguida o anjo Gabriel, apoiando as suas formas revestidas de asas numa lança!...

Sobre a porta principal, é que se admiram os formosos cavalos, cuja origem é um ponto ainda de discussão entre os eruditos. Querem uns que seja uma obra romana do tempo de Nero, transportada para Constantinopla no quarto século; asseguram outros que é uma obra grega da ilha de Chio, mandada para a mesma cidade durante o reinado de Teodósio – o Grande. O que há de seguro é que no ano de 1205 foram instalados em Veneza, e tirados do hipódromo de Constantinopla, sendo *podestá* pelos venezianos naquela cidade Marino Zeno.

Quando se entra no templo, a impressão não é surpreendente, nem comparável à que nos acomete penetrando no *Duomo* de Milão. As quinhentas e tantas colunas que sustentam o tecto, recebem-no numa altura, comparativamente inferior à que poderíamos imaginar. Mas a riqueza dos materiais não pode ser excedida; a nomenclatura dos mármore e pórfidos seria infinita; o pavimento, trabalhado em mosaico, é consideravelmente acidentado, porque os fundamentos lançados sobre o Adriático têm-se ido pouco e pouco abatendo.

Não creio possível que haja investigador que possa referir as pinturas, os baixos relevos, os arrendados, os mosaicos, os arabescos talhados no mármore, ou avivados de pedras preciosas que ali se encontram. São riquezas às mãos cheias, e que o talento de eminentes artistas empregou em milagres de engenho, e de trabalho.

O que há de notável é que só dois visitantes existiam connosco no momento em que ali entramos. Era uma inglesa, *sur le retour*, e um inglês em plena decadência.

Não sei por que, mas lembro-me das fisionomias e estaturas de um e outro. Ela alta, esguia, magra pálida, com o peito um pouco retraído, embrulhava-se grotescamente num xaile: ele gordo, obeso, robicundo, e extremamente baixo, prescindia do inevitável *machintock*, e vestia uma japona azul com botões pretos.

Para que, meu Deus! Viriam os dois fleumáticos insulares, gastar tempo numa contemplação, que nem os distraía, nem os entusiasmava? Perguntaram ao *cicerone* o nome e o valor das pedras preciosas: aposto que eram dois honestos *bourgeois* de Birmingham, que, cansados de inundar o mundo de navalhas de barba, e de estojos de facas e garfos, vinham





Figura 8. Basílica de São Marcos

Disponível em: <http://www.learn.columbia.edu/treasuresofheaven/shrines/Venice/index.php>

espairecer para o continente? O que levariam eles no seu *repository*? Esse trivial utensílio dos viajantes ingleses?

Na porta de bronze da sacristia detrás do altar, que levou a Sansovino trinta anos de trabalho, veem-se os retratos de Ticiano, do Aretino, do próprio Sansovino, e de outros artistas e personagens do tempo. Aretino, o grande escândalo do século XVI, o que primeiro fez da imprensa essa arma terrível, que fere os mais austeros orgulhos, e as mais poderosas posições; talento degenerado e ignóbil, que tomou a difamação como meio de vida, e se tornou tão célebre pelos escândalos da sua pena venal, como pela devassidão dos seus costumes!

Mas quando se veem confundidos nesta maravilhosa Basílica a elegância e aticismo grego, com a opulência bizantina, a imaginação árabe, e a austeridade gótica, não se percebe desde logo que Veneza existiu sobretudo absorvida pelos esplendores da arte? O que é Aretino senão um artista, amigo de Ticiano, e conviva de Sansovino, epicurista sôfrego e ávido, que apenas crê nos prodígios do talento, e nas maravilhas artísticas?

E é por isso que a Basílica resumiu toda a história do povo veneziano. Começada nas eras de crença viva, e de entusiasmo ardente, enriquecida com os despojos de Constantinopla, no século XVI, já não é a chama imaculada da fé, a aspiração ideal para um mundo melhor, que a orna de tesouros, que a garante de santas e devotas relíquias, é o culto das artes, o ardor desenfreado das comoções do espírito, o nobre orgulho de deixar escrita, em perduráveis monumentos, a memória de uma geração inteligente e activa.

O século XVI é para a reforma, o que o século XVIII foi para a revolução francesa. Em ambos se sente desfalecida a fé nas crenças dominantes; em ambos o desalento moral concita o supremo esforço de uma ideia nova, que reanime a humanidade.

O século XVI é para Veneza o ponto que marca o seu mais decisivo esplendor. É quando se levantam esses suntuosos palácios, enriquecidos pelo pincel dos grandes mestres; é quando ela recebe o epíteto de Veneza – a louca, palavra que diz a magnificência das suas festas, a opulência dos seus banquetes, a inteligente prodigalidade com que despense as suas riquezas, o ardor irrefletido com que celebra as suas glórias.

E é então que Aretino, esse Voltaire prematuro, o filho de uma meretriz, o protector daquelas criaturas que o Senado depois apelidará: *nostrì buoni meretrici*, aparece como tipo imortal da corrupção dos costumes unida aos prodígios do talento, tipo que hoje se tornou vulgar, e que devia, naquele século, alcançar, como alcançou, os foros de uma cínica celebridade.

### III. PALÁCIO DUCAL

O Palácio Ducal retrata, no seu aspecto exterior, esse governo austero e sombrio, que adeja ameaçador sobre os destinos da aristocracia, e que sabe estender a sua acção até ao foro doméstico. Governo decerto opressivo, mais duma vez injusto; mas que, apesar de todos os seus defeitos, possuiu o condão de presidir durante séculos à testa daquela onipotente república. Caso raro, e digno de notar-se! O Doge, que começou a construir o palácio, Marino Faliero, foi decapitado; o arquitecto, que o delineou, Filipe Calendário, morreu enforcado!

Esse Miguel Ângelo da média idade, como lhe chama eloquentemente um escritor moderno, foi quem elevou a parte inferior do edifício, cuja solidez é digna de espanto; foi quem esculpiu os capitéis das colunas da primeira ordem da fachada, cujo estilo é tão aventuroso e tão puro; vítima dos seus sentimentos democráticos, foi enriquecer essa longa lista de mártires, que acompanha, como um cortejo fúnebre, o carro triunfal da liberdade e do progresso romano!

A escada dos Gigantes, ornada das duas estátuas colossais de Marte e de Netuno, obras de Sansovino, é onde os Doges eram coroados: a um dos lados, com a forma sinistra de um sarcófago, existe a célebre Ponte dos Suspiros, suspensa sobre o mar; esta ponte se provocou, como o seu nome indica, suspiros d'angústia aos condenados, ainda melhor deu tema aos poetas e romancistas para vastos pontos de exclamação, e inúmeras passagens de corriqueiro sentimentalismo.

Nas salas do palácio existe em pintura a longa história das glórias de Veneza. Quadros gigantescos de Ticiano, Tintoreto, e Paulo Veronese, os grandes mestre[s] da escola veneziana, que foi evidentemente a primeira marinha do mundo em certa época.

É aí que nos veio à memória os trechos da sublime ode de Byron a Veneza, que foi quase a sua segunda pátria:

“Glória, poder, liberdade! Divina trilogia! Oh! Como nos dias d'outrora vós adejáveis majestosamente sobre estas terras! Então Veneza excitava a inveja das nações: uma liga formada pelas mais poderosas pode vencer o seu génio, mas não apagá-lo... Todos se interessaram no seu destino: os monarcas, admitidos nos banquetes, conheceram e apreciaram a sua nobre hospedeira, e não puderam odiá-la depois de a haverem abatido. As turbas sentiram o mesmo que os reis, porque desde os séculos era o culto dos viajantes de todos os



Figura 9. Palácio Ducal

Disponível em: [http://img0.liveinternet.ru/images/foto/c/1/apps/4/640/4640576\\_dvorec\\_dojei.jpg](http://img0.liveinternet.ru/images/foto/c/1/apps/4/640/4640576_dvorec_dojei.jpg)

países; os seus próprios erros possuíam encantos, porque eram filhos do amor; não sorvia sangue, não devorava cadáveres, mas levava a alegria até onde se estendiam as suas conquistas inofensivas; porque as suas armas haviam feito triunfar a cruz santificada pelas suas bandeiras protectoras, de contínuo interpostas entre a terra, e o crescente infiel; e se se viu esse fatal emblema empalidecer e diminuir, a Europa só o deve à cidade que carregou de cadeias... Não ouvis o estridor desses ferros, ó vós que vos ataviáveis com o nome da liberdade, devida às lutas gloriosas da rainha dos mares? Ai! Que partilha convosco uma dor comum: e, ferreteada com o título de reino, sob o domínio dum vencedor, soube aprender o que todos sabem, e nós ingleses, mais do que ninguém... os termos dourados com que os tiranos abusam das nações!”.....

Para a análise desses imensos quadros, que guarnecem aquelas quatro salas, não bastariam volumes. A sala das quatro portas, por exemplo, edificada por Paládio, é guarnecida de quatro belas estátuas; possui, além de um quadro de Ticiano, que representa o Doge Grimani de joelhos perante a Virgem, de outro quadro do cavaleiro Contarini, um de um jovem pintor, Carletto Caliari, filho primogénito e discípulo de Paulo Veronese, morto aos 25 anos, devorado pelas fadigas do estudo, e que o ilustre mestre declarava poder ser por ele excedido.

A sala denominada *anticolégio*, contém nada menos do que um quadro de Veronese – o Roubo da Europa; quatro quadros de Tintoreto, e uma pintura a fresco de Paulo Veronese.

A sala do Colégio, a sala de Pregadi, a sala do Conselho dos Dez, a sala denominada da Bússola, possuem grande número de quadros de Tintoreto, Veronese, Ticiano, do jovem Palma, Leandro Bassano, Marco Vicelio, e de outros artistas, cujo nome é menos conhecido.

Na antiga sala do grande conselho, onde existe a colecção dos retratos dos Doges, pintados por Tintoreto, Leandro Bassano, e o jovem Palma, é que se encontra a célebre inscrição: *Hic est locus Marini Faletrhi decapitati pro criminibus*. A república foi severa mesmo depois da morte. O crime político, que o ilustre Doge tentou nos últimos dias da sua vida, apagou os serviços que durante tantos anos fizera ao estado.

Depois de se admirar o Capitólio das glórias venezianas, é lúgubre o penetrar nas prisões, nos *pozzi* e nos *piombi*. É ali que lembra o dito de Montesquieu, quando afirma que o governo veneziano “conduzia violentamente o estado à liberdade”.

É destas prisões que se escapou, com rara audácia, o célebre Casanova, cujas torpes memórias são um escândalo, mesmo comparadas com as do seu tempo, que não passam decerto por serem um modelo de honestidade e delicadeza.

O guarda, que nos acompanhava, era, ao que parecia, um grande partidista do antigo governo. Respondia com um sorriso ao horror que manifestávamos, vendo aquelas cafurnas medonhas forradas de madeiras, sem ar e sem luz, onde os gemidos do prisioneiro eram de certo abafados na lúgubre armadura que vestia as paredes.

Sáímos literalmente arrepiados daquelas galerias, apenas alumiadas pela tocha avermelhada do condutor, e o nosso entusiasmo esmoreceu, lembrando-nos que ao tronco das denúncias, que existe lateral a uma das salas do conselho, correspondiam àquelas horríveis torturas, mais de uma vez dramaticamente finalizadas pelas execuções secretas, e pelo arrojado dos cadáveres ao canal Orfano, que se ocultava às misteriosas vinganças da senhoria.

Entramos num dos aposentos inferiores, onde existem encerradas algumas obras de escultura, que pertencem à antiguidade, e que se atribuem a célebres mestres das escolas grega e romana.

Que admira que Veneza possua preciosas relíquias das artes daquelas civilizações desvanecidas?

Veneza é uma colónia romana, entre ela e as tradições do império quase que não existiu intervalo: os que fugiram aos furores de Átila, haviam lembrar-se com saudade das glórias de Roma; e depois, no seu contacto contínuo com o império grego, nas suas guerras com o poder otomano, não teriam ocasião, artistas como eram, de haver algumas obras-primas do mundo antigo? Não se vêem na Basílica de S. Marcos, portas que se dizem pertencer ao templo de Santa Sofia em Constantinopla, e logo na fachada não admirámos nós os cavalos que pertenceram ao hipódromo grego?

O museu compõe-se principalmente de divindades mitológicas, e de bustos de imperadores romanos. Ali examinei miudamente o retrato de Nero, esse carácter excêntrico, que, no momento da sua morte, não se lembrava de perder o império, mas lamentava que o mundo perdesse um artista. *Qualis artifex pereo*<sup>35</sup>! Grito sublime, que marca a decadência de uma civilização! Aos elevados pensamentos de universal domínio, às aspirações religiosas e heroicas, que haviam animado aquele grande povo, sucedia o culto da arte, essa suprema apelação do cepticismo no indivíduo, e nas sociedades. *Qualis artifex pereo*, eis o epitáfio das nações, que, concentrando numa classe toda a ilustração e domínio, expiram quando ela se corrompe pela exageração e abuso do próprio princípio que a havia engrandecido e sublimado.

---

<sup>35</sup> De acordo com Suetônio, na obra *De vita Caesarum*, essas foram as últimas palavras de Nero. Sua tradução seria algo como *Que artista morre comigo!*

*Qualis artifex pereo!* Poderia dizer Veneza, quando nós, dobrando o Cabo das Tormentas, e desviando o comércio para os nossos portos, ameaçamos a grande república, que, amparando por três séculos a sua completa ruína, entregou humilhada e abatida a espada ao César dos tempos modernos, que já dera ordem de retirada ao seu exército, tão impossível julgava reduzir pela força a rainha do Adriático!

#### IV. O GRAN CANALE

Embarcámos na *Piazzetta* num dia pardo e tristonho. A tempestade rugia ao longe entre os nevoeiros do Lido. Lembrou-nos então o grito enérgico da amante plebeia de Byron, quando, com os cabelos soltos, e os seios palpitantes, apostrofava o ilustre poeta num dia semelhante, dizendo-lhe: “*Gran cane della madona, è questo il tempo de andare al Lido?*”

Os aristocráticos e perfumados *parvenus* da nossa época, acusam o *lord* por esta inqualificável ligação de *morganatismo* plebeu. Acreditam que, longe dos altos namoros do mundo elegante, dos inevitantes diálogos que se travam entre uma contradança, e uma valsa, não pode o poeta alcançar essas altas aspirações, que são, por assim dizer, a íntima substância do seu próprio talento.

Deplorável pretensão, na verdade! Eu mesmo não julgo comparável o que há-de sincero, de espontâneo, de rudemente excêntrico na paixão da mulher do povo, com o que existe de calculado, de subtilmente mavioso e falso nas ligações da alta sociedade.

Não se pode hoje desenhar na imaginação o busto da amante de Byron. Mas se ela parecesse com as mulheres do povo em Veneza, havia pertencer de certo, não à aristocracia de convenção, que as leis sociais mantém, e os costumes imobilizam, mas a essa aristocracia, que a natureza cria, quando as torna belas e airozas, quando lhes dá ao rosto todos os prestígios da poesia, e à estatura toa a elegância das formas artísticas.

É de crer que uma duquesa ou uma condessa esperassem, Byron na *piazzetta*, e entre o enleio de um terror afectuoso, e as fórmulas consagradas do *cant* aristocrático, lhe segredassem ao ouvido alguma terna queixa, meia abafada pela *pose* discreta do leque, e pela interessante peripécia de um ataque de nervos. *Gran cane della madona*, exclama a formosa popular, cingindo o pescoço, não do poeta, mas do homem, com os braços robustos, e depondo nas suas pálidas faces algum daqueles frementes beijos, que aceleram o sangue nas veias, e fazem palpitar rijamente o coração no peito.

Era ao descair da tarde: as gôndolas preguiçosas acalentavam-se suavemente nas águas: o céu, encoberto, mas com longos espaços abertos no esplêndido azul daquele firmamento, fazia realçar mais, se é possível, o aspecto dos velhos palácios, arrendados de formosos relevos, recortados com um luxo artístico, que não tem igual em nenhuma outra cidade do mundo.





Figura 10. Canal de Veneza e Ponte do Rialto  
Disponível em: <http://www.augsburg-catering.com/>

O Palácio Dario, o Palácio Giustiniani-Rolim, o velho Palácio dos Foscari, o Palácio Pisani, o Palácio Mocenigo, aonde Byron estabeleceu a sua residência, o Palácio Trevisan, que pertenceu à célebre Bianca Capelo, que, de amante de um obscuro fidalgo, se tornou depois duquesa de Florença, o Palácio Vendramini-Calergi, que hoje é propriedade da duquesa de Berry, e onde ela habita, o Palácio Barbarigo, cujo nome é ilustre sobretudo por ser o senador, que Shakespeare escolheu para pai da sua imortal Desdémona, o Palácio Grimani, o Palácio Pesaro, o Palácio Contarini, o Palácio Corner Spinati, o Palácio Tiepolo, etc., todos fazem pasmar pela arquitetura e elegância.

Depois chega-se à maravilhosa ponte do Rialto, construída no ano de 1591, no espaço de três anos, pelo arquitecto António da Ponte, e sendo Doge Pascoal Cicogna.

Anoitecera entretanto. Milhares de estrelas esmaltavam o céu, que havia descoberto. A viração tempestuosa da tarde sucedera uma brisa suave e melancólica. Então, percorrendo de novo o mesmo caminho, vimos dúzias de luzinhas fugitivas, destacando-se ora dos palácios iluminados, ora cortando as águas em caprichosas e variadas direcções. Veneza começava aquela vida noturna, que por tantos séculos viveu nos esplendores de festas suntuosas, e nas loucuras da orgia e do jogo.

O gondoleiro, sem que ninguém lhe pedisse, convidado pelo poético remanso da noite, entoou então a canção da *Biondina in gondoletta*, cuja heroína afirmam ser a condessa Benzoni, morta em 1839, e que conviveu muitos anos com Byron.

Era realmente delicioso ouvir a voz descansada e cadente do gondoleiro, repetir aqueles versos que possuem um perfume tão encantado e voluptuoso, no precioso dialecto veneziano:

La biondina in gondoletta  
L'altra sera lh'o menada  
Del piaser la poveretta  
La s'in bota indurmenzá  
La dormiva su'sto brasso  
Ogní tanto la svegliava  
E la barca che ninava  
La tornava indurmenzar!

.....  
.....

Língua peregrina, que participa a um tempo da malícia inocente da puerilidade, e da doçura e *morbidezza* dos climas meridionais. Língua de certo criada para ser falada por aquelas encantadoras mulheres, que acordam entre o mar como as ondinas, e cuja voz se

timbra melodiosa e terna no murmúrio das vagas, e nas rajadas do vento, que tantas vezes perturba a mansidão do Lido.

Aportámos para passar a noite no *Campo di S. Ângelo*, em casa do Conde G\*\*\*, um dos mais legítimos patrícios da antiga aristocracia, e parente próximo do último Doge Manin.

É um dos sítios mais solitários e desertos de Veneza. Passa-se entre ruas estreitas, cujos palácios enegrecidos pelo tempo, infundem melancolia, e como que nos repassam o coração de um vago terror.

Entrámos no seu palácio, vimos diante de nós um dos tipos, que, pela antiguidade da raça, pela distinção das maneiras, pela obsequiosa afabilidade e nobre franqueza com que patenteava a modéstia das suas posses, nos podia fazer conhecer, por um esforço fácil de intuição, quanta grandeza e superioridade devia revestir, noutro tempo, a classe de que ele era um dos representantes.

O conde G\*\*\* terá 45 anos. O seu busto podia ainda hoje merecer ser retratado pelo pincel de Wandick, que tantas vezes nos ofereceu a imagem daqueles fidalgos de perfil d'água, de feições delicadas, e finalmente desenhadas, de elevada estatura, de olhar ao mesmo tempo benevolente e irônico, cujas mãos d'alabastro destacavam tão suavemente nas mangas negras dos seus vestidos de veludo.

Fora um dos combatentes de Veneza, e, por um acaso feliz, conhecera, sendo criança, a Byron, que fora hóspede de seu pai, e habitara um palácio que possuía sobre a Brenta. O conde G\*\*\* fora rico, artista e gastador; e é raro quando as duas palavras se não tornam sinônimas; viajara por alguns anos pela Europa, e despendera rapidamente a sua fortuna no seu entusiasmo pela música. Era um *diletanti*, e falava da grande arte com paixão e poesia. Nesses momentos, a sua fisionomia, quase sempre taciturna e triste, animava-se de um mágico esplendor, e, não sei por que, recordava-me então aquele *Vendramin* de um dos romances de Balzac, que tomava ópio para dormir com a Veneza dos áureos tempos da sua glória, e só se deixava dominar do sentimento da realidade, quando la Tinti, Cartagenova, e Genovês no teatro.

Que dor imensa não deve invadir a alma de um Veneziano, quando vê quase em ruínas aqueles palácios, que outrora recebiam no seu seio a primeira e a mais distinta sociedade do mundo? Há acaso mágoa comparável à que o deve pungir, quando tem de vestir o luto da pátria, vendo que a vida lhe purpura por momentos a face pálida, e um raio de entusiasmo lhe anima os olhos amortecidos?

Voltaire, fazendo assistir Cândido ao banquete daqueles seis reis destronados, que vinham passar o carnaval a Veneza, não profetizou, no seu sarcástico mito, o destino que esperava a soberba esposa do Adriático?

Do *Carnaval de Veneza* que resta mesmo? Uma sublime fantasia sonhada pela imaginação mórbida e excêntrica de Paganini, que o mais ridículo *virtuose* repete como epigrama ao génio do célebre artista, e à glória da veneranda cidade!

Porque é que Rousseau, esse sublime poeta, que inspirou e inspira ainda o século actual, não soube nas suas *Confissões*, descrever-nos e pintar-nos Veneza, testemunhar toda a austera tristeza que devia sentir, vendo-a em progressiva decadência, todo o férvido calor com que devia admirar as obras-primas, que tantos séculos criaram para a abrilhantar, e enriquecer?

Aquele fervoroso amante da natureza, não lhe palpitava o coração com a mesma velocidade em presença da arte. Não o maravilhou o mágico colorido de Ticiano e Tintoreto, não se extasiou, por ventura, perante aquelas mulheres criadas pejo pincel de Paulo Veronese, pincel tão voluptuoso, e tão suavemente apaixonado, veneziano antes de tudo, que os dourados cabelos, e as carnes de branco-pérola, transparentes como o alabastro, e pálidas como o marfim, só parece que Deus concedeu aquele resplandecente e poético clima.

Divagar entre as ruas, ouvir os diálogos das mulheres do povo, contemplar aqueles corpos meio-curvados pelos dois baldes de cobre, que vão encher aos poços arrendados do Palácio Ducal: ver passar de noite diante dos olhos aquelas poéticas aparições femininas, vestidas de negro, e tão ligeiras e airosas como os pombos que esvoaçam sobre a cúpula de S. Marcos, que mais pode desejar um artista?

E tanto é que morre o desejo para só ficar a admiração. E como aquele desditoso Rousseau ninguém se arrisca a ouvir dos lábios de alguma Zuletta o dito sarcástico, infligido ao seu sentimentalismo inoportuno : “*Zanetto, lascia le done, e stucchia la matematica*”.

Vive-se, efectivamente, a milhares de léguas de toda a ciência exacta. Palácios, pinturas, catedrais, mulheres, colunas, canais e gôndolas, tudo vos afasta da realidade, e vos impele para as magas regiões de um idealismo voluptuoso e extático.

Um dia não sei como, entrei num bazar, que ocupava muitos andares de um palácio perdido entre os centenaes de *ruelas*, que alabirintam para o viajante a cidade de Veneza.

Subi despreocupado, e indolente num desses momentos de *flanar* vago e caprichoso, que sucede às grandes concentrações de espírito, que se exigem para o estudo e exame dos monumentos.

Fiquei maravilhado! Visitava um *pandemonium*, onde cada século estava representado, onde cada povo possuía uma relíquia da sua grandeza desvanecida. Eram múmias, quadros, armaduras, louça de Sévres e de Saxónia, mosaicos, mármore, animais empalhados, armas, pistolas, punhais, lanças antigas, arcabuzes, móveis de todas as épocas, e

tudo acumulado em desordem, como se uma ironia mordente quisesse de propósito confundir no caos os restos de tão diversas civilizações, e mostrar-nos o nada das glórias humanas.

Aquelas salas como consubstanciavam a loucura, e a razão, o ideal e a vida positiva, os voos do talento e as laboriosas tarefas do trabalho paciente e obscuro.

Era Roma e a Grécia, era o Egito, e a Judeia, era a idade media, e o século XVI, as invenções modernas, e as concepções antigas que apareciam aos olhos como num medonho pesadelo, em que tudo se nos transtorna na mente pelas tremendas aberrações da fantasia exacerbada.

Por alguns instantes, eu vi evocada a imagem do passado, numa intuscepção sinistra. Vi Roma e os lictores, e os escravos gemendo nas vastas planícies visitadas pela morte, e os gladiadores no circo, gritando no bazar: “*Ave, César, morituri te salutant.*” E vi um coro das ilustres meretrizes da Grécia, com os cabelos soltos, ao vento, e os lábios ascendidos de paixão sôfrega e ansiosa, as Abrotones, Hérpilis, Frinés, as Laís, e as Aspásias, aplaudindo os vencedores nos jogos olímpicos, ou escutando com fervor os versos de Ésquilo, e de Eurípides, naquelas memoráveis representações que tinham por tecto o firmamento, e por decoração a própria natureza.

E depois contemplei a idade media, e os cavaleiros tomando a cruz à voz de Pedro – o Eremita, e povos inteiros sucumbindo no deserto ao terrível *simoon*, ou vindo espirar nas muralhas da cidade Santa, com o nome de Cristo nos lábios. E as orgias dos Bórgias, e o veneno derramado nas taças do banquete, o som lúgubre de tantas agonias, no seio dos beijos e das carícias, tudo me perpassou pela imaginação, e me fez compreender essas épocas ensanguentadas, cuja política Maquiavel revelou audaciosamente num livro, cuja vida Dante explicou na *Divina Comédia*, cuja leviandade de costumes Boccaccio tão espirituosamente representou no seu *Decamerone*.

Era um poema imenso o que estava ali encerrado. Nesse oceano de recordações eu fui arrancar a Veneza dos áureos tempos da república, com a máscara das suas cortesãs, com os punhais dos seus *bravi*, com as canções dos seus gondoleiros, com o génio dos seus artistas, com o esplendor das suas festas, com a tremenda desconfiança do seu governo.

Ali existia tudo, desde as armas que vestiam os seus guerreiros, até ao rabel, que devia ser tangido sob as sacadas pelos trovadores namorados.

Se ha ocasiões em que se cobice a riqueza, é quando ela nos poderia abrir no espírito mil ignoradas sensações artísticas.

Aquele *bazar* possuía tesouros, que nenhum ouro no mundo poderia pagar. Criado e enriquecido talvez pelas sucessivas misérias que se manifestam depois de uma longa guerra, creio firmemente que raras vezes se poderiam num mesmo local reunir tantas curiosidades de arte. Vendo aquilo tudo tive ideia dos museus que Balzac insere nos seus romances, onde os Miguel Ângelo, os Gerardos Dows, os Claudios Lorenos, Os Murilos, os Rembrand, os Velazquez, os Ribera, os Corregios aparecem descritos pela análise minuciosa do romancista.

Como nós somos pequenos comparados com o medonho apocalipse do mundo? Para que serve amar e sofrer, aspirar à gloria e ao domínio, quando no relâmpago de vida, que nos é dado a respirar neste mundo, nós apenas passamos como o grão d'areia, que, a vaga indolente atira às imensas praias que envolvem o oceano? Dos séculos sobrevive às vezes um nome, e quando estas gerações, que agora se agitam como os vermes no fundo dos sepulcros, vierem aumentar com uma polegada o pó que cobre a superfície dos rochedos, e dos granitos antediluvianos, talvez que um chapéu redondo e uma casaca velha, um par de botas, ou um vidro de água de colónia, seja tudo quanto traduza aos remotos vindouros o largo drama da existência actual, com as suas revoluções, com os seus prodígios de ciência, com os caminhos de ferro e os telégrafos eléctricos, com os manifestos de Ledru-Rollin<sup>36</sup> e de Mazzini<sup>37</sup>, com as notas de Palmerston<sup>38</sup>, e os decretos imperiais de Napoleão Luís!

.....

.....

.....

Partimos para a calle del Ridotto, onde existia o nosso hotel, para nos entregarmos à mui vulgar tarefa da nutrição, e chegarmos a tempo de ir ao teatro de Apolo: a célebre *Fenice*, que é uma das mais belas, e elegantes salas de canto, estava fechada, e só devia abrir-se na estação do carnaval, estação tão popular e festejada por toda a Itália.

De noite Veneza parece uma série de elegantes corredores que conduzem à uma sala de baile. As ruas estreitas, as lojas abertas e iluminadas a gás, o concurso de homens e senhoras que passeiam, aspirando as tépidas emanações da brisa, tudo lhe dá um ar festival e

<sup>36</sup> Alexandre Augusto Ledru-Rollin (1807-1874), advogado republicano francês, deputado por Mans (1841), fez parte da extrema esquerda dos radicais e fundou o jornal *La reforme*, além de adquirir grande popularidade ao reivindicar a república democrática e social. (*GRANDE Enciclopédia Delta Larousse*. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v. 7, p. 3951)

<sup>37</sup> Giuseppe Mazzini (1805-1872) foi um eminente patriota e revolucionário italiano. Perseguido no Piemonte, exilou-se em 1831, fundando o grupo que ficou conhecido como Jovem Itália, que pretendia, unido a outros da mesma espécie, fazer uma espécie de república universal. Foi um dos triúmviros da fundação da República Romana. (GOOCH, John. *A Unificação da Itália*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1991, p.18)

<sup>38</sup> Henry John Temple, Terceiro Visconde de Palmerston, (1784-1865), foi um ministro britânico que defendeu os interesses britânicos, manifestando hostilidade em relação à França e à Rússia, potências mundiais do século XIX. (*GRANDE Enciclopédia Delta Larousse*. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v. 9, p.5066)

alegre. E depois, aquela animação é contagiosa: é impossível permanecer indiferente, ouvindo os pregões dos vendedores de caramelo, contemplando a obsequiosa deferência com que os belforinheiros nos pretendem fazer valer as suas mercadorias, e de tempos a tempos escutando os órgãos da Berbéria, que conjugam, como podem, os trechos mais notáveis de Donizetti, Bellini, e Verdi.

Chegamos ao teatro Apolo, e fomos para o camarote do conde G\*\*\*. A peça, que se representava, era do maestro Dala Barata, que nem eu, nem tu, leitor, conhecemos. Era uma ópera bufa – *Il Cuco di Parigi* – onde me parece que a veia satírica da velha Itália infligia aos franceses uma saraivada de chistes, que não seriam indignos de figurar na boca do clássico Pulcinelo.

A companhia não fazia crescer água na boca aos que vivem em Lisboa. A pátria do velho *maestro* La Porpora, e do divino Marcelo, autor dos salmos, estava naquele momento longe de poder tornar verossímeis os *extasis* do duque Cataneo, e do ínclito Capraja, dois tão significativos personagens das mais belas concepções do ilustre Balzac.

E por isso pus-me a olhar as mulheres, que merecem decerto a reputação que as ilustra nas narrações dos viajantes, e dos poetas turistas.

Havia uma, a condessa S\*\*\*, que estava assentada no lugar que os italianos denominam *pepiano*, pouco distante do proscênio. A luz da cena vinha iluminar-lhe a fisionomia, e como arrancá-la do claro-escuro, em que os camarotes quase sempre se conservam.

Era um destes bustos arrogantes e voluptuosamente talhados como os de uma estátua grega: não se assimilavam a essas mulheres-vespas, cuja frágil cinta parece que tem de despedaçar-se num abraço estremecido e apaixonado: a ela podia repetir-se o que o Tasso tão poeticamente exprime algures:

Parte appar delle mamme acerbe e crude:  
 Parte altrui ne ricopre invida vesta,  
 Invida, ma s'aggli occhi il varco chiude  
 L'amoroso pensier già non arresta.

.....

Mas porque estava ela vestida de negro, com os olhos abatidos e pisados, com a fronte descaída e melancólica, e sem um sorriso que lhe animasse os lábios pálidos e descorados?

O mistério soube-o depois, por causa dele escrevi a rápida narração, que publico mais longe debaixo do título de *Beatriz*.



## VI.

Despedi-me com saudade de Veneza. Era ali que eu concebia viver uma existência toda oriental, de preguiçosa indolência, de espirituosa e artística ociosidade. Em Veneza mais do que em nenhuma outra terra se compreende o *dolce far niente*, abrilhantado pelos encantos da música, pelo culto das belas-artes, pelos prazeres variados daquela conversação italiana, que só a palavra *spianata* pode expressivamente traduzir.

Os franceses conversam bem, sabem dizer graciosamente as cousas; mas o mais delicado diálogo degenera às vezes num assalto de espada preta, onde se dão e recebem botes com o sorriso nos lábios. Ora, é fácil que a conversa se torne pretensiosa e afectada: não se fala para explicar as impressões que se recebem. Fala-se sobre tudo para fazer espírito, para produzir efeito.

Em Itália, tira-se a máscara na conversação. Os *concetti* dirigem-se às cousas e não às pessoas, e quando a paixão inspira um italiano, quando discorre sobre um quadro ou uma ária, é deveras agradável ver como um fogo eléctrico lhe ilumina a fronte. As mulheres sobretudo são irresistíveis. E na entonação, e no gesto com que proferem às vezes um *ó caro*, ou o significativo *forse*, lê um homem mil sentimentos indefiníveis e graciosos. Num sorriso, num olhar exprimem tudo; e nas ocasiões em que uma francesa comporia habilmente uma frase recortada, tiram elas partido dum encolher fugitivo d'ombros, dum aceno de cabeça, dum toque lânguido e supercilioso.

Deus nos livre de quem faz *literatura* na convivência íntima. Nada há mais penoso do que assistir a um destes duelos de epigrama, que depois se inserem nalguma colecção de anedotas e chistes, *ad usum* dos tolos.

A Itália sofre os inconvenientes e goza das vantagens da sua situação. Como ali as vocações superiores não têm aberta a carreira política, que lhe absorva a actividade do espírito, a paixão, considerada em todos os seus aspectos, é o verdadeiro objecto que ocupa todas as inteligências. Ama-se, dança-se, ouve-se música, passeia-se, admiram-se as obras-primas de pintura e da estatuaria. A não se viver constantemente fazendo uma elegia às desgraças da pátria, é inevitável tomar o estado social como ele é, e variar o *dolce far niente*, em centenaes de *fiorituri* apaixonados e excêntricos.

Há-decerto almas rijamente temperadas para quem é esta necessidade um tremendo suplício. Há homens que aspiram ao martírio, e vivem envolvidos nessas tenebrosas conspirações, que quase sempre dão em resultado um arcabuzamento, ou muitos anos de masmorra; mas todo um povo não pode atingir esse heroísmo excepcional; e não é raro ver um combatente da última revolução, depois de narrar com a voz afogada em soluços qualquer episódio da guerra, perguntar se a divina Sofia Cruveli, se a Taddolini ou a Frezzolini cantam nalgum teatro durante a estação do carnaval.

Essas suntuosas distrações, que a arte procura, tornam-se uma espécie de ópio moral, com que adormecem as agonias da escravidão. Mas seja como for, nem por isso é menos verdadeiro o verso de Alfieri:

“Siamo servi, si, ma servi ognor frementi.”

O orientalismo é uma situação moral, que sem dificuldade se nos pode apoderar da imaginação. Para que serve agitar-nos, despendermos as forças do corpo e do espírito, quando o túmulo está tão perto, e quando a vida é mesmo breve para o triunfo de um grande pensamento?

“Quanto deves? perguntava um parisiense a outro seu companheiro. – Não sei: – O algarismo é superior a cem mil francos? – Se eu tivesse crédito para tanto, respondia espirituoso *bohémien*, teria partido com a quantia para Veneza, onde não me faltariam mulheres para amar, nem belas cousas para admirar.”

Esta ideia, tão ingenuamente formulada, poderia servir de profecia a certas organizações tão enérgicas e ricas, que, desdenhosas de alcançar esse egoísmo divinizado, que se denomina glória, gastam as faculdades na contemplação silenciosa dos prodígios da arte, e das maravilhas da civilização.

E por tudo isto vi desaparecer Veneza com o coração confrangido. Artista, como eu me prezo de ser, como eu me parece que sou, não poderia que sou, não podera faltar largamente os meus desejos. Apenas vira de corrida o famoso arsenal, que é hoje um monumento grandioso, e já foi a imensa oficina de onipotentes esquadras, e tantos palácios e igrejas, de que apenas contemplei a fachada. Recordava-me daqueles sorvetes tomados na Praça de S. Marcos, entre duas fumaradas de um charuto de contrabando, e não sei se de alguma Zuletta travessa e bonita, que me ensinara a estudar a Itália no seu aspecto puramente sensual e mundano.

Partimos no caminho de ferro, e demorámo-nos em Verona, durante algumas horas. Já se vê que fomos imediatamente admirar o famoso anfiteatro romano, de preferência ao sarcófago muito contestável de Romeu e Julieta, e à *capeletta*, cujo nome alguns antiquários dizem derivar-se da família Capuleto. Efectivamente no antigo italiano do Dante os dois nomes escrevem-se, como neste verso do famoso poeta:

Vieni a veder Montecchi e Capeletti.  
(*Purgatorio*, VI, 106).

O anfiteatro passa com razão por ser um dos mais bem conservados que restam. Pela opinião de Torelo, antiquário veronense, o anfiteatro pode conter vinte e três mil cento e oitenta e quatro pessoas. Eu, num cálculo rápido, mas feito com dados seguros, não suponho exagerado poder conter sessenta ou setenta mil expectadores.

Os anfiteatros antigos eram sempre edificadas com a ideia de fazer assistir aos espetáculos públicos a quase totalidade da população. Debaixo deste ponto de vista, Verona, nos momentos do seu esplendor, não poderia possuir uma população tão limitada como de vinte a trinta mil almas.

A parte arruinada do circo poderia sem custo reconstruir-se, Ainda existem de pé parte das arcadas superiores que cingiam o anfiteatro. O resto existe indestrutível e robusto como se muitos séculos não houvessem passado sobre aqueles gigantescos mármore. É fácil de recompor pela imaginação os *circenses* da antiga municipalidade romana. Os covis das feras, as majestosas abóbadas, os vomitórios, tudo nos confunde pelo grandioso da construção, A um canto do circo havia improvisado um pequeno teatro diurno, como a ostra apegada às ossadas de um soberbo rochedo.

Ainda aqui fomos perseguidos por um belforinheiro, que se atribui a missão de reaver alguns *swansich* aos que visitam o famoso monumento. Estes direitos de *portagem* tornam-se, no fim, intoleráveis. Em Inglaterra, tributa-se tudo: em Itália não se visita nem se admira nada de graça. Vi-me, talvez, em termos de ter de pagar os olhares mais ou menos curiosos com que seguia as senhoras pela rua.

O resto da nossa viagem tem pouco que contar. Passámos ao descair da tarde por Peschiera, praça célebre na última guerra de Carlos Alberto, e tombou-se-nos a diligência em Caravaggio, pátria do pintor Miguel Ângelo Caravaggio. Foi uma fortuna o acontecimento. Vimos a população inteira assistindo à nossa saída por um postigo, e toda espantada de que

nenhum de nós tivesse, pelo menos, um braço partido, para poder excomungar os postilhões e mestres de posta.

Ignora-se o motivo do fenómeno, mas a verdade é que todos os habitantes possuem uma longa e disforme papeira, que lhes cobre uma parte do pescoço. Fez-nos pena, seguramente, este desastre geral que a natureza inflige aos moradores de Caravaggio. As mulheres sem isso poderiam afoutamente incluir-se no tipo caracterizado por Gozzi: “*Biondo, bianco, et grassoto.*”

Veneza inspirou-nos três narrações, que inserimos em seguida, das quais uma é rigorosamente histórica. Resta-nos repetir humildemente, para as salvar de alguma crítica veemente, a fórmula da velha literatura: “Perdoai os erros do autor.”

BEPA<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Referência a um poema de Byron, de mesmo nome.

## HISTÓRIA ITALIANA

### I.

A beleza não tem país, mas se ela quisesse morar nalguma parte, hesitaria decerto entre as férteis e viçosas margens do Darro, e as virentes e perfumadas montanhas do *Lago di Como*.

Afirmam que o Tasso, descrevendo os jardins de Armida, reproduziu na descrição uma das deliciosas vilas, que ele vira no seu tempo, e onde, talvez, procurasse esquecer aquele amor tão profundo e ardente, que o tornou imortal na história, e mártir na vida.

Pois é aí que se passa parte desta narração, que eu vou repetir com o descuidoso desalinho com que me foi contada, numa dessas noites tempestuosas, em que o *at home* inglês tem um atractivo irresistível, e um admirável acolhimento.

Duas palavras para apresentar ao leitor o amigo que comigo conversava: será curto e breve este acto essencial na *fashion* de todos os países; a diferença é, que podemos dispensar mutuamente a cerimônia sacramental dos bilhetes de visita.

Para os expectadores, a sua *mise-em-scène* era completamente nas regras vestimentais que regem o mundo elegante. *Frac de coupe* inglesa, colete assortado, calças estreitas, bengala de *caoutchouc*, chapéu de aba larga, charuto encravado numa primorosa canela, de espuma de mar com ponta de âmbar.

Fisicamente, era uma fisionomia lombarda: cabelo louro, olhos azuis, rosto de um branco pálido, com, um sorriso sarcástico, e um pouco satânico na boca; era magro como um amante de melodrama, e tomava posições *byronianas*, com uma tão sincera naturalidade, que se conhecia desde logo, mesmo sem prescrutar as rugas que se lhe desenhavam na testa e nas fontes despovoadas, que o sofrimento moral lhe havia derrubado com a aza sinistra as cândidas ilusões dos primeiros anos.

Ninguém o compreendia, senão quem intimamente o tratasse: na sociedade, era um parvo tão desdenhosamente superficial e pueril, como em geral os dândis da civilização moderna: falava com a mesma paz de espírito do último protocolo do *foreign-office*, e do *toilette* anacrónico de algum camafeu aristocrático, como dos *trilos* da *prima-dona*, e dos *ronds de jambe* da dançarina *assoluta*.

Estávamos sozinhos, depois de um jantar copioso, próximos de um fogão aceso, sobre cuja chaminé repousavam duas caixas de charutos havanos, que o officioso instinto comercial

dos donos do *Hotel di Marino*, em Milão, apresentava, acho eu, a todos os fregueses, irreconciliáveis com aqueles típicos e longos charutos de Virgínia, com que se alimenta o vício da população.

## II.

– A tempestade dá-me *spleen* – disse Beponi, aproximando-se do fogão.

– O jantar deu-me um grande ataque de ternura, atalhei eu, balouçando-me numa cadeira à *Voltaire*.

– Não sei qual das duas situações é melhor, respondeu o italiano: o meu *spleen* talvez possa estear com o tempo; a tua ternura acaba mais ou menos numa tremenda decepção.

– Distingo! como se diz na escolástica, gritei eu. Os afectos têm um termômetro. E conforme os graus que o sentimento toma acima de *zero*.

– Ideia falsa! O amor é um cavalo indómito e feroso: podes ter-lhe a rédea até certo tempo, depois, se toma o freio nos de, dá contigo num desfiladeiro, ou te atira por alguma montanha íngreme e escarpada.

– Não prossigas, exclamei eu levantando-me, aqui me tens são e salvo, e já adorei, no silêncio do coração, mais *duma donna, bella bianca vestita*, como diz o Dante.

Beponi riu-se estridentemente, mas aquela gargalhada era seca e nervosa, como o embate das nuvens, em dia calmoso, e ardente de estio.

– Olha para mim, e sabe que sou um céptico tão perfeito e acabado, como se pode ser na minha idade, quando ainda pulam as paixões no peito, e os desejos abrasam o sangue. Moralmente sou demasiadamente orgulhoso, para ser devasso: demasiadamente artista, para me poder acomodar com o caldo negro de Esparta. Creio no amor ideal, como num luxo de imaginação: acredito na paixão frenética, como num abrasado delírio dos nervos e dos sentidos. A amizade não é mais do que um hábito do coração; o ódio, um sentimento incómodo e selvagem, que devera morrer enterrado sobre o cadáver de um desses heroicos brutos da idade média. E, todavia, ainda não pude esquecer uma mulher, ainda a vejo em sonhos, ainda a sua voz me faz estremecer de paixão, quando a ouço repercutida pela memória nesses dias solitários e tristes, em que o aborrecimento me arrasta do mundo!

## III.

Beponi debruçou-se, conchegou e soprou o lume, e pôs-se a observar as brilhantes faíscas, que a chama despedia no seu intermitente crepitar.

– A tua profissão de fé é uma mentira inventada pelo teu orgulho. Crês e descrês, como todos os homens deste século: há momentos em que darias a vida por uma mulher; há outros, em que a energia da tua vontade adormece no embrutecimento, e descais então num desgosto profundo que te altera as faculdades e te entenebrece o horizonte da vida. És como eu, és como todos os que provam da arvore da ciência, cépticos no espírito, e tão capazes como os outros de se verem acometidos de comoções grandiosas, e de amargos sofrimentos.

Beponi encostou morbidamente a cabeça ao braço, e perdeu-se numa dessas vagas meditações, que a língua humana não pode traduzir.

Depois levantou-se, e olhou-me fixamente:

– Tens razão; eu sou assim, devo ser assim, que de outro modo já a teria esquecido, já estaria sepultada na minha alma, como outras tantas mulheres, que amei de longe com o pensamento. E é por isso que a devia odiar; brincar com os afectos de um homem, como o tigre com as carnes despedaçadas da vítima, é decerto um crime, crime tanto mais atroz, quanto a vingança é impossível, e indigna de um coração generoso.

– Que te fez ela então? dize; é uma obra de caridade a narração de uma catástrofe sentimental; aprende-se tanto na experiência alheia!...

## IV.

Beponi aproximou-se de mim, e começou:

Já vistes o *Lago di Como*? Eu não acredito que haja sítio mais poético na terra. A arte e a natureza deram-se as mãos para o converter num desses fantásticos oásis que os árabes improvisam nos delírios da sua imaginação oriental.

As montanhas talhadas a pique, e cobertas de neve, perdem-se nos recortes caprichosos que o lago cavou na sua serena imobilidade; depois, essas vilas penduradas sobre



as rochas, com as suas colunas maravilhosas, similham outras tantas odaliscas, que se retratam na superfície das águas, e que receiam aventurar-se nos seus insondáveis abismos.

Era numa manhã de outono; passeava sozinho num batel; as nuvens, acasteladas sobre os montes, iam-se pouco a pouco rasgando diante do sol, que se erguia no horizonte: o perfume agreste das plantas embalsamava a atmosfera; nessa hora voluptuosa e encantada eu vivia naquele poético *extasis*, que as organizações não vulgares experimentam sempre perante as magnificências da natureza.

O meu barco aproximou-se da terra, na margem esquerda, tudo repousava ainda; somente vi uma janela aberta no hotel da vila *Sumariva*.

Minutos depois, uma mulher vestida de branco, com um ramalhete nas mãos, debruçou-se sobre a sacada. Fiquei deslumbrado daquela beleza, e afirmo-te, todavia, que nada tinha de ideal, nem de celeste: era uma mulher formosa, sem tipo criado nem nas diferenças de raça, nem nos esplendores da arte; não era uma *madona*, nem um anjo, nem uma santa; não era uma fisionomia judaica ou romana, oriental ou espanhola; era uma mulher que se podia haver encontrado num baile, ou num passeio; sinceramente bela, finamente animada e inteligente. O perfil era duro, mas orgulhoso e dominador; a testa espaçosa e talvez de carácter um pouco viril; os lábios, algum tanto comprimidos, deixavam ver dentes de uma alvura deslumbrante; os olhos negros, guarnecidos de compridas pestanas, deliciosamente fendidos, eram os mais belos que eu vi em minha vida. Havia neles, a par de uma certa frieza meditativa, uma tal irradiação magnética, que raros olhares poderiam resistir ao seu penetrante poder, à sua indisputável soberania.

Olhei-a muitas vezes; e ela, com o olhar fito no belo panorama, que se lhe desenrolava à vista, despojava ao mesmo tempo, distraidamente, o ramalhete que lhe pousava nas mãos.

Não te digo que senti imediatamente nascer-me no coração um amor tremendo e fatal; sei apenas que a sua imagem nunca mais me fugiu do pensamento.

Esta recordação importunava-me; estava-se em vésperas de um movimento revolucionário: a minha digressão sobre o Lago di Como coincidia mesmo com as impaciências políticas que agitavam os ânimos populares, e que poderiam comprometer a causa da insurreição.

## V.

Explicar-te-ei agora o que é um homem amar aos vinte e quatro ou vinte e cinco anos, depois de haver vivido e sofrido nesta sociedade que envelhece rapidamente os indivíduos!

Aos dezoito anos é uma imaginação cândida, que acorda, cheia de sonhos ardentes, e de ilusões douradas: tudo a sobressalta, tudo a engrandece: o estremecer das rendas no alvo colo da mulher; o ranger das sedas, quando a vê atravessar, arrogante e altiva, as salas de um baile; é um entusiasmo fervente, e ao mesmo tempo ignorante e ingénuo; desesperos que duram horas; lágrimas abundantes, que, como os orvalhos da manhã, se evaporam com o sol; o *borbolhetear* inconstante de amor em amor, de decepção em decepção; mas nas crises tremendas da tempestade, lá se vê o canto transparente e azul, que anuncia a bonança: aquelas almas crédulas, e sedentas de comoções, consolam-se facilmente. Ainda as carícias maternais bafejam os nossos anelados cabelos, e desfazem com doces beijos as nuvens da melancolia ou da desesperação.

Mas depois é diferente: quando já buscaste na devassidão o esquecimento; quando tomaste a orgia, não como um prazer excitante, mas como uma diversão poderosa; quando a alma está seca e estéril de fáceis triunfos, ou de inúteis tentativas; quando estais séptico, não pelos caprichos da vaidade, mas pelos austeros conselhos do destino: quando sentis que é a vossa última crença sentimental que ides arriscar num último e supremo esforço, então os sofrimentos são horríveis, e o desespero eterno. É a vossa morte moral, que se decide: não perdeis um sonho infantil de entusiasmo, uma aspiração poética de amor próprio, um louco delírio de paixão nervosa: perdeis a vossa crença ideal, esse raio do infinito, que vos pode aproximar do céu; ficais triste e desencantado de tudo, e só uma esperança remota e indistinta de um futuro glorioso, vos pode salvar do suicídio.

Não imagineis, meu querido leitor, que Beponi dizia isto com a voz cava e profunda de um tiranete de drama romântico; formulava as suas conclusões de metafísica sentimental, com um tom perfeitamente discreto e sossegado, sacudindo a cinza do charuto com admirável ciência de fumador, exactamente imperturbável e oficial como um deputado lendo um relatório, ou um governador civil as instruções secretas do ministro onipotente.

Eu conheci isso, e é o que me obrigou a tomar palavra:

– *Caro mio*, nem Werter, nem Jacopo Ortis, nem Oberman, nem Manfredo, nem René, nenhum desses heróis do desespero, e da saciedade, te reconheceriam neste momento por seu irmão. E na linguagem assimilhaste furiosamente a qualquer deles; mas por mais que faças, pareces apenas um parceiro rabugento, que perdeu cinco ou seis *robbers* de *wist* no *casino dei nobili*, ou no *casino dei negocianti*...

Beponi encolheu os ombros e atirou para longe a ponta do charuto que se lhe apagara.

– Acreditas acaso, respondeu ele, nos que aceitam a dor e o infortúnio como um meio de se tornarem *interessantes*? Estas situações morais perderam já todo o atractivo da excentricidade. E é por isso que esses livros, que citaste, se tornaram populares entre os homens que sentem e penam finamente. Eu acredito que Byron e Goete, Chateaubriand e Ugo Foscolo devem a majestade da sua reputação, menos à grandeza do que à oportunidade do seu génio. Formularam as agonias, a desesperação, a íntima e profunda melancolia, que acomete a humanidade nas crises da sua transformação. D'antes havia a fé: apelava-se para o céu: hoje, por uma horrível e atroz substituição, os homens estudam o segredo social no espectáculo sanguinolento das revoluções, como outrora nas entranhas palpitantes da vítima imolada...

– Estás secante como um catecismo. Continua...

## VI.

Eram cinco horas da manhã. Os primeiros raios do crepúsculo lutavam com as luzes espirantes do baile. Era ainda numa das vilas do *Lago di Como*, que eu havia passado uma noite delirante e encantada. Dançara com ela, soubera, conhecera que a amava. Havia-me provado; que lhe não era também indiferente. Eu sentia-me embriagado da música, que era deliciosa, das mulheres que se me figuravam todas formosas, *dela* sobretudo, que fora o sonho constante das minhas noites.

Não pude dormir, apesar do abatimento, do cansaço e das pungentes saudades que um homem tem da hora, do instante, em que esteve com a mulher que ama. As brisas da manhã encontraram-me à janela, pálido, ansioso, devorado de esperança, impaciente de a tornar a ver. É dos momentos em que pesa a vida, que se não passa junto daquela que nos cativou o coração; é quando o homem, mais ímpio, mais céptico, não se envergonha de beijar com

devoção e fervor um ramo de flores que ela lhe ofereceu, descuidosa e risonha; e, todavia, estávamos perto dum grande acontecimento: a *Jovem Itália* e a *Carbonária* preparavam-se para a revolução que depois rebentou; e eu era um dos seus agentes, e esquecia-me de tudo – da liberdade da minha Itália, do cadafalso, e dos cárceres, se fosse infeliz essa gloriosa e suprema tentativa de um povo longamente escravo.

Quantas vezes não repeti eu uns versos feitos a Petrarca, e que tão dolorosamente pintavam a minha tremenda situação:

- Car tun'as qu'une idéc et qu'un amour au monde:
- Tout l'univers pour toi pivote sur un nom,
- Et le reste n'est rien que boue et fange imonde?

Eu não sei se a todos acontece o mesmo, mas a verdade é que o meu espírito revolta-se quando vê presa a minha vontade aos pés de uma mulher.

Vivo então numa contínua luta, entre paixões igualmente poderosas. O amor, que me adormece suavemente as faculdades num sonho arrebatado e ardente; o orgulho, que me acusa de lançar num regaço feminino os tesouros da minha sensibilidade, e os pensamentos da minha ambição.

Ainda mesmo com a esperança, eu vivo atormentado e pungido de sofrimento. Consumir nos desenganos do coração ou nas incertezas do sentimento a mesma energia que se emprega para vencer o destino, ou conquistar a glória!

Empalidecer nas vigílias de um affecto insaciável, com a mesma palidez, que tinge as faces, quando se arrisca o futuro nos acasos venturosos de um acontecimento político!...

Não sei; mas parece-me adivinhar que Bonaparte sofria tanto com as saudades de Josefina, quando passeava o estandarte tricolor sobre as férteis campinas da Itália, do que quando se viu órfão de um mundo conquistado, sentindo-se morrer à míngua de glória, naquele escavado rochedo que os ingleses lhe deram por prisão e por sepulcro! .

Eu amava assim; sinto que amava assim; e estes amores ou se adivinham, ou se escarnecem, não há meio termo: confundi-los com o *charlar* ridículo dos dândis frisados e engomados, é um daqueles sacrilégios morais que prostituem mais uma mulher, a meus olhos, do que as noites vendidas ao vicio, ou tumultuosamente passadas na orgia, entre beijos bafejados de *Champagne* e de *Johanisberg*.

## VII.

Não repito esses respeitosos e inevitantes diálogos de um verdadeiro amor. Tudo isso se sente e não se diz. Cândidas aspirações, que transformam as mais rudes, e as mais cépticas naturezas. Essa pudica e engenhosa hesitação de se confessar todo o afecto que nos arde dentro d'alma; essas palavras misteriosas que se respiram tão sôfrega e ansiosamente, como o perfume das flores de um afastado *oásis*, quando se caminha pelos estafados areais do deserto.

Nem a memória do espírito as conserva: recordam-se apenas, vagas e indistintas, como um daqueles venturosos sonhos, que nos aproximam de um mundo ideal e fantástico, que a imaginação do homem acordado nunca teve arrojo de conceber.

Numa contradança, que dancei com Bepa, ela tocou distraidamente com o braço num punhal que eu trazia escondido na algibeira furtada da casaca.

– Para que vindes armado a um baile? perguntou ela com um encantador sorriso, agitando ao mesmo tempo languidamente o seu leque buliçoso.

– É um amigo fiel, este. Não nos abandona, nem nos atraiçoa.

– E por que vos não afastais dele nestas ocasiões? Num baile não é acaso uma arma absurda?

– E por que? Não é às vezes uma festa o sepulcro de mil viçosas ilusões? Quando um homem se vê delas abandonado, porque há-de conservar a mais pungente e a mais enganadora de todas – a vida?

Bepa sorriu-se e levou o leque aos lábios por um movimento gracioso e *coquette*.

Pensar em morrer tão moço ainda!... E se houvesse alguém que lhe chorasse a morte?...

– Não tenho já esse receio: não tenho mãe!

– E é só essa a única afeição que existe neste mundo?

– As outras consolam-se facilmente: as rápidas e passageiras simpatias, que um homem pode encontrar, não são tão ardentes e profundas, que o acompanhem ao túmulo: nasceram num baile, outro baile as distrai!...

– É uma horrível calúnia, essa que acabais de proferir: a saudade é a eterna companheira do amor...

– Nas mulheres, respondi eu, em quase todas... há um sentimento que lhes palpita antes de palpitar o coração... é o amor próprio!

.....

.....

A música parara naquele momento, a contradança acabou, e levei-a para o seu lugar.

Não sei por que, um terrível pressentimento me pesava sobre o peito: pálido, triste, descorado pelo desespero, eu vi nascer o dia, esse dia tremendo que sucede às agitações de uma festa, onde se respirou o perfume das flores, e o hálito das mulheres, luz tão fatal para os devaneios suaves da imaginação, como a que deslumbra o *Cendrillon* dos contos de Perrault, e lhe transforma os magníficos vestidos, e as custosas joias em farrapos desalinhados e repugnantes...

Quando dias depois eu caí moribundo nas barricadas de Milão; quando, suspenso entre a morte e a vida, eu nem podia entoar um *viva* de vitória, conheci que falara a verdade; Bepa dançava em Turim, sorria-se quando eu gemia, pisava as salas de um baile, quando eu repetia o seu nome nos delírios da febre, no leito do soldado; se morresse, talvez me atirasse sobre o sepulcro, com gesto desdenhoso e indiferente, as flores crestadas do último ramalhete, que lhe pousasse nas mãos, durante os passos vertiginosos de uma polca.

.....

– Até aqui, meu choro, tudo o que me tens contado, perdoa, é vulgaríssimo. Não sei, para te dizer a verdade, porque te queixas tão amargamente dessa pobre Bepa, que, afinal de contas, é linda, espirituosa, abana-se gentilmente, como vejo pela tua narração, e aposto já que pula deliciosamente a *polka* e a *walsa*...

Beponi encolheu os ombros, cruzou as pernas, agitando-as por um movimento cheio de irritação e de impaciência.

– Olha, eu não te prometi um romance tenebroso como os de Radclife, fantástico como os de Hoffman, e medonho como o *Melmoth* e o *Elixir do Diabo* de Matturin.

Os acontecimentos individuais, como os grandes feitos da história, vão tomando um carácter diferente do que tinham nos outros séculos. Os destinos de um povo completam-se, às vezes, com quatro notas diplomáticas; as catástrofes sentimentais resolvem-se com um gesto, com uma palavra, com um facto, na aparência, simples e insignificante. Tira a *Werther* o tiro de pistola, que ele se dá no fim, e verás que aquela sublime tragédia domestica será facilmente acreditada banal para os espíritos vulgares. O que é o *Adolfo*, esse belo livro de

Benjamin Constant, senão a história do resfriamento de uma paixão, sem que nenhum acontecimento exterior intervenha na dedução pungente daquele drama de sentimento? A minha Bepa é o anjo exterminador das minhas aspirações de idealidade afectuosa. Morta a sua imagem no meu pensamento, talvez, quem sabe? Me improvise director duma fábrica de *stearina*, ou hortelão científico duma *femme-modele*.

– E nunca mais a viste?

– Oh! é isso que me desespera, bradou Beponi levantando-se com energia. Não! Nunca! E eu queria ouvir a sua voz, embora ela soasse aos meus ouvidos irônica e terrível. Queria ver os seus olhos fitando os meus, embora a chama do sentimento os não animasse de poesia e d'amor!

– *Poverino!* exclamei eu com tristeza.

– Dize antes: *maledetto!* gritou Beponi. O que é um homem viver numa terra, que não é pisada pela pessoa que ama, respirar um ar que os seus lábios não respiram, olhar um céu que o seu olhar não descobre?

É viver no deserto, é ver os dias, os meses, os anos sucederem-se sem consolação, e sem esperança, é sentir dentro do peito unidas às magoas da saudade as agonias da incerteza!...

## VIII.

– E de que te serve então o cepticismo?...

– O cepticismo?... É essa a palavra com que o orgulho pretende escarnecer dos sentimentos. O cepticismo significa o desdém afectado com que um homem ri dos médicos antes de estar doente; com que o marinheiro fala das tempestades, antes de ver o vento soprar furioso nas enxárcias, e as vagas erguerem-se como montanhas sobre a proa, e alagarem o convés de um e outro bordo... Sente-se o vácuo imenso da vida, podemos-nos sorrir perante as vaidades ridículas, e os miseráveis preconceitos da sociedade; mas não há espírito tão corajoso, e tão enérgico que consiga apagar da memória a imagem de uma mulher, arrancar do peito um irresistível affecto...

E Beponi caiu mórbido e triste sobre o sofá, passando os dedos pelos cabelos com um gesto de resignado e fúnebre desalento.

– Pois que, *caro mio*, não te basta a Itália para distraíres a paixão do ideal que sentes dentro d'alma?

Porque não passas o tempo a contemplar as virgens de mármore *dela Certosa di Pavia*? Os anjos que Rafael desenhou em torno das suas adoráveis *madonas*? Os baixos relevos do *Duomo de Milão*? As pinturas d'Orcagna em S. Miguel de Florença... e essas nações sublimes, de anjos e virgens, de fadas e sílfides, de mártires e santas, que o cinzel evocou de pedra, que mãos divinas fixaram na tela, que imaginações altivas dependuraram sobre as cúpulas sacrossantas dos templos? Porque te não embriagas com a música de Rossini e Donizzetti, de Belini e Cimarosa? Porque não aprendes a resignar-te com o *Mosé*, a ter a dignidade da dor com *Otelo*, e pedir consolações ao céu com a *Favorita*, a sentires os teus pensamentos elevados ao culto da pátria com o *Guilherme Tel*?... A arte é tudo quanto há-de grandioso e de imortal na existência!

– Louco és! E sabes quantos férvidos beijos quantos suspiros de amor há nessas obras-primas da imaginação humana? A arte é sempre a glorificação da mulher.

Rossini não teria concebido *Otelo*, se não houvesse amado a *prima dona* de S. Carlos de Nápoles, *La Colbron*. Escreveria Lamartine o seu *Chant d'amour*, se não apertasse junto ao .peito aquela mágica e encantadora aparição das *Confidências*, a Graziela, a gentil pescadora de pés de fada e rosto d'anjo, cujos negros cabelos flutuam desalinados e indolentes ao sopro da brisa?... São os lábios da mulher, tornada mãe extremosa, que beijam primeiro a nossa frente; e esse beijo queremos nós senti-lo toda a vida nos lábios ansiosos, pedimo-lo às estrelas que luzem no firmamento, às ondas que flutuam no mar, às flores da campina, ao mármore dos monumentos, à natureza, ao céu, a Deus, ao inferno!

Beponi conservou depois um prolongado silêncio, e nunca mais se referiu a Bepa, nem à história que me havia contado.

## IX.

Dias depois parti para Veneza. Encontrei Beponi uma noite, divagando, como eu, na *Piazzetta*, à hora encantada e poética, em que a rainha do Adriático começa a adormecer indolente e voluptuosa.



Fazia luar. O golfo, desenhado pelas igrejas de S. Jorge e de S. Paulo, que se avistam no termo *dela Giudecca*, e que principia no *Canale regio*, inaugurado suntuosamente pelos magníficos edifícios *dela Dogana*, e da igreja de Santa Maria *dela Salute*, estava manso e tranquilo, e cintilava brilhantemente quando alguma gôndola, ao longe, fazia desenvolver *ardentia*.

Alguns navios balouçavam-se prestigiosamente, ao embate preguiçoso da vaga, diante da *Riva dei Schiavoni*: no Palácio Ducal, defronte da imagem da Virgem, percebia-se o bruxulear trémulo de uma luz. Era a lâmpada oferecida a Nossa Senhora pela disposição piedosa da viúva de Marino Faliero!

Na fachada lateral à basílica, na Praça de S. Marcos, ainda diversos grupos passeavam ou tomavam sorvete debaixo das arcadas.

Beponi, encostado ao parapeito do cais, parecia extasiado e absorto. De vez em quando repetia baixinho o motivo daquela deliciosa canção veneziana de – *La Biondina in gondoleta...*

– O pincel de Ticiano, o mágico colorista da escola veneziana, nunca poderia reproduzir o pitoresco da cena, que tínhamos representado diante dos olhos: a inspiração divina de Rossini, do grande *maestro* do nosso século, é que talvez pudesse absorver essas vagas harmonias, melancólicas, lânguidas e resignadas, que a voz do gondoleiro desfere, ao golpe compassado do seu remo...

Quem há aí que se não transporte, pela imaginação, aos tempos desvanecidos das glórias de Veneza? Quem se não julgará, um momento, almirante triunfador das frotas turcas, ou guerreiro feliz na Dalmácia e na Esclavônia, e não entoe o recitativo sublime de *Tancredi*: “Oh cara patria, terra degli avi miei, ti baccio!”

– Em que pensas, Beponi? disse eu tocando-lhe levemente no ombro.

– Será verdadeiro, respondeu ele estremecendo e como acordando de um profundo letargo, o deus do panteísmo moderno? Esse ente existirá contido dentro da matéria, crescerá, desenvolver-se-á com ela, sem poder desatar as cadeias que o prendem, bocejando eternamente, sem energia e sem vontade?

– E Bepa, homem, e Bepa? Clamei eu.

– Bepa! respondeu Beponi com um sorriso radiante, ei-la ali, é aquela luz que faísca na gôndola; é aquela onda que vai morrer sobre as escadas do Palácio dei Foscari; é a brisa que sussurra em torno das agulhas de S. Marcos; além! além! continuou ele estendendo o

braço, é a nuvem vaporosa que encobre o Lido; é o rasto fosforescente que a proa do navio desenha nas águas bonançosas! Bepa é Veneza! É a rainha sem coroa! É o anjo sem asas! É a virgem lavada em lágrimas, que perdeu a camélia, que lhe ornava o peito, sobre as margens *dela Brenta!*...

– E Beponi pôs-se a correr na direcção das lagunas, deixando-me espantado e condoído.

Soube depois que tomava ópio todas as noites, é que já os italianos lhe haviam aplicado o expressivo epíteto de *mezzo-matto*. Direi eu também como eles: *povetto!*

**BEATRIZ**  
**(EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO DE 1848)**

## A LA MARQUESA D\*\*\*

Ricordo di afeto ed amicizia

### I.

Não vos quero falar de Veneza, porque é uma dessas cidades que se não descrevem. Era um atrevimento igual ao de um devoto fanático, que se propozesse a contar-vos as delícias que se devem experimentar no paraíso, ou os tormentos que se tem de sofrer no inferno.

Veneza é quase a pátria de Byron, é a terra querida de Georges Sand, é o lugar onde se passa a acção desse magnífico drama de Shakespeare, que é também uma obra prima do espírito humano, '*Otelo*'.

Da condessa S\*\*\* posso falar-vos, porque a vi passar uma noite vestida de negro, com um véu que lhe realçava a palidez ideal, com os olhos circudados daquela cor azul escura, que umas vezes exprime as loucas expansões de uma paixão devoradora, outras, as lutas cruentas de uma dor íntima e profunda.

Haverá três anos era ainda uma das mais belas mulheres de Veneza, o que é quase dizer, que teria poucas rivais nos outros países do mundo.

Então afirmam que nem o próprio Rafael a poderia ter concebido num dos magníficos improvisos do seu génio. La Fornarina, que muitas vezes bebeu as lágrimas do divino pintor em sôfregos beijos, arrancaria os cabelos de ciúme, se a visse assentada numa gôndola armada de negro, atravessando a ponte do Rialto, ao cair da noite, ou indo passear ao Lido, nas primeiras horas da manhã .

Quanto a mim não sei se era mais bela na amargura de uma saudade infinita, e nos transidos de um remorso pungente: parecia-me assimilar-se à Niobé, do museu de Florença, que já vi copiada numa magnífica gravura.

Apolo não lhe havia assassinado a estremecida prole com bárbaro furor; mas a guerra impiedosa havia posto termo aos viçosos dias do seu amante.

Desde essa hora tremenda, mais de um cabelo branco se havia misturado às formosas tranças negras, que ele tantas vezes beijara, nos loucos delírios do amor; aquela testa, radiante de felicidade, cavara-se, rapidamente, em rugas profundas de agonia; os olhos anuveados de lágrimas, não podiam já ver as coisas da terra, e tinham-se volvido para o céu.

Beatriz não trazia somente o luto da pátria, que ela tão perdidamente amara, trazia o luto do seu amor, do único amor, que lhe havia engrandecido o coração, e povoado os desertos ilimitados da sua esperança.

## II.

Não tendes notícia de um dos mais engraçados poemas de Byron, o *Bepo*, que já nos previne a imaginação para as divagações do livro mais sinistramente espirituoso, que eu tenho lido, *D. Juan*?

Beatriz tinha um marido; esse marido, possuía, pelo que parece, uma cómoda filosofia matrimonial; enfastiou-se dela, quizilara-se mesmo com ver de contínuo os bigodes louros do *sigisbéu* alemão, que *morgonaticamente* o substituíra, e partira para uma viagem, deixando a sua honra entregue às más línguas da cidade, com completa indiferença.

Já veem que Veneza, em 1845, não desdizia muito da Veneza que Byron desdenhosamente descreveu, quando aprendia a conhecer os seus costumes nos lábios ternos e inflamados da condessa Guiccioli, em Ravena. Como tudo se aprende assim, rápida e deliciosamente!

Veneza é eternamente poética, ou se ostente majestosa sobre as águas, com os primorosos arrendados dos seus palácios antigos; ou se entregue ao *dolce far niente* nas tardes tépidas do estio, e vá respirar o ar, à noite, nas suas gôndolas, mais ligeiras que a gaivota que roça com a ponta da asa a superfície do mar. E quando passeia ao clarão majestoso da lua, e das estrelas, pelas veneráveis lajes de S. Marcos, meditando no envasamento das colunas, onde repousam os leões da república, como não deve deplorar o escárnio das suas extintas glórias, e o nada das vaidades humanas!

Beatriz era uma dessas venezianas, que Veneza cria, tão excêntricas na vida moral, como Ela é arrojada e pasmosa na sua construção e na sua existência: misto de desejos frívolos, e de paixões ardentes: cândida como uma criança, vingativa como uma italiana, apaixonada como um árabe: pela manhã, como a Arria romana, capaz de experimentar no seu seio o agudo ferro de um punhal; de tarde, desfalecida de *morbidezza*, porque o vento sopra mais calmoso, e o perfume excitante das flores lhe agita os nervos delicados.

Anjo, quando voa, esquecido da terra, nos céus esplêndidos da adoração: mulher, quando estuda o modo de se embuçar melhor no véu, e de oferecer à admiração, em movimentos calculados, o airoso da estatura, a pequenez oriental do seu pé de fada, as opulentas e caprichosas tranças do seu cabelo negro; heroica, quando pensa na sua Itália, ajoelhada e abatida diante das águias odiadas de uma nação estrangeira!

E amava um... *tedesco*! Aquela bela criatura, que possuía no rosto a idealidade virginal das *madonas*, cujo corpo realizava a encantadora voluptuosidade das lânguidas e formosas odaliscas da Circássia, cujo coração parecia rebentar de patriotismo exaltado, ouvia a palavra *Io t'amo*! Dos lábios ardentes de um dos opressores da sua terra!

Acaso do destino, fatalidade do sentimento, enigma pungente da nossa natureza débil e acanhada!

O amor não reconhece opiniões, nem nacionalidades: é eterno como o mundo, é vasto como ele, é cosmopolita, é humano: fala a mesma língua, ou seja nos desertos da Arábia, ou nas povoadas salas de um palácio europeu.

Beatriz e Carlos haviam repetido os juramentos de um amor eterno nas lagunas, no mar, nos templos; nos palácios, nas praças: a sua terra era a terra testemunha dos delírios da sua mútua paixão: a sua pátria acabava naqueles horizontes, onde o seu olhar se havia perdido, no silêncio eloquente em que se recordam os sonhos de felicidade!

### III.

A Europa começava a revolver-se nas convulsões revolucionárias: Pio IX já mostrara aos olhos da Itália, a bandeira que ele devia depois abater às plantas de nações poderosas. O sopro onipotente do povo parecia querer varrer as coroas da cabeça dos reis, e despenhar das alturas da poder as aristocracias firmadas por um longo domínio<sup>40</sup>.

Como Beatriz aplaudia esses generosos esforços! como a sua alma se enchia de esperança! como os seus olhos de entusiasmo!

---

<sup>40</sup> Giovanni Maria Mastai Ferretti, Pio IX, (1792-1878) bispo de Ímola (1830) e cardeal (1840), tornou-se popular pelas medidas de anistia que tomou desde que subiu ao poder. Seu movimento reformista, quando no poder, abrangeu toda a Itália, mas, entrando em desacordo com os liberais republicanos sobre a questão romana e o progresso da unidade italiana, acabou expulso de Roma. Ao retornar, em 1850, Pio IX passa a adotar postura antiliberal. (*GRANDE Enciclopédia Delta Larousse*. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v. 9, p. 5362)

Com que profunda mágoa Carlos mirou o seu olhar distraído, e lhe descobriu na fronte os sinais indeléveis de íntimas meditações!

Debalde lhe falava ele então do passado saudoso, e lhe recordava as primeiras incertezas do afecto!

Debalde lhe narrava, de novo, a ansiosa admiração com que a seguia, quando a viu ajoelhada na basílica de S. Marcos, perto daquelas colunas de alabastro, que não se encontram outras iguais no mundo, que ela ofuscava com a pálida carnação do seu colo, avivado dessas veias azuis, de cor mais suave que a do lápis-lazuli, que marcheta os retábulos do altar!

O alemão esquecia-se da poesia severa, vaga e melancólica que se aprende nos floridos tapetes das margens do Reno, e abrasava-se com as impressões daquele clima encantado, e daquela cidade, meia-oriental, e meia-europeia, meia-realidade, e meia-sonho, situada ali noutras eras, como o ponto de passagem entre a civilização mórbida, que abandona pouco a pouco um mundo, e a civilização nascente, que vivifica, pela religião, e pela ciência, outro mundo que resuscita!

É que a amava mais ainda do que os céus vaporosos do seu berço, e as neves eternas das suas montanhas. É que o amor, para o poeta, para o artista, não se resume na efeminação dos sentidos, nas crises da exaltação, e do abatimento, da embriaguez que excita, da saciedade que materializa, é uma voluptuosidade íntima, ideal, que eleva e engrandece a alma, que a aproxima, por vezes, do infinito!

Quantas noites passou Carlos angustiadas e mal dormidas, quando se apartava dela, e a via absorta, e melancólica! Quantas vezes apagou com os seus lábios as lágrimas que desabrochavam tímidas entre as suas pálpebras, cerradas convulsivamente pela dor!...

Havia um segredo entre ambos! Nos vastos horizontes daquele afecto aparecia a nuvem negra que anunciava a tempestade.

Para as almas triviais ou já pervertidas, que importavam estes sintomas sinistros, e estas cruéis incertezas? Para eles eram insuportáveis, horríveis, tremendos, como os gemidos lamentosos do conde Ugolino, esse drama tenebroso iluminado pelo génio de Dante!

## IV.

Passeiavam, ao cair da noite, na Praça de S. Marcos, de repente Beatriz desprendeuse do braço de Carlos, e entrou as portas da basílica.

A igreja estava frouxamente alumada. Beatriz, ajoelhada perto de uma das colunas, com a cabeça pendida, as mãos postas, e a estatura curvada, dir-se-ia uma das *houris* do paraíso de Mafoma, convertida pela voz do seu anjo da guarda, às esplêndidas magnificências da idealidade cristã.

É que S. Marcos, na verdade, parece mais um templo árabe, do que uma basílica católica. O pavimento é de jaspe, e de pórfido, e as quinhentas e seis colunas, que sustentam as suas abóbadas, recamadas de ouro, são de mármore branco e negro, alabastro, bronze, verde antigo, mármore sanguíneo, e os altares erguem-se marchetados de ágata, lápis-lazuli, veturina, e de mil outras, pedras preciosas. É a imaginação oriental, e não a severidade puritana do cristianismo. Os génios e fadas dos contos árabes, parece que lançaram ao acaso, do seu regaço opulento, esses tesouros incríveis que deslumbram a vista; sonha-se, não se medita ali; pensa-se vagamente nos esplendores do paraíso, não se abrem os lábios para a oração modesta oferecida humildemente a Deus.

E também Beatriz pedia forças ao céu, para lhe alentar a mais feroz, a mais implacável de todas as paixões: o orgulho. Paixão solitária e egoísta, que vive dos seus próprios tormentos, que se compraz nas dores do seu próprio suplício. Satanás é eternamente desgraçado, e todavia não curva o joelho a Deus, a pedir um raio de felicidade, porque o mantém o orgulho, porque sustenta a sua alma vazia dessas comoções pungentes. Paixão essencialmente aristocrática, e que a nobreza veneziana retratou nos seus monumentos. É menos à gloria de Deus, do que à satisfação da sua imensa vaidade, que ela ergueu esses pequenos zimbórios revestidos de chumbo, essas agulhas em minaretes, que parecem mais um desafio, do que uma aspiração dirigida ao céu.

Beatriz era nobre e veneziana. Enlevando-se naquelas maravilhas, pagas a peso de ouro pela mão poderosa da república, e que denunciavam a grandeza da pátria, e a de seus avós, sentiu gelarem-se-lhe as lágrimas nos olhos, e adormecer-lhe o coração no peito.

Quando se levantou, estava decidida ao sacrifício. A mulher desaparecia, e a veneziana ressuscitava, abrasada unicamente ao culto austero das tradições patrícias.



## V.

Ao voltar-se, viu Carlos vestido com o uniforme dos húsares austríacos, de braços cruzados, com os olhos orvalhados de recente pranto, e o semblante enuveado de um pressentimento funesto.

Parou, e olhou para ele, com a vista fria, as feições imóveis, como as de uma estátua. Carlos caiu-lhe aos pés, e estendeu as mãos para lhe abraçar a cintura, tão aérea e flexível, para encostar a cabeça àquele seio, que se desenhava ainda compassivo e terno, nas curvas caprichosas do seu vestido de veludo roxo-escuro.

Foi tão geladamente digno o gesto com que o afastou, que o pobre mancebo ajoelhou de todo, e colou os lábios à facha de rendas pretas que lhe guarnecia a parte inferior do vestido.

Carlos! disse ela com um timbre de voz tão pausado, como o som dos sinos de S. Marcos, quando a atmosfera está tempestuosa, e carregada: decidi que este fosse o último dia em que nos víssemos... Este amor é um ultraje à pátria, é uma desonra para mim, para aqueles de quem procedo... Entre uma italiana e um austríaco há o abismo que vai abrir-se com uma luta próxima... amei-te, amo-te ainda, e repetiu estas últimas palavras quase com o sopro da respiração, não posso, não devo pertencer-te!

Carlos ia erguendo-se pouco a pouco, a cada uma destas palavras, que lhe caíam frias e incisivas no peito, como a água coada gota a gota, e que marcava o tempo, nos cárceres da inquisição, sobre a cabeça nua dos condenados. Depois, pálido, sufocado, anhelante, perguntou-lhe: – Que devo eu fazer então?... Que sacrifício exiges para te merecer?... viver longe de ti, isso não! não posso!

Beatriz travou-lhe então do braço, com aquele incrível vigor que as organizações nervosas encontram nos paroxismos da paixão.

E perguntas-mo? Rasga esse odiado uniforme que prostitui os nobres sentimentos que te palpitam no coração... combate pela causa dos povos oprimidos, e das nações escravas... engrandece essa espada que cinges, ornando-lhe os punhos com as cores imortais da bandeira italiana.

Então Carlos alçou-se totalmente de pé, e cruzou os braços com um movimento tão altivo e fero, que obrigou, pela, sua vez, Beatriz a baixar os olhos perante a sua vista penetrante e ofendida.

Se fizesse o que me pedes, não podias, não devias mais unir os teus lábios às faces de um infame! Deus bem sabe que lamento a fatalidade do meu destino; mas, como fidalgo, e como soldado, hei-de morrer à sombra das águias da minha terra!

Beatriz conhecia-o: não ignorava que aquela resposta era uma sentença imutável aos seus desejos, a condenação eterna do seu amor!

Adeus! adeus! disse ela, e saindo precipitadamente, dirigiu-se à *piazzeta*, desceu as escadas do cais da [*riva*] *dei schiavoni*, e chamou a sua gôndola com a voz trémula e sumida.

Dáí a pouco, a famosa embarcação atravessava as águas do *gran canale*, e o gondoleiro entoava suavemente, no *dialecto* veneziano, uma dessas canções, que a imaginação do povo inventa, e que às vezes fazem empalidecer as mais formosas criações da poesia culta.

A canção rezava assim:

Como me penso i bei momenti  
 Che ó passà, mio ben, co ti,  
 Quando sotto i to balconi  
 De la note fava di;

Como me penso quela sera  
 Che tirando tropo el vento  
 Sul timor que me sfredissa  
 Ti m'à messo a salvamento.

– Cala-te! cala-te! *maledetto!* bradou Beatriz com desespero. E caiu desfalecida, semimorta, sobre os coxins franjados de ouro.

Como podia ela ouvir falar de amor, quando esse sentimento lhe fugira momentos antes, no ultimo olhar, no ultimo adeus, no derradeiro suspiro dos seus lábios, quando viu Carlos prostrado aos seus pés?

## VI.

Não tardaram meses, e já Veneza exultava na embriaguez do triunfo, respirando esse ar da liberdade, tão favorável à vida das nações abatidas, como uma atmosfera límpida nos pulmões enfermos do tísico.

Beatriz não vivia senão para a pátria; se o seu sexo lho permitisse, iria procurar o esquecimento do coração, nas cenas dolorosas, e ao mesmo tempo deslumbrantes de um campo de batalha.

Aquela voz, melodiosa e encantada, não proferia senão ameaças de morte, não se elevava senão em gritos de entusiasmo.

Mais de uma vez, com os ombros nus, os cabelos desfeitos, os seios mal contidos dentro do corpete, inflamados como estavam de paixões enérgicas, vê-la-íeis correr sobre os cais que ladeiam o Adriático, trazendo deslumbrada e louca a população marítima, que noutros tempos a vira, lânguida e amorosa, debruçar-se sobre o braço do belo austríaco.

*Ecco la diva! ecco la madona!* bradavam as turbas exaltadas, que, mesmo no seio das tormentas políticas, não esqueciam, não desadoravam o culto eterno, que as torna sublimes, a arte!

Umaz vezes Beatriz estava resignada e triste como a Madalena, porque se recordava de Carlos, que combatia longe dela, por uma diferente causa, e fitando os olhos em diversa bandeira; outras vezes, como a Bacante antiga, sentia-se capaz de enterrar o tirso de ferro no peito desalmado desses ferozes inimigos, que lhe ameaçavam a pátria, que lhe haviam arrebatado o amante!

Os desastres de Novara profundaram a Itália na mais desoladora consternação. Os destinos de Veneza estavam entregues à ditadura suprema de um obscuro advogado, plebeu, de Manini, sagrado por Deus com a mais poderosa de todas as aristocracias, a do talento, e a do sacrifício!

As orgulhosas relíquias da nobreza veneziana, as que haviam desposado a causa nacional, esqueceram-se de rivalidades mesquinhas, e viram no glorioso tribuno o escolhido do povo, e o salvador da pátria. A democracia lavrava novos brasões, mais grandiosos do que os antigos, porque eram menos egoístas, nas páginas recentes da revolução.

Quando Beatriz se encontrou devorada de desespero, e amaldiçoando o Deus da sua infância, que desviava os olhos da mais santa das causas, recebeu uma carta e conheceu, no sobrescrito a letra de Carlos.

Abriu-a com avidez, esperando dela uma consolação à sua extrema angústia.

A carta era singela e melancólica, como a de um homem, que se despede da vida resignado e corajoso:

.....

Antes de morrer, envio-te o meu último adeus; é menos um inimigo da tua terra, que empunha a espada, em nome do amor que deve à sua. Não te recordo o passado, nem desejo envenenar, as dores que deves sentir, vendo que o destino favoreceu as nossas armas. Em presença da morte, como em presença do afecto o mais terno com que a natureza fadou a alma do homem, amigos e inimigos, concidadãos e estrangeiros, todos são irmãos no mesmo mundo, filhos todos do mesmo Deus!

– Dizem que a procurei, esta morte, que se aproxima de mim por instantes; que me atirava ao mais acesso das batalhas, para ver se morria com honra, já que não podia viver com felicidade... Loucura! Não é a reflexão que nos domina em certos acontecimentos, é o instinto. Eu havia morrido moralmente, quando os teus lábios proferiram aquele adeus, que nos separou para sempre... A bala, que me a travessou, deu já num cadáver... Bem sabias, Beatriz, que não podia viver sem ti, que o teu nome se confundirá com o meu último suspiro, que a tua imagem só se apagará do meu pensamento, quando vier a morte...

.....

A carta caiu das mãos à condessa, vendo-se ferida a um tempo, no seu amor de mulher, no seu orgulho de italiana.

A vida suspendeu-se-lhe perante aquela tremenda revelação; as artérias pararam no seu pulsar contínuo, o sangue gelou-se-lhe nas veias, o olhar imóvel alargou as órbitas, e caiu de joelhos diante de um crucifixo de marfim, cinzelado com aquela graça e nitidez dos antigos artistas italianos.

Depois, afastando-o com a mão, levou aos lábios com a outra a facha tricolor, e repetiu com voz trémula, magoada, duvidosa: “A pátria! A pátria!”

Sacrifica-se-lhe tudo, é verdade: tudo, até o Deus que adorara no céu: até o homem que amara na terra!

## VII.

Quereis agora, meus leitores, que apresente em *grifo* a conclusão moral desta história desambiciosa e singela, como La Fontaine fez nas suas fábulas?

Ai de mim! nem fábulas, nem histórias dão experiência aos moços, nem são capazes de conter a explosão das paixões, ou de domar a inexorável fatalidade de certos caracteres ardentes.

*Il mondo va da se*, como diz o provérbio italiano. Não devemos lamentar nem a inconstância, nem a indiferença das mulheres. Se nos abandonam, é porque já nos amaram; se agora são cruéis, é porque já foram outrora compassivas. A imortalidade das afeições é uma aspiração grandiosa, mas eternamente sem solução, como a de mil outros problemas, que comprimem, a inteligência humana, e fazem do nosso destino o escárnio duma força misteriosa, que nós adorámos, já que a não podemos compreender.

E por isso, em vez de acabar com uma cediça dissertação, repito-vos, meu querido leitor, aquele singelo conselho do Barbeiro de Sevilha:

Buona sera, Don Basilio  
Presto andate à riposare.

Aos belos lábios, que me fizeram esta narração, a esses voto um agradecimento sincero, que os pobres ecos da minha terra não poderão talvez fazer-lhe chegar aos ouvidos.

Não repitam isto lá fora, meus amigos, porque eu falo baixinho, e com as faces cobertas de vergonha: não sabem quase que existimos, e se não fosse aquele Camões, que deixámos morrer de fome num hospital, ignorariam até que havíamos descoberto a Índia, e traçado á civilização moderna uma parte dos seus gloriosos destinos.

Podemos também bradar com amarga e pungente entonação: A pátria! a pátria!

OS IRMÃOS BANDIERA

A SON AMI  
ORTHAIRE FOURNIER

**Ancien consul de la République  
Française á Lisbonne.**

Hommage d'estime et de fraternité politique.

*A. P. Lopes de Mendonça.*

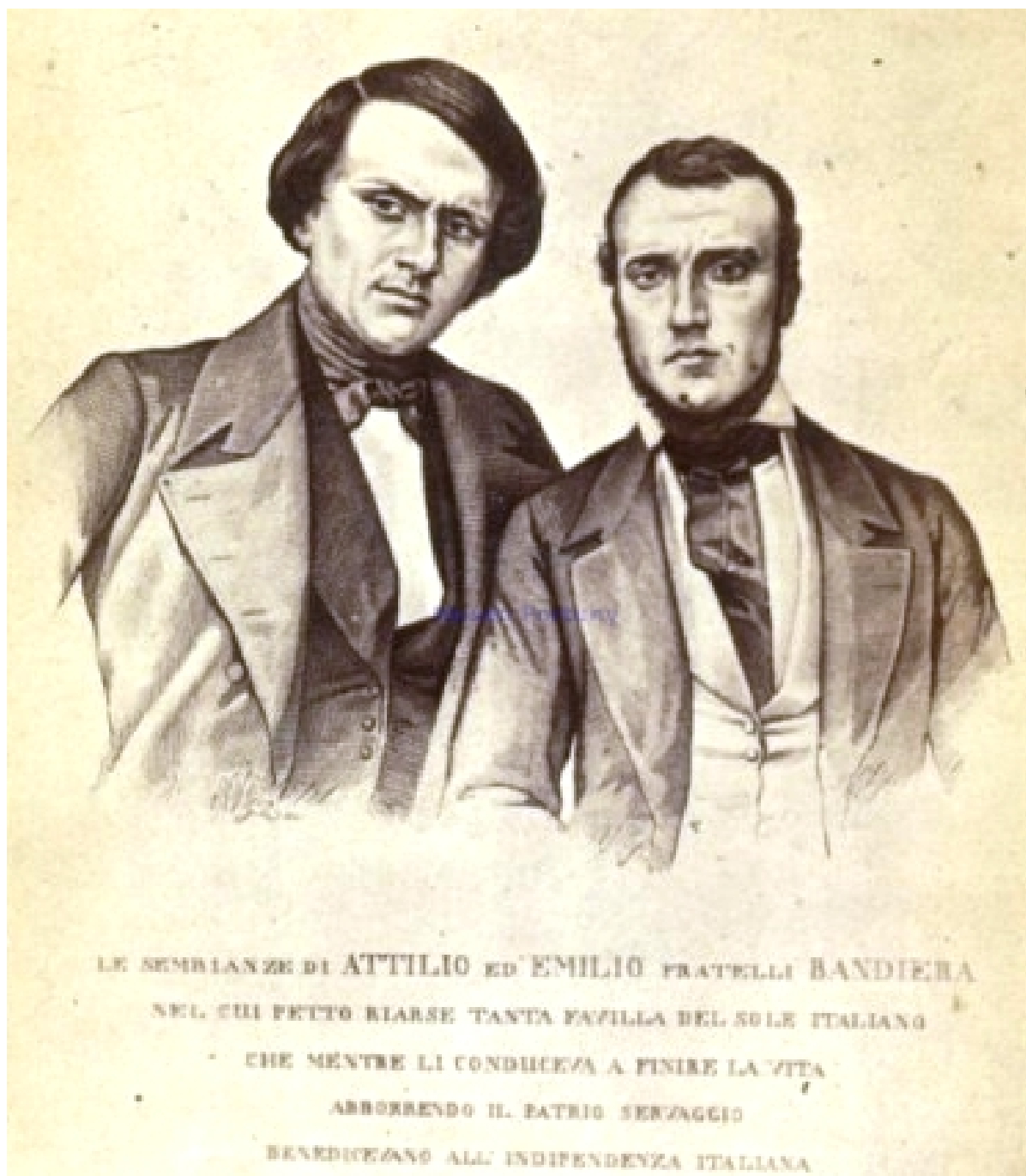


Figura 11. Attilio e Emilio Bandiera

Disponível em:

[http://www.archiviodellacomunicazione.it/Sicap/ShowDialog.aspx?TITLE=VIEWERTITLE&TBL=F&ID=24321&Ext=jpg  
&Folder=&MODE=VIEW&OPAC=DEFAULT&WEB=MuseiVE](http://www.archiviodellacomunicazione.it/Sicap/ShowDialog.aspx?TITLE=VIEWERTITLE&TBL=F&ID=24321&Ext=jpg&Folder=&MODE=VIEW&OPAC=DEFAULT&WEB=MuseiVE)



## I.

A revolução de 1848, que devia fazer erguer a Itália do abatimento, e do letargo moral, que a tornava submissa e escrava, anunciou-se anos antes, pelas tentativas isoladas de alguns generosos mancebos, que, como os primeiros cristãos, não podendo alcançar a vitória, aspiravam ao martírio.

Desolador é o quadro dessas catástrofes sanguinolentas, que aqui e além, surgem na história moderna de Itália! Fúnebres e tremendas como as cruzes solitárias, que de espaço a espaço, povoam os campos, e apontam ao viandante que ali descansa um cadáver no seio do repouso eterno.

Pátria do infortúnio, não há pedra que não esteja tinta de sangue, não há eco de montanha, que não repercutisse o adeus extremo de algum soldado da santa causa nacional! Cemitério augusto de mil heroicas tentativas, a Itália não sente entretanto esse vergonhoso cansaço, que acomete as nações longamente curvadas pela mão inflexível de um bárbaro destino! Crê como nos viçosos dias da sua juventude política; tem fé e esperança no futuro, porque se sente imortal como uma ideia, e pura como a vestal que vigia dia e noite para que se não apague o fogo sagrado das aras do sacrifício!

## II.

Atílio e Emílio Bandiera são dois nomes prometidos a uma glória eterna. No “Livro d'ouro” dos mártires, nesse livro, que as gerações vindouras hão-de ler com os olhos afogados em pranto, eles hão-de brilhar sempre, envolvidos na radiante auréola de um patriotismo, digno dos austeros tempos da heroicidade grega e romana.

Filhos de Veneza, a outrora rainha de uma faustosa devassidão; ligados pelos laços de sangue a homens que ocuparam postos importantes, no governo austríaco; prometidos eles mesmos a uma carreira brilhante; escudados pelo nome de seu pai[,] o contra-almirante Bandiera, eles preferem o cadafalso às doçuras e meiguices de uma vida descansada, e bonançosa.

Já em 1842, Atílio denunciava de Esmirna a Giuseppe Mazzini, debaixo dum nome suposto, os seus sentimentos mais íntimos: “Sou italiano, homem de guerra, e não proscrito.

Vou ter trinta e três anos. Sou de uma constituição física débil, de coração ardente, mas frio nas aparências. Creio em Deus, na vida futura e no progresso do género humano. Olho sucessivamente nos meus pensamentos à humanidade, à pátria, à família e ao indivíduo. Eu sustento firmemente que a justiça é a base de todo o direito. Daqui concluo que a causa da Itália não é senão um capítulo da causa da humanidade. Firme nesta verdade incontestável, consolo-me das tristezas e da dificuldade dos tempos, lembrando-me que servir uma, é servir a outra... Quanto mais medito nas condições em que existe a nossa pátria, tanto mais me persuado que o mais seguro caminho para emancipar a Itália do estado vergonhoso em que ela actualmente subsiste é o tenebroso manejo das conspirações[”]<sup>41</sup>.

### III.

Qual era a ideia dos dois irmãos, tentando um esforço atrevido, no seio da paz que envolvia a Europa, e indo arrostar os poderes públicos, que existiam revestidos de onipotência e força?

Oh! eles bem sabiam que não podiam esperar o triunfo: “eu desejava, dizia Atílio nos fins de 1843, constituir-me chefe de um bando de *condottieri*, e, ocultando-me nas montanhas, combater pela nossa causa até a morte. A importância material do facto será bem débil, mas deve ser bem forte o efeito moral.”

Algum pensamento mais superior inspirava Leónidas e os trezentos espartanos quando resolveram morrer nas Termópilas como afogados nas vastas multidões que conduzia Xerxes?

A polícia austríaca descobriu em breve estes aventureiros projectos. Os dois irmãos tiveram de fugir, para escaparem a um terrível inquérito. Foi então que o generoso coração do nobre Atílio, pressentindo a catástrofe, antevendo uma morte prematura, se lembrou de sua mãe, e de sua esposa. “Como poderão, escrevia ele, essas delicadas criaturas resistir a tão grandes dores! Ah! quanto me custa servir a humanidade, e a pátria...” E avaliara bem a sensibilidade esquisita daquela a que unira o seu destino; ao traçar aquelas linhas, já sua esposa havia expirado!

---

<sup>41</sup> Nota do autor: Este trecho é extraído de uma brochura italiana, que tem por título: *Ricordi dei fratelli Bandiera et dei loro compani di martirio en Cozensa, editi dei Giuseppe Mazzini*.

Estavam longe da pátria então! A pátria! que não é só o sol que alumia os campos, onde doudejamos na infância ; o regato que banha as arvores que nos deram sombra; os tectos alvejantes da aldeia ou da cidade, onde primeiro vimos a luz; a pátria, que é também, que é sobretudo, a mãe que nos embalou no berço, e que cobriu de beijos extremosos o nosso rosto adolescente ; os amigos a quem confiáramos os segredos mais íntimos; a esposa a quem déramos o amor e a vida: a pátria, que é uma saudade infinita, que às vezes resume séculos de tradições gloriosas, e que ao mesmo tempo é uma recordação sentida, que nos retrata na fantasia tudo quanto gozamos nos primeiros dias de existência! A pátria, sendo imensa como a história, vêmo-la também no perfume da flor, que em climas longínquos nos traz à memória as suas ribas poéticas e encantadas!

#### IV.

Para nada faltar ao martírio dos dois irmãos, tiveram de lutar peito a peito com os extremos de sua família plangente e angustiada.

Emílio partiu para Corfou. Aí encontrou sua mãe, encarregada de propor uma conciliação a seu filho por parte do governo austríaco, que receava que a fuga de dois oficiais de marinha, produzisse grande fermentação na armada, e desse esperanças ao partido revolucionário.

Foi cruelmente patética esta cena, entre a mãe e o filho. O entusiasmo político tornara o jovem oficial tão inflexível na sua fé, como os sectários mais ardentes, cujo martírio engrandece a história das religiões.

– Filho, dizia a mãe inconsolável, o governo restitui-te o posto, as honras civis e militares, os teus títulos de nobreza... volta comigo para Veneza.

– Não, minha mãe, respondia Emilio: o meu dever impede-me de partir. Desejo ver a pátria, mas quando voltar aos seus braços, não será para viver nela uma vida ignominiosa, mas para morrer!

– Morrer, dizia a mãe quase louca de dor, morrer! Posso um salvo-conduto em minhas mãos.

– Não preciso dele, hei-de alcançá-lo com a minha espada.

– Ó querido filho, não te deixes dominar de semelhantes ideias! Não esqueceste tu os teus primeiros juramentos?

– Esses ligavam-me a um tirano, os que proferi agora ligam-me para sempre à pátria!

Então sua mãe caiu a seus pés, banhou de lágrimas os seus joelhos, e umas vezes suplicante, outras desesperada, procurou vencer aquela indomável resolução.

O amor da pátria foi superior ao amor da família. A mãe abençoava pela última vez o filho querido, e partia triste e inconsolável!

## V.

Corfou foi o ponto de reunião de muitos patriotas italianos, apenas se soube que os Bandiera tentavam uma empresa revolucionária. Dominico Mora, jovem oficial de 22 anos, que servia na armada austríaca, foi um dos primeiros que desertara, para tomar um glorioso quinhão na aventureira tentativa dos seus dois companheiros d'armas.

Era a Calábria que eles tencionavam escolher para teatro da guerra. Cercada de montanhas, inacessível em muitas partes, apropriada pela natureza aos combates de guerrilhas, a sua ideia era prolongar ali uma resistência enérgica, e com isto acender o espírito abatido das populações italianas.

Muitos proscritos escreveram-lhes para os dissuadir de uma tão arriscada resolução. Nada os abalou. E quando o mais moço dos dois irmãos escrevia a Mazzini: *Addio dunque, e se forse per sempre per sempre addio*, parece que esperava menos o sucesso, do que um honroso martírio.

Na noite de 12 para 13 de Julho os ilustres revolucionários deram à vela. Desembarcaram na foz do rio Neto, e penetraram nas florestas, que o avizinham.

A sua intenção era aparecer de repente armados diante de Cozensa, promover uma sublevação entre os numerosos prisioneiros políticos que ali existiam e depois reunidos todos, darem principio à luta.

Quem pode deixar de admirar o sublime esforço moral, que os levava a conceber um tão arrojado plano? Iam votar-se à vida incerta e áspera do guerrilheiro: iam padecer a fome e a miséria, andar foragidos de monte em monte, de caverna em caverna; e errantes,

vagabundos sempre, não tinham por perspectiva senão a morte do combate, ou a morte do suplício, uma cruz tosca entre ásperas rochas, e o adeus supremo que se profere sobre os túmulos!

## VI.

A Providência abreviou-lhe a agonia. Vigados, espiados, durante a sua permanência em Corfou, houvera um traidor que revelara os seus desígnios. Depois de três dias de marcha, viram-se envolvidos de forças tão superiores em número, que a resistência era um absurdo. Combateram todavia, e, feridos e exaustos de fadiga, entraram em Cosenza, já d'antemão condenados.

Esperou-se, que o arquiduque Frederico, irmão da rainha de Nápoles, condiscípulo e companheiro d'armas de Emílio Bandiera, implorasse ao menos o perdão dos dois Bandiera. Baldada esperança! A memória do coração raras vezes palpita na alma de um príncipe.

No dia 25 de Julho, às cinco horas da manhã, Atílio e Emílio Bandiera, Nicola Ricciotti, Dominico Mora, Anacharsis Nardi, Giovanni Venerucci, Giácomo Rocca, Dominico Lupatelli e Francisco Berti, este último, antigo soldado das guerras do império, foram acordados do sono reparador da vida, para o sono eterno, que dormem os cadáveres no seio da natureza.

Dormiam todos, com a consciência de que haviam cumprido um santo e grandioso dever!

Não quiseram confessar-se, e disseram com doçura ao sacerdote: “Praticamos a lei do Evangelho, e procurámos propagá-la com o nosso sangue entre os filhos de Cristo, e por isso esperamos merecer a misericórdia de Deus, menos pelas vossas palavras, do que pelas boas obras que fizemos. Sacerdote do Redentor, pedimos-vos que pregueis o verbo evangélico aos nossos irmãos em Jesus Cristo, que veem sofismada a religião da liberdade e da igualdade!”

E caminharam para o suplício com a fronte serena, e o gesto tranquilo; e quando à palavra – *fogo*, as balas vieram prostrá-los em terra, bradaram todos com entusiasmo: – Viva a Itália!

## VII.

Para quando reserva a Providência iluminar de saudosas perpétuas esta data sinistra de “25 de Julho de 1844?”

Quando é que os italianos poderão, ao menos, chorar em paz os seus defensores e os seus mártires, procurando as suas cinzas nos campos devastados, e rezando sobre elas a oração solene que os infelizes dedicam aos entes queridos, ceifados pela avara mão de um despotismo feroz?

Quando é que eles poderão bradar: – Levantai-vos das campas, ó mortos, que haveis perecido pela liberdade e pela pátria! Vinde assistir ao banquete da fraternidade, ó mártires, que o preparastes pelo vosso sacrifício, e pela vossa gloriosa dedicação! Resurgi do túmulo, como o túmulo vos recebeu no momento supremo! Aparecei com os cabelos brancos pelo frio das masmorras, com as faces descoradas pela fome da proscricção, com o rosto ensanguentado pelas balas dos fuzilamentos... Chegou o dia solene, e tão ardentemente esperado: “Glória a Deus nas alturas do céu, paz na terra aos homens de boa vontade!”

Agosto de 1853.

MILÃO

## I.

Todos os autores, mesmo os autores antigos, concordam em conceder a esta cidade grandes semelhanças com Paris. Montaigne afirma algures que “Milão assimilava-se bastante a Paris, e tinha muitos pontos de contacto com outras cidades de França”.

A verdade é que em Milão se observam todos os caracteres da civilização moderna.

A cidade existia entretanto sombria e triste. Uma nuvem dessa indizível melancolia, que acompanha as grandes catástrofes, parecia adejar por sobre os seus monumentos, e os seus ajuntamentos populares. Aos entusiásticos dias da revolução de 1848 havia sucedido de novo o domínio austríaco. As principais famílias haviam partido para Monza, e para o Lago di Como. O teatro da Scala estava fechado, e a separação absoluta entre a sociedade italiana e os *tedescchi*, parecia tornar sempre iminente um daqueles sanguinolentos conflitos, de que estão recheiadas as páginas da história de Itália.

Não sofria por isso a animação, e o movimento da cidade. *La Corsia dei servi*, hoje *Corso Francesco*, povoava-se de carruagens e trens magníficos no descair da tarde, e as hospedarias, os *restaurants*, os cafés, e as ruas eram invadidos por grande número de consumidores, e de curiosos.

Ao principio, e é o que deve acontecer em Londres e em Paris, aquela agitação deslumbra-nos a vista, e dá-nos um certo prazer; por último, enfastia e desagrada. Há como um pensamento de humilhação de nos sentirmos estranhos no meio daquelas turbas, e depois, que laço, que solidariedade moral nos liga a tantos entes da nossa espécie, a tantas fisionomias que se não apagam da memória, e que mal se nos retratam na imaginação?

Se isto é pouco agradável em relação aos homens, é terrível em relação às mulheres. Passeiam tão grande número delas pelas ruas, airoso e bonitas; sentimos tanto o desejo de conversar, de as examinar de perto, que mais duma vez estivemos resolvidos a pedir a algumas, que se demorassem um momento, que não atravessassem a rua. Ligeiras e saltitantes, desaparecendo, ou nas arcadas das igrejas, ou nas lojas, e nos amplos vestíbulos das casas e palácios.

O tipo feminino, que desde logo nos cativou é a *madamin*. A *madamin* é um pouco mais do que a *grisette*, um pouco menos do que a *Corette*, e não cai na reprovação infligida às mulheres descaradamente devassas. Mais ainda: a *madamin* pode ser mesmo virtuosa e aspirar a todas as regalias e foros do sétimo sacramento. A *madamin* é costureira, é modista, é



luveira, é bordadora de rendas, emprega-se geralmente nos mais delicados labores da indústria feminina.

Não penseis que a *madamin* possui a desenvoltura pitoresca da *manola*, esse tipo que vai todos os dias desaparecendo na Espanha: a *madamin* na estação do outono veste um vestido de seda preto, pudicamente afogado, botinhas geralmente de cetim *couleur puce*, luvas de renda, e um chapelinho de um *coquettismo* incrível, que enquadra um semblante vivo e expressivo, avivado de louros ou negros cabelos, que pendem dum e d'outro lado com negligência estudada.

De que regiões vêm, em que classe nasce este ente caprichoso e volúvel, que tem tantas graças feminis, que aparece dotado de tanto espírito e vivacidade? Eis o que é completamente um mistério. A *madamin* aproxima-se nisto do destino daquelas habitantes do bairro de *Notre-Dame du Lorette*, de que nem Nestor Roqueplan, nem Balzac, nem ninguém ainda, pode positivamente conhecer a origem.

Quem as educou, quem lhes pôs nos lábios um tão fagueiro sorriso, na boca tanta cópia de expressões delicadas e finas, no rosto tanta distinção, nos olhos uma tal irradiação magnética?

Não se pode saber ao certo. Apenas expiram os clarões do crepúsculo, vê-las-eis divagar em grupos mais ou menos numerosos, mais ou menos animados, percorrendo as ruas com uma incrível ligeireza. Depois passam desta situação colectiva ao estado isolado; entrai num café, e não é raro verdes uma delas, saboreando uma taça de café, e bebendo em pequenos tragos um copo de licor. A *madamin* tem um fraco irresistível pelo *crème de rose*, pelo *marasquino de Zara*, pelo *noyau* e *ortelã-pimenta*.

Para que nada falte à sua ilustração histórica, consta que desenvolveram um grande zelo e coragem durante as cinco famosas jornadas<sup>42</sup> de Milão. Faziam fios, serviam as ambulâncias, conduziam os feridos no meio da mais acesa fuzilaria.

Fisicamente podemos afoutamente dizer que, consubstanciam os diversos géneros de beleza italiana. Há-as de cabelo louro, e olhos azuis, de tez palidamente branca, ou expressivamente rosada; há-as também de perfil imperioso, olhos negros, rosto que realça pela sua palidez transparente e azulada no meio de tranças bastas de cabelos pretos.

Em que abismo se submergem estas criaturas, que vivem dos dezesseis aos trinta e dois anos, quando muito debaixo da condição de *madamin*?

---

<sup>42</sup> No texto base “fornadas”.

Não me demorei tempo suficiente para me aprofundar no estudo da estatística social.

Em contas resumidas, são geralmente os estrangeiros que se preocupam mais destas curiosidades, que perdem o seu atractivo com o longo hábito de se verem, e de se tratarem.

## II.

A primeira visita que se faz em Milão, depois de tomar lugar na hospedaria, é ao Duomo, que se avista de todos os pontos da cidade.

O Duomo é o orgulho, é a adoração de qualquer habitante. Se falais no *Duomo* diante de algum milanês, podeis estar certo que se coloca imediatamente em ponto de admiração, e vos dispara os mais expressivos adjectivos da sua língua.

Imaginem primeiro que a suntuosa catedral é uma cidade, habitada já por três mil estátuas, e que deve completa possuir outras tantas. A fachada só possui duzentas a trezentas!

Pretendem alguns austeros críticos, que a catedral de Milão foi edificada com o intuito de imitar a de Colónia, e que lhe falta o gótico primitivo e grande, que caracteriza aquela.

Não é por isso menos extraordinária a impressão que se sente, contemplando-a. O grandioso monumento é como o testamento de pedra, que a idade média na sua decadência deixa aos tempos modernos da civilização.

Não é a fé cândida e entusiástica do cristianismo primitivo que levanta aqueles centenaes de agulhas, que se elevam arrogantemente para o céu. Mas compreendem-se ali ainda as aspirações de uma crença viva e robusta.

O Duomo deve talvez, como a *Certosa* de Pavia, a sua existência ao desejo de se espiar um grande crime. João Galéace Visconti, primeiro duque de Milão havia-se elevado ao poder, envenenando seu tio Barnabé, e seus sobrinhos, e a sua consciência não podia existir tranquila, ainda mesmo nos esplendores e prestígios da onipotência.

Quando se chega à entrada principal, dão logo na vista duas colunas de granito vermelho, que talvez sejam as maiores que nunca se empregaram em construções humanas.

Depois o olhar pode espriar-se com delícias nos inúmeros baixos relevos que se esmaltam graciosamente, formando uma cinta de primorosos labores.

A arquitectura de algumas partes do edifício, que os puristas accusam de irregular e defeituosa, tem para mim um irresistível atractivo. Embora digam que é inaceitável que uma arcada gótica se eleve sobre portas e janelas romanas, que a ogiva se sobreponha ao cimbri, tudo isso é construído e disposto com tão aventureira magnificência, que ninguém há, que desvie a vista, pelo capricho de se haverem ligado, em consórcio adúltero, tão diversos estilos.

A primeira cousa que se visita dentro do templo, que vos deixa absorto pela sua imensidade, é a estátua de um homem esfolado, a que talvez se dê o nome de S. Bartolomeu, por ser este santo que na legenda sofreu um tão cruel martírio.

A beleza e primor artístico da obra só podem ser comparáveis ao orgulho da inscrição:

*Non me Praxiteles, sed Marc<sup>s</sup> finxit Agrat<sup>s</sup>.*

O que é delicioso, é que não sei que viajante francês, desses que percorrem o mundo com um certo número de finais de *vaudeville*, como bagagem d'espírito, dá Praxiteles como autor da célebre estátua, na fé da inscrição que ele não entendeu e que ao menos poderia pedir a alguém que traduzisse.

Os vidros coloridos, cujo processo de fabricação ultimamente se descobriu, coam a luz de um modo extraordinário e que aumenta, se é possível, as aspirações de melancólica veneração, que nos acometem o espírito.

Um certo terror, misturado de respeito, se apodera do visitante, quando ouve uma voz ao longe perder-se nas vastas abóbadas, ou o som soturno dos passos, que apenas perturba o silêncio majestoso que envolve o templo.

A capela subterrânea, onde descemos, dedicada a S. Carlos Borromeu, é só por si uma igreja. É aí que se vê o corpo do santo arcebispo, encerrado dentro de um sarcófago transparente de cristal de rocha, e revestido dos seus hábitos pontificais, enriquecidos de diamantes e outras pedras preciosas.

Nas paredes veem-se esculpidos em prata maciça os principais acontecimentos da sua vida, tão magnânima e exemplar, que revelam a superior caridade e fervor da sua alma.

Intentámos depois a ascensão ao *Duomo*. É longa e penosa a tentativa. Mas quando afinal se chega a descobrir, naquelas alturas, as ridentes planícies da Lombardia perdendo-se nos confins do horizonte, quando Bréscia e Bérgamo aparecem ao longe como pontos brancos no seio de um mar de verdura, não se dá por inútil a fadiga de escalar aquela montanha de mármore, os terraços sobrepostos uns aos outros, e que se ligam por escadarias, construídas por todos os modos, e em todas as direcções.

As riquezas e obras d'arte acumuladas no *Duomo*, não se apontariam em muitas páginas. Não podemos passar em silêncio a capela de João Jacques Médicis marquês de Marignan, cujo suntuoso mausoléu foi desenhado por Miguel Ângelo e mandado construir por um Médicis também irmão do herói, o papa Paulo IV.

A grande bacia de baptismo, de magnífico pórvido, julga-se haver pertencido às termas de Maximiano Hércules, em Milão. É sacristia meridional que se conserva também o célebre *pallium*, bordado à agulha por Luísa Pellegrini, e que representa o nascimento da virgem.

Milão conserva o ensino católico, como antes da restauração liberal existia no nosso país. Ouvimos pregar no *Duomo* depois da missa um padre, que, era atentamente escutado, por um grande número de mulheres assentadas a um dos cantos da igreja. Ao mesmo tempo, e em diversos pontos, havia instrução doutrinal, dada a uma grande quantidade de crianças. Cativou-me nesta, como em outras igrejas, o modo suave e paternal, com que os padres se dirigiam aos meninos, e procuravam fazer-lhes compreender os preceitos e máximas religiosas. Parte do clero é na Lombardia italiano de coração. A bela instituição de *Fata Bene Fratelli*<sup>43</sup> auxiliou poderosamente o povo, no momento da revolução, e alguns padres voluntariamente se alistaram nos batalhões como facultativos, durante a guerra.

O instituto religioso *Fata Bene Fratelli*, que possui em Milão dois suntuosos e bem administrados estabelecimentos, assim como em Roma e Veneza, foi criado segundo os preceitos mais puros do cristianismo. Parte dos religiosos dedicam-se ao estudo da medicina, e muitos deles têm adquirido um nome ilustre neste ramo das ciências.

Um dos primeiros cirurgiões operadores de Milão, mancebo de vinte e seis anos quando muito, é um frade da companhia *Fata Bene Fratelli*.

Visitámos miudamente as enfermarias, as igrejas, o laboratório químico, do *Fata Bene Fratelli*, e maravilhou-nos a caridade, o zelo, a abundância, os trats e regalos que gratuitamente se oferecem aos doentes. É impossível que alguém exceda em doçura de trato, em delicadeza de maneiras estes bons frades, que se dedicam com tanto fervor a obras pias.

E depois, o espírito parece que se alarga naqueles vastos aposentos, tão esplendidamente inundados da luz, tão magnificamente decorados de quadros, e obras de estatuaria.

O instituto das mulheres – *Fata Bene Sorelli* – criado pela opulência e caridade de uma nobre dama milanesa, Laura Visconti, cuja estátua se venera com respeito num dos pavimentos da entrada, é certamente um dos edifícios mais elegantes de Milão. As escadarias são de mármore, e as colunas, que sustentam os tectos são também dos mármore mais preciosos da Itália.

---

<sup>43</sup> *Fata Bene Fratelli* é o nome de uma ordem religiosa voltada a cuidar de doentes, cujo fundador foi São João de Deus, o qual, ao mendigar pelas ruas, dizia aos passantes “Fate bene fratelli a voi stessi per amore di Dio”. V. <http://www.fatebenefratelli-isolatiberina.it/IT/Pages/HomePage.aspx>

Há uma grande poesia em ver estas irmãs de caridade, que são seculares, consolando as doentes, e prestando-lhes os mais humildes serviços. Havia tanta verdadeira vocação naqueles rostos pálidos e emagrecidos, sentia-se nos seus gestos resignados e tristes, um tal fervor religioso, que ninguém podia deixar de se sentir movido de respeito, de veneração e de enternecimento.

Um sem numero de legendas, envolvem de uma auréola poética certas existências femininas, que se votaram, por desprezo das vaidades do mundo, e pelas cruentas decepções do coração, à missão sublime de amar e socorrer a desgraça.

Há pouco tempo expirou ali, na flor dos anos, a princesa de\*\*\*, sucumbindo não menos aos desgostos de uma paixão malograda, como às austeridades a que se sujeitava para merecer o céu.

Contam-se dela rasgos de infinita caridade, e de superior excelência moral. Tanto é verdade que o amor mesmo quando despe o seu invólucro material, para se idealizar nas esperanças da eternidade, é tudo quanto há-de inspirador e de poderoso na vida!

E quando S. Teresa, num *extasis* de paixão divina, exclama falando de Satanás: “*Le malheureux! Il ne peut pas aimeur*” exprime maravilhosamente essas delícias morais, que engrandecem a alma da mulher, e lhe sublimam as aspirações.

Afinal, depois da visita, sai-se amando melhor a humanidade, e tendo maior fé nas ideias que a hão-de transformar no futuro.

## III.

As cidades são como os indivíduos, é pela delicadeza e finura da sua educação, que se pode avaliar a distinção do seu porte, e a excelência dos seus destinos.

Ora, Milão desde o undécimo século que possui uma comissão denominada *del ornamento*, que vigia, e se dedica à censura da *construção* da fachada dos edifícios, que olham as ruas principais.

Acontece então que Milão, apesar de construída numa planície, não infunde no espírito aquele *spleen* artístico, que por exemplo nos acomete quando passeámos pela cidade baixa em Lisboa, ou mesmo quando nos transportámos de repente para uma povoação de carácter exclusivamente inglês.

Os arrabaldes, os *borgos*, imediatamente adjacentes à cidade, acham-se envolvidos de canais, onde se conta o célebre *naviglio*, construído por Leonardo da Vinci, e quando se deseja ver uma vegetação luxuosa, e ridente, é dar um passeio pela linha de circunvalação, construída com uma perfeição e um esmero, que mais se aproxima das condições de um jardim público, do que das severas e quase sempre odientas prescrições que estabelecem os direitos de consumo, e criam barreiras artificiais entre as populações.

A magnificência e originalidade dos edifícios, é mesmo invejada por ilustres estrangeiros; e Balzac, num notável artigo sobre os melhoramentos a que Paris deve aspirar, aponta Milão como exemplo de excelente administração municipal, e de um generoso e elevado patriotismo artístico.

Milão, apesar da sua antiguidade e da formosura dos seus monumentos, não se deixa exceder contudo nos melhoramentos de mais recente aplicação. Em 1832, inaugurou-se a *galeria de Cristoforis*, passagem coberta de vidro, e que todos asseguram ser das mais elegantes que existem. Mas o que as outras, decerto, não poderão ostentar com facilidade, é tanta riqueza de materiais. O pavimento é de mármore *bardiglio*, e mármore branco de Carrara.

Para uma cidade qualquer que pretenda inscrever-se no número das que cultivam as excelências da civilização, julgamos indispensável uma, ou duas construções deste género.

Durante as chuvas, o mundo elegante deve ter aí os seus pontos de reunião, os seus círculos de convivência durante o dia. A *galeria de Cristoforis* é ornada de um lado e outro de

lojas magníficas, quase todas de modas e *nouveautés*. No fim ha um café, onde a *jeunesse dorée* faz horas, e mira as senhoras que passeam.

Um dos locais, a nosso ver, mais apropriados em Lisboa para uma *passagem coberta*, e que ao mesmo tempo salvaria o bairro mais concorrido e *fashionable* de uma degradante *coleção* de pardieiros, seria o que existe entre a rua da Horta-Seca, e a rua do Loreto, verdadeira corte de milagres, que causa tédio ainda ao mais boçal provinciano.

O que é um pálásio? A que construções se deve dar este nome pomposo, que tão desvairadamente se prodigaliza a tantas edificações sem estilo, e sem gosto?

Palásio, a nosso, ver, é um termo unicamente aplicável a qualquer residência particular ou pública, que apresente condições monumentais, e mais ou menos se filie a qualquer das escolas de architectura.

Mesmo, segundo os limites rigorosos desta definição, Milão possui um grande número de palásios, muitos deles edificados pelos caprichos de uma architectura imaginosa, que confunde todos os géneros, num improvisado e fantástico arrojo.

Faremos notar, entre os que nos ocuparam a atenção, o Palásio *Marini*, o mais vasto de todos, cuja fachada é de extraordinária beleza, e que foi edificado em 1525 pelo architecto Galéas Alessi.

O pátio do *Seminário*, do architecto e pintor lombardo Méda, é de uma construção ao mesmo tempo grandiosa e elegante.

O Palásio Erla Odescalchi, que pertenceu antigamente aos Sforza Visconti, é de uma construção aérea, esbelta, e é quase ponto decidido que o seu autor é Pellegrino Tibaldi.

O Palásio *Durini*, de Francisco Ricchini, possui uma arcada, cheia de majestade e de firmeza architectônica. E perto dele encontra-se a casa *Stampa Castiglione*, que foi uma das primeiras obras do célebre Bramante, que executou com as suas próprias mãos as pinturas em claro-escuro da fachada.

O Palásio dei *Governo*, o Palásio *Brera* (palásio das ciências e artes) e os palásios *Serbelloni*, *Pezzoli*, *Belgioso*, *Cusani*, que é hoje o *casino* dos negociantes, e que supõem alguns ser obra do divino Palladio: *Litta*, *Annoni*, *Mellerio*, *Stampasoncino*, *Trivulsio*, etc., são todos dignos de curiosa e desvelada atenção.

O *Casino dei Nobili*, palásio que tanto no exterior, como no interior, merecia ser qualificado como um dos de maior opulência e elegância, foi devastado durante a ocupação dos austríacos, depois da revolução de Milão. Os croatas arrancaram o pavimento para fazer



lenha para a sua cozinha, e picaram com as baionetas as paredes de riquíssimo estuque, arrancando os dourados e ornamentos, que guarneciam as salas suntuosas e vastas, o palácio do príncipe Belgioso tem mesmo defronte outro do seu mordomo, edificado, talvez, como prova de que uma administração de fortuna abastada não deixa ficar nenhum mordomo falto de elegante e espaçosa habitação. *Oimé!* o tipo do Caleb, que Sir Walter Scott tão primorosamente nos representa no romance de *Lammermoor*, vai-se tornando todos os dias mais raro.

Fornos ver o Arco da Paz, que é decerto um dos mais notáveis monumentos que existem na Europa, e que marca gloriosamente o esplendor das artes, nessa Itália, que alguns pintam tão degenerada, e decadente, e que, apesar de tudo, pode demonstrar o seu génio nestas e outras composições de superior esforço artístico.

A história do *Arco da Paz* está intimamente ligada às glórias e desastres de Napoleão. No ano de 1806, em consequência do casamento do príncipe Eugénio de Beauharnais com a princesa Amália de Baviera, foi encarregado o arquitecto Marquês Luís Cagnola de construir um grande arco, na Porta Orientale, para comemorar este acontecimento. O arco, construído em madeira, foi de tal modo aprovado e aplaudido, que o conselho municipal de Milão resolveu, que o arco fosse levantado na extremidade da grande planície denominada a Praça d'Armas, diante do castelo, e que tomasse o nome de *Arco do Simplon*, para celebrar a estrada magnífica que Napoleão havia mandado abrir sobre o, Simplon.

O arco começado em 1807, e mui adiantado até 1814, foi inaugurado definitivamente em 1838... Este monumento de ordem coríntia, tem de altura 13 pés e 4 polegadas e de largura 43,4, possui três arcos, sendo os dois laterais mais pequenos.

As colunas são inteiriças, e de mármore de Crevola, tendo uma altura equivalente a 32 p. ½. As abóbadas são ornadas de rosáceos, grande número de baixos-relevos primorosamente executados, representando os principais acontecimentos, que deram em resultado a paz de 1814.

A parte superior do arco, por onde se sobe per uma escadaria de 109 degraus, recebe o carro, onde a Deusa da Paz, conduzida por seis cavalos de bronze, apresenta na mão direita a oliveira, emblema da sua intervenção pacífica nos destinos da civilização moderna.

Mas como os cavalos, o carro, e o personagem que o conduzem foram fundidos na oficina de Manfredini, quando era outro o pensamento que elevou o monumento, dir-vos-ei que na ferosa impaciência com que os nobres corcéis dilatam os narizes, e se precipitam com

destemido arrojo, no gesto altivo e fero da Deusa, vê-se mais a paz do que na guerra, e apesar do baptismo austríaco, todos reconhecem que o Arco é uma homenagem ao génio desse assombroso soldado que impôs à Europa por tantos anos os decretos da sua imperiosa vontade.

A planície chamada Praça d'Armas é uma das mais vastas que se conhecem, e não é inferior em extensão ao tão celebrado Campo de Marte de Paris. À esquerda, desenham-se os contornos do grande anfiteatro chamado a *Arena*.

O circo ou a Arena pode conter, pelo menos, quarenta mil espectadores. É destinado às corridas e à naumaquia, que em estilo moderno se pode denominar *regata*. *Julgámos* ser a única construção deste género, que exista feita modernamente, o que dá maior valor ao monumento.

Contaram-nos que a municipalidade de Milão, depois dos desastres de 1813, dera ali um jantar à divisão italiana composta de 7.500 homens. É por enquanto o melhor destino que tem tido até ao presente. Um dos lados é ocupado por um regimento ou dois de cavalaria.

Em última análise, não julgámos muito apropriada a imitação das construções romanas na civilização moderna; e debaixo deste ponto de vista, o anfiteatro de Verona vale cem vezes mais pela magnificência e solidez do que a *Arena* de Milão, destinada aos prazeres de uma grande cidade.

#### IV. MARIA DAS GRAÇAS

Quem, estando em Milão, deixará de ir ver o célebre quadro da *Ceia* de Leonardo de Vinci? Quem mesmo, ouvindo este nome, não curva a cabeça, com admiração e respeito?

Miguel Ângelo, Rafael, Leonardo de Vinci, é talvez a mais sublime trindade artística que nunca século algum possuiu.

E depois eu prefiro cem vezes mais estas glórias da arte, aos heroísmos da vitória, e da conquista. Sou um bem miserável espírito, na verdade! Acho que um grande pintor, arrancando do nada uma criação majestosa, merece mais da humanidade e de Deus, do que um general movendo algumas colunas, e ganhando uma batalha!... Creio que uma ópera de Rossini, Mosé, a Semíramis, Guilherme Tell ou o Barbeiro de Sevilha é mais agradável à imaginação do homem, do que a descrição pomposa de alguns desses sanguinolentos conflitos, que perturbam as nações. Quem chamou à glória o *egoísmo divinizado*, não definiu expressivamente essa paixão ardente, que pede o sacrifício de milhares de vítimas para os gozos passageiros de um amor próprio sublime, mas exclusivo?

A auréola, que envolve o nome de Leonardo de Vinci, está pura de sangue, e de lágrimas: a glória que alcançou não pertence aos anais dessa história, escrita quase sempre à custa dos acerbos sofrimentos das gerações; a arte e a ciência foram as musas que inspiraram o seu assombroso génio.

Quando Leonardo oferece os seus serviços ao Duque de Milão, Ludovico Sforza, enumerando os seus talentos sobre arquitectura civil e militar, hidráulica, artilheria, estatuaria em bronze e em mármore, pintura, desde logo se percebe que uma tão ilimitada confiança nas suas próprias faculdades, é uma indicação segura da sua onipotência intelectual. A sua carta que acaba assim: “Eis o que posso fazer para o serviço da vossa pessoa, para o bem do estado, e tudo quanto prometo estou pronto a prová-lo. Não me aterrorizam os mais hábeis, não receio nenhuma comparação. Digne-se Vossa Alteza pôr-me à prova, e confio que não terá de arrepender-se”. Não podia ser escrita senão por um homem superior, ou por um charlatão ignóbil. As vocações sublimes possuem estes movimentos de orgulho sobre-humano. E mesmo, quando a violência as comprime, quando a força as aterra, quando a crueldade as flagela, soltam dos lábios, como Galileu o: *Eppur si muove*, que empalidece os fanáticos, e os hipócritas.

Os manuscritos de Leonardo de Vinci provam a universalidade dos seus conhecimentos em todos os ramos do saber humano. Possuindo a álgebra, a geometria racional, adivinhara o movimento da terra em torno do sol, muito antes de Copérnico, estudara a teoria das marés, compreendera os fenómenos da combustão do ar nas respirações, as causas do cintilar das estrelas, fazia uma ideia exacta do peso, da condensação, e da rarefacção da atmosfera, do modo por que subiam e caíam os corpos na superfície do globo. Inteligência criadora e activa, inventava uma máquina para tosquiar o pano, depois uma prensa para cunhar a moeda, daí a pouco um aparelho para sustentar o homem sobre a água, e sobre o ar. Tendo de abrir canais, examinou as diferentes camadas que constituem a superfície do globo, fazendo conjecturas sobre os sedimentos fósseis, e tentando classificá-los, segundo os preceitos da ciência.

Como pintor, Leonardo de Vinci é rival de Miguel Ângelo, e inspirou Rafael; apesar da variedade dos seus trabalhos, da importância dos seus estudos e do valor das suas descobertas, é na pintura que o seu nome se eleva mais eminente à admiração da posteridade.

S. Maria das Graças é hoje um quartel de *hussards*. O governo austríaco, que é opressivo, e muitas vezes feroz, não pode merecer o título de *obscurante*; todavia, é uma profanação para as artes, que o templo que encerra o magnífico quadro de Vinci, seja destinado aos exercícios militares.

Gustave Planche, apesar de não seguir a opinião dos que supõem o quadro da *Ceia* completamente arruinado pelo tempo, atribui a sua degradação a três causas principalmente. Em primeiro lugar, Leonardo de Vinci usou para a composição das tintas, processos inteiramente novos, abandonando as tradições consagradas por uma longa experiência. Em segundo lugar, houve um pintor ignorante, que em 1726, duzentos e vinte nove anos depois de acabada a obra, se ofereceu para rejuvenescer, para resuscitar a *Ceia*, e os domínios tiveram a loucura de aceitar a oferta. Aconteceu então, que, depois de um brilhantismo momentâneo, o verniz, pela acção combinada da luz, e do calor, começou a quebrar-se e a fender-se, apagando as figuras. Finalmente, em despeito das ordens terminantes do general Buonaparte, o exército francês estabeleceu no refeitório dos domínios um quartel de cavalaria. Hoje felizmente o local não serve de estrebaria, e acatou-se a obra e o assunto, salvando-o de tão indecente destino.

Há uma anedota, narrada por dois escritores italianos, Giraldo Cintio, e Giorgio Vasari, que prova quão profundamente meditou o grande pintor, antes de produzir a sua portentosa criação artística.

Parece que o prior do convento, o padre Bandelli, irritado por ver Leonardo de Vinci passar horas inteiras no refeitório de S. Maria das Graças, sem pegar no pincel, se queixara ao duque de Milão da preguiça do ilustre artista. Leonardo de Vinci não teve dificuldade em fazer persuadir a Ludovico Sforza, que não era a execução material, mas a concepção artística, que mais lhe absorvia a atenção, e as faculdades.

Talvez seja esta uma das acusações mais frequentes entre o vulgo. Essa concentração meditativa, que fecunda e engrandece um assunto pelos prodígios da reflexão, quase sempre se supõe um sinal de preguiça. Daí a admiração pânica, que persegue os que improvisam facilmente, os que escondem a pobreza da ideia na excessiva prontidão com que elaboram um poema, um quadro, uma obra de estatuaria, ou um trecho musical.

Leonardo de Vinci levou três anos a concluir a *Ceia de Santa Maria delle Grazia*. E como não é de crer que dedicasse todo este tempo a executar as figuras, visto que o seu pincel era rápido e obediente, mais nos confirmamos na ideia de que amadureceu o assunto longo tempo, em profundas e laboriosas meditações.

Todos os críticos modernos não hesitam em classificar a *Ceia* uma das obras primas da pintura. E um autor, que modernamente se dedicou à análise desta bela composição, denomina-a: “o esforço supremo do génio humano”.

O que se conhece desde logo, é que ele lera e estudara desveladamente o *Novo Testamento*. Cada um dos apóstolos tem marcada na fisionomia a sua individualidade moral; cada uma das posições revela eloquentemente o carácter do personagem. A cabeça do Cristo é um tipo sublime de grandeza e doçura; e nunca o cristianismo recebeu uma mais admirável apoteose do que o esta obra, que consubstancia toda a excelência da sua doutrina, que profetiza, por assim dizer, todos os milagres da sua história. A *Ceia* é o poema de uma crença ainda viva no século quinze, e quem examinar aquelas figuras, de que apenas três estão quase totalmente apagadas, compreende a mansidão do Evangelho, a humildade dos seus apóstolos, o fervor resignado com que arrostaram o martírio, a poesia simples e ao mesmo tempo repassada de unção, com que escreveram os prodígios que marcaram o nascimento da religião nova.

O coração comprime-se-nos, quando nos lembra que a *Ceia* existirá apenas, dentro em anos talvez, nas narrações e fastos artísticos. As cópias, que dela se têm feito, todos concordam que são de uma infidelidade deplorável. A própria gravura de Morghen está longe de haver reproduzido o sentimento profundamente estético do original.

Triste destino para os que sonharam com a glória que a posteridade concede aos génios soberanos! O nome sobrevive, mas não a obra que imortalizou esse nome!

E vem no fim de todas estas pomposas comemorações o pensamento fúnebre, que as devasta, e as humilha: o que é um nome na historia para as vigílias e fadigas que atormentaram o homem durante a sua peregrinação na vida?

Vede essa cabeça calva, sulcada de rugas, com os olhos meio apagados, com a fronte pendida e triste: é um sábio, é um herói, é um grande homem, é um pensador profundo! Trocai a sua sorte pela do pescador, bronzeado pelo sol, que crê em Deus e no amor, que vê, sorrindo, os filhos doudejando na areia, e olha com ternura sua mulher, robusta e bela, e que se ri para ele... Um deixa um nome venerando, o outro uma cruz tosca sobre um campo deserto. Qual deles foi mais feliz?... Perguntai-o aos filhos, que vão piedosos orar sobre aquela cruz solitária, e não aos alaridos de admiração, tantas vezes hipócrita, que exaltam o nome do que morreu talvez ao desamparo de todo o affecto, e de toda a esperança!.....

.....

UM PROSCRITO

## I.

Nos últimos dias que estive em Génova, pude gozar das admiráveis perspectivas desta cidade encantadora e poética. Morava no *Hotel de Londres*, situado mesmo sobre as margens do mar, e de noite, quando vinha ainda com os ouvido[s] deslumbrados de urna ária da Gruvelli, abria a janela do quarto, debruçava-me sobre o balcão de mármore, e fumando um charuto, ouvia o murmúrio das ondas, ao longe, suave e melancólico, e via aquelas florestas de navios, ancorados no porto, balançarem-se docemente ao embate caprichoso da vaga.

Que sentia eu nesses momentos de poderosa embriaguez moral? Nem eu sei... ouvia as vozes da pátria, a saudade transportava-me aos lugares, onde penei e sofri na infância: a imaginação reproduzia-me as imagens queridas, que me agitaram misteriosamente a alma; e talvez – quem sabe? – me via eu acometido desses vagos pressentimentos que precedem quase sempre as tempestades do coração...

Numa das noites, quando garganteava baixo uma ária da *Linda de Chamounix*, fui distraído do meu desvario musical, por uma voz muito minha conhecida, que me bradava ironicamente:

– Entoa um *viva* ! Vem connosco um dos revolucionários da Itália. O governo sardo, que o conserva preso, deixa-o ir no vapor de guerra português... naturalmente para se ver livre dele.

– Como se chama? – *Zambianchi*.

– Era um dos companheiros de Garibaldi<sup>44</sup>?

– Foi nos últimos dias da revolução chefe do seu estado-maior.

– Já o viste?

– Está a bordo, e os oficiais deram-lhe parte que devia ter por companheiro de viagem um republicano...

– Pois então, quando o encontrares faz-lhe em meu nome a saudação democrática: “Saúde e fraternidade”.

E continuei a contemplar aquele céu estrelado e azul, aquelas montanhas viçosas, que eu talvez não tornasse a avistar tão cedo. No outro dia, era infalível a partida para Lisboa.

---

<sup>44</sup> Giuseppe Garibaldi (1807-1882) foi um notável general republicano, membro do partido Jovem Itália, que se envolveu nas principais insurreições que resultaram na unificação italiana. (*UNICO: Dizionario Enciclopedico Universale*. Roma: Gremese Spada, 1995. p. 920-921)



## II.

Todos calculam o que é um dia de *bota-fora*, quando esse dia é belo, quando o mar está sereno, quando é numerosa a comitiva de viajantes.

Eu vi derramarem-se torrentes de lágrimas; ouvi o som de famintos beijos, porque o beijo se não fosse um instinto da nossa natureza, e tivesse de inventar-se nalguma parte, juro que haveria de ser em Itália.

Quando nos fizemos no largo, e começaram as cenas do enjoo, prosa de toda a viagem marítima, dei então com os olhos num homem alto, de cabelos negros, caídos negligentemente pelas costas, de olhar vivo e rasgado, de testa espaçosa, encostado a uma enxárcia, e como aspirando ansiosamente a brisa que soprava da terra.

Aproximei-me dele, estendi-lhe a mão, e disse-lhe concisamente: – Sois *Zambianchi*?...

– E vós o republicano de que me haviam falado?...

– É verdade. Havia-vos conhecido imediatamente... sem que ninguém mo dissesse.

– E porquê?

– Não sei: mas é certo que raras vezes me engano nestas apreciações instintivas... é o resultado da longa experiência dos homens.

– Desta vez não vos enganastes.

E encetámos uma dessas longas conversações políticas, que também tem os seus encantos, quando de um lado as crenças são seladas pelo sacrifício, e pelo martírio, quando do outro partem da razão, e do sentimento...

No fim de uma hora conhecíamos-nos, como se houvéssemos vivido muitos anos juntos.

## III.

*Zambianchi* tem quarenta e dois anos; a cabeça começa a encalvecer-lhe; o tipo da sua fisionomia é completamente romano: na sua frente larga, no seu nariz aquilino, nas suas

formosas barbas que lhe cobrem o peito, nos seus olhos cintilantes; nas fontes imperiosas, imediatamente se revelam aquelas paixões extremas, que criam os heróis, que muitas vezes os precipitam nos excessos e cruezas das guerras civis.

Zambianchi é fanático até ao crime. Não oculta nenhuma das ações de rigor que cometeu durante a guerra; acha natural o direito da represália: revolucionário educado nas tradições de 1793, repete com sublime indiferença o dito imortal dos deputados da convenção: “*Que nos mémoires périssent et que la patrie se sauve*”.

Repudiamos essas doutrinas de sangue, que podem aproximar o partido democrático dos Haynaus e Windisgraetz, dos cardeais da cúria romana, dos assassinos de Nápoles, dessas mil torpezas que condenam o partido reaccionário ao horror da civilização, e ao estigma da posteridade. Somos severos para todos os excessos, e julgámos que uma das maiores conquistas da revolução de fevereiro é a abolição da pena de morte, saudada pelos aplausos de todo um povo, na embriaguez da vitória, e na onipotência da sua soberania.

Mas nem todos os chefes da revolução poderiam possuir a abnegação evangélica, que hoje se tem intimamente ligado com os dogmas da democracia. Muitos deles ao sangue responderam com o sangue: ao ódio com o ódio – ao extermínio com o extermínio.

Cada um daqueles guerreiros que combatiam pela independência e liberdade da Itália, havia, por longos anos, ensopado o pão da proscricção com as lágrimas da saudade; e não é extraordinário que as paixões políticas fossem exacerbadas com a recordação pungente dos sofrimentos pessoais.

É que ainda que nos repugnem aquelas cenas de devastação e de morte, cumpre não esquecer que os patriotas eram fuzilados, assassinados, encerrados nos calabouços, torturados nas prisões; é que entre a piedade e o esquecimento, erguiam-se as sombras de mil mártires, que haviam tinto com o sangue os degraus do cadafalso, ou lavado com as lágrimas as duras lajens das masmorras; é que desde Dante, como disse Miguel Ângelo Buonarrotti[,] *per l' aspro esilio suo con sua virtute*, até aos fuzilamentos dos irmãos Bandiera, no longo intervalo de cinco séculos, aquela generosa terra de Itália havia sido o vasto cemitério dos seus mais heroicos filhos, expirando pelo grandioso pensamento da sua independência nacional, e da sua unidade política.

E que aquele mesmo que de manhã houvesse arrastado do peito de um prisioneiro os canos das espingardas, se caísse nas mãos, de tarde, dos covardes soldados napolitanos, ou das indomáveis hostes austríacas, seria imediatamente passado pelas armas.

Estas considerações atenuam, decerto, as sanguinolentas represálias, que, mais de uma vez, mancharam os feitos ilustres da revolução italiana.

E depois na balança que mede os caracteres revolucionários, não deve pesar numa das conchas essa austera virtude, esse entusiasmo solene, que os fazia pôr acima de todas as ideias, a ideia sacrossanta da liberdade, e da pátria ?

#### IV.

João Callimacho Zambianchi, consubstancia, na sua vida agitada e aventureira, o imenso padecer da sua terra.

Aos quatorze anos era lançado nos cárceres da inquisição de Roma, onde sofria, em idade tão verde, os suplícios daquele tribunal tremendo.

Na revolução de 1831, emigrou para França, depois de ter escapado da pena capital, em Bolonha, por um tumulto popular. Espectador das tendências egoístas do governo francês, vendo atraçoada a causa da revolução nos conselhos da realeza constitucional, entrou nas revoltas republicanas, que protestaram, em nome do povo, contra a vergonhosa cumplicidade de Luís Filipe com a *Santa-Alliança* do despotismo europeu.

O desterro não se tornou para ele o descanso, foi uma nova luta dolorosa e pungente. A coroa do seu martírio foi exacerbada com novos e mais ásperos espinhos. Foi entre as paredes das prisões que ele expiou o generoso crime de propugnar pela liberdade, pelo pundonor, pela dignidade moral da França.

Depois dessa lamentosa quadra que enriqueceu os anais dos sacrifícios democráticos, sem ajudar senão indirectamente o triunfo das ideias revolucionárias, partiu para Montevidéu, onde teve ocasião de conhecer e de se ilustrar com os exemplos de valor e dedicação de Garibaldi – um desses homens, cujo heroísmo pertence aos tempos primitivos da austeridade grega e romana.

Na última revolução, ferido um sem-número de vezes, assistiu a todos os combates e só embainhou a espada, e tomou outra vez o caminho do desterro, quando viu que não havia meio de morrer pela pátria. Ferido de uma lançada numa perna, e com duas balas no corpo caiu prisioneiro dos austríacos, que esperavam o seu restabelecimento para o fuzilar, quando

um prodígio de coragem o salvou, numa noite de tempestade, do campo inimigo. Defensor da porta de S. Pancrácio em Roma, acompanhou Garibaldi na sua maravilhosa retirada, perigosamente ferido, e a esposa do heroico italiano morreu-lhe nos braços, amaldiçoando os inimigos da sua pátria adotiva. Voltando a Génova, país constitucional, foi encerrado num cárcere, e aí, com os pés atados ao muro com uma grossa cadeia, e tendo apenas umas poucas de palhas para repousar o seu corpo extenuado, foi ainda vítima desses *moderados*, a que a Itália deve decerto a perda das suas mais caras esperanças. Cinco meses jazeu sem culpa formada, sem delito provado, só por haver sido companheiro de Garibaldi, e um dos sectários das regeneradoras doutrinas do grande tribuno Mazzini.

Quem não há-de desculpar a esta alma, torturada de incrível padecer, repleta, por assim dizer, de acerbo sofrimento, o seu rancor invencível contra os italianos degenerados, que voltaram as armas contra o seu país?

E mais ainda: todos sabem que os *jesuítas* não são escrupulosos nos meios de se desfazerem dos inimigos: nas correspondências encontradas a muitos padres conspiradores lá se falava no *veneno*, no *assassinato pelo punhal*, na *organização do incêndio*, nos manejos de um *maquiavelismo* digno dos Bórgias!

Os exemplos magnânicos de Mazzini não abrandavam a crueza das hordas reaccionárias. Tendo Zarnbianchi numa sortida feito um grande número de prisioneiros napolitanos, e mandando-os ao triúnviro Mazzini, este deu-lhes a liberdade, dizendo que eram *italianos*, que a república romana não os podia considerar senão como filhos comuns da pátria.

Sabeis o que aconteceu? É que estes soldados passando pela Romanha, donde eram naturais quase todas as praças dos *financieri* de Roma, violaram as irmãs, açoutaram as mães, assassinaram os pais dos seus generosos inimigos, talvez para que o papa lhes desse no fim alguns *anos de indulgência* por feito tão leal e meritório.

Em presença desta atrocidade, que general poderia conter os ânimos irritados do seu exército?

Para perdoar certas injúrias, não basta só a resignação do justo, necessita-se do heroísmo evangélico do apóstolo e do mártir.

## V.

Os suplicadores de Hugo Bassi, capelão da divisão de Garibaldi, e um dos sacerdotes mais respeitáveis de Itália, a quem arrancaram os olhos, e cortaram as mãos, antes de lhe darem a morte, fizeram então de Zambianchi o mito sinistro das demasias revolucionárias. Como não puderam cevar a sua raiva sobre o cadáver do infatigável defensor da causa italiana, menoscabaram a sua reputação, caluniaram o seu carácter, e, tomados de um fingido horror pelo seu nome, apontaram-no à imaginação pública como um destes insaciáveis criminosos, que se comprazem nas cenas de sangue, e nos espectáculos de devastação.

Eu não conheço nada de mais atrozmente infame do que esta hipocrisia calculada, com que os partidos reaccionários, salpicados do sangue friamente derramado em bárbaras execuções, pretendem atenuar a sua ferocidade, com demonstrações de uma fingida indignação, que as suas almas depravadas não podem sentir.

Calem-se os moralistas moderados, defensores da família, e que tornaram o adultério uma façanha de bom gosto; calem-se os estrênuos defensores da propriedade, porque não respeitam a mais sagrada de todas, que é a da nação: as fortunas fabulosas, cuja inviolável permanência eles tentam fazer aceitar, a que são devidas quase todas senão ao abuso da confiança à existência dos monopólios, às especulações fraudulentas da usura, a uma série de roubos mais ou menos legais, que não podem receber o baptismo do direito, nem a santa legitimidade do trabalho?

Eu encontrei Zambianchi, no fim duma guerra, onde lhe haviam passado pelas mãos tesouros consideráveis, mais pobre do que o mísero soldado, que volta para a sua aldeia depois do tempo do serviço. Vi-o, levando a delicadeza até à abnegação mais austera, recusar os obséquios dos seus compatriotas, e dos seus irmãos em crenças; e quantas vezes não contemplei também o suposto verdugo, conversando e passeando horas inteiras com algumas crianças, que vinham connosco a bordo?

Não! os homens que serviram a liberdade com a sua inteligência, que a defenderam com a sua espada, que a engrandeceram com o seu heroísmo; que a fecundaram com o seu sangue, não podem sofrer comparação com os egoístas que a repeliram, com os infames que a venderam, com os covardes que a atraíçaram.

Não os avaliem em nome dos seus miseráveis interesses, e das suas ruins paixões: nem todas as ambições se contentam com alguns punhados de ouro, ou algumas distinções pueris e vaidosas; há-as também que tentam triunfar, em nome das ideias progressivas da humanidade, e ligam a sua sorte à prosperidade e ao esplendor da pátria.

Não desculpámos as barbaridades que a democracia pode cometer, durante a sua rápida aparição; não consentimos que a comparem com os fuziladores dos patriotas, com os devastadores da Sicília, com os assassinos de Nápoles, com os que chibataram damas na Hungria, com os que fizeram execuções compactas em Viena d'Áustria; e que caluniam, já que não podem assassinar, os que escaparam às balas dos seus sicários, e ao cutelo dos seus algozes.

## VI.

“Milhares de soldados, diz Chateaubriand num capítulo do *Congrés de Verone*, ganharam pelo preço da vida as batalhas de Arbelle, de Farsalia, e d'Austerlitz, de tantos mortos quantos nomes restam? Três: Alexandre, César e Napoleão”.

Nas dissensões civis, e nas revoluções políticas, é muito mais saliente esta injustiça da glória, esta usurpação individual sobre os sofrimentos, e as agonias de milhares de indivíduos.

Na revolução de Inglaterra qual é o facto, que parece lançar um ferrete indelével sobre aquele majestoso duelo entre o despotismo e a liberdade? A morte de Carlos I<sup>45</sup>.

Na revolução de França, surge o espectro de Luís XVI; no longo reinado, e nos esplêndidos anais de Napoleão, o cadáver ensanguentado do duque de Enghien!

Puerilidade dos juízos humanos! Epigrama da humanidade feito à inviolabilidade e grandeza da sua passagem na terra!

Que é a vida de Carlos I, em presença dos mil e mil heróis que pelejaram pela sua causa, que expiraram vítimas da sua devoção por um princípio?

Eu derramo mais lágrimas, punge-me mais no coração a morte do vendeano, fuzilado num campo isolado, avistando com os olhos a sua cabana queimada pelos inimigos, sentindo

---

<sup>45</sup>Carlos I da Inglaterra (1600-?), monarca inimigo das liberdades públicas, que, em plena guerra civil, procurou refúgio na Escócia e foi entregue aos independentes, sendo acusado de alta traição e condenado à morte como tirano, traidor, assassino e inimigo público. Foi decapitado em frente ao Palácio de Whitehal. (*GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], v.5, p. 943)

quase aos ouvidos, nas tribulações supremas do suplício eminente, os suspiros da sua mulher viúva, dos seus filhos órfãos, do que a sorte dessa realza débil e valetudinária, manchada pelo perjuro, desvirtuada por uma resignação sem energia e sem grandeza, caminhando para o cadafalso, amparada do terror da morte pela esperança sublime da imortalidade!

E todavia, para quem as lamentações saudosas, os epicédios eloquentes, as comemorações palpitantes de fervor poético?

Pois a inviolabilidade da vida humana, esse principio proclamado pelo cristianismo, e santificado pela civilização, é menor para o pequeno do que para o grande, para o pobre do que para o rico?

Pois os centos de cidadãos assassinados nas ruas de Nápoles não valem a existência do conde Rossi?

Pois os milhares de vidas, nobremente barateadas na *Vendêe* pela legitimidade, não são mais preciosas do que a cabeça altiva de Maria Antoinette?

Este servilismo repugnante da história, não se apagará uma vez das páginas modernas, para honra da filosofia, e dignidade do espírito humano?

A obscuridade da vítima não atenua, antes agrava a infâmia do crime. A ilustração pessoal não constitui só por si, um elemento cómodo de impunidade política. A convenção francesa foi cem vezes mais criminosa *guilhotinando* o mais obscuro servo da monarquia absoluta, do que entregando ao cutelo do algoz a cabeça de Luís XVI.

A responsabilidade cresce na razão directa da celebridade e da posição pública. Admitido o princípio horroroso da pena de morte, em assuntos políticos, não se devem condenar as consequências tremendas que daí resultam.

A quem deveis castigar, o soldado raso, conduzido pela subordinação à revolta, ou o general que se insurgiu contra o governo?

E todavia, que clamores sobre o túmulo de D. Diogo Leon, sobre a cova de Zurbano, e nem um suspiro sobre os desgraçados que padeceram e morreram com eles!

Tenha-se a coragem, por uma vez, de protestar energicamente contra esta tendência deplorável, que acusa a um tempo a debilidade, e a hipocrisia das gerações, que timidamente aceitam o influxo sublime dos dogmas progressivos.

Risque-se a pena de morte de todos os códigos, mas se ela existir, não ultrajem a razão e o senso comum, com essas fingidas e indecorosas lamentações, de que usam como pretexto para captar uma covarde benevolência.

Por isso, se amanhã o povo alemão castigar no imperador d'Áustria, o seu perjúrio, e o condenar à morte, deve ser menos acusado do que fazendo a mais perceptível injúria ao mais desprezível soldado boêmio ou croata.

Se as chibatas, que despedaçaram as carnes das damas húngaras, fossem aplicadas às costas dos seus verdugos, os Haynaus e Windysgraets, que diriam os reaccionários?

E todavia, esse atentado não compensaria, decerto, os crimes que deslustraram aquelas duas espadas, e que farão que os seus nomes se apontem, na história, com tédio, e execração.

## VII.

Qual é o chefe reaccionário, cujos sofrimentos se possam comparar com os dos democratas, errantes e proscritos tantos anos, sofrendo a fome, o frio, mil horríveis privações?

E todavia, que generosidade, que tolerância nos dias de triunfo! Que realização augusta dos princípios proclamados durante o infortúnio!

Zambianchi não imitou o exemplo de seus irmãos. Na sua alma entrou talvez o desejo da vingança. Não disse, como Cristo, às turbas vendidas ao despotismo estrangeiro: “perdoai-lhes, que não sabem o que fazem”: respondeu às barbaridades do partido adverso, com energia sanguinolenta, com a esquecida penalidade de *talião*.

O governo inglês não o quis consentir em Gibraltar, por mais de vinte e quatro horas.

Foi uma acção indigna de uma nação ilustrada: se fosse o duque de Vitória, Wanhalen, outro qualquer general espanhol, que seguisse as suas ideias, e favorecesse os seus interesses, ter-lhe-ia aberto, de par em par, as portas dos seus palácios.

Zambianchi teve de esconder-se. Não podia acompanhar-nos a Lisboa, não podia retirar-se para Espanha, não podia permanecer em Gibraltar.

Nunca me há-de esquecer a expressão de orgulho com que me disse, batendo-me no ombro: “Bem vedes que um democrata proscrito não tem um pedaço de terra para descansar a cabeça!”

Quando me despedi dele, declaro que 'raras vezes padei tanto em minha vida.

Vi correr as lágrimas sobre aquelas faces enegrecidas, e caírem-lhe nas barbas majestosas, que haviam crescido nas prisões e nas batalhas,



Chorei também, apertando-o nos braços. Dias depois chegava a Lisboa no paquete inglês, indo para Londres.

Agora sabemos que ganha honradamente a vida com o suor do rosto, em New York, perto de Garibaldi, e de outros emigrados italianos.

Oxalá que a sua espada possa em breve ser empenhada em defesa da liberdade.

Assim como no dia de juízo final, à voz da trombeta do anjo, aparecerão esses milhares de mártires, errantes e disseminados pelo mundo.

São esses veteranos, experimentados pelas agonias de um longo exílio, que conduzirão as novas gerações à vitória.

E ela há-de por fim coroar os esforços da democracia, e consagrar a ressurreição das nacionalidades oprimidas.

Não tarda o dia, em que como nos versos do poeta nós vejamos:

... Le Vésuve, indigné d'être esclave  
 Brise ses fers et vomit des soldats:  
 La liberté bouillonne dans sa lave.

.....

O ano em que ora entrámos, é o ano de 1852.

D. ANDRÉ SPERONI  
(Fragmentos dum livro inédito)

A. R.\*\*\*

Estas páginas foram escritas num desses momentos de agonia moral, que desculpam as exagerações e amarguras de um fúnebre cepticismo.

Se há alguma coisa que o autor escrevesse com o coração foi a história desta artista, que é o tipo dessas organizações sublimes, que se não possuem as virtudes sacramentais, da mulher, distanciam-se do mundo vulgar pelos esplendores da imaginação, como a águia das aves, que lhe não sabem compreender os voos.

A ti a dedico, ó artista, que o sabes ser pela inteligência, pelo coração, e pelo carácter.

Que nas terras, onde agora vives, a voz de um amigo te demonstre, que houve quem soubesse estimar-te e entender-te.

Setembro de 1853.

## I.

Onde se passa a acção deste romance? Isso pouco importa, mas deve dizer-se que é num país civilizado. Assim como o caminho de ferro nivela os terrenos, a civilização identifica os costumes. Nos desertos da Austrália há, por exemplo, certa família de colonos que bebe Champanhe, conhece as delicias dum pastel de *foie gras*, e lê o *Times* ao *dessert*, entre uma chávena de café, e um copo de marasquino.

Do herói dele posso contar maravilhas. Era um mancebo completo. Usava de *wine* no inverno, de *frac* no verão, fumava charutos, e tornava banhos... de tina.

O mundo chamava-lhe feliz, o que é quase dizer, que era rico. Gostava de música, dormecia às quatro horas da manhã, e explicava na ponta da língua, e segundo os termos da ciência, a maneira por que um cavalo deitava fora do selim um cavaleiro, jogando, além de tudo, o bilhar na perfeição.

Porque é então que a *sociedade* o não podia aturar a ele, que tinha a condescendência de a frequentar, sendo dotado de tão singulares e subidas prendas? *Oimè!* Neste ponto não posso defender o meu herói. Aparecia nos bailes e não dançava a polca... Quem é que obrando assim, pode nunca agradar ao belo sexo? As beatas chamavam-lhe libertino, porque não ia namorar às igrejas. Os homens, d'estado esconjuravam-no, porque os não podia tornar a sério; os pais de família olhavam-no com horror, porque aborrecia o matrimónio.

Digam-me agora, se não podia o meu herói ter nascido indiferentemente em Milão ou Turim, em Florença ou Roma, em Viena ou Berlim, em S. Petersburgo ou Lisboa?

## II.

D. André, porque ele tinha um dom, legitimamente espanhol, e provado com alguns séculos de ociosidade ilustre, não era exactamente um herói, embora esteja encartado neste ofício no nosso romance.

Apesar de possuir os dois tipos cruzados[,] italiano e peninsular, nem por isso era uma dessas criaturas arrogantemente belas, que no primeiro baile *masqué* se podem transformar em romanas, ou gregas, em cavaleiros da idade média, ou figurinos da regência e de Luís XV.

Quem o examinasse bem, dizia ter entre trinta e quarenta anos, e possuía apenas vinte e seis anos de seu. Acreditava, como um dos personagens do *Sofá* de Crébillon filho, nas metempsicoses sociais, e supunha que a sua alma *in illo tempore* habitara um vidro de água de Colónia.

Esta hipótese, que não é menos nem mais absurda do que a maioria das que fundam diversas crenças religiosas e filosóficas, fazia-o aproximar das mulheres. Eram criaturas que o deleitavam e divertiam. Teria feito muitas conquistas, se usasse de pomada húngara nos bigodes; desgraçadamente, para fazer honra a uma invocação de Byron, consumia apenas óleo de macassar, o que o expunha às murmurações dos engenhosos cabeleireiros das nossas eras.

Usava de luneta! A luneta divorciava-o com o mundo. Não havia negociante barrigudo, que se não julgasse afrontado, sendo visto através de um ou dois vidros inofensivos.

Para qualquer avarento seria uma precaução financeira. As abas de um chapéu ganham muito quando se cumprimenta pouco.

Os chapeleiros deviam declarar guerra aos oculistas e vidraceiros; os médicos, para bem da paz pública, deviam abolir a vista curta.

### III.

D. André Speroni não era nem, gordo nem magro, nem louro, nem trigueiro, nem branco, nem moreno. Era uma cara vulgar como as de quase todos os que habitam este planeta sublunar. Parecia-se com seu pai, semelhança que não é hoje muito ordinária, porque quase todos os homens se parecem muito mais com suas mães. Se não fosse o preceito romano: “*pater est ille, quem justae nuptiae demonstrat*” como se poderia manter o direito de herança e de propriedade, e, sustar a efervescência dos Telémacos que correriam pelo mundo em buscados ignorados Ulisses?...

Viajara muito; comera *macaroni* em Nápoles, *rissotto* em Milão, *olla podrida* em Sevilha, bebera *Champagne* em Paris, e *roastbeef* em Londres. O seu estômago era uma enciclopédia; mas a sua imaginação era mais vagabunda do que uma cigana, que anda percorrendo o mundo, com um fardo de fazendas de contrabando debaixo do braço. Andara

alguns dias doido, porque se apaixonara *idealmente* pelo retrato da *Fornarina*, a que Rafael deu tanta graça e poesia: depois, infiel à sua quimérica paixão, passara umas poucas de noites em claro, recordando-se da *Liza del Giocondo* de Leonardo de Vinci, que existe no museu do Louvre. Estes affectos platónicos não haviam totalmente prejudicado os instintos que a poesia exalta até ao infinito, e que a ciência fisiológica nivela com os doutros animais, em que a lua predomina. Possuía um *Álbum* que era o *repository* dos seus desvarios amorosos. Em cada página havia uma trança de cabelo, e logo por baixo o seu custo em prosaicos algarismos. *Oimé!* As virtudes estavam cotadas por um alto preço!... Se alguém afirmasse que a virtude se tona às vezes um objecto de especulação comercial, um capital productivo, andaria porventura muito longe da verdade?...

Com tudo isto Speroni existia mais *blasé*, do que o paladar de um senhor de roça, quando destila água-ardente, e o consome desde pela manhã até à noite nos abrasados climas da América do Sul. Não o confessava, porque se não queria confundir com um sem-número de tolos, que ridiculamente o affectam. A vida civilizada esterilizava-lhe a inteligência. Se não tivesse lido o Werther talvez se houvesse suicidado. Se não fosse a preguiça que Deus lhe dera, é de crer que andasse com alguma tribo de *beduínos*, nas *razzias*, que devastam as regiões d'África, e tornam poeticamente ferozes aquelas populações vagabundas e inquietas. E quem nos diz que seu amor no direito de propriedade, não era o que o impedia de adaptar a selvagem independência do salteador, e de plagiar as imprecações tremendas do Carlos Moor de Schiller?

É assim que as melhores vocações se tornam incompletas e absurdas, à força de ser contradictórias! Ó alma activa e heroica, para que te tornaste miserável inquilina de um corpo sedentário e voluptuoso, amolecido pelos deleites do mundo, e escravo dos cómodos de uma existência ociosa e inútil?

Embora a alma voasse em sublimes voos até aos espaços infinitos de um desejo sobre-humano, o corpo revolvía-se descuidoso num *sofá* macio, e trocava todas as batalhas de Alexandra e de César, todas as glórias de Frederico e Napoleão por uma boa sesta, nas horas de calor, dormida entre os recentes vapores de um charuto havano, ou de um *narguilé* turco.

Era o tabaco entretanto que contribuía para a fusão momentânea destas duas irreconciliáveis entidades, *l'âme et la bête*, se seguirmos a linguagem da *Voyage autour de ma chambre*.

D. André quando se via acometido de algum *spleen* resistente, ou de algum credor importuno; quando se sentia ferido no seu orgulho, ou no seu amor próprio, pegava n um charuto, fumava, e dizia: “Abençoado seja não o que descobriu a pólvora, mas o que primeiro fez uso do tabaco” e consolava-se, para eterna satisfação de todos os contratadores, que se têm enriquecido com este vício agradável e inofensivo!

#### IV.

Ó tabaco, porque te não adorámos nós, como os egípcios adoravam as cebolas, os repolhos, os alhos, e não sei que mais plantas que hoje se usam nos refugados, ou se atiram para dentro de uma panela de carne?

Porque, desenganem-se, o que separa o mundo antigo do mundo moderno, não é o Evangelho, como asseguram os filósofos cristãos, nem a imprensa como afirmam os filósofos iluminados, nem a pólvora, como proclamam os que julgam os homens peças de um grande jogo de xadrez, e os arriscam nos *xeque-mates* de famosas evoluções militares: não creio até que as máquinas, a divisão do trabalho, o vapor, o crédito nos distanceiem infinitamente das gerações que dormem há séculos nesta valia imensa, que se denomina terra: o que nos civilizou de todo foi a descoberta desse humilde arbusto, que primitivamente se chamou erva santa.

Quando a religião andava discutida em panfletos hereges, e pelejas sanguinolentas, apareceu o tabaco, e tornou-se quase contemporâneo de Lutero, Calvino, e *tutti-quant*; esfriado o ardor das guerras teológicas, e das bombardadas apostólicas e protestantes, que faríamos nós sem alguns charutos, e uns poucos d'arráteis de esturrinho, meio-grosso, ou rapé princesa?

D. André dava um dia uma ceia aos seus amigos. A mesa é o altar da amizade, e uma casa de jantar no momento do *dessert* uma espécie de templo, onde se inspiram os espíritos, que duvidam sinceramente existir separados das propriedades da matéria.

Tornava-se café no salão. Ó líquido maravilhoso, quem dirá se é aos clarões da inteligência humana, se às delicias dos teus enevriantes aromas, que nós devemos uma quantidade de livros, que nos ajudam a bem dormir, e a passar o tempo?

A sociedade estava animada e tumultuosa. Saltara o *Champagne*, e o *Champagne* é o vinho mais falador que se conhece no mundo; e mesmo quando é *frappé à la glace*, faz subir o calor à cabeça, quando não é ao coração, órgão que, entre parêntesis, vive paredes-meias com o estômago.

De repente, Bepa, que era uma encantadora italiana, que nunca havia tido as pretensões de descer ao túmulo de palmito e capela, depois de haver distraidamente desenvolvido no piano um motivo de Bellini, voltou-se para D. André, e disse-lhe: –Speroni, crês ainda que foste vidro de água de Colónia?

## V.

Uma estridente gargalhada acolheu aquela pergunta insólita. D. André pousou a xícara sobre a mesa, e pôs-se a olhar para Bepa com aquele olhar mórbido e triste, com que um cão d'água olha o dono, quando o manda buscar o perdido num dia frio de janeiro...

O riso suspendeu-se, quando leram na sua vista uma certa alucinação supersticiosa...

– Ó querido, disse Bepa, porque acreditas tu em semelhante pieguice?...

– Quem me dera ser deveras vidro de água de Colónia, respondeu Speroni com melancolia.

– *Che gran mallo!* exclamou Bepa com um sorriso, que fazia outra vez cometer a Adão o pecado original, se Bepa fosse Eva, e se ele visse aqueles dentes brancos e como pérolas, que se esmaltavam esplendidamente nuns lábios tão úmidos e vermelhos, que eu me sinto arripiado só em pensar que eles me poderiam dar um beijo trémulo e palpitante.

– Que fazias tu então, quando eras vidro d'água de Colónia, exclamou um velho, menino mais adonisado do que um *jeune-premier*, passando os dedos envolvidos de uma luva de pelica amarelo desvanecido, por uma tosca cabeleira, que ele tinha a pretensão de fazer acreditar porção integrante da sua individualidade animal.

Porque é, entre parêntesis, que não há baile nem *soirée*, teatro nem concerto, *petit-souper* ou almoço, orgia ou jantar de cerimónia, em que não apareça este tipo do velho-menino, que Deus criou para escárnioda velhice, e caricatura da mocidade?

– Responde! responde! gritaram todos em coro.



Speroni estendeu-se no sofá, acendeu um charuto, e foi afagando os negros cabelos de Bepa, que se recostara ao pé dele, com aquele ar insipidamente conjugal, que a providência concedeu às mulheres, para nos fazerem ter em horror o matrimónio, e mesmo qualquer ligação de *la main gauche*.

O velho-menino compunha entretanto o gesto, um pouco desfigurado pelos saltos de uma dentadura postiça, que tocava às vezes em vento, como o traquete e velacho de um brigue, quando navega em bolina cerrada, e com mar algum tanto picado.

## VI.

– É capaz alguém de me definir precisamente o que é a vida ? disse D. André, atirando para o ar algumas fumaças de charuto.

– É um grande ataque de curiosidade para os homens d'espírito, exclamou o jornalista.

– A vida, meus amigos, continuou D. André, é fisiologicamente uma cousa inexplicável, é filosoficamente uma hipótese aventureira, é socialmente um problema ridículo. Para o vulgar dos homens resume-se num acto de nutrição brutal, e de geração necessária. Para uma boa parte da humanidade é um suplício, e felizes são aqueles que a aceitam como uma esperança, porque decerto acreditam em bruxas. É uma ironia do acaso, é uma febre intermitente, para todos os que sentem o infinito do desejo contido dentro deste invólucro material, que suporta as mais triviais misérias; desde uma cólica aguda, até uma topada que se deu numa pedra, e nos magoa um calo.

– E como vive então um vidro de água de Colónia? perguntou Bepa.

– Vive otimamente como todas as cousas inúteis; e viajando de mão em mão, acontece, por exemplo, passar do oratório duma devota, para o *boudoir* duma elegante; estar hoje com uma sultã, e amanhã acariciar os nervos de uma mulher da moda; e orando às vezes com uma donzela educada num convento, vai depois chapinhar as fontes de alguma artista ameaçada de enxaqueca e que lê as *Liaisons Dangereuses*, deixando de lado o livro de missa...

– E qual das donas preferiste tu? disse Bepa.

– A artista! exclamou D. André.

– Imoralidade revoltante! gritou o velho-menino, arrepelando hipocritamente os anéis da perruca.

– Cinismo do aborrecimento! atalhou um *dandy*, hirtó como um colarinho em dia de baile, e tão cuidadoso da sua pessoa como uma *lorette* em *cordeal entente* com um lord milionário, e achacado de *spleen* crónico.

– Verdade perigosa para a sustentação do edifício social! bradou um político da escola de Talleyrand, e que escusava do uso da palavra para esconder os pensamentos, visto que raras vezes eles lhe apoquentavam o cérebro.

– Nobre franqueza de quem vê o mundo como ele é! disse Bepa afiando um dos seus mais penetrantes olhares, e servindo-se dele para iluminar a mórbida fisionomia de Speroni.

## VII.

– Que tem de extraordinário que uma artista seja uma criatura adorável, e mais fundamentalmente boa do que as pessoas virtuosas, que o são ou que o parecem ser? perguntou D. André.

Bepa foi assentar-se ao piano para devorar com os olhos uma sonata de Beethoven.

– Quando é que uma mulher é virtuosa, na acepção estupidamente materialista e material do mundo? Será quando, enlevada no egoísmo da salvação eterna, peca por pensamentos; e é irrepreensível nas palavras e nas obras? Será o orgulho, será a insensibilidade, será um vício de temperamento, será o terror da disciplina social, que a impede de ceder às tentações que a assaltam?

– Esqueces pelo menos duas hipóteses, disse o jornalista: há a mulher que estupidamente aceita as convenções do mundo, porque a sua inteligência é tão dura como a barba de baleia, que lhe arrocha o colete; e há a mulher que vive os anos de tormenta sem topar com a cousa mais perigosa que existe no mundo para toda a espécie de virtude – a ocasião!

– E o exemplo? atalhou o velho-menino: digam a uma burguesa, que foi à mestra, e escreve *heu t'hamo*, com dois *hh* parasitas, que deixe de escumar a panela, de apontar a

roupa, e de enfronhar monotonamente os travesseiros do leito conjugal, corno a mamanan, que lhe deu beliscões, e lhe puxou as orelhas quando era criança?

– A virtude, disse o jornalista, erguendo triunfalmente um coxim do sofá, é muitas vezes um acaso de organização, que se conserva pelo influxo de circunstâncias favoráveis. Quem me diz que a mais virtuosa mulher da alta sociedade, que anda de carruagem, e sofre de nervos, reduzida a ganhar a vida com a agulha da costureira, se não deixaria seduzir muito mais facilmente do que esta... *quand le vent du malheur ébranlait as vertu?*...

– Blasfémia de um democrata! exclamou o político.

– É verdade! não é verdade! bradaram muitas vozes, fazendo um barulho infernal.

Bepa quis aplacar a tempestade, e começou a traduzir no piano, as fantásticas harmonias do imortal Beethoven.

A música ia serenando pouco e pouco os ânimos agitados.

## IX.

Eu não encontro bálsamo mais suave do que a música para quem tem os nervos em desafinação, e a cabeça recheiada, de ideias importunas... A música, santo Deus ! faz espiritualista até um famoso sectário dos Diderots<sup>46</sup> e d'Holbachs<sup>47</sup>; porque é o mais misterioso fenómeno que a arte realiza nas suas arrojadas combinações. Digam-me por que acaso inexplicável a nota que suspira e se lamenta na corda palpitante, vibrada pelos dedos de Paganini, vos umedece os olhos de lágrimas, e vos confrange dolorosamente o coração do peito?

Quem há que, ouvindo o final dos *Mártires*, não iria resoluto e arrojado atirar-se às feras do Circo? Quem se não sente expirar de amor saudoso, e lânguido na ária imortal da *Lúcia*? Que par de rouxinóis entoou nunca na natureza um hino de paixão, mais vivo, mais

<sup>46</sup> Denis Diderot (1713-1784) foi um filósofo francês, grande expoente da geração dos filósofos iluministas, cuja obra de maior destaque foi a *Enciclopédia* (1751-1780), obra de 28 volumes – com mais seis suplementos –, à qual consagrou 20 anos de sua vida e da qual foi editor, revisor e escritor. (*GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial enciclopédia, [s.d.], vol. 8, p. 979).

<sup>47</sup> Paul Henri Dietrich, Barão de Holbach (1723-1789), foi um filósofo francês de origem alemã contrário a todas as doutrinas religiosas, consideradas por ele instrumentos do despotismo. Sua filosofia está exposta em sua principal obra, *Système de la nature* (*Sistema da natureza*, de 1770). Colaborou na enciclopédia de Diderot. (*GRANDE Enciclopédia Delta Larousse*. 5º vol. Rio de Janeiro: Delta S/A.1970, v. 6, p. 3396)

delirante, mais cheio de frescura e de abandonado *extasis* do que o *duetto* entre Almaviva e Rosina no *Barbeiro de Sevilha*? Palavra d'honra! eu, com três dias de abstinência rigorosa, situação em que o estômago é muito mais exigente do que o coração, sentir-me-ia pungido de atroz ciúme, somente ouvindo *il mio cor se divide*, do *Otello* de Rossini.

Bepa tornara-se poeticamente fascinadora, seduzida e embriagada pelos sons, que fazia rebentar do piano em movimentos eléctricos e convulsivos. As organizações apaixonadas absorvem todos os delírios da arte, como as plantas mórbidas e pendentes, pelos calores do estio, as lágrimas que a aurora verte, quando surge branda e rosada no oriente... Ó céus! e dizer que é exactamente quando a natureza acorda do seu sono, que eu costumo começar no meu...

Bepa era bela, porque o santo amor da arte descera a bafejá-la com o seu mágico sopro. Os seus olhos desferiam uma luz deslumbrante. Os seus lábios entreabertos pareciam aspirar essas ideias vagas, que a música desperta nos corações fadados aos *extasis* da melodia... Quem a visse com os negros cabelos caindo-lhe em desalinho pelas costas, com o nariz dilatado pelo entusiasmo, e os seios palpitando-lhe no fervor daquelas comoções divinas, talvez a comparasse à finada Safo, essa imortal *basbleu* da antiguidade, que deu o salto de Leucate, menos, talvez, pelo desespero de um amor repellido, do que por não ter naturalmente outra cousa que fazer.

Ó música tu és sempre sublime, até quando fazes saltar os negros na África nas evoluções caprichosas dos seus rudes *bambarés*! És suportável ainda, quando pões em movimento tantas criaturas de lenço branco, e luvas cor de canário, enlaçadas aos espartilhos dessas mulheres elegantes, que afinam as cinturas, e descobrem as espáduas, com admiração de quem nunca viu uma bela estátua, ou se extasiou diante de um primoroso quadro... E quando te desterram para um órgão de barbária, ou para as teclas de um piano, vibrado pela *menina-da casa*, juro que me não desagradas de todo, e que te prefiro a um *artigo-de-fundo*, a um discurso da direita, a um sermão de quaresma, e aos anúncios da *Pomada-Brilhante*, e do *Fluido Transmutativo*...

Porque é que em Itália brilhas tu com tão vivo esplendor, ó arte querida, que aplacas, como a harpa de David, os furores de Saul?

É que Deus, concedendo a essa formosa terra tão gloriosos destinos no passado, tão vivas angústias no presente, fadou-a eternamente com os dois sentimentos mais espirituais que existem cá na terra – a saudade e a esperança! – É na vertigem apaixonada que lhes

inspiram os anjos que se debruçam das catedrais, as *madonas* que lhes sorriem dos tectos e paredes dos templos, as harmonias que se casam com os esplendores do seu límpido céu, que ela esquece as máguas do seu abatimento, e as vergonhas e martírios da sua implacável servidão!

Bepa não era uma mulher naquele momento, era o símbolo da própria Itália, cujo tipo ela resumia na sua formosura enérgica, devoradora, e caprichosa.

Era uma artista – santo Deus! – e a artista é o anjo e o demónio, é a organização onipotente é dócil, é o coração que a um tempo é sensual e volúvel, apaixonado e frágil, que sente de repente um mundo nas suas fibras eléctricas, que se torna depois deserto e vazio como as ruínas, que na África e na Ásia surgem das areias escaldadas, onde a hiena uiva nas noites tempestuosas e sombrias!

– *Per la madona!* – dizia o jornalista, Bepa é o génio da harmonia, que nos proclama que a nossa religião, que a nossa moral, que o nosso paraíso, que o nosso inferno é a arte!...

– Quem me dera tê-la agora nos meus braços, exclamou o *dandy*, que era a primeira vez que manifestava um desejo afinado nas leis do senso comum.

De repente e no mais belo paroxismo desta ode social, D. André deu um espirro estridente.

## X.

– Amigos, disse D.. André, eu não tenho culpa de estar constipado, e de que o bruto dum criado me deixasse aberta a janela do quarto! Preferi deixar de ouvir Beethoven, tocado por um anjo, a arrebentar uma veia?... Sou um malvado.

– *Una bestia !* gritou a italiana enraivecida, olhando as garatujas que constituíam o *capo d'opera* do famoso alemão.

– Napoleão disse: *Du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas*. Eu posso escrever um capítulo intitulado: influência do espirro sobre o entusiasmo da arte!

– *Maledetto! Infame!* bradou o jornalista, conta-nos a história da artista.

– Querem-passar da poesia para a prosa, das regiões encantadas da Itália para os frios *steppes* da Rússia?

– Conta ! conta! bradaram todos num coro geral, desafinado como o dum teatro lírico com três meses de atraso, e a perspectiva de uma quebra iminente do empresário.

## HISTÓRIA DUMA ARTISTA

Tudo neste mundo degenera, estava quase dizendo, sobretudo o vício. Qual é o pudor que se não revolte, lendo, por exemplo, que Friné, a célebre cortesã grega, ou barregã, como diziam os nossos quinhentistas, durante que o povo celebrava as festas de Elêusis, se adiantou sobre as ribas do mar, e aí desatando os seus belos cabelos, que lhe desciam até aos joelhos, deixou cair um após outro todos os seus vestidos, e caminhou pelas ondas exactamente no sítio em que a tradição disse que Vénus aportara no dia do seu nascimento?

Escândalo! Sacrilégio! Infâmia!... Abençoada loucura, diria talvez o povo aplaudindo a impudicícia sublime!

É que entre os olhos que devoravam os encantos da mulher, que a seguiam ansiosos e palpitantes, havia os de dois grandes artistas: Apeles e Praxíteles.

Apeles pintou a sua Vénus surgindo das ondas, Praxíteles a sua Vénus de Gnido. A Grécia prostrando-se perante as duas obras-primas, não podia esquecer o modelo que as havia inspirado.

Que admira então que a estátua de Friné, de ouro primoroso, fosse colocada no templo de Delfos entre as de dois reis: Arquidamas, rei de Lacedemônia e Filipe, filho d'Amintas?

A arte era o supremo culto desse grande povo, e Friné era dos mais belos tipos de mulher, que a natureza poderia haver criado num dos magníficos improvisos da sua misteriosa vontade.

-----

De século para século, estas pompas do vício vão-se pouco e pouco modificando, até vê-lo aparecer humilde, contrito, prestando à virtude a homenagem da hipocrisia como disse algures La Rochefaucold.

Não há muitos anos ainda, que as artistas aceitavam, orgulhosas e indomáveis, todas as glórias, todas as amarguras do seu destino. O dinheiro, que lhes davam para se tornarem formosas, atiravam-no descuidosamente, para se vestirem de veludo e de rendas, para se cobrirem de diamantes, e de pérolas. A sua vida era uma magnífica epopeia de brilhantes

desvarios, e de suntuosas devassidões. Viviam com fausto e grandeza, sorrindo à sociedade, que as expelia do seu seio, afrontando a igreja, que lhes negava a sepultura, que as excomungava que as maldizia, no púlpito. Grande tempo era aquele em que a mão do austero Bossuet fulminava os espectáculos da corte, e lutava, no seu orgulho, contra o poder formidável de um comediante, chamado Molière, que Boileau classificou o primeiro escritor do seu século!

Existências condenadas, existências aplaudidas – no palco as palmas frenéticas do público, no salão as homenagens de todos os homens célebres, pelo génio, pelo nascimento, ou pela fortuna, que abandonavam os saraus compassados da sociedade, para admirarem os atractivos da Comtat, e beijarem respeitosa e o pé da Camargo, rainha da dança!

Éreis então vós, ó artistas, os anjos revoltados contra a onipotência social. Pagáveis o desprezo com a ironia, a indignação com o escândalo. O que era para vós o dinheiro, a fortuna, as carruagens, e os móveis, os tapetes, e os estofos preciosos, as pedrarias deslumbrantes, todas as loucuras do luxo e do amor ?

Não havia ainda o prémio, Monthyon, nem a caixa económica, nem as inscrições, nem todas as invenções duma filantropia manca, e duma ciência meticulosa. Atiráveis desdenhosamente os tesouros que passavam pelas vossas mãos, e usáveis sem reboço da formosura e encantos que vos havia dado a natureza. Para essas mulheres, que vos apontavam com inveja, que vos perseguiram com olhares indignados, pronunciavam o vosso nome com afectado desprezo, tínheis pronta a vingança. Era mostrar-lhes os seus amantes, os seus maridos, os seus filhos, a vossos pés, beijando a fímbria do vosso vestido arrogante, e escutando com adoração a menor das vossas desdenhosas palavras!

Depois vinha o velhice, desaparecíeis do mundo expirando ignoradas e tristes. E que importa? Quantos anos de vida enérgica não havíeis resumido na vossa rápida aparição? E rodeada de coroas, de flores, de lágrimas, de amores insaciáveis, de pesares eternos, de plangentes despedidas, de mil glórias ainda radiantes na cabeceira do vosso leito mortuário, repelíeis, como a filha do regente, essa artista que nasceu quase sobre os degraus do trono: “*courte et bonne!*” e sorríeis morrendo para o último ramalhete, que o público delirante vos ofertara, numa noite de entusiasmo e de admiração!

-----



A artista agora – santo Deus! – é uma mulher como as outras. Creio até, que passa uma parte da manhã limpando as luvas que há-de calçar no teatro para fazer de marquesa ou de rainha. Desposa mui prosaicamente algum tenor esfalfado, quando se não retira da cena, para fazer o rol da despesa a algum honesto comerciante, que entende mais de *partidas dobradas* do que de trilhos, e volatas, de escalas semitonadas, e de escalas cromáticas. Felizes os que a não veem ir à praça prover-se de subsistências, ou queixar-se da cozinheira, porque deixou cozer demais um prato de boi legítimo, flanqueado da clássica couve!

Que noticias me dão daquela Clot\*\*\*, que morava na casa, onde habitara mademoiselle Bourgoing, da *comédie française*, que dormia num leito do valor de nove mil francos, e cujo *couvre pieds* era uma cachemira de quinze mil francos?

Longe disso! A artista sabe hoje quanto valem os fundos ingleses, e americanos, a quanto se cotam as ações do *caminho de ferro*, e dir-vos-á o algarismo exacto do enxoval do seu primeiro filho, criança milagrosa, que aprendeu a taboada num relance, com a fábula da *ciqarra e da formiga* de La Fontaine, que é um incentivo precioso para a economia!

*Corpo di Baccho*, a artista antigamente, não transformava as suas fragilidades em inscrições, nem punha de parte o dinheiro que o público lhe ofertava para a ver bela, opulenta, resplandecendo de fausto, e *menant grand train*, como dizem os franceses. A artista julgar-se-ia desonrada se copiasse os costumes da burguesia: para ela, juntar dinheiro significava roubar o público; e quando se sentia doente da garganta, sacrificava a vida à glória, como fazia a Malibran, quando engolia, sem pestanejar, um vidro inteiro de mostarda!

-----

Esta, que eu despacho heroína, podia servir de exemplo aos mais belos tipos que nos deixou a história. Deus meu! A sua casa confundia-se com um camarim. Às vezes, igualava a dos contos de criança; “entrava-se por uma porta, saía-se por outra, vá a el-rei que lhe conte outra!”

Os criados mesmo chamavam-lhe baixinho douda; e quando ela despejava a sua bolsa na mão do primeiro que implorava o seu dó, até a sua *femme de chambre* se benzia aterrada com os rasgos da sua incrível prodigalidade.

Para ela, o mundo parecia acabar no outro dia. Estudava um papel, vindo de figurar num *petit souper*, e quando todos esperavam que ela repousasse depois do ensaio, saía nesse mesmo instante, de amazona, fustigando o seu cavalo com uma energia selvagem, e fazendo voar, ao sopro da brisa o *coquette* véu verde, que lhe cobria o rosto feiticeiro.

Mas que alma grandiosa aquela, que carácter elevado, que sentimentos sublimes iluminavam a sua fronte imperiosa e altiva como a dos primeiros césores! Era uma grande artista, porque o seu coração sentia tão finamente como a sua cabeça meditava. E quando lágrimas verdadeiras lhe saíam dos olhos, ouvindo uma melodia de Weber ou um trecho apaixonado dos grandes *maestros* italianos, quando parava absorta e anhelante dum quadro de Rafael ou de Corregio, todos compreendiam que arte era a sua religião, e que Deus a fadara sacerdotisa desse culto eterno, que a humanidade eleva à grandeza do seu próprio espírito!

A sua excentricidade nada mais era do que o desdém profundo para as convenções do mundo exterior; e ela aproximava-se com mais respeito dum *maestro* célebre, dum pintor distinto, ou dum grande poeta, do que dos reis mais poderosos da terra.

-----

É pasmoso o número das suas aventuras, e a negligência desprezadora com que dissipava as mais opulentas fortunas. A sua imaginação era infinitamente superior a todas as maravilhas do luxo, e a todos os primores da mais requintada civilização. Não havia fada com a sua vara que pudesse satisfazer os caprichos da sua desvairada fantasia. Que Versailles aparecesse edificada numa noite, e creio que ela lhe daria apenas alguns minutos de atenção descuidosa e distraída.

E todavia, amou como uma louca, como um anjo, como uma mulher, como um demónio. À sua paixão, dourada por todas as poesias do desejo, iluminada por todos os atractivos da sua inteligência soberana, poucas organizações resistiam. Era como a flor nascida no deserto, e que, radiante de frescura e recendendo de suaves perfumes de manhã, pende à noite resequida e descorada, se porventura o *simoon* veio agitar aquelas montanhas de areia, escaudadas pelo sol.

Pobre Felícia! Eu julguei muitas vezes que era a alma de algum anjo culpado, que divagava errante na terra e viera habitar no seu corpo pálido, e dar ao seu rosto aquela suave melancolia, que cousa alguma no mundo podia consolar.

Umás vezes, via-a eu animada e palpitante, com os olhos chamejando na febre de mil pensamentos, e soltando a voz em hinos de etérea felicidade; outras vezes, era a estátua de Niobé, ajoelhada sobre um túmulo: as lágrimas caíam como pérolas das suas negras pestanas, e banhavam-lhe o peito, que arfava como o navio perdido nas vagas indómitas do oceano.

Há venenos que nenhum vaso pode conter, tal é a sua perigosa actividade. Era a sina da pobre artista. Aquele espírito não podia viver-unido a esse composto frágil, que chamamos matéria animada.

-----

Um dia vi-a num pobre alvergue, ela que morava num suntuoso palácio. Vi-a sozinha, isolada, abandonando o teatro, abandonando o público, abandonando a glória, abandonando a arte. Chorou comigo não a sua opulência perdida, mas as ferventes comoções que lhe engrandeciam a existência. Deu tudo ao amor. Riqueza, aplausos, os prestígios da admiração, as seduções do entusiasmo. Vendo o seu amante ameaçado de um processo desonroso, sacrificara-lhe tudo; tudo, até a arte, que era a última, a suprema ilusão da sua alma devastada, como esses terrenos que as lavas lambem, durante as tremendas irrupções, que subvertem aldeias, florestas, rios e cidades!

Era a mais sublime de todas as abdições, era o mais heroico dos suicídios. Não era a oferta da vida durante um paroxismo de exaltação moral, era o sacrifício dela ao esquecimento, à obscuridade e à miséria s três maiores flagelos para uma organização d'artista. Ela em sabia que era a morte; mas a morte lenta, a agonia infinita, o suplício de cada instante, o espicaçar do abutre insaciável nas entranhas laceradas de Prometeu. E depôs tudo aos pés de um amante, que já não amava, atirando como o rei da balada, a coroa ao pego profundo, sabendo que não havia mão tão ousada, que lhe fosse arrancar ao seio das ondas tumultuosas e embravecidas!

Como era então viva e penetrante a sua inteligência, que parecia consumir o seu corpo extenuado, e desfalecido!

Confiou-me tudo, mostrou-me, como o Virgílio ao Dante, o tenebroso caminho que conduz ao inferno da arte...

Os artistas! Descobri-vos todos, que a cruz do seu martírio suportam-na eles em benefício desses prazeres, que vos transportam a alma, e vos seduzem os sentidos!

Aquela mulher morria, porque não podia ser nem esposa, nem mãe, nem aspirar às doces ternuras da família, nem aos sentimentos mais vulgares que a natureza imprime no coração das suas criaturas.

O seu amor era a arte, a sua moral era a arte, o seu ideal, o seu culto, o seu Deus era a arte!

Amores violentos, atrozes desesperos, remorsos cruéis, tentações desenfreadas, eis de que se alimenta a chama divina do talento: eis o pão da vida para as organizações devoradas pelo demónio da arte!

Oh! quem não ouve os gemidos que se soltaram do peito, as lágrimas que se verteram dos olhos, na estrofe apaixonada do poema, na ária que o artista entoava, nas melodias da música, nas páginas do livro, não compreende esses desvarios sublimes, nem perdoa o escândalo das existências, que Deus criou tão onipotentes, e tão débeis, tão sedutoras, e tão frágeis, que a paixão do ideal conduz a todos os excessos do mais delirante sensualismo!

-----

Mulher e artista, como podia resistir à atração, desenvolvida pela aristocracia dos seus instintos?

Amou o luxo, os prazeres, as excitações de uma vida desordenada... Condená-la aos preceitos sociais, seria matar a energia da sua vocação... Sede boas esposas, sede bons mães, sede fiéis e submissas, não invejeis o esplendor daquelas, que sentem vivos os desejos, e não os saciam nunca!

.....  
 .....  
 .....

Depois acharam-na morta um dia, morta na flor dos anos, morta dessa doença misteriosa, que a medicina não pode curar e não sabe compreender, que muitas vezes não é mais do que o sentimento estético, que reduz ao nada a matéria fugitiva que morre e passa; pó impalpável que o vento agita nas tardes tempestuosas do estio.

.....

.....

## XI.

– E o que queres provar com esse epicédio em prosa? disse o jornalista espevitando artisticamente o charuto.

– Bem pouco, disse D. André: justifico apenas o riso desprezador com que acolho esses anões sociais, que perseguem com uma maledicência trivial os entes grandiosos, que eles não sabem compreender.

– É uma carta de curso dada ao vício faustoso e pomposamente insolente? exclamou o *dandy*, endireitando a prega da camisa.

– Não o pensas, meu almotacé das conveniências, meu zelador dos vícios encapotados e hipócritas. Quem é que duvida que as mais austeras virtudes recuam diante daquele heroísmo infinito? Perder riqueza, posição, as comoções vertiginosas da glória só para salvar um homem, não é acaso atingir urna abnegação quase divina?...

– E quem aprecia no seu verdadeiro valor esses actos grandiosos? exclamou o velho-menino. O mundo moderno vive todo representado na Inglaterra; e qualquer lady, mesmo apanhada em flagrante delito de *criminal conversation*; olharia com horror a artista sublime!...

– É por isso que Byron, atalhou D. André, foi viver para a Itália, pátria da arte viva, e expirou na Grécia, sepulcro da arte morta!

– Para que se cansam, bradou o jornalista, a mais santa de todas as santas é a Madalena, porque nenhuma fez maior sacrifício ao Salvador do mundo!

.....

.....

.....

## A ITÁLIA POLÍTICA

## I.

Não há ente que, por via de regra, se possa enganar mais nas suas conjecturas do que um viajante. As primeiras impressões dum país, semeado de monumentos suntuosos e de tradições gigantes, são sempre de entusiasmo e de arrebatamento poético.

E por isso, não escrevi desde logo sobre o que havia exaltado a minha imaginação e transportado o meu entendimento. Discuti comigo mesmo cada um dos pensamentos que tive, cada uma das comoções que senti. Por um daqueles acasos, que raras vezes se reproduzem, tive ocasião de viver intimamente com um dos heróis da revolução italiana, e de apreciar por aquele grandioso coração os elementos de heroísmo que palpitam ainda no seio dessa nação ilustre, abandonada como a prostituta à devassidão de domínios estranhos.

Eu nunca quis acreditar no mal que se dizia da Itália. Parecia-me impossível que o povo, que falava uma língua tão sonora e tão enérgica, que havia crescido nas tradições da liberdade romana, que, rainha pela força, se erguera depois mais onipotente, rainha pelo génio, se entregasse resignada e covarde nos braços de estrangeiros, e sofresse contrita o estigma da servidão imposto com mão grosseira e brutal.

Eu dizia a mim mesmo: será possível que a herança espiritual de tantos feitos ilustres, se apague sem remorso no coração de uma nação inteira? A irradiação soberana do talento terá apenas um eco estéril nas páginas dum livro, ou nas paredes de um monumento, e não iluminará os olhos de gerações degeneradas? Pois essa raça fecunda, que produziu no mundo da arte, Dante e Miguel Ângelo, Tasso e Rafael, Ariosto e Ticiano, enfezada e caduca, não terá ao menos lágrimas para regar o túmulo dos seus avós, e alento para pedir a Deus o termo de tanta ignomínia? Pois numa terra, donde surgem, a cada momento; as ruínas da glória romana, os esplendores do culto católico, e as tradições da liberdade e da arte, não haverá uma saudade infinita do passado, uma esperança ardente de um glorioso futuro?

Se não houvesse outra prova bastava a da revolução de 1848, para denunciar que as nações não adormecem eternamente; que a terra, avara não sorve de balde o suor e o sangue de gerações, heroicas: que a alma de um povo não se embriaga na contemplação entusiástica de tão admiráveis primores de arte, e de tão sagradas memórias, sem se ver animada de uma fé robusta, e pronta ao sacrifício, em nome da religião sacrossanta da pátria.

Se houve alguém que a renegasse, no dia do perigo, foram esses egoístas rebocadores de ideias mortas, esses nomes cansados de uma aristocracia corrupta, esses políticos palhaços de transacções mesquinhas, os chamados *moderados*; a lepra de todas as causas generosas, os

traidores covardes de todo o pensamento grandioso, os eternos Judas da liberdade, que vendem o seu divino mestre por trinta dinheiros, mas que, para cúmulo de infâmia! não se enforcam de remorsos em nenhuma árvore, depois de haverem cometido o hediondo atentado.

Glória aos que quiseram fazer esposar, em augusta aliança, os eloquentes ensinamentos do passado, com o culto das ideias modernas; abençoados os lábios que primeiro proclamaram a ressurreição de Itália, sem a envolverem em restrições ridículas. Caiu em Génova, caiu em Florença o estandarte da Federação Italiana, mas caiu imaculado, puro de todo o contacto infame, sem que um retalho de púrpura lhe murchasse as cores imortais.

“Prefiro antes ver 'passar-me sobre o corpo todo o exército austríaco, dizia o príncipe B\*\*\*, do que, presenciar o triunfo da democracia lombarda!”

Era este o pensamento reservado de quase toda a nobreza da Lombardia: os miseráveis aduladores de tantas gerações de reis, os convivas do *Casino dei Nobili*, que se regozijavam de ver suas filhas dançar com um enfezado arquiduque, queriam contemplar em pé e armada a Itália da média-idade, a Itália dos Visconti, as velhas questões de Guelfos e Gibelinos, todas essas lutas esquecidas da barbaridade, com a civilização, e pavonearem-se onipotentes nos salões pacíficos, já que não podiam agitar-se, como outrora, nas torres arrendadas do feudalismo.

Ao mesmo tempo a nobreza piemontesa, nobreza d'ontem, nobreza feita nos serviços misteres da antecâmara, e não coroada com o sangue dos campos de batalha, não queria perder nem as mesuras sacramentais de uma monarquia, nem ver Turim privada dos foros de capital e de corte: passada a primeira embriaguez da causa italiana, lembrou-se das suas infinitamente pequenas regalias de cediça cortesia, e entregou-se, em Novara, à espada e ao ouro dos generais austríacos.

Esses é que eram os *moderados* da revolução, os que a hipocrisia constitucional aplaudia, os espíritos sensatos da causa italiana, os homens de estado da governação futura, os malogrados talentos de uma fusão híbrida: esses, como os sitiados de uma cidadela, queriam abrir brecha, e encher os fossos para uma escalada, e depois de se verem dentro, teriam o cuidado de repararem os estragos do ataque, e de mostrarem aos seus antigos partidários as bocas tremendas de uma nova artilheria.

Mazzini era um espírito tresloucado; Mazzini, um ambicioso impaciente; Garibaldi apenas um guerrilheiro atrevido; Avezzana um tribuno indomável e audacioso. A nós, povo italiano! faremos uma nova edição do equilíbrio dos poderes, e da ficção da inviolabilidade:



tereis orçamento, e lei de imprensa, *bills d'indemnidade* e suspensão d'*habeas corpus*, maiorias e minorias, modelos de literatura no discurso da coroa, e torrentes de eloquência nos inquéritos administrativos. A pedra filosofal dos governos reside na panaceia constitucional, espécie de remendo político, que não compromete nenhuma opinião: sopa de mel lançada no cão cérbere da democracia, quando ladra mais forte, o que não impede que o roubo seja o roubo, o monopólio o monopólio, a agiotagem a agiotagem, a corte a corte, e este mundo o melhor de todos os mundos possíveis.

Oh! se a Itália se erguesse do túmulo para cobrir o rosto com essa máscara de Polichinelo, e para agitar esses guizos de palhaço, teria feito um insulto à majestade do seu nome, e à grandeza dos seus destinos: não se tratava de arredondar os fronteiras de um reino, mas de resgatar uma nacionalidade há séculos oprimida; não se queria oferecer uma arena a ambições castradas, e a cálculos miseráveis, mas salvar a civilização moderna de uma longa impiedade, e prestar homenagem à famosa matrona, cujos seios robustos haviam alimentado as nações infantis.

Os exaltados aqui, como quase sempre acontece, tiveram razão: o seu horizonte era vasto, a sua ideia imensa, o seu sistema ligava a um tempo as páginas gloriosas da história italiana com as severas aspirações dos dogmas modernos. Pedir sangue, sacrifícios, lágrimas, heroísmo a um povo para o atar às cansadas fórmulas de um princípio condenado, é uma decepção infame e um cálculo covarde: sem a poderosa ideia da emancipação grega, decerto que os cadáveres de Leônidas, e dos trezentos espartanos, não teriam aterrado as hordas bárbaras do poderoso Xerxes.

A palavra – república! – não podia deixar de ser o grito da Itália revolucionária. Era uma saudade e uma esperança que resumia a ambição, o ideal, e a história dum povo inteiro.

Viajei pela Lombardia, saudei o Duomo de Milão, S. Marcos de Veneza, a Chertosa, de Pavia, e vi que os chefes democratas não haviam sacrificado só a um desejo querido a causa da Itália. Tinham visto essa ideia escrita nas paredes dos monumentos, e na face dos homens: nos esplendores daquele belo céu, e nas férteis campinas daquela terra revolvida pela actividade do trabalho.

Que imensa desolação naquele povo subjogado! Que ideias sinistras naqueles rostos entristecidos! Que resignação fúnebre naquelas cidades quase desertas!

Veem-se prostrados, sentem no pescoço um pé implacável, veem luzir a espada do extermínio, e não soltam um gemido, que implore piedade; mas olham de face o opressor, lançando-lhe naquele olhar uma maldição eterna!

Não é poesia que eu faço aqui: revelo a exacta verdade. Nos botequins, onde entram os austríacos, não aparece um só italiano: na rua, nem os saúdam, nem os acompanham; no teatro, deixam-nos num extremo, como se trouxessem consigo a peste.

Lembra-me que partindo de Verona para Veneza no caminho de ferro, entrou um soldado alemão, assentou-se triste e solitário a um canto, e depois pediu-me lume. Dei-lho, não sabendo que cometia um acto de lesa-nacionalidade: daí em diante, olhavam-me, e ninguém travou conversação comigo.

O acontecimento mais notável, e que prova até que ponto é indomável o rancor contra a Áustria, é que fazendo as autoridades circular dias antes do natalício do imperador, que ele tencionava dar uma constituição à Lombardia, chegou esse dia, e Milão despovoou-se completamente. A gente abastada partiu desde o amanhecer para o Lago di Como, para Monza, para todas as proximidades da cidade; a gente pobre não saiu de casa. Paisanos, giravam vinte pessoas, quando muito, e a tal ponto, que todos notaram que m<sup>lle</sup>. Cruvelli, *prima donna* prussiana, saísse a fazer uma visita, ignorando ela, como depois me confessou, esta resolução tão espontaneamente tomada pelos habitantes.

Haverá em alguma história facto mais característico, sintoma mais decisivo, expressão mais eloquente do espírito de uma população?

Conversar com as mulheres, é descobrir, desde logo que admirável esperança as anima, que paixões quase ferozes lhe dominam o coração! Quase todas conservam a faixa nacional para o grande dia da revolução: algumas mostraram-me o laço tricolor ainda tinto de sangue dos austríacos!

– *Seto ancor*, dizia Mad\*\*\*, uma das mulheres mais espirituosas com que eu tratei em Milão, *l'odore della polvere dei conque immortali giorni!* E podia falar assim: assistira aos combates, como outras muitas senhoras, das mais distintas, e das mais belas da cidade.

É necessário observar e conhecer Milão, para saber o heroísmo, a audácia da insurreição do alto do *Duomo*, a gigantesca catedral que domina a cidade inteira, fizeram fogo por muitas horas os caçadores tirolezes, e todavia não houve um momento de desanimação no meio do combate: cada palmo conquistado, cada rua invadida custou o sangue de muitos bravos: morriam todos com o grito generoso de – *viva la nostra Itália!*

Veneza também protesta em silêncio contra os ultrajes da dominação estrangeira: os gondoleiros olham com desespero as peças constantemente estacionadas debaixo do Palácio Ducal na praça de S. Marcos. Falai-lhe de Manini<sup>48</sup>, falai-lhe do cerco onde sofreram as mais incríveis privações, e vê-los-eis, com o gesto animado, com as lágrimas nos olhos, com a voz balbuciante de palavras repassadas de esperança, de interjeições sedentas de vingança!

Eles também entendem que as transacções são uma ignomínia; que não nasceram para engrossar os estados de uma monarquia, mas para se representarem na grande federação italiana com a imponente herança das suas tradições, avivadas com os esplêndidos feitos da sua última revolução.

Uma aliança de monarquias caducas e de principados microscópicos não fundamentaria a unidade política da Itália, e daria apenas em resultado uma longa série de pequenas guerras civis, que, tarde ou cedo se decidiriam por mãos estrangeiras.

Mazzini, Manini, todos os homens importantes do partido exaltado, são ao mesmo tempo os que representam melhor o espírito nacional. A independência sem a democracia é um sonho pueril, é uma esperança absurda.

Esta verdade, que o povo sente eficazmente, é que fará olhar como inimigos os apóstolos hipócritas de um constitucionalismo bastardo. Essas bandeiras indecisas hão-de ser, eu o espero, arrastadas no mesmo lodo que o estandarte de um absolutismo sanguinolento e corrupto, e as águias execradas do domínio austríaco.

### III.

---

<sup>48</sup> Daniele Manin (1804-1857), eminente político de Veneza. Foi preso em 1848 pelos austríacos e liderou, dias depois, a revolta que os derrotou. Após nova invasão austríaca, em 1849, exilou-se em Paris. (GOCH, John, A Unificação Italiana. São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 33).

A Itália há muitos anos que se sentia devorada de impaciência, e que em sucessivas tentativas, provava que lhe viviam no coração os desejos da independência, e as aspirações da liberdade.

Heroicos e ignorados mártires haviam selado no cadafalso e nas lajes das masmorras o seu santo e acrisolado amor às venerandas tradições da pátria; os seus homens mais distintos, esmolavam o pão da caridade na terra do exílio; outros, menos felizes ainda, haviam escrito o poema das suas agonias nas paredes dos cárceres, e, como o Dante depois da sua descida ao inferno, tinham saído desses lugares medonhos com as faces pálidas e os cabelos brancos.

O calendário das vítimas ilustres era rico de sacrifícios heroicos, de devoções angélicas, de sofrimentos pungentes; a Itália chorara com lágrimas de sangue, mais de um génio esperançoso, cortado em flor, pela bárbara mão de um despotismo implacável. Como a Niobé da antiguidade, a sua dor augusta representava-se-lhe no gesto resignada e tremenda, vendo as setas de um Deus inflexível traspassando-lhe os membros da sua estremecida prole.

De vez em quando exalava um grito eloquente, um gemido patético; depois reprimia-o na garganta para que não fosse ouvido dos espiões e dos carrascos!

Nem mesmo no chefe da igreja poderia encontrar um alívio. Era no tempo em que Leão XII prostituía a cadeira pontifícia com as orgias, não ensanguentadas, mas infames, dos Bórgias: era no tempo em que a mão de Gregório XVI aplaudia o extermínio dos polacos, que eram católicos, e abençoava a tirania de Nicolau I que era um herege!

Mais de uma família adormeceu no sono eterno, com a esperança de que os olhos da Providência se volvessem para aquele povo aviltado; mais de um proscrito, no suspiro extremo, implorou do céu, que terminasse aquela longa prova, e aquele indizível suplício!

Este pensamento incessante não nascia de uma associação revolucionária, da mera vocação patriótica de alguns talentos entusiastas e ardentes: estava profundamente arraigado no alma do povo, rebentava espontâneo da sua inteligência.

Em 6 de Dezembro de 1846, época que marcava exactamente o intervalo de um século depois da expulsão dos austríacos de Génova as alturas dos Apeninos se iluminaram com fogueiras desde Nice até Régio de Calábria, isto é, no espaço de duzentas e cinquenta léguas, pouco mais ou menos.

Este facto misterioso, este regozijo anónimo, cujos autores nunca puderam ser descobertos pela polícia, aterrou profundamente os governos de Itália. Este acordo admirável

não podia nascer, decerto, de uma conspiração laboriosa: era uma irrupção do vulcão popular, as lavaredas e o rumor subterrâneo que anunciam as explosões de uma cólera longamente sufocada.

Seriam por acaso os manejos da *Carbonária*, e as viçosas convicções da *Jovem Itália*, que poderiam iniciar um povo inteiro, nos mistérios das suas *choças*, e nos audazes planos dos seus *clubs* políticos?

Não é assim que se podem explicar os sintomas que denunciam grandes acontecimentos, e as manifestações das crenças de um povo. Nos largos quadros, que a Providência abre ao desenvolvimento e progressos de uma nação, há, decerto; lugar bastante para as glórias e infâmias individuais, para o heroísmo dos fortes, para o egoísmo dos covardes; mas é só quando um sentimento agita profundamente as entranhas de um povo, que se podem esperar as lutas mal feridas e as catástrofes inesperadas.

Estas chamas acesas nos píncaros das montanhas anunciavam a aurora de uma revolução iminente; eram o prelúdio desse duelo desigual, em que a Itália mostrou, ao menos, a inconcebível energia do seu espírito, e realizou essa união moral das populações, a santa comunhão que as prepara para a federação futura.

A Itália sentiu a sua força, conheceu o seu direito, creu nos seus destinos: vencida, prostrada, agonizante, já compreende o Deus que adora, já marca no horizonte com o olhar a sua esperança longínqua, já tomou lugar no seio das democracias caídas, e partilhou essa solidariedade da grande causa europeia, princípio fecundo, que há-de determinar a emancipação dos povos escravizados, e o triunfo definitivo do novo dogma político.

Já não é a viúva errante, sem lar, sem mansão, sem abrigo, repelida como uma leprosa da mesa dos ricos, e da cabana dos pobres; é a irmã das nações subjugadas, a noiva dos nossos princípios sacrossantos. Outrora podia pagar uma protecção passageira, com o abandono de alguns direitos imprescritíveis; hoje, uma vez libertada, pode falar à Europa, com a coroa de louro dos triunfadores antigos, cingida daquela imortal faixa tricolor, símbolo da fraternidade democrática, penhor da paz eterna que dele congaraçar, no seio das ideias imortais proclamadas pela revolução de fevereiro de 1848.

Eis o que até aqui havia faltado à Itália, o que determinou sua nova era política. As inimizades locais, os rancores domésticos, alimentados pela diplomacia dos pequenos potentados, desapareceram no centro da revolução. Nos muros de Roma pelejavam todas as nações da Itália; a emigração lombarda tomou armas em todos os lugares onde a liberdade

carecia de defensores, e a pátria de combatentes. A Itália inteira seguia anhelante a sorte da guerra, em cada um dos pontos que ainda sustentavam o glorioso estandarte da revolução; o coração do país palpitava num mesmo desejo, e numa mesma esperança: – *Viva la Italia!* gritavam esses pequenos estados, que a mesma ideia, que as mesmas aspirações faziam comungar para sempre na unidade federativa, e despirem-se das o pequenas vaidades, indignas de uma tão grande causa.

Assim como nessa noite imortal da revolução francesa, onde as classes e províncias deposeram os seus privilégios no altar da pátria, a revolução de 1848 queimou, no seu vulcão devorador, os mesquinhos pergaminhos de soberanias caducas, e de antipatias ridículas.

Agora, quando soar o grito de guerra da democracia europeia, quando a onda, que se retirou da praia, pouco a pouco, e com terrível murmúrio, crescer mais alta, mais grossa, mais tremenda, para varrer as escórias reaccionárias, não será nem Roma, nem Florença, nem Milão, nem Nápoles, nem Palermo que se levantarão isoladas, será a Itália inteira, que se erguerá como um só homem, para riscar da face o estigma da sua longa opressão.

#### IV.

Houve cansaço na guerra, como proclamaram os áulicos do Piemonte? A Lombardia não seria digna de combater ao lado das tropas de Carlos Alberto<sup>49</sup>, e dos heróis que embainharam as espadas no meio duma batalha?

Diga-o o feito d'armas, que todo o exército austríaco presenciou nas margens do Ticcino, quando Romarino se retirou com a divisão lombarda: um punhado de bravos defendeu aquele ponto por mais de duas horas, e só o abandonaram perdendo metade da gente, e quando Romarino estava livre de ser flanqueado pelo exército inimigo.

Diga-o a revolução de Milão, começada com bengalas, estoques e punhais, e que durou cinco dias, contra forças respeitáveis e um exercito disciplinado; digam-no os muros de Roma, e os valentes companheiros de Garibaldi; diga-o o aspecto desse povo, que presencia todos os dias execuções militares, e que prefere a morte, a apertar a mão do carrasco! diga-o

---

<sup>49</sup> Carlos Alberto (1798-1849), rei do Piemonte-Sardenha, teve importância fundamental nas revoluções de 1848. Ver SCIROCCO, Alfonso. *L'Italia del Risorgimento*. Bologna: Il Mulino, 1990.

Bréscia, e o Lago de Como; diga-o Verona e Veneza; diga-o a voz dos seus milhares de emigrados, e o epitáfio dos seus ilustres mártires.

O que aconteceria se a segunda invasão na Lombardia pelo exército de Carlos Alberto fosse coroada de sucesso? O que aconteceria se esse rei valente, mas perseguido pela fatalidade dos seus primeiros erros, não se entregasse nas mãos desses cortesãos, que ele por vinte anos beneficiara, e que o atraíram vilmente?

Estaria livre a Itália? Poderia finalmente erguer a cabeça, e tomar o seu lugar entre as nações? Consumar-se-ia o consórcio do papado com a liberdade constitucional, esse pueril devaneio de um grande talento, o abade Gioberti?

Digo-o com pesar e com profunda convicção: a solução deste grande problema seria então a mais dificultosa e mais dilatada. Haveria uma respeitável monarquia de segunda ordem, mas não haveria a Itália; a democracia lombarda estaria, como agora, condenada ao desterro: os fidalgos lombardos engrossariam as reuniões dos fidalgos de Turim, e talvez fantasiassem uma espécie de feudalismo constitucional: mas a Itália jazeria sozinha e abandonada como agora, e a voz eloquente de Mazzini talvez não fizesse acender, com tanto fervor o entusiasmo pela liberdade e pela pátria.

Era um egoísmo monárquico substituído a um egoísmo estrangeiro, era um uniforme substituindo outro uniforme, uma bandeira outra bandeira, e a causa italiana teria a vencer a força conservadora, constituída pela ambição de um rei.

Esperariam acaso que o aventureiro soldado deposesse a espada e a coroa, depois de ver uma avivada pelo triunfo, e a outra abrilhantada com mais um opulento florão?

As vitórias criam as ditaduras, e os exércitos facilmente se seduzem pela glória dos Césares. Este antagonismo inevitável, esta antipatia congênita nos destinos futuros da Itália, fá-la-iam cair outra vez na escravidão ou na guerra civil.

Por isso digo; é preferível este adormecimento passageiro a um triunfo incompleto e talvez prejudicial.

Para o equilíbrio da Europa, para a grandeza do nome italiano, para honra da civilização, necessita-se que a Itália se constituía digna das suas tradições, digna das ideias que determinam os progressos da nossa época: para isso, a monarquia é um obstáculo, as crenças moderadas um paliativo hipócrita, e as agregações um pretexto de cubiças individuais.

Sendo este, como eu creio, o evangelho político da península itálica, podemos convidá-la desde já para o grande congresso da democracia europeia. A grande exposição, onde devem figurar os productos de todas as indústrias do mundo, é o presságio de um idêntico acontecimento na esfera política.

O dia não tarda, porque a democracia não dorme!



## APPENDIX

Outubro de 1853

## I.

Os precedentes artigos foram escritos em 30 e 31 de Dezembro de 1850 no jornal – *A Revolução de Setembro*.

Uma obra de Mazzini, com um prefácio de Georges Sand – *Republique et Royaute en Italie*, que apareceu em Lisboa nos princípios do ano de 1851, como que reproduz muitas das nossas observações políticas. É sempre agradável para o amor próprio combinar em ideias com um tão elevado espírito, e haver sentido, como espectador desapaixonado, o que o ilustre proscrito meditara como chefe e soldado na última luta da causa italiana.

Os três anos, que decorreram, em nada alteram o que uma vez pensamos. Se escrevêssemos hoje, seríamos porventura mais moderados na frase, mas veríamos do mesmo modo a questão.

A individualidade política da Itália não se pode criar sem que a mesma fórmula governativa constitua os diferentes estados que a devem compor. As causas, que impediram que no passado se realizasse este grande pensamento de centralização política, não existem hoje, e achamos absurdo que as proponham como objecção à sua independência e liberdade.

A Itália na idade média, existiu, como os outros países, com todos os elementos de vida social no estado de fermentação e de luta. Graças ao génio dos seus habitantes, às tradições romanas, que mais fortemente a inspiravam, os pequenos municípios constituíram-se em poderosas repúblicas que, como é natural, lutaram entre si para obter a supremacia política. Foi durante este longo intervalo que se formaram os grandes estados europeus, de modo que a Itália acordou no meio deles, sem possuir nem a força necessária para resistir, nem a madureza política que lhe aconselharia uma assimilação vasta, e uniforme.

Maquiavélio, esse raro gênio, cujo pensamento foi por tanto tempo ignorado, no seu livro do *Príncipe*, tratou menos de conceber uma teoria política, do que de, apresentar os dados para o grande problema da unificação italiana. Ele pressentiu, e pressentiu bem, que a Itália não sendo coadunada sob o domínio de uma mão poderosa e hábil, ver-se-ia retalhada pelos estrangeiros, e absorvida pela ambição das nações limítrofes.

O *Príncipe*, composto em 1513, não levava em vista senão convencer os Médicis de que a sua casa estava destinada a reinar na Itália, e de lhe indicar os meios para atingir este elevado fim.

É evidente que o autor refere todas as suas conjecturas a um usurpador italiano. E tanto é que um dos principais assuntos de que ele trata é da “criação de um exército nacional, ao qual uma nova disciplina, novas armas, e uma tática nova devem conceder a vitória”.

O grande escritor não deixa a menor dúvida sobre a sua intenção no último capítulo. Aí, depois de dar como causa principal dos males que sofre a Itália, o desmembramento interno, e as invasões estrangeiras, declara que a casa de Médicis, que possui nas suas mãos a Toscana e os estados da igreja, é que deve dar principio à grandiosa missão de salvar como Moisés o seu povo da servidão do Egito<sup>50</sup>.

Maquiavélio, apesar da sinistra reputação que alcançou com o seu livro, era um grande pensador, um republicano zeloso, um patriota decidido. Inteligência superior, ele compreendera que as pequenas repúblicas, que fracionavam a Itália, não podiam resistir, sem comprometimento da sua independência. O seu olhar abraçava mais largos horizontes do que o patriotismo acanhado do campanário.

Entregava, é verdade, aquela multidão de pequenos estados, mais ou menos dominados por uma oligarquia egoísta, às mãos do despotismo de um só, mas era, por esse modo, que ele supunha unicamente possível constituir a unidade nacional, apropriando, de futuro, a liberdade às dimensões de um vasto estado.

Inútil concepção de um grande gênio! As previsões, que haviam feito escrever a Maquiavélio o livro do *Príncipe*, realizaram-se completamente. E a Itália sofre hoje ainda as consequências de não haver encontrado a ambição salvadora, e providencial, que podesse impor o seu poder às rivalidades mesquinhas, que intestinalemente a dilaceravam.

---

<sup>50</sup> Nota do autor: Leia-se um capítulo da recente obra alemã – *Sistema Nacional d'Economia Nacional* [sic] por Frederico List.

## II.

Napoleão, que, apesar de haver nascido sob a dominação francesa, sentia palpitar nas veias o sangue italiano, teria resolvido a questão da unidade italiana, se porventura a actividade febricitante do seu génio, o não houvesse distraído para outros projectos políticos, cuja importância o sucesso demonstrou menos úteis à humanidade, e menos dignos da sua glória.

Já em 1803 Napoleão dizia, que lhe bastariam vinte anos para refundir os povos italianos, e constituir a sua nacionalidade. Em pela aplicação do sistema administrativo francês, pelo princípio da igualdade civil, estabelecido por leis uniformes, que ele esperava realizar este grande pensamento.

É-nos lícito entretanto duvidar se ele poderia conseguir a resolução do problema, por estes meios. A Itália está destinada a formar uma vasta confederação política. As oposições e dissidências locais podem ser modificadas por uma legislação uniforme, mas não-de preexistir, se porventura se não combinar o poder das tradições, com a energia dos princípios progressivos e reformadores.

A configuração geográfica da Itália impede mesmo que uma centralização poderosa se imponha aos seus futuros destinos. Qual será a capital da Itália? Veneza ou Génova existem em pontos extremos; Milão está mui próxima de qualquer invasão continental; Roma, apesar do prestígio do seu nome, está como abafada naquelas vastas planícies insalubres e desertas, e não pode aspirar a ser uma cidade marítima.

A Itália entretanto possui na sua própria posição geográfica, elementos para se salvar de divisões intestinas, e para conseguir a unidade federativa. A natureza destinou-a a ser uma grande potência naval. Com mil e duzentas léguas de costa, com portos magníficos, podendo obter madeiras de construção da Córsega, da ilha d'Elba, e da Toscana, ela pode abrir à sua actividade um vasto e grandioso teatro.

É nestas empresas, que solicitam todos os esforços, toda a energia de um povo, que se pode obter, pela comunhão-de interesses, a fusão social, e a unificação política. A forma federativa, e é esta a opinião de Guisot, na sua *História da civilização em França*, é porventura a que exige da parte do povo, maior soma de civilização, mais substanciais

elementos de madureza e ilustração política. Quem duvida de que a Itália deve ter adquirido longa experiência na história lamentosa das suas catástrofes sociais?

Se no século XVI a preponderância e a força de uma dinastia a poderiam ter convertido ao pensamento de centralização monárquica, que ia modificando os outros países da Europa, no século XIX a ideia seria fundamentalmente absurda. O sistema republicano, se não fosse antes de tudo a aspiração constante da civilização europeia, ainda assim tornar-se-ia a esperança dourada das populações italianas. Lê-se esse desejo imortal nas páginas da sua história, e nos anais das suas conspirações: está escrito nos troféus das suas vitórias, e nas cúpulas dos seus monumentos. Desarraigá-lo do solo da pátria, seria mais difícil ainda, do que tornar popular e benquisto o domínio estrangeiro.

### III.

A questão italiana, encarada debaixo do aspecto da política geral, não, é menos importante para o equilíbrio e paz da Europa.

A questão do Oriente, que agora apareceu de novo, e se complica de dia para dia, revela de sobejo a necessidade de manter o direito público, em toda a plenitude da sua força, e de apagar essas usurpações escandalosas, que só o tempo consagra, e contra as quais consciência humana protesta.

A Rússia cresce e alarga-se nos seus vastos domínios, e não abdica o pensamento de dominar a Europa, ameaçando-a como seu imenso poder.

Reconstruir as nações húngara e polaca, cuja nacionalidade não está extinta, como acabaram de provar nessa guerra gigantesca de 1848, conter a Áustria dentro dos seus naturais limites, emancipar os povos do Danúbio, e nacionalizar a Itália, não é hoje um sonho de algum utopista político, que segue à letra as prescrições do direito, é a única solução racional e sensata ao problema do equilíbrio europeu.

Se a Rússia se apodera de Constantinopla, teremos realizado para a Europa o mesmo perigo constante que a ameaçava, da parte da Turquia, nos séculos XVI e XVII. Viena ainda estremece de indignação lembrando-se que as suas muralhas foram afrontadas por um exército turco, e que devem a sua salvação ao socorro de João Sobieski, rei da Polónia.

Com a Rússia, a questão teria mais grandiosas proporções.

Essa barbaridade organizada, como expressivamente a denomina um escritor contemporâneo, que se serve de todas as excelências da civilização material, conservando o seu povo debaixo das leis mais severas de obediência passiva, e de despotismo irresponsável, pode invadir o coração, onde palpitam os sentimentos e aspirações da liberdade, e do progresso, e fazer desmaiar o astro da civilização ocidental.

Exércitos, armadas, finanças, caminhos de ferro, institutos militares, tudo possui aquele império, tudo, menos um povo ilustrado, que saiba usar de todos esses elementos, para obter a sua emancipação social e política. A Rússia reproduz a situação daquelas vastas monarquias asiáticas, que se moviam ao acenar do cetro do sultão, e dos sátrapas. Opor diques ao mar que murmura ameaçador, é um pensamento de trivial bom senso. Os postos avançados da Europa são a Hungria e a Polónia: a Itália, potencia marítima, vigiará do lado do Oriente os movimentos do tremendo colosso.

A unidade política da Europa não se pode fundar senão pelo invencível respeito às nacionalidades federadas. Desmembrar, retalhar as nações, ao bel-prazer das diplomacias, como se tem feito até aqui, é peor ainda do que um atentado contra o direito das nações, é um erro político, cujas remotas consequências hão-de pesar sobre as próprias cabeças dos seus autores.

A Inglaterra, que pela boca de lord Suffolk, ministro dos negócios estrangeiros, chamava apenas à primeira partilha da Polónia *a curious transaction*, deve haver conhecido agora, que os grandes pactos nacionais não se rasgam sem perigo da civilização.

A situação actual, que se desenha cada vez mais incerta e inconsistente, deve-se sobretudo às hesitações e terrores de uma política acanhada e estéril. É em presença das conciliações medrosas dos estados europeus que a Rússia tem ganho importância e força moral. Com a ideia constante de adiarem a guerra, tornam-na inevitável, e porventura fatal à civilização, num termo que não está muito distante de nós.

Se a Turquia não pode existir como nação, elevem sobre as suas ruínas o império do Oriente, salvando-o das influências corruptoras da Rússia; e se a onipotência progressiva do império de Nicolau I causa receios à Europa, empenhem-se em reconstruir esses estados, ainda vivos, que n'outras eras serviram de barreira às invasões do império turco.

Quando chegará o dia em que o egoísmo das monarquias ceda o passo à iniciativa rasgada das democracias triunfantes?

Que esse dia esteja afastado ou próximo, é certo que só a comunhão dos povos, operada pelo culto das mesmas ideias políticas, e das mesmas reformas sociais, é que pode realizar o grande pensamento de justiça nacional, e da salvação europeia.

A república é não menos complemento dos progressos sociais, como a forma única a que está reservada a missão de restabelecer a paz e de firmar em douraduras bases os destinos da civilização ocidental.

FIM DO ÚLTIMO E SEGUNDO VOLUME

## 2 ESTUDOS MENDONCIANOS AO LONGO DOS TEMPOS

### 2.1 Introdução

António Pedro Lopes de Mendonça, nascido em 1826, em Lisboa, oriundo de família humilde, provavelmente nessa condição permaneceria durante toda a vida, se não tivesse se transformado, jovem ainda, no folhetinista implacável e destemido das páginas d'*A Revolução de Setembro*. Conforme assevera Bulhão Pato, em *Sob os Ciprestes*, “ninguém em Portugal [...] foi tão desamparado nas letras e tão filho de suas obras, como Lopes de Mendonça<sup>51</sup>”, o que o próprio Mendonça ratifica na introdução das *Recordações de Itália*:

Uma vez que não tenho em perspectiva, nem um ataque de apoplexia fulminante num rico tio do Brasil, ou das Índias, nem o acaso de me sair a sorte de Portugal ou Espanha, nem a verba graciosa do testamento de algum milionário inédito, não há remédio senão remar nas galés da imprensa, e imaginar, nos meus pesadelos, o sorriso alvar de algum tendeiro, refazendo o embotado espírito nas *fatias torradas* do jornal político, e nos *fofos do folhetim*. Seja em desconto dos meus pecados!<sup>52</sup>

Fez sua estreia literária com apenas 17 anos, com *Cenas da vida contemporânea* (1843). Não lhe pouparam críticas, não relevando sequer a pouca idade, tendo o autor uma prévia de como seria toda a sua trajetória literária. Escreveu folhetins, gênero no qual demonstrou elevado talento, dos quais merecem relevo *Memórias dum doido* (1849-1859), *O último amor* (1849) e *Recordações de Itália* (1852-3), além da crítica literária, com *Ensaio de crítica e literatura* (1849) – posteriormente quase totalmente refundido em *Memórias de Literatura Contemporânea* (1855) – e da colaboração no jornal *A Revolução de Setembro* (de 1846 a 1857), no qual ganhou destaque como jornalista e cronista, e no jornal socialista *Eco dos Operários* (1850-1851), do qual foi um dos fundadores. Além da carreira de escritor, foi aspirante da Marinha, sócio efetivo da Academia das Ciências e conquistou a cátedra de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras, em Lisboa.

Faleceu em 1865, em Carnide, depois de cinco anos internado no manicômio de Rilhafoles.

Bulhão Pato, ao recordar o amigo, registra que este fora reconhecido ainda bem jovem por José Estêvão como, além de grande homem das letras, uma “cabeça política de mérito superior”<sup>53</sup> e ainda reconhece nele o responsável por introduzir o folhetim em Portugal.

---

<sup>1</sup> PATO, Bulhão. *Sob os cyprestes – Vida íntima de homens ilustres*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1877, p. 103.

<sup>52</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 26.

<sup>53</sup> PATO, 1877, p.121.

Tinha enormes inibições quando tinha de falar em público. Como deputado, quando da interferência em uma sessão na Câmara, as poucas palavras que conseguiu proferir saíram-lhe trêmulas. O fato gerou galhofa dos inimigos.

Estilo literário em voga em sua época, o Romantismo foi para ele mais que uma escola literária, mas um fato social, cujo legado muito contribuiu para as transformações que foram lentamente pondo fim às estruturas sociais do Antigo Regime. O Romantismo abriu novas perspectivas pela influência europeia e avivou a consciência da individualidade nacional<sup>54</sup>. O pensamento revolucionário fomentado por esse movimento é o que marca, em grande medida, a trajetória de A. P. Lopes de Mendonça.

Rotulado equivocadamente de ultrarromântico, postula-se, no presente trabalho, que a denominação não lhe caiba, posto que o autor justamente condene essa tendência por faltarlhe um “projeto civilizacional”, que seria, para ele, “o objetivo precípua de toda grande literatura<sup>55</sup>”.

Tanto quanto Almeida Garrett, de quem era um franco admirador (não do homem político, mas do literato), Mendonça encarou o trabalho literário como um compromisso com a formação dos leitores. Parte de uma geração cujo papel foi agitar um Portugal adormecido, cujo povo se mostrava politicamente indiferente, ele acreditava no poder transformador da literatura. Para ele, era importante que os indivíduos se reconhecessem no romance, que era “como um espelho [...] aonde a sociedade mirando-se e reconhecendo-se vê a realidade [...] e ao mesmo tempo as paixões e os desejos [...] purificados e absorvidos por um esforço de imaginação<sup>56</sup>”.

Temia que a literatura romântica enveredasse demais por sentimentalidades, e pretendeu, por sua vez, fazer uma literatura combativa, que se ocupasse das mazelas sociais que acometiam o homem de seu tempo. Em suas palavras, em *A poesia e a mocidade*, “a poesia pode decerto percorrer o ciclo das emoções individuais, mas tem de tomar parte do movimento revolucionário, e de inspirar-se nas ideias que tentam reconstruir, compor de novo – a sociedade moderna<sup>57</sup>”, isto é, postulava que, sem abandonar as emoções, o romantismo deveria priorizar a formação do leitor, o processo civilizacional.

<sup>54</sup> RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Teorias e teses literárias de António Pedro Lopes de Mendonça*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1980.

<sup>55</sup> DAVID, Sérgio Nazar. *O século de Silvestre da Silva: estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco*... Lisboa: Prefácio, 2007b, p. 44.

<sup>56</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memórias de um doido*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982, p. 30.

<sup>57</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes. *Ensaio de crítica e litteratura*. Lisboa: Typografia da Revolução de Setembro, 1849, p. 194-195.



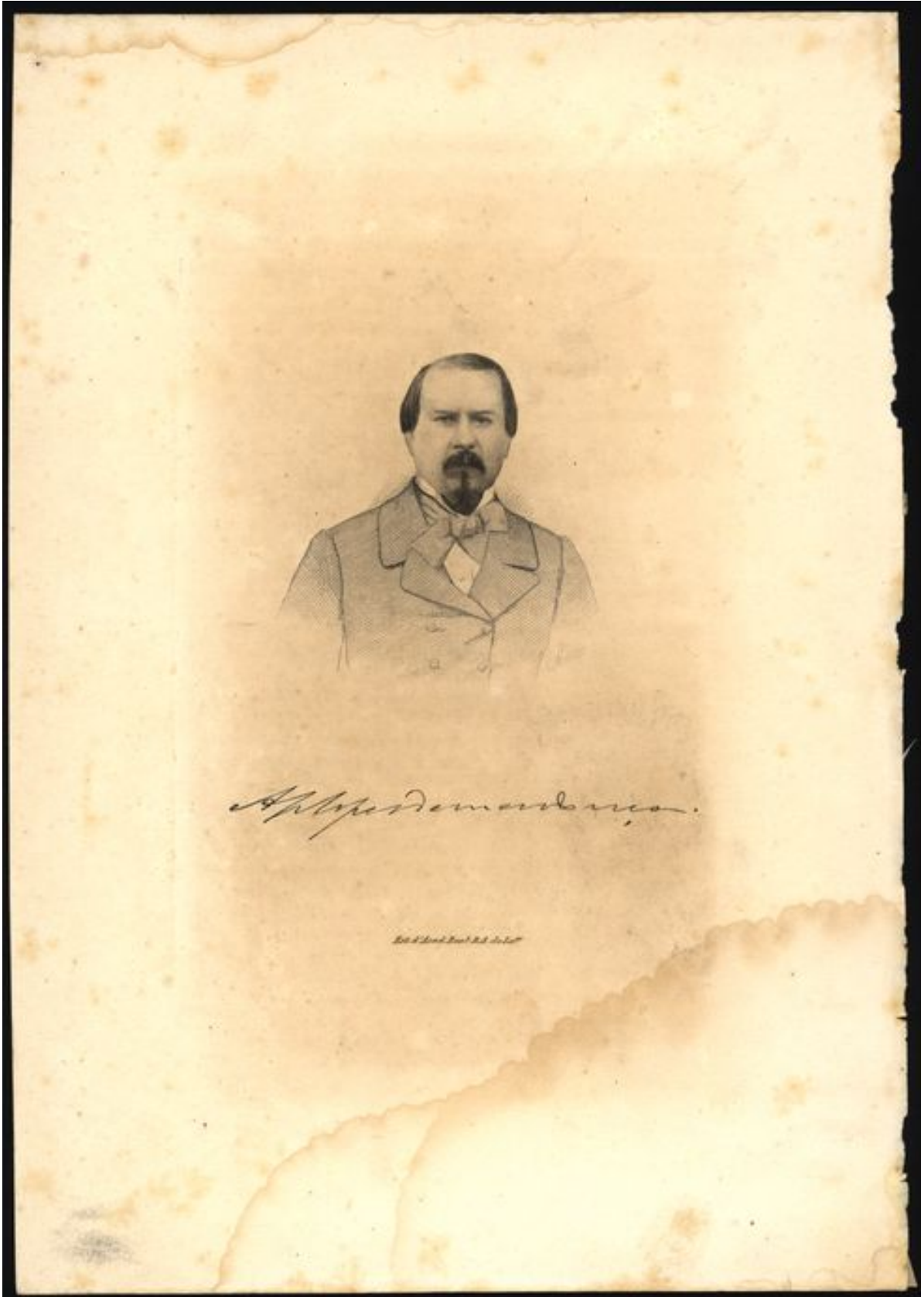


Figura 12. António Pedro Lopes de Mendonça, por Joaquim Pedro de Souza.  
Disponível em: <http://purl.pt/13313/2/>

António Pedro Lopes de Mendonça não escrevia para entreter, mas para denunciar, para alertar, para conscientizar, produzindo uma literatura combativa. Assim como o autor das *Viagens na Minha Terra*, Mendonça entendia que sua literatura podia ser um meio de transformação daquela sociedade, uma voz contra as injustiças da classe abastada em relação à maioria – a classe pobre e o operariado.

Em seu vasto repertório temático, posicionou-se contrariamente à Igreja, mas, apesar de se debater contra esta instituição, A. P. Lopes de Mendonça defendia os valores cristãos, que se coadunavam, em sua perspectiva, com os valores do socialismo. Professou um cristianismo esclarecido, que tinha como preceitos os ideais de igualdade e fraternidade, dos quais cria que derivaria a emancipação do homem. Acreditava que, sem o materialismo, de que a Igreja estava impregnada, esses preceitos levariam o povo a viver como irmãos: “O cristianismo é de origem democrática, os seus princípios morais são o ideal de todo governo livre”<sup>58</sup>.

Grande conhecedor da sociedade lisboeta e frequentador – ao que tudo indica – de todo tipo de ambiente, inspirava-se nas mazelas sociais, na contramão da maioria dos autores da época, que buscavam nas elites e seus nobres salões a fonte de sua literatura, Mendonça preferia buscar material criativo nos lugares em que se podia encontrar todo o tipo de gente, como o bairro da Alfama ou uma casa de jogos, como podemos, por exemplo, verificar em *Memórias dum doido*.

Para A. P. Lopes de Mendonça, na riqueza e na ostentação não se encontrava o que era necessário para estudar a vida, pois “a inspiração verdadeira” nasce “do génio do povo, do esplendor dos acontecimentos, da seiva fecunda das ideias”<sup>59</sup>; considera que “a vida não se estuda nos palácios, nem nas salas de baile: aquela atmosfera, enerva, sensualiza a vontade mais rijamente temperada: as rugas da reflexão quase sempre são desenhadas no rosto pelo dedo da miséria”<sup>60</sup>. Por isso mesmo, seus folhetins tratam de toda sorte de temas: a política, a religião católica, as relações sociais, os “tipos” da época, a própria literatura e tudo o mais que repercutisse socialmente.

---

<sup>58</sup> MENDONÇA, apud RIBEIRO, 1980, p. 280.

<sup>59</sup> MENDONÇA, 1849, p. 14.

<sup>60</sup> Op. cit., p. 70.

## 2.2 Estudos mendonçianos

O presente capítulo propõe-se à análise da fortuna crítica da obra de A. P. Lopes de Mendonça, apreendendo alguns dos mais relevantes trabalhos dedicados à obra deste autor. Trata-se aqui de expor sumariamente o que tem sido escrito acerca de sua obra, seguindo o rastro dos teóricos que se debruçaram sobre ela até o presente momento.

Apesar de se tratar de uma obra bastante extensa – sobretudo se levarmos em consideração sua colaboração jornalística –, pouco tem sido abordado o conjunto do trabalho de A. P. Lopes de Mendonça.

De tudo o que lemos para a elaboração deste estudo, constatamos que as teorias acerca da obra do referido autor giram muito em torno de seu trabalho na crônica-folhetim (mormente suas contribuições ao *Eco dos Operários* e *À Revolução de Setembro*), e, no romance-folhetim, sobre um ou outro aspecto mais específico de *Memórias dum doido*.

O volume *Recordações de Itália*, cujo trabalho de edição é parte integrante desta dissertação, é um caso ainda mais peculiar. A obra é citada por vários dos críticos, que dedicam a ela não mais que um parágrafo de suas observações (exceção feita a DAVID, 2007b). É unanimemente elogiada, sem que a análise se desenvolva para além do juízo valorativo.

A obra de A. P. Lopes de Mendonça tem sido, ao longo do tempo, redescoberta. A esse respeito, é possível citar a reedição de *O último amor*, em 2007, pela 7 Letras, com posfácio e fixação de texto de Sérgio Nazar David, além das quatro edições já publicadas de *Memórias dum doido*: a primeira de 1849; a segunda, de 1859 (ambas publicadas em vida); a terceira, publicada sem data na década de 1920; a quarta, edição crítica, comparativa das duas primeiras edições, de José Augusto França, de 1982; e ainda, no prelo, com previsão de lançamento para 2013, com organização de Helena Carvalhão Buescu, pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, haverá uma quinta edição, com base na edição de 1859. Além disso, a importância de Lopes de Mendonça no enquadramento da literatura portuguesa de Oitocentos vem sendo sistematicamente revista e reavaliada pelos estudiosos do período, conforme demonstraremos.

### 2.3 A ironia – um modo de pensar

Um dos aspectos mais recentemente tratados, ainda que de forma bastante breve, por Ofélia Paiva Monteiro, em seus *Estudos Garrettianos* e por Sérgio Nazar David em *O Século de Silvestre da Silva: Ensaios sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça e Camilo Castelo Branco*, é o emprego da ironia na obra de A. P. Lopes de Mendonça. A um leitor “desavisado”, que leia o romance apenas por seu enredo e pelas histórias ali contidas, as *Memórias dum Doido* podem parecer superficiais e de puro entretenimento ou pode-se considerar, nas palavras de um dos amigos que se reúnem para analisar este romance em seu “Capítulo Último”, que o livro “abre o apetite, e não faz peso no estômago”<sup>61</sup>. O mesmo ocorre com as obras de outros autores, como Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis, considerados, ainda, por muitos teóricos, equivocadamente, como autores de “literatura cor de rosa”, termo pejorativo empregado para caracterizar as leituras que eram indicadas para as moças, por serem consideradas de pouca profundidade, inofensivas. Contudo, para reconhecer o verdadeiro sentido por trás de certas leituras, é necessário ir além daquilo que parece, considerar o alcance da poderosa arma que é a ironia. É o que faz Ofélia Paiva Monteiro<sup>62</sup>.

Na supracitada obra, Monteiro apresenta um paradoxo levantado por Garrett, ao apontar, em *Viagens na Minha Terra*, que, naquela época, enquanto a sociedade era materialista, a literatura era “excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista”<sup>63</sup>. Através daqueles enredos, aparentemente açucarados, é este o grande contraste de valores tão opostos que se desvela.

É o próprio autor quem justifica o motivo pelo qual não se pode escrever sobre aquela época, já no primeiro capítulo do seu *Memórias dum doido* (MENDONÇA, 1982, p. 29):

O romance contemporâneo, se não existe entre nós, como noutros países, é porque a sociedade realmente não favorece, pela sua situação, este género literário. [...] se receia sempre [...] talhar uma carapuça, ou ofender os melindres de tantos que não vivendo em paz com a sua consciência, abominam as liberdades da crítica, e os devaneios pouco respeitosos dos escritores. [...] Esta nossa sociedade [...] parece que tem horror de si mesma, ao ver-se retratada.

Não era possível, àquela época, escrever explicitamente sobre os problemas da sociedade, sem o risco de ofender alguém que tivesse “vestido a carapuça”. A ironia serviu a Lopes de Mendonça, portanto, como um meio de reflexão; foi uma “arma de pensamento” (DAVID, 2007b, p. 47); bem mais que simplesmente uma figura de linguagem, foi o artifício

<sup>61</sup> MENDONÇA, 1982, p. 231.

<sup>62</sup> MONTEIRO, Ofélia Paiva. *Estudos Garrettianos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

<sup>63</sup> GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Martin Claret, p. 26.

literário encontrado para denunciar as mazelas sociais e para fazer uma literatura de combate, de modo que suscitasse reflexões no leitor, mas, ao mesmo tempo, vendesse bem e agradasse ao leitor comum, que consumia literatura e de quem vinha seu sustento, já que tinha apenas a pena como arma para se impor e para se manter, desvalido que era, naquela sociedade de ricos e poderosos.

A. P. Lopes de Mendonça faz da ironia seu modo de refletir sobre a vida, sobre a sociedade e suas injustiças, sobre a política. A sociedade em geral não se preocupava com a política, e as entrelinhas de seus escritos foram o lugar que o autor encontrou para expor suas opiniões. Assim como Maurício, Mendonça fora quase um louco a falar a uma multidão surda:

[...] que pode fazer um homem, quando o seu país adormece em sono letárgico, quando só se ouve o zumbir das pequenas intrigas, e das mesquinhas paixões, quando a glória foge aos esforços da mais poderosa e enérgica vontade? Mercadejar com a inteligência no traficar da vida política, servir à mediocridade, para dominar depois, ou esperar tudo na fatalidade dos acontecimentos?<sup>64</sup>

Os heróis de Mendonça, sempre vencidos (à exceção de *Zambianchi*, de *Recordações de Itália*), como assinalou DAVID (2007b), sucumbem, renunciando ao mundo desvirtuado em que viviam. A “feição ideal do artista” era moldada pelo sofrimento, pelas tribulações; o artista era “alguém que escreve porque não pertence ao mundo que estava por morrer”<sup>65</sup> – assim como o louco também não pertencia.

A ironia maior, em *Memórias dum Doido*, talvez esteja no fato de Maurício, o “doido”, ser atacado, sendo ele a vítima daquela sociedade, e não o contrário. Era dado como doido porque não conseguia fazer parte daqueles círculos sociais, porque discordava daquelas atitudes mesquinhas e corruptas, com princípios tão desvirtuados. O que se evidencia por meio desse personagem é que ser louco, no século XIX, é estar inadequado aos valores impostos, é ser excluído socialmente. Por meio das palavras da carta de D. Afonso a Maurício, A. P. Lopes de Mendonça expõe esses pensamentos:

O mundo compreende o ambicioso que dispõe da sua vontade com energia, e caminha sem hesitar ao poder, e escarnece dos que se extenuam em procurar a verdade, como único tesouro digno da ambição humana. [...] ‘És um doido’ eis o que poderá dizer o mundo: e não procurarão ler na tua fronte devastada pelo estudo as rugas da meditação: e aceitarão sem ressentimento o sorriso de desdém, que lhe poderias dirigir, quando te reconheceres rico pela ciência e poderoso pela vocação!<sup>66</sup>

Maurício responde a esta carta, demonstrando sua escolha de resistir àquele mundo que se apresentava:

<sup>64</sup> MENDONÇA, 1982, p. 61.

<sup>65</sup> DAVID, 2007b, p. 41.

<sup>66</sup> MENDONÇA, 1982, p. 207-209.

[...] quando deste mundo ideal, desci para as realidades mesquinhas da vida, quando tive de respeitar preconceitos ridículos, e conveniências torpes, a minha alma estava temperada, como um metal exposto ao fogo.

As decepções vieram imediatamente envenenar a minha imaginação, e consumir a actividade da minha alma. Jurei então não me curvar a essas falsas grandezas, a que o mundo se prostra reverente, e conservar-me isento no meio das abjecções que me rodeavam.<sup>67</sup>

Quanta ironia não há na comparação entre as caracterizações da procissão de Corpus Christi e da casa de jogos? A procissão, um rito religioso, cristão, e, por isso mesmo, presumidamente democrático, é um desfile de vaidades, em que ricos e pobres têm seus lugares bem marcados, sem se misturar:

A procissão, a nosso ver, atinge dois fins do mesmo modo importantes no bastardo regímen que por tantos lados se prende ainda às obscenidades e misérias do velho absolutismo: satisfaz a uma tradição, e oferece um pretexto para que os barões velhos e novos se arriem com suas vistosas condecorações, dando pasto à vaidade que os caracteriza.<sup>68</sup>

Ressalte-se aqui que neste capítulo Lopes de Mendonça não fala em aspectos religiosos da procissão, sequer em fé ou fraternidade. A procissão, segundo seu ponto de vista, serve apenas para as elites se exibirem e ostentarem seu poder.

A ironia, por conseguinte, verifica-se quando contrapomos o discurso sobre a procissão ao momento em que ele escreve sobre a casa de jogos:

O jogo, numa sala, entre pessoas da alta sociedade, que se veem obrigados a respeitarem-se e a dissimularem as suas impressões, é bem diferente deste jogo, que admite todas as classes, que aceita o dinheiro do rico e do pobre, do ratoneiro e do mendigo, do filho de família e do modesto operário.<sup>69</sup>

O que se apreende daqui está claro: a casa de jogos admite todas as classes sociais e iguala-as, pois o vício acolhe todo o tipo de gente, enquanto que, na procissão, onde era de se esperar que houvesse igualdade – a irmandade perante Deus, como doutrinam os preceitos cristãos – há sobretudo divisão por classes. São ironias como essa que movem o pensamento, a reflexão social, política e estética do livro.

Mendonça bate-se também contra as aparências em *O último amor*, quando discorre longamente sobre a ingenuidade de Eugénia, e de grande parte das moças da época, tão enganadas pelos efeitos da aparência. Não tendo conhecimento de mundo, reclusas em suas casas, fantasiavam o homem ideal, baseadas apenas em aspectos exteriores: “um homem, graças ao seu alfaiate, e ao conhecimento perfeito dos estilos do mundo, pode ser um herói, mesmo para o seu *valet de chambre*<sup>70</sup>”.

A. P. Lopes de Mendonça evidencia esse carácter irônico também, em muitos momentos, n’*A Revolução de Setembro*, dos quais se destaca o perspicaz jogo de palavras que

<sup>67</sup> Op. cit., p. 68.

<sup>68</sup> Op. cit., p. 63.

<sup>69</sup> Op. cit., p. 75.

<sup>70</sup> MENDONÇA, 2007, p.20.

ele faz com as “contradições” de Portugal: “Portugal é uma contradição perene. [...] O cemitério denomina-se dos *Prazeres*. A corte das *Necessidades*: os cegos vendem livros, gente branca é que se emprega nas carvoarias, e os pretos é que caíam as casas<sup>71</sup>”.

## 2.4 Ultrarromântico?

Em sua obra *O Romantismo em Portugal*, José Augusto França analisa a escola romântica, ressaltando a importância das revistas para a difusão de literatura, ao afirmar que os semanários portugueses desempenharam o papel fundamental de desenvolver “a literatura de ficção publicando nas suas colunas os primeiros romances dos novos autores”<sup>72</sup>. Antes tendo como opção de leitura, além dos livros, os jornais voltados exclusivamente para notícias, surgia um novo meio, e “a revista encontrava assim um público novo cujo particular interesse pela vida coletiva não era simplesmente político<sup>73</sup>”. Surge, destarte, em Portugal, o folhetim. FRANÇA (1999) tratará dos aspectos literários da obra de A. P. Lopes de Mendonça, incorrendo em um equívoco no qual muitos outros teóricos já haviam incorrido: a afirmação de que Mendonça é um autor ultrarromântico, chamando-o, inclusive, de “campeão do ultrarromantismo”<sup>74</sup>.

Jacinto do Prado Coelho (1947) comunga, em parte, desta opinião, ao considerar aspectos ultrarromânticos – porém não a totalidade – na obra de Lopes de Mendonça. A esse respeito, ele escreve que

António Pedro Lopes de Mendonça [...] é bem um homem típico do aspecto avançado, renovador, do Ultrarromantismo português. Ainda romântica e até ultrarromântica, a sua obra anuncia, ao mesmo tempo em vários domínios o Realismo; as suas ideias sobre os problemas nacionais, a decadência portuguesa depois do século XVI, a função da literatura, os horizontes e os processos da crítica literária serão retomadas, clarificadas, desenvolvidas pela geração de 65.<sup>75</sup>

Considerando-se que o próprio Lopes de Mendonça criticava os ultrarromânticos, por considerar que estes ignoravam o caráter reflexivo e civilizacional da obra literária, já que se preocupavam mais com sentimentalidades do que com a formação de leitores, seria incoerente classificá-lo como adepto desta tendência.

<sup>71</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *A Revolução de Setembro*, nº 2781, 5/7/1851.

<sup>72</sup> FRANÇA, 1999, p. 168.

<sup>73</sup> FRANÇA, 1999, p. 168.

<sup>74</sup> Op. cit., p. 271.

<sup>75</sup> COELHO, 1947, p. 258.

No prólogo dos *Ensaio de crítica e literatura*, Mendonça chama a atenção para o nome escolhido para o livro: “Estampamos na frente deste livro dois nomes, irmãos no sangue, e irmãos na profunda afeição que lhe consagramos<sup>76</sup>”, isto é, para o autor, literatura e crítica andam juntas, são “irmãs”, já que uma suscita a outra. Sua literatura tem o objetivo de levantar reflexões, questionamentos, e de ser crítica, não apenas ser romanesca e servir como distração para o leitor.

Sobre o drama, Lopes de Mendonça escreve que não se deve dissociar o indivíduo da sociedade, porque “o drama é a expressão do movimento individual, das suas paixões, dos seus sentimentos, **da combinação da sua vida íntima, com a sociedade aonde nasceu**<sup>77</sup>” [grifo nosso]. O aspecto social está sempre entrelaçado à literatura, nas críticas que o autor escreveu.

Acerca da poesia, escreve que esta “pode decerto percorrer o ciclo das emoções individuais, mas tem de tomar parte do movimento revolucionário, e de inspirar-se nas ideias que tentam reconstruir, compor de novo – a sociedade moderna<sup>78</sup>”. A crítica que faz ao jornal de poesia *Trovador*, nas *Memórias de Literatura Contemporânea*, é justamente a de que os poetas do grupo se ocupam muito de sentimentos individuais, prerrogativa de todo ultrarromantismo, ao qual ele se põe contra:

O principal defeito do *Trovador*, a meu ver, é estar encerrado numa escala muito limitada de sentimentos individuais. À exceção do sr. João de Lemos, e do sr. Rodrigo Cordeiro, os poetas cantam apenas a virgindade das suas comoções, em face da natureza, e dos seus íntimos desejos<sup>79</sup>.

Sérgio Nazar David (2007b, p. 44) abraça a opinião aqui exposta, julgando inadequada a filiação de A. P. Lopes de Mendonça ao ultrarromantismo, visto que Mendonça condena essa escola “sobretudo em virtude da pouca atenção que alguns escritores davam a um certo projeto civilizacional”, que, para Lopes de Mendonça, seria “o objetivo precípua de toda grande literatura”.

Ao debruçar-se sobre a escola romântica, Mendonça desaprova, uma vez mais, o sentimentalismo na literatura e o desinteresse de alguns representantes do romantismo pelas questões sociais:

O romantismo foi propriamente uma escola histórica [...]. Depois perverteu-se em composições calculadas para o efeito, e pálidas interpretes do coração humano. O melodrama apareceu, povoando a cena de tipos inverossímeis, e de paixões impossíveis. Caricaturaram no horror os caracteres, e os sentimentos. Os personagens tornaram-se uma espécie de alegoria consagrada de tiranos tremendos, de amantes extremos, de confidentes sacrificados.<sup>80</sup>

<sup>76</sup> MENDONÇA, 1849, p. XV (prólogo).

<sup>77</sup> Op. cit., p. 55-56.

<sup>78</sup> Op. cit., p. 256.

<sup>79</sup> MENDONÇA, 1855, p. 246.

<sup>80</sup> Op. cit., p. 211.



Com uma posição tão declaradamente avessa ao sentimentalismo, fica evidente o equívoco que é a associação de Mendonça à escola ultrarromântica. Talvez o equívoco se dê pela forma como escreve: seu estilo por vezes palavroso e aparentemente exagerado podem levar a pistas falsas sobre os verdadeiros intentos de sua literatura. Segundo David (2007b, p. 57), contudo, esses excessos, todos esses “floreios”, são modos muito comuns na literatura do século XIX de lidar com aquilo que se quer ocultar. O que parece exagero é, na verdade, ocultação.

Na cena da morte de Maurício, é possível identificar esse aparente exagero, cuja finalidade é encobrir o desejo, condenável naquele tempo e que, portanto, não se podia assumir socialmente, sendo reprimido até na intimidade. Paulina, que foi “arrancada do seio de sua família” por Maurício, após ter sido abandonada por ele, torna-se uma artista – profissão malvista, principalmente quando se tratava de uma mulher – motivo pelo qual ele se culpava e pedia perdão:

– Cala-te, Paulina: sou eu que deveria implorar de joelhos o teu perdão, porque sem o meu fatal influxo, serias, – quem sabe – uma esposa afectuosa, – uma mãe extremosa –, um anjo destinado a consolar os tristes cá na Terra! – Não abrases a alma nesses ávidos sonhos de desenfreada sensualidade: vê como eu expiro sem esperança.<sup>81</sup>

A esse respeito, Jacinto do Prado Coelho (1947), ao mesmo tempo em que considera superficiais as *Memórias dum doido* (“novelazinha ingénuo, de composição muito débil, sem psicologia, sem verossimilhança, repassada de um lirismo retórico em que se expande o individualismo do Autor<sup>82</sup>”), ressalta a modernidade desta obra e revela as influências de seu gosto para leituras, de George Sand, Charles Nodier, Eugène Sue e Alfred Musset, de onde provavelmente advém a preferência por temáticas urbanas, sobretudo abordando as contradições entre os bairros marginais, como a Alfama, e os salões da elite, onde é possível apreender os jogos sociais e emocionais que se fazem presentes nas relações dos mais ricos daquela sociedade<sup>83</sup>.

José Augusto França reconhece a importância de Lopes de Mendonça como folhetinista, que, diferentemente da maioria de seus coetâneos, se aprofunda nas causas que lhe são caras, fazendo-as temas de sua literatura; e julga sua literatura como de estilo “inteligente e fácil”; e “seu pensamento, cada vez mais comprometido numa corrente de esquerda que o conduzirá ao socialismo, em 1850, e assumindo responsabilidades na crítica e

<sup>81</sup> MENDONÇA, 1982, p. 297.

<sup>82</sup> COELHO, 1947, p. 247.

<sup>83</sup> Op. cit., p. 248.

na história literárias”, ultrapassando “a ligeireza do género [folhetim]”<sup>84</sup>, o que pode soar contraditório, posto que, se sua temática é política, a ponto de dizer-se que esta transcende o género folhetinesco – tido como superficial, admite-se que, por outro lado, Mendonça tem como cerne de suas obras mais do que os melodramas ultrarromânticos. Ele reconhece, também, a importância de *Memórias dum Doido*, ao afirmar que foi Lopes de Mendonça, nesta obra, “quem verdadeiramente ousou abordar pela primeira vez os problemas do imaginário quotidiano”<sup>85</sup>. Portanto, tem enorme valor a contribuição de FRANÇA para os estudos mendonçianos.

## 2.5 Romantismo – um fato social e político

Em artigo de *Bom Senso e Bom Gosto*<sup>86</sup>, Alberto Ferreira define o Romantismo, extrapolando os aspectos literários que este conceito contém em si para demonstrar a importância social que este movimento teve para Portugal e para as lutas liberais do país:

Parece-vos que o romantismo seja exclusivamente um fenómeno literário e artístico? Eu julgo que não, que é mais do que um fenómeno artístico. O romantismo corresponde à explosão duma nova mentalidade surdida de duas portas da Revolução Francesa: a porta do inferno e a porta do paraíso, assim digamos metaforicamente. É a súbita manifestação duma sensibilidade forjada em novos contactos sociais, é o verde fruto da liberdade burguesa e da sua sorvada antiliberdade, é a vida no reino da igualdade e a vida no reino da sua sofisticação, a alegria e o desencanto, a certeza da vitória e a surpresa da derrota, é a fecunda inquietação em face de novos valores e o desespero perante o império do proveito, do oiro, da especulação, a esperança duma vitória adiada e a furiosa ou infeliz negação dessa esperança, o empolgamento em face dos novos valores e a saudade gótica [...] do feudalismo. O romantismo efectiva-se num mundo revolucionário que alimenta, no seu próprio seio, a contrarrevolução e, ao mesmo tempo, sustenta já dentro de si, convulsivamente, uma nova revolução em latência. [...] O Romantismo, como o Renascimento, mais parece um facto social, paidêutico, formativo e filosófico, do que um facto exclusivamente artístico.<sup>87</sup>

Ainda segundo FERREIRA, o movimento romântico tem seu início em 1834, coincidindo com a vitória liberal pela Convenção de Évora Monte e, portanto, fim da guerra civil, e as primeiras manifestações românticas dividem-se em dois fatos: por um lado, eram publicadas obras típicas desse movimento e, por outro, o desejo de “educar as massas burguesas e formar quadros de elite”<sup>88</sup>.

<sup>84</sup> FRANÇA, 1999, p. 168.

<sup>85</sup> Op. cit., p. 231.

<sup>86</sup> FERREIRA, Alberto. “Perspectivas do Romantismo”. *Bom senso e bom gosto (Questão Coimbrã)*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

<sup>87</sup> Op. cit., p. 17-18

<sup>88</sup> Op. cit., p. 20-21.

Deste modo, traz-se uma abordagem política a respeito do Romantismo em Portugal e suas implicações extraliterárias, opinião que vai ao encontro da de Lopes de Mendonça, que afirma, nos *Ensaio de crítica e literatura*: “a revolução liberal acordou-nos – e o nosso movimento literário desde essa época exprime que as agitações do novo dogma, hão-de ser fecundas no futuro<sup>89</sup>”; isto é, com a literatura que se volta para a formação dos leitores, planta-se uma semente, deixa-se um legado para as gerações futuras, formam-se personalidades, além de constituir-se a tentativa de democratizar a cultura, que já era também um projeto dos românticos desde o século XVIII<sup>90</sup>.

COELHO (1947) sustenta que, apesar da sensibilidade e pelo *spleen* contido em alguns momentos de suas obras, havia também, em A. P. Lopes de Mendonça “um impulso decidido pela luta<sup>91</sup>”, o qual foi o motivador para que ele lutasse na Guerra da Patuleia, em 1846, ao lado dos setembristas, que por fim são derrotados pelos Cabrais. Após a derrota, ele retorna à Marinha, onde seu espírito revolucionário já se revelara desde as suas primeiras viagens, quando se desagradava das disciplinas militares.

Posteriormente, com a chegada da Regeneração em 1851, as forças burguesas são apaziguadas, e aguardam agora que as promessas desse novo governo, de uma “nova era de fomento” e de “bem-estar para todos<sup>92</sup>” sejam cumpridas. Alguns dos escritores são alocados em cargos de importância, e ganha força a classe operária:

Perdido (ou recolhido à toca da subjectividade) o idealismo dos heróis do Mindelo, transformada a classe média em clientela de súbditos subservientes, iniciados nos clãs dos compadres, à babugem dos restos palacianos de barões com vela acesa no paço e no governo, ordenada para buzinar na charanga de bacharéis, comerciantes, agrários, industriais, especuladores financeiros e funcionários superiores da administração, fica em campo uma classe nova, activa e empreendedora: o operariado.<sup>93</sup>

Alberto Ferreira tem uma opinião controversa sobre a atitude de Lopes de Mendonça frente aos acontecimentos pós-Regeneração, pois entende que este autor desiste de sua literatura combativa para se dedicar estritamente à crítica literária e às crônicas.

Mendonça, entretanto, em momento nenhum capitula, apenas muda sua perspectiva em relação os temas nacionais. A princípio, o autor foi contra a Regeneração, que, num primeiro momento, chegou a chamar de “absolutismo empacotado”, e contra Rodrigo da Fonseca Magalhães, então Ministro do Reino, que era para ele o “rei dos pasteleiros<sup>94</sup>”. Isso tudo por considerar que, apesar do apoio de muitos, esse regime pouca coisa mudaria no país, sendo muito mais um engodo do que a solução minimamente satisfatória.

<sup>89</sup> MENDONÇA, 1849, p. 15.

<sup>90</sup> FERREIRA, 1985, p. 22.

<sup>91</sup> COELHO, 1947, p. 244.

<sup>92</sup> FERREIRA, 1985, p. 102.

<sup>93</sup> Op. cit., p. 102-103.

<sup>94</sup> DAVID, 2007a, p. 191.

Com a morte de D. Maria II e, por consequência, início da regência de D. Fernando, em 1853, Lopes de Mendonça adere à Regeneração, provavelmente por considerar que, nesse momento, o novo sistema (que vigorava desde 1851) havia já ampliado as liberdades e privado a aristocracia de muitos de seus privilégios. Essa aproximação, entretanto, nunca foi incondicional e talvez se amparasse no que o novo sistema podia propiciar de liberdade, de diminuição de privilégios à velha aristocracia e aos novos “barões”, de melhorias materiais que favorecessem a civilização, de benefícios concretos ao povo.

Efetivamente, o colunista d’*A Revolução de Setembro* reconheceu, nesse regime, alguns benefícios, como o progresso material e a expansão do ensino. Em 1856, em artigo deste jornal, ele, inclusive, defenderá a Regeneração, ponderando que a análise do regime deve ser feita tendo-se em conta o contexto em que ocorreu e todas as circunstâncias envolvidas: “O nosso ponto de vista deve ser referido ao tempo, à situação do país, às relações dos partidos, aos precedentes históricos, às paixões que acanham as ideias, e aos interesses, tão poderosos nas classes, e nas associações, quanto nos indivíduos<sup>95</sup>”. O que ele aponta com isso é que o absolutismo teve muito mais tempo no poder e pouco ou nada fez, ou, como ele mesmo gostava de indicar, foi um período de letargia e adormecimento de Portugal; e a Regeneração não teria feito muito ainda, mas, considerando-se o pouco tempo no poder, poderia ensejar grandes avanços, sendo o início de importantes transformações futuras. A este respeito, ele escreverá, ainda n’*A Revolução de Setembro* de 2 de fevereiro de 1856:

Se nos fosse logicamente permitido julgar este governo, longe da esfera dos factos passados, longe das circunstâncias de que se encontra rodeado, esquecendo os acontecimentos que o produziram, e o ambiente em que tem de mover-se, é mais do que provável que a nossa crítica fosse impiedosa e severa. Mas ao escritor público não lhe cumpre avaliar os homens e os partidos, como um artista, que se deixa dominar pelas teorias do belo. [...] O nosso ponto de vista deve ser referido ao tempo, à situação do país, às relações dos partidos, aos precedentes históricos, às paixões que acanham as ideias, e aos interesses, tão poderosos nas classes, e nas associações, como nos indivíduos.

A. P. Lopes de Mendonça não desistiu da sua luta, mas, contextualizando a história, fazendo um exame mais minucioso sobre os regimes políticos, pôde avaliar que a Regeneração, apesar de não satisfazer plenamente aos anseios da sociedade e apresentar ainda muitas falhas, era ainda assim a melhor opção, consideradas as forças políticas em ação e as circunstâncias históricas que tinham forjado a situação presente.

---

<sup>95</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *A Revolução de Setembro* de 2 de fevereiro de 1856.

## 2.6 Aproximações com o Realismo

Consoante Jacinto do Prado Coelho, há três facetas a ressaltar em Lopes de Mendonça: “o representante de certo ‘realismo romântico’ na novela e no folhetim; o crítico literário; o apóstolo de um idealismo social e político<sup>96</sup>”. Seguindo essa linha de pensamento, este autor entende que as *Memórias dum doido* compõem o primeiro representante da corrente realista, “filiada em Balzac e Eugénio Sue”, que se distingue, entre outros aspectos, pela descrição minuciosa de caracteres e interiores, e principalmente “porque os romancistas, imbuídos de um idealismo humanitário, [passam a conceber] a novela como obra de alcance ‘filosófico’, estudo sério de tipos e problemas sociais<sup>97</sup>”. De fato, Mendonça valoriza as descrições na literatura, e explicita-o em linhas de seu próprio romance:

Queixam-se hoje dos romancistas por serem minuciosos na descrição. É-se realmente injusto com esse gênero do talento que tanto contribui para dar colorido e sentimento aos quadros da vida íntima.

Quanto não vale, no *Père Goriot*, a admirável pintura da Maison Vauquer! Que seria de Walter Scott sem esse supremo dom de ressuscitar, pela intuspecção quase mística do passado, o viver e os instintos sociais das gerações desvanecidas! Os caracteres, as paixões, que talvez na sua essência não variam, tomam formas múltiplas e desenvolvem-se pelo influxo de circunstâncias completamente diversas. Um gesto, uma palavra, um simples movimento, nas regiões da vida moral, significa tanto como no mundo físico o fragmento do animal fóssil, pelo qual Cuvier reconstruía os animais antediluvianos<sup>98</sup>.

Ainda que confira grande importância à descrição, sob a perspectiva de Coelho, o autor não atinge o nível desejado em sua obra, pois não se aprofunda nessa descrição, e suas tentativas de caracterização, como a do banqueiro, que segue como exemplo, são pouco aprofundadas:

O banqueiro olhado superficialmente, e sem grande atenção, parecia dotado de uma fisionomia comum. Era um homem que teria trinta e cinco anos quando muito, com cabelos negros, mas já misturado com algumas cãs, com o rosto pálido e lívido, mais pelas vigílias e cuidados, que pelos estragos da doença. Era nos olhos todavia, que se lhe revelava a profunda corrupção, e a malha abjecta a que fora conduzido pelas suas paixões insaciáveis<sup>99</sup>.

E ele faz, ainda, uma descrição da procissão de Corpus Christi, dessa vez, diferente da do banqueiro, repleta de crítica e ironia, como já ressaltado aqui; um verdadeiro “esboço pitoresco da vida lisboeta<sup>100</sup>”, do qual retiramos o excerto que segue como ilustração:

<sup>96</sup> COELHO, 1947, p. 246.

<sup>97</sup> Op. cit., p. 248-249.

<sup>98</sup> MENDONÇA, 1982, p. 83.

<sup>99</sup> Op. cit., p. 85.

<sup>100</sup> COELHO, 1947, p. 250.

Acabavam de dar onze horas: as ondas de povo vagueavam curiosas e impacientes, e os mais atrevidos da plebe injuriavam os cocheiros quando as carruagens procuravam abrir caminho: os namorados iam tomando lugar pelas esquinas, com aquele ar meio terno e meio parvo, que os aponta desde logo à análise dos que gostam de saber das vidas alheias; e as senhoras começavam a abanar-se, e a tapar os inevitáveis abrimentos de boca, que um madrugador excepcional sempre produz<sup>101</sup>.

A respeito das *Recordações de Itália*, Coelho destaca a modernidade da obra, em que se empregam muitas expressões estrangeiras – *club, at home, lord, maccheroni, bambino* –, o que, além de demonstrar erudição da parte do autor, que dominava outras línguas, conferem à obra um aspecto cosmopolita.

Mendonça demonstra grande apreço pela modernidade e pela civilização, o que expõe de forma clara no volume I das *Recordações*, durante sua passagem por um bairro comercial de Gênova:

Adoro a civilização. Quando tomo uma chávena de café com leite, e uma torrada, e me dizem que a porcelana é de *Sèvres*, ou de *Saxónia*, que o café veio da Havana, ou do Brasil, que o açúcar é das Antilhas ou da América inglesa, que a manteiga chegou de *Cork*, ou de *Hamburgo*, dou graças ao génio comercial, e ao espírito navegador<sup>102</sup>.

Emancipado que era do tradicionalismo tão típico da sociedade lisboeta oitocentista, apreciava, “à maneira dos realistas”, os prazeres que proporcionavam o café, o fumo e todas as vantagens que as relações comerciais internacionais propiciavam.

## 2.7 Um escritor socialista – a voz dos operários

A abordagem de Victor de Sá, em *Perspectivas do século XIX*<sup>103</sup>, é a que mais destoa do conjunto de teóricos, por enfatizar a vertente jornalística de Lopes de Mendonça, apresentando um panorama das primeiras manifestações socialistas em Portugal e suas posteriores representações na imprensa do país. Além disso, ele é seguramente o autor que mais longamente se demora no estudo de Lopes de Mendonça, apesar de restringir-se à sua dimensão socialista e na contribuição no *Eco dos Operários*.

A Revolução de Setembro, em 1836, e a da Maria da Fonte, dez anos depois – precedida pela insurreição armada das Juntas Patrióticas, a Patuleia – foram eco do capitalismo, que reverberava fortemente na França e na Inglaterra, e que, em Portugal, guardadas as devidas proporções, já demonstrava suas contradições. Ainda que não houvesse,

<sup>101</sup> MENDONÇA, 1982, p. 65.

<sup>102</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 51.

<sup>103</sup> SÁ, s. d.

em Portugal, um proletariado organizado, uma consciência de classe operária, essas revoltas demonstram que havia no ar certo tipo de descontentamento por parte dos mais pobres relativamente ao “logro produzido pelo liberalismo”, que pouco resolveu os problemas sociais que se apresentavam, apenas substituindo “uns barões por outros barões, os capitães-mores pelos caciques eleitorais, os antigos latifundiários eclesiásticos pelos donos laicos da riqueza”<sup>104</sup>, mas mantendo ainda desamparados os trabalhadores, que permaneciam carecendo de saúde, educação e meios dignos de sobreviver.

O socialismo que surge a essa época é consequência da frustração causada pelo regime liberal, que se corrompeu, e do avanço do capitalismo nas duas grandes potências europeias. Seu objetivo, conforme ressalta A. P. Lopes de Mendonça, é “extirpar os vícios das instituições mal concebidas e mal interpretadas e eliminar as que, sendo úteis durante determinado período de civilização, hoje ameaçam as civilizações económicas e protestam contra a justiça e contra o direito”<sup>105</sup>. Era o germe da mudança, da renovação social que Mendonça vislumbrava em seu país; um fomento, um ponto de partida para reflexões que, ele cria, suscitariam as verdadeiras transformações sociais naquela nação, pela mobilização de sua classe trabalhadora.

Victor de Sá dá conta de que o que diferencia Mendonça dos socialistas de seu tempo é sua “compreensão do sentido histórico da sua época, superando genialmente as limitações do meio nacional que o cerca” e sua “extraordinária capacidade sociológica e grande compreensão do processo evolutivo das sociedades”. E faz justiça, ressaltando que a posteridade ignora este seu aspecto para lembrá-lo apenas por suas incursões na crítica literária, que o teórico considera “acadêmicas e inócuas”<sup>106</sup>.

Pela ótica de Victor de Sá, naquele momento, o socialismo de Lopes de Mendonça valia para evidenciar as contradições do capitalismo, para “proceder pela negação” e “ser unicamente revolucionário”<sup>107</sup>. Este autor condenava a dogmatização prematura do socialismo, renegando os sistemas socialistas formatados, sobre os quais chegou a declarar: “eu não acredito nas revoluções feitas em nome de um sistema impreterível e apresentado com o despotismo intelectual do *crê* ou *morres*”. Ele continua a tratar o assunto, refutando as teorias dos grandes nomes do socialismo:

A sociedade [...] não é um recruta que receba resignada um sistema como um boné de uniforme e que marche, à voz dos reformadores, com a obediência de uma disciplina rigorosa e imprescritível.[...]

<sup>104</sup> Op. cit., p. 72.

<sup>105</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. “Portugal e o Socialismo”, in. *Eco dos Operários*, nº 36, de janeiro de 1851.

<sup>106</sup> SÁ, s. d., 72.

<sup>107</sup> Op. cit., p. 77.

Eu não aceito mestres [...]. Admiro o talento, mas não curvo a minha inteligência senão às verdades demonstradas pela experiência e aferidas pela história.<sup>108</sup>

A única doutrina que Mendonça valida é a cristã, que, conforme assevera, é a que apresenta a melhor alternativa para se realizar a revolução. Em certo trecho, ele usa o cristianismo como exemplo de revolução que age a longo prazo, que ensina, mas não impõe:

Que revolução mais completa, mais admirável, mais fecunda, do que a do cristianismo? E acaso o divino legislador formulou desde logo o modo da sociedade futura? Não semeou os seus admiráveis preceitos e não creu que, eles só, teriam a força de transformar e de modificar a humanidade?<sup>109</sup>

Diferentemente de seus contemporâneos, Mendonça rejeitava as teorias e as utopias socialistas, reagindo criticamente, inclusive com alguma hostilidade, a elas, conforme demonstra em texto publicado no *Eco dos operários*, em resposta a artigo escrito por Custódio José Vieira no jornal *A Esmeralda*:

Rejeitemos, pois, essas *utopias*, e, em vez de cansarmos a imaginação discutindo programas, que o povo pode rasgar num momento de impaciência e de cólera, consumemos a obra da revolução e entreguemos depois aos esforços dos proletários a reconstrução da sociedade emancipada e liberta da escravidão do salário<sup>110</sup>.

Essa confiança na capacidade política do povo é mais uma marca característica das ideias de Lopes de Mendonça em relação às utopias socialistas, que alguns escritores da época ensejavam. Com base nos objetivos de fomentar a revolução e despertar o operariado contra as injustiças, Mendonça fundou, com Francisco de Sousa Brandão, um jornal socialista. O *Eco dos Operários* (1850-1851) foi uma forma de dar voz a essa classe desfavorecida que não encontrava espaço nos outros semanários portugueses. A função do jornal foi muito mais do que doutrinar essa classe, mas conscientizá-la e uni-la em prol de um ideal comum. Operários encontravam nesse veículo um espaço de reivindicação, em que passaram a poder publicar os próprios textos, ao lado dos redatores, jornalistas já renomados, como o próprio Lopes de Mendonça e Sousa Brandão. O espaço concedido aos trabalhadores estava já estampado na capa, que trazia a seguinte legenda, localizada logo abaixo do nome de seus colaboradores: “COLABORADA POR LITERATOS E OPERÁRIOS”, esclarecendo que os operários não eram apenas o público do jornal, mas também parte de seu corpo editorial.

A inclusão dos operários na redação do jornal foi um meio de encorajar e convocar os trabalhadores de pensamento semelhante para uma mesma luta. Lopes de Mendonça, a esta altura, tinha já feito sua viagem pela Itália ainda não unificada (1850), da qual se originaram as *Recordações de Itália*, obra em que pôde testemunhar a importância da união dos

<sup>108</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Eco dos operários* de 22 de agosto de 1850.

<sup>109</sup> Op. cit.

<sup>110</sup> *Eco dos operários* de 22 de Agosto de 1850.



pensamentos em prol de um mesmo objetivo e também o contrário: as consequências da desunião, que obstava o progresso da causa da unificação italiana. Ele chega a escrever, a respeito dos integrantes da classe operária, na introdução do último volume do jornal, que a missão do *Eco* foi “ligar entre si estes membros desunidos<sup>111</sup>”.

Nesse jornal, ocorreu também como demonstração de vanguarda, o anúncio da publicação da carta de uma operária, anunciada no nº 31 com os seguintes dizeres: “Recebeu-se nesta redação uma carta assinada por uma operária, que será publicada no nº. seguinte, folgando desde já com este triunfo<sup>112</sup>”, o que seria uma inovação tremenda da qual o jornal parecia se orgulhar, mas não se pôde verificar se a carta de fato foi publicada.

O semanário foi uma forma de agitar as classes operárias, que, segundo Mendonça, adormeciam “na ignorância e no desleixo intelectual<sup>113</sup>”, pois não tinha acesso, em sua vasta maioria, à educação e à cultura, estando “abandonadas ao seu próprio impulso, privadas de todos os meios de instrução, restritas às necessidades primárias da vida<sup>114</sup>”. O esforço dos fundadores da revista era, então, muito mais militante do que doutrinário, de acordo com o que assevera Sá<sup>115</sup>.

A posição “de esquerda”, como classifica Victor de Sá, de A. P. Lopes de Mendonça intensifica-se quando este passa a defender a coletivização da propriedade, contrapondo aos prejuízos do capitalismo – “empenha o trabalho, condena à morte as populações, origina a miséria, a prostituição, a mendicidade e a falta de subsistência para a classe mais numerosa e mais pobre” – às soluções socialistas – “gratuidade do crédito, organização do crédito pelo trabalho” – aos quais ele ainda acrescenta: “... e, seja-nos lícito dizê-lo, pela republicanização da propriedade<sup>116</sup>”, que seria torná-la domínio público.

Sá alerta que Lopes de Mendonça não desenvolveu este tema, mas que o pouco que escreveu a respeito é suficiente para compreender que suas ideias sociológicas eram opostas às de seu companheiro de jornal, o engenheiro Sousa Brandão<sup>117</sup>. França também faz essa comparação, coadunando-se com Victor de Sá, ao destacar que, em Mendonça, se encontra “uma espécie de humanitarismo social que deverá evoluir para uma posição revolucionária mais nítida” que a de Brandão<sup>118</sup>.

<sup>111</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Eco dos operários* de 25 de Outubro de 1851.

<sup>112</sup> Sá, s. d., p. 92.

<sup>113</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Eco dos operários* de 25 de Outubro de 1851.

<sup>114</sup> Op. cit.

<sup>115</sup> Sá, s. d., p. 91.

<sup>116</sup> MENDONÇA apud Sá, s. d., p. 79.

<sup>117</sup> Sá, s. d., p. 79-80.

<sup>118</sup> FRANÇA, 1999, p. 270.

# ECCO DOS OPERARIOS.

REVISTA SOCIAL, ARTISTICA E LITTERARIA.

REDEGHIDA

POR A. P. LOPES DE MENDONÇA — F. M. DE SOUZA BRANDÃO — F. VIEIRA DA SILVA,  
JUNIOR (OPERARIO) — L. A. PALMEIRIM — J. MARIA CHAVES (OPERARIO) — J. F.  
HENRIQUES NOGUEIRA (AGRICULTOR) — C. R. COUTINHO.

COLLABORADA POR LITTERATOS E OPERARIOS.

## PARTE SCIENTIFICA.

### Mais uma sociedade de Beneficencia.

N'UM paiz, como Portugal, em que todos os homens ainda os mais livres, conservam nos pulsos os vergões, que os ferros da tyrannia lhes deixou — qualquer associação de operarios, qualquer reunião de filhos do povo merece a seria consideração daquelles que partilham das idéas democraticas, e que se tem dado, fortalecidos com a fé de verdadeiros crentes, ao estudo das questões sociaes.

Entre nós vae germinando pouco a pouco a semente, que os partidarios do socialismo tem lançado á terra. Perde-se muita, como na parábola de Christo: tem caído por sobre pedras, e espinhos, e a falta de torrão a inutilisa.

E' comtudo para admirar, que doutrinas a que a publicidade só hontem deu vida, e tão desprotegidas u'um paiz em que faltam os primeiros elementos de educação professional, contem já tão grande numero de defensores — e o que mais é, encontrem tambem quem as vá em pequena escalla applicando, posto que em limitados circulos, como por em quanto esta nossa terra comporta.

Os Monte-pios como entre nós tem denominado algumas associações de beneficencia, servem de base para que depois em mais elevada escala provemos a bondade das nossas doutrinas. Aquelles que nos accusam de utopistas, de visionarios, e de ambiciosos podem já vêr os menores resultados das associações, que intentámos estabelecer. Com estas conta o operario para não

3.º DA 2.ª SERIE.

morrer extenuado, e faminto juncto ao marco de uma rua, ou á beira de uma estrada. Com estas conta o pro'etario para n'uma longa enfermidade receber os medicamentos, que seus irmãos lhes ministram, e os desvellos, que a enfermidade exige. Minorar o soffrimento com o amor, e com os meios empregados pela sciencia — livrar o pobre dos terriveis presentimentos de um futuro de miseria, e de dôr: eis o primeiro problema, que os humanitarios propozeram, e que as associações de beneficencia tem vindo resolver.

O principio por M. Luiz Blanc enunçado — de que não devemos usar do superfluo em quanto um irmão nosso carece do necessario, conhecemo-lo todos. A verdade da doutrina, que appellida de injusta a abundancia em que vive o rico, em quanto que o pobre esgota as suas forças em penosos trabalhos sem poder alimentar seus filhos, não deixam a menor duvida aos humanitarios. Porém os meios de podermos obstar a todos estes flagellos, despontam n'um horizonte longinquo. Vamos pois trabalhando no que por em quanto podemos, sem perder de vista o futuro a que estão ligadas as nossas mais charas aspirações. Auxiliemo-nos todos, e demos parabens sinceros áquelles que não se poupando a esforços vão desbravando terrenos incultos.

Educar os operarios, dar-lhes os conhecimentos proprios para os mysteres que exercem, e incutir-lhes o sentimento do que podem, e do que valem — formar associações locais de beneficencia, que por diminutas prestações ministrem aos artistas medicamentos e disvellos: eis a revelação de todos os nossos esforços, e o resumo de todas as nossas aspirações. Aquelles que se banqueteam com o dinheiro do pobre, que nos

Figura 13. Folha de rosto de um exemplar do *Eco dos Operários*, onde se pode ler a inscrição "COLLABORADA POR LITTERATOS E OPERÁRIOS".

Disponível em: <http://purl.pt/13464/1/P409.html>

Na introdução do último volume do *Eco dos Operários*, de 25 de Outubro de 1851, Lopes de Mendonça reconhecia o valor que teve o jornal, no início, desacreditado e ridicularizado, no estímulo à reunião e à organização dos operários em prol da revolução popular na qual ele acreditava:

Quando, há pouco mais de um ano, empreendemos este jornal, quiseram combater-nos com o ridículo; hoje, empregam a calúnia e as injúrias pessoais – a nossa ideia adquiriu, por conseguinte, uma importância política, uma inquestionável força social. Não estamos isolados: um partido novo, que se cria no centro das glórias e mesquinhas evoluções representativas, presta-nos a sua adesão e o seu apoio. A ideia já não aspira unicamente ao martírio: pode, dentro em poucos anos, intentar a luta. Que admirável não é este acontecimento no seio de um país quase moribundo, aonde apenas há de vital e de palpitante a corrupção nas classes superiores! [...] Entregamos o presente à avidez das facções. Preparamos laboriosamente a revolução econômica, que respeitando todos os direitos, há-de destruir escandalosos privilégios e consagrar a soberania do trabalho, inaugurando o reinado puro e simples da democracia<sup>119</sup>.

Neste mesmo texto, ele insiste na importância da unificação para o fortalecimento dos trabalhadores, que ele considerava como legado deixado pelo jornal:

Contamos com o auxílio da classe operária, e muitas das suas inteligências hão-de decerto ajudar-nos no cumprimento da nossa missão. Ligar entre si estes membros desunidos de uma mesma família, concentrar as suas tentativas, dar uma senha única aos seus movimentos, é seguramente advogar a causa da ordem, que dimana sobretudo da unidade de pensamento<sup>120</sup>.

Em seu último texto para o *Eco dos operários*, Lopes de Mendonça evidencia, outrossim, a flagrante divisão de classes em Lisboa, comparando o sistema econômico-social vigente ao sistema feudal:

De um lado, uma classe emancipada pela vitória, dotada de instrução, de talento, de capitais; de outro lado, massas inertes, privadas de meios intelectuais, desmoralizadas por uma longa tirania, tendo por única aspiração as esperanças mal distintas de uma imortalidade, envenenada pelos terrores do Inferno, e por único recurso os seus braços, desfalecidos pelas fadigas e mal cicatrizados ainda das pesadas cadeias que haviam arrojado em séculos de opressão. [...] Os progressos da indústria e o crescimento da população fizeram descer o salário até ao nível das necessidades restritas e absolutas do homem. Ao feudalismo político sucedeu o feudalismo monetário<sup>121</sup>.

Adiante, ele reconhece o valor do capital, desprezado pelos socialistas românticos e suas utopias, mas bate-se pela redistribuição deste e pela importância do trabalho numa sociedade capitalista:

Loucos são todos aqueles que pretendem negar a importância do capital na produção. As inventivas contra o capital não significam uma negação absurda dos seus serviços como agente de riqueza, mas um protesto contra as leis econômicas que o monopolizam nas mãos de uma classe, que o tornam irresistivelmente o senhor suserano, o déspota insaciável do trabalho. Os haveres de uma nação não estão consubstanciados no que os ricos e os abastados possuem; mas no que valem, no que podem produzir os pobres, aplicados convenientemente aos diferentes misteres da indústria. [...]

<sup>119</sup> MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Eco dos operários* de 25 de Outubro de 1851.

<sup>120</sup> Op. cit.

<sup>121</sup> Op. cit.

A sujeição será uma necessidade fatal na organização da sociedade? Depois de abolidas as castas, depois de destruída a escravidão, depois de emancipado o servo, devia presenciar o nosso século aquela lúgubre legenda dos proletários de Lião:  
*Viver trabalhando, ou morrer combatendo?*<sup>122</sup>

## 2.8 Considerações finais sobre os estudos a respeito da obra de A. P. Lopes de Mendonça

Ao fim dessa análise das teorias acerca da obra de A. P. Lopes de Mendonça, é indubitável a carência de trabalhos sobre a dimensão política desta. Talvez por ainda estarem contaminados pela opinião, sustentada por muito tempo, de que o referido autor é um baluarte do ultrarromantismo, os teóricos que se propõem a abordar a literatura mendonciana ignoram a vertente política desta obra, fundamental para se entender a verve dos trabalhos que a compõem.

Como já dito, além de DAVID (2007b), quem mais se demora na análise do caráter político da obra de Lopes de Mendonça, mesmo que se atenha exclusivamente à obra jornalística e, ainda assim, limitando-se apenas à temática que diz respeito ao socialismo, é SÁ (s. d.).

Todos os outros autores analisados fazem um recorte muito preciso e específico: a ironia (MONTEIRO, 2010), o folhetinista “ultrarromântico” (FRANÇA, 1999), o romantismo como fato social (FERREIRA, 1985), aspectos realistas (COELHO, 1947).

Esses temas são estudados, em sua essência, com base estritamente nas colaborações n’*A Revolução de Setembro* e no *Eco dos operários*, nos romances *Memórias dum doido*, *O último amor* e na crítica literária contida em *Ensaio de crítica e literatura*.

Com a redescoberta da obra de A. P. Lopes de Mendonça, estudos aprofundados sobre a política, indissociável de seus escritos, devem ser feitos com maior abrangência, a fim de que se faça jus ao seu talento e se reconheça o lugar que obrigatoriamente é seu no quadro mais amplo das transformações sociais e literárias da sociedade oitocentista portuguesa de então.

---

<sup>122</sup> Op. cit.

### 3 A. P. LOPES DE MENDONÇA: DO CABRALISMO À REGENERAÇÃO

O século XIX foi marcado por revoluções em toda a Europa. Monarquias foram derrubadas, novos acordos foram traçados, e o perfil do Velho Mundo tomava novas formas, que mudariam para sempre os rumos do continente.

Realizaremos um breve panorama do período entre 1842, que marca o início do Cabralismo, a 1868, quando termina a Regeneração, em que muitas transformações políticas ocorreram na sociedade portuguesa, sendo apreciadas por A. P. Lopes de Mendonça em seus escritos e pelos quais se esclarece muito da personalidade política e do posicionamento que este demonstra a respeito dos problemas de seu país.

Como as *Recordações de Itália* transcorrem na década de 1840 e 1850, este será o recorte temporal que abordaremos neste capítulo, no que concerne à história italiana, estendendo-nos brevemente até 1861, data da fundação da Itália como reino. O objetivo é contextualizar os acontecimentos da época neste país, aos quais o autor faz referência frequentemente na obra em apreço.

Estando em viagem por uma Itália ainda não unificada, Mendonça alcança também, nos escritos que compõem as *Recordações*, certo distanciamento crítico para avaliar a situação de Portugal, estabelecendo comparações com os avanços que presencia em território italiano e questionando, muitas vezes, por que o país já não tem papel relevante no conjunto das nações europeias.

O autor das *Recordações de Itália* deslumbra-se com os caminhos de ferro, com a grandeza arquitetônica desse país, com a riqueza cultural e o valor atribuído à arte e à antiguidade, sem abandonar seu apreço pelo progresso, que é, para ele, motivador de importantes mudanças na sociedade.

#### 3.1 Cabralismo

O ano de 1842 foi marcante para as correntes políticas de Portugal. Após o golpe ministrado em janeiro deste ano por Antônio Bernardo da Costa Cabral com ajuda do duque

da Terceira, restaura-se a Carta de 1826, para satisfação dos cartistas e desgosto de setembristas, miguelistas e cartistas dissidentes<sup>123</sup>.

Os liberais setembristas, a essa altura, usavam o jornal *A Revolução de Setembro* para transmitir suas ideias acerca das mudanças que gostariam que se operassem na sociedade portuguesa, admitindo a Carta de 1826, mas exigindo nela uma reforma que guardasse princípios da Constituição de 1838. Tanto setembristas moderados, que aceitavam a Carta de 1826 – revisada – quanto os radicais, que exigiam a Constituição de 1838, e os miguelistas compartilhavam um mesmo objetivo: derrubar o ministério de Costa Cabral, que havia instaurado uma ditadura, caracterizada por forte censura em todos os níveis, sobretudo na imprensa.

A situação instaurada levou os setembristas mais radicais à revolta armada, em fevereiro de 1844, que ficou conhecida como revolta de Torres Novas e Almeida, na qual lutou o futuro companheiro de Lopes de Mendonça na fundação do *Eco dos operários*, Sousa Brandão. Sem o apoio popular, contudo, os setembristas não tiveram chance contra o exército de Costa Cabral, rendendo-se 20 dias depois.

A crise instalara-se em Portugal: fome, desemprego, a opressão do governo, o cerceamento das liberdades individuais, a nova lei dos impostos, além de uma série de medidas impopulares, faziam aumentar a insatisfação e a reação ao cabralismo. Com o descontentamento geral, em 1846, o primeiro passo para o fim do cabralismo vem, enfim, com a insurreição popular da Maria da Fonte – como ficou conhecida a revolta dos camponeses iniciada no Minho, alastrando-se mais tarde por grande parte do meio rural e chegando às cidades, com eclosão de violentos motins, até que Costa Cabral, derrubado, se exilasse em maio de 1846.

Pouco se conservou a vitória da oposição, pois, em outubro deste ano, o marquês de Saldanha, com apoio do governo espanhol, que acolheu Costa Cabral no exílio, dá um golpe militar que faz prosseguir a política cabralista, suscitando reações imediatas da oposição, que, novamente contando com apoio popular, fez rebentar a Patuleia, unindo liberais, absolutistas e radicais contra o ministério, numa continuação da revolta iniciada meses antes, com a Maria da Fonte. Nas fileiras da oposição da Patuleia, entre outros nomes ilustres, figurava A. P. Lopes de Mendonça.

---

<sup>123</sup> RIBEIRO, 1998, p. 91.



Tendo duração já bastante estendida, a guerra termina por influência estrangeira, após a Convenção de Gramido, em junho de 1847, com participação da França, da Inglaterra e da Espanha. Os setembristas não se satisfazem com a decisão, que ainda favorecia os cartistas.

Em janeiro de 1848, uma crise financeira ainda mais rigorosa instaurava-se em Portugal, e os jornais de oposição denunciavam as mazelas sociais. A partir do segundo trimestre, então, novas insurreições começam a estourar, com focos em todo o país. Os cartistas, agora não mais tão coesos como antes, tinham opiniões divergentes a respeito do retorno de Costa Cabral, que, em junho de 1849, volta a Portugal e assume a chefia do executivo, com apoio de Saldanha, com quem se correspondia da Espanha e com quem terá diferenças, as quais virão à tona com o novo golpe militar de Saldanha, que é responsável por derrubar outra vez, agora em definitivo, o poder cabralista, em abril de 1851.

### 3.2 Regeneração

Após o golpe de Saldanha, tem início, a 22 de maio de 1851, a Regeneração, com um gabinete composto por Rodrigo da Fonseca Magalhães (Reino), Fontes Pereira de Melo (Marinha, Fazenda e Indústria) e o duque de Saldanha (pasta da Guerra), que, apesar do passado, recebe apoio dos que estão esperançosos pela proposta do governo regenerador – a renovação de Portugal. Lopes de Mendonça, no entanto, demonstra descontentamento com a formação desse ministério, sobre o qual escreve n'*A Revolução de Setembro*: “depois de haverdes enxotado o conde de Tomar, com ajuda dos vizinhos, vos acolhêsseis à sombra do casacão pardo do nosso rei Rodrigo, esse conservador patusco e ordeiro<sup>124</sup>”.

Esse governo foi dividido em dois partidos: o partido progressista regenerador e o partido progressista dissidente – ou histórico, constituindo-se um sistema bipartidário. Os regeneradores apoiavam os ministeriais (cartistas), como Rodrigo da Fonseca Magalhães e Saldanha, e buscavam reforma da Carta de 1826, além de aprimoramentos materiais. Já os históricos, contando com o apoio do duque da Terceira, opunham-se a essa política reformista, formando um partido dissidente<sup>125</sup>.

Esse embate repercute fortemente na imprensa, que debatia, tendo cada partido um periódico que o defendesse. Do lado dos históricos, tínhamos *O Português*, e, em apoio às

<sup>124</sup> *A Revolução de Setembro* de 07 de junho de 1851.

<sup>125</sup> RIBEIRO, 1998, p. 101.

políticas implantadas pelos regeneradores, *A Revolução de Setembro*, no qual Lopes de Mendonça escrevia, entre uma crítica e outra, ponderações em relação às reformas possíveis promovidas pela Regeneração. Sempre sublinhando, no entanto, que nem por isso compactuava com o ministério vigente:

Não somos ministeriais, prestamos apoio aos que fizeram a concessão de um caminho de ferro, aos que fizeram uma tentativa de reforma de pautas. [...] Portugueses, estamos empenhados na boa gerência dos negócios do país, e nem nos tornamos indiferentes ao movimento social, nem abdicamos das nossas doutrinas e da imortal esperança de nos constituirmos, de futuro, na grande federação democrática europeia<sup>126</sup>.

Lopes de Mendonça defendia a modernização do país, mas temia que esta fosse usada para atender somente aos interesses das elites, contra o povo. É conhecido o episódio em que troca farpas com Alexandre Herculano por conta da construção dos caminhos de ferro em Portugal. Enquanto Mendonça defendia que a estrada de ferro seria um grande avanço para Portugal, Herculano se mostrava contrário, no que resultou numa longa controvérsia na imprensa<sup>127</sup>.

Durante a Regeneração, teve destaque a figura de Fontes Pereira de Melo, responsável pelo Ministério das Obras Públicas, Comércio, e Indústria, criado em 1852. A política desse ministro pretendia facilitar a comunicação de Portugal com outros países da Europa, por meio dos caminhos de ferro, além de trazer progresso material, possibilitado pela maior facilidade de trânsito e pela troca de produtos.

Para subsidiar as obras que impulsionariam o progresso, entretanto, o governo fontista começou a aumentar os impostos, além de tomar empréstimos com outros países, como França e Inglaterra, e, em consequência, endividando-se. A população começa a ficar descontente. O duque de Saldanha, então presidente do Conselho, pede ao rei, D. Pedro V, que constitua um grupo de Pares que votem a favor de um projeto de aumento da carga fiscal, mas, como o rei recusasse, apenas restou ao governo regenerador demitir-se.

Em lugar dos regeneradores, assumem os históricos, em 6 de outubro de 1856, sob a presidência do Marquês de Loulé, os quais, apesar de proporem a continuação das iniciativas e da política dos regeneradores, relegam a segundo plano as chamadas melhorias materiais. Soma-se a isso a depressão mundial em 1856-57, e Portugal começa a diminuir exportações, o que acarreta menor investimento. Logo se instaura a crise, com aumento de epidemias e da fome. O governo de Loulé não apresenta solução a esses problemas, e a reação faz-se notar, mais uma vez, na imprensa, que pede a volta dos regeneradores.

<sup>126</sup> *A Revolução de Setembro* de 23 de outubro de 1852.

<sup>127</sup> MÓNICA, Maria Filomena (org.). *A Europa e nós: uma polémica de 1853 (A. Herculano contra A. P. Lopes de Mendonça)*. Lisboa: Quetzal Editores, 1996.



O partido regenerador retorna ao poder em 1859, mas o ministério não se mantém por muito tempo pela divergência de opiniões entre Fontes Pereira de Melo e o duque de Saldanha, agravada pela interferência do rei D. Pedro V. Sob a liderança do marquês de Loulé, os históricos retomam o poder, dessa vez num governo marcado por instabilidade social, tanto no campo quanto na cidade.

Em abril de 1865, os partidos se fundem, formando um ministério misto de regeneradores e históricos. Com as reformas fiscais implantadas tendo desagradado o povo, ocorre, em 1868, a revolta Janeirinha, que culmina com a demissão do executivo e o fim desse período.

### 3.3 Uma mente política: participação nas insurreições portuguesas

Como colaborador d'*A Revolução de Setembro*, para o qual escreveu de 1846 a 1857, propugnava pelos ideais do Liberalismo – liberdade, igualdade e fraternidade – em defesa das classes menos favorecidas e contra a aristocracia corrupta, denunciando todos aqueles que se pusessem no caminho das conquistas do povo, para o qual ele defendia diretos iguais.

O posicionamento político de Lopes de Mendonça é bem marcado e declarado. Liberal, filiado à política jacobina, foi um dos precursores dos ideais socialistas em Portugal. Mas suas posições políticas nem sempre foram de enfrentamento aos poderes constituídos. Contrário ao cabralismo, apesar de toda a repressão que sofriam os opositores ao governo, ele chegou a produzir manifestos que eram distribuídos secretamente por Lisboa, conforme indica Bulhão Pato, em *Sob os ciprestes*:

Nesse tempo, um governo reacionário, profundamente corrompido, desaforado com a proteção do paço – proteção nefasta para o povo, para quem a recebe, e principalmente para quem a dá, – usava de todos os meios de reprimir o pensamento, abafando as generosas aspirações da liberdade.

Lopes de Mendonça escrevia folhetos políticos, que se distribuía em secreto, e com grave risco da região lombar.

Os libelos políticos, de que hoje dificilmente se poderá obter um exemplar, eram escritos com letras de fogo.

Que vigor, que indignação, que apaixonada eloquência!<sup>128</sup>.

Em *Memórias dum doido*, romance escrito em plena ditadura, Mendonça denuncia a censura instaurada sobre os jornais, por meio do protagonista, Maurício, que, encontrando-se “entre a fome e a infâmia”, isto é, tendo de escolher entre apaziguar sua sede revolucionária e

<sup>128</sup> PATO, 1877, p. 121-122.

abandonar seus escritos de protesto para aceitar uma proposta ignominiosa, que feria suas convicções por apoiar um partido ao qual era contrário, conversa com Paulina, que o aconselha: “Disseram-me há pouco que te poderiam prender, se continuasse a falar mal do governo! Bem vês que deves aceitar<sup>129</sup>”. O conselho é “o último clarão d’afecto<sup>130</sup>” dele em relação à mulher que estava abandonando, ou seja, ele esperava dela apoio para continuar seu combate, e não um conselho complacente para com a repressão social.

Sua participação na causa liberal, além dos panfletos, não se restringe à colaboração nos jornais em que escrevia e aos romances em que sempre incutia alguma crítica; ainda contra o Cabralismo, bem jovem, Lopes de Mendonça engrossou as fileiras das revoltas populares, combatendo ao lado dos setembristas e do povo, na revolta da Maria da Fonte, como atesta Bulhão Pato: “Depois da conspiração do paço, de 6 de outubro de 1846, Lopes de Mendonça empenhou-se na luta popular da ‘Maria da Fonte’<sup>131</sup>”, tendo engajado-se, posteriormente, na revolta da Patuleia.

França (1999) também ressalta essa vertente revolucionária de Mendonça, ao afirmar que “em 1844 e em 1846-48”, o país se via às voltas com revoltas populares contra Costa Cabral e “em 1843, um jovem que virá a ser militante socialista cerca de 1850, ousava já dirigir-se aos soldados do ditador para lhes lembrar que a sua causa era a do povo e não a dos tiranos<sup>132</sup>”.

Com o fim do Cabralismo, Mendonça passou a ferrenho crítico da Regeneração – regime que, apesar de contar com o apoio político da maioria da oposição a Costa Cabral, ainda não dava conta de resolver os problemas de Portugal. Para ele, “a Regeneração era ‘o absolutismo empacotado’, e Rodrigo [da Fonseca Magalhães], o ‘rei dos pasteleiros’”.<sup>133</sup> Após a morte de D. Maria II, em 1853, ainda que a composição do gabinete regenerador não o tenha satisfeito, Mendonça passa a fazer ponderações no sentido de ganhos maiores do que as individualidades partidárias e de facções. Reconhece então que o governo regenerador poderia trazer àquela sociedade, ainda recém-saída do absolutismo, melhorias materiais, que afinal reverteriam em ganhos para as classes populares.

Depois de ressaltar as divergentes opiniões do partido progressista acerca da monarquia e da república, Mendonça afirma sua posição política com todas as letras,

---

<sup>129</sup> MENDONÇA, 1982, p. 72.

<sup>130</sup> Op. cit., p. 71.

<sup>131</sup> PATO, 1877, p. 99.

<sup>132</sup> FRANÇA, 1999, p. 178-179.

<sup>133</sup> DAVID, 2007a, p. 190.

ênfatizando que a insistência em um “fanatismo cego” seria fadar ao fracasso a luta por progressos e transformações sociais:

Eu sou republicano, e democrata, e por isso me dirijo à fracção democrática do partido progressista.

Digo que nós, exaltados, homens das revoluções, que apelamos para a energia e força populares, que acreditamos que tudo quanto há de grande e de progressivo, só nasce de uma insurreição coroada pela vitória, e aproveitada pela decisão e pelo talento de um governo auxiliado pelo entusiasmo do povo seríamos ineptos, desprezaríamos os interesses da causa democrática da Europa, e a prosperidade da nossa terra, se porventura, por um fanatismo cego, servíssemos às paixões de alguns caracteres degenerados, e desperdiçássemos a nossa vitalidade numa luta estéril e inglória<sup>134</sup>.

Em outro trecho do mesmo artigo, ressalta, uma vez mais: “Não somos ministeriais, prestamos apoio ao único governo possível, na situação actual da Europa<sup>135</sup>”, isto é, ainda que não considerando a situação do país como politicamente ideal com o gabinete regenerador que estava formado então, entende que era preciso reconhecer que mudanças possíveis estavam ocorrendo naquele país, e avanços estavam sendo conquistados gradativamente. A nova política tinha de diferente do absolutismo a ação que moveu seus compatriotas, acordando o país da letargia que representaram os anos de absolutismo.

A. P. Lopes de Mendonça propõe uma canalização de forças acima de interesses estritamente partidários em prol de um bem maior para o país, sem que para isso os homens precisassem abdicar de suas doutrinas em favor de modelos políticos que depunham contra seus princípios, e prossegue, ressaltando que isso não significa de forma alguma um arranjo de seu partido com o atual governo:

Levar-nos-á este pensamento a uma transação eleitoral com o governo?

Seria o mais completo de todos os absurdos. O nosso partido deve ser representado com o seus homens, com as suas aspirações, com as suas ideias: parlamentarmente, seremos um partido apoiando um governo, não nos tornaremos uma maioria ministerial, votando com os seus chefes naturais.

A essa distinção, óbvia a todos os espíritos, está vinculada a nossa dignidade como partido, o nosso futuro como dogma político, a nossa glória como elemento parlamentar.

Portugueses, estamos empenhados na boa gerência dos negócios do país, e nem nos tornamos indiferentes ao movimento social, nem abdicamos das nossas doutrinas[...]<sup>136</sup>.

Em seu artigo no jornal *A Revolução de Setembro* de 26 de dezembro de 1853, Lopes de Mendonça critica o aumento da violência em Portugal, defendendo a aproximação das classes e culpando a falta de progresso – tanto civilizador quanto humanitário – pelas mazelas do país:

No nosso país, há uma causa poderosa, permanente, que se não pode destruir nem com os rigores da autoridade, nem com a ação inexorável de um código, é a ausência de civilização, de trato, de comunicabilidade social: aqui, como em tudo o mais, se reconhece a necessidade

<sup>134</sup>*A Revolução de Setembro* de 23 de outubro de 1852.

<sup>135</sup>Op. cit.

<sup>136</sup>Op. cit.

de resolver o primeiro, e o mais importante problema da nossa terra – o do desenvolvimento – o do progresso civilizador e humanitário.

[...] para que inimizades loucas se desvançam, para que o sistema da *vendetta* córsega desapareça do carácter das populações, é necessário aproximá-las, tornando-as solidárias pelos interesses, pela indústria, pelo comércio. As estradas, os canais, os *caminhos de ferro*, a instrução, e o crédito terão mais poder para arrancar os vestígios dessa barbaridade tradicional, de que um exército de esbirros, de guardas municipais, de escrivães, e de meirinhos<sup>137</sup>.

Mais adiante, nesse mesmo artigo, ele propugna pela atenção à instrução e pelo estímulo à indústria como formas de dissipar a violência, já que, no seu entender, um avanço estaria atrelado a outro, e os benefícios seriam verificados em múltiplos aspectos da sociedade. Ater-se ao que ele chama “questões secundárias” possibilitaria “conceder ao país os melhoramentos materiais, e as excelências de civilização, sem as quais os progressos da ordem pública, como os da ordem moral são completamente impossíveis<sup>138</sup>”.

De acordo com Maria Manuela Tavares Ribeiro, “antigos patuleias”, entre os quais estava A. P. Lopes de Mendonça, “que comungaram do ideário socializante e apregoaram as virtudes da república social, [...] defendem a orientação reformista do ministério regenerador e apostam nos melhoramentos materiais do país<sup>139</sup>”. Mendonça, ainda que fizesse, à essa época, oposição ao regime, estava na esteira daqueles que, apesar de não o apoiarem totalmente, reconheciam que, não obstante os ideais divergentes entre o seu partido e os regeneradores, avanços estavam sendo notados nesse governo com relação ao progresso material de Portugal, à educação e ao crédito.

Em síntese, com o início da regência de D. Fernando (de 1853 a 1855), Mendonça adere à Regeneração por reconhecer benefícios como o progresso material e a expansão do ensino.

Nos anos do período absolutista, segundo Mendonça, não houve grandes avanços; o país vivia como em um “sono profundo”. O autor contrasta passado e presente em Portugal: “É banal já o lamentar a extrema decadência da nossa pátria, a imensidade do seu abatimento, que contrasta com admirável esplendor do seu glorioso passado<sup>140</sup>”. A sociedade portuguesa, segundo ele, “jaz há dois séculos moribunda e abatida: o seu testamento de glória é um poema, cujo autor ele deixou morrer de fome num hospital<sup>141</sup>”, referindo-se a Camões.

Em artigo de agosto de 1855, rebate as críticas ao governo liberal, ao qual, a essa altura, já se tinha aproximado:

O governo liberal podia e devia ter feito mais pela civilização. Mas como é que em tantos anos de paz, na posse de uma autoridade indisputada, vendo as naus dos quintos aportar ao

<sup>137</sup> *A Revolução de Setembro* de 26 de dezembro de 1853.

<sup>138</sup> Op. cit.

<sup>139</sup> RIBEIRO, 1998, p. 102.

<sup>140</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 28.

<sup>141</sup> Op. cit., p. 23.

reino com tão preciosos e avantajados cabedais, o absolutismo não nos legou uma estrada, não fundou uma instituição de crédito, não creou nenhum elemento de riqueza, e apenas fazia sentir a sua acção governativa arrecadando os dízimos e as alcavalas fazendo pesar sobre as sociedades um sistema iníquo de imposto, oprimindo ao invés de favorecer todos os estímulos de desenvolvimento, e todas as fonte de produção<sup>142</sup>?

Durante o gabinete do duque de Saldanha, o articulista d’*A Revolução de Setembro* reconhecia já, no regime regenerador, benefícios, como o progresso material e a expansão do ensino, por exemplo. Em fevereiro de 1856, em artigo d’*A Revolução de Setembro*, ele defenderá o governo, ponderando que a análise do regime deve ser feita tendo-se em conta o contexto em que ocorreu, e com todas as circunstâncias envolvidas:

Se nos fosse logicamente permitido julgar este governo longe da esfera dos factos passados, longe das circunstâncias de que se encontra rodeado [...] é mais que provável que a nossa crítica fosse impiedosa e severa. Mas [...] nosso ponto de vista deve ser referido ao tempo, à situação do país, às relações dos partidos, aos precedentes históricos, às paixões que acanham as ideias, e aos interesses, tão poderosos nas classes, e nas associações, quanto nos indivíduos<sup>143</sup>.

Em outubro de 1856, durante o reinado de D. Pedro V, que teve início em 1855, Lopes de Mendonça retorna à oposição, após a queda do ministério de Saldanha e a subida ao poder dos chamados “históricos”.

### 3.4 A morte da rainha

Com a morte de D. Maria II e, por consequência, início da regência de D. Fernando, em 1853, Lopes de Mendonça adere à Regeneração, provavelmente por considerar que, nesse momento, o novo sistema (que vigorava desde 1851) havia já ampliado as liberdades e privado a aristocracia de muitos de seus privilégios. Segundo David (2007a, p.193),

a aproximação de Mendonça com a Regeneração nunca foi incondicional, e talvez se expressasse no que o novo sistema podia propiciar de liberdade, de diminuição de privilégios à velha aristocracia e aos novos “barões”, de melhorias materiais que favorecessem a civilização, de benefícios concretos aos “ignorados artificies do mundo novo”.

Quando da morte de D. Maria II, a 15 de novembro de 1853, o jornal *A Revolução de Setembro* publicou, no dia 16 do mesmo mês, o obituário da rainha. Nos dias subsequentes da mesma semana, publicaram-se textos a respeito do falecimento e seus efeitos na sociedade portuguesa, todos assinados por António Rodrigues Sampaio, diretor do jornal, fato que nos

<sup>142</sup> *A Revolução de Setembro* de 7 de agosto de 1855.

<sup>143</sup> *A Revolução de Setembro* de 2 de fevereiro de 1856.

chama a atenção, já que os obituários eram escritos normalmente por A. P. Lopes de Mendonça. A dúvida que levantamos é: Sampaio escreve o obituário por se tratar da morte da rainha e, portanto, uma figura de tamanha importância que exigiu o mais alto grau da hierarquia do jornal em suas homenagens ou teria Lopes de Mendonça, por sua oposição à Regeneração à época, optado por se abster de escrever o obituário?

Sampaio, nesses textos, fala sobre o sentimento do povo, enumera as virtudes da rainha, dá detalhes sobre o funeral, fazendo uma reflexão sobre a igualdade e ressaltando que, na morte, as hierarquias se perdem: “o povo acompanha a pé o cadáver da sua rainha. [...] As distinções acabam, as jerarquias desaparecem, e avulta somente o sentimento universal da humanidade. A oração ali nivela a todos diante do trono do Altíssimo”<sup>144</sup>.

Merece destaque entre os textos acerca da morte de Sua Majestade o que foi publicado no dia 21 de novembro de 1853, dois dias após o funeral, em que Antônio Rodrigues Sampaio se detém brevemente nos abismos sociais do Portugal de Oitocentos confrontados com a dura lei da morte:

A hierarquia, a púrpura, o cetro, o sólio, nada a exemptou da lei da morte. O palácio do rei não teve maior privilégio do que a cabana do pobre. Realeza, aristocracia, democracia, tudo é o mesmo ao pé do túmulo. A trombeta fatal obriga a todos, e a pálida morte zomba das grandezas mundanas como das misérias da vida.

Esse discurso coaduna-se, e a associação foi inevitável, ao da carta de Carlos, no capítulo “Beatriz”, do Tomo II das *Recordações de Itália*, em que a ideia de que a morte iguala os seres humanos é também defendida: “Em presença da morte, como em presença do afecto o mais terno com que a natureza fadou a alma do homem, amigos e inimigos, concidadãos e estrangeiros, todos são irmãos no mesmo mundo, filhos todos do mesmo Deus!”<sup>145</sup>,

De volta ao texto de Sampaio sobre o préstito da rainha, este autor destaca que, a despeito do controle que se pode exercer sobre o povo, diante da morte de sua soberana, não é possível reprimir a emoção da sociedade que chora a perda da rainha: “há um sentimento que o poder não pode dominar, e que a mesma morte não sabe extinguir. É o sentimento popular de respeito pelas virtudes, da veneração pela honestidade, do acatamento pelas brilhantes qualidades da mãe e esposa”<sup>146</sup>.

Para Sampaio, o fato de o séquito acompanhar a pé o corpo de D. Maria até o sepultamento é uma demonstração de respeito, de reverência. Ele ressalta, ainda, que a

<sup>144</sup> *A Revolução de Setembro* de 18 de novembro de 1853.

<sup>145</sup> MENDONÇA, [1853], p. 189.

<sup>146</sup> *A Revolução de Setembro* de 21 de novembro de 1853.

distância entre o Palácio das Necessidades e a igreja de São Vicente “tornava o espetáculo mais sublime”, tornando-se ainda mais tocante assisti-lo.

O registro de Sampaio da morte da soberana mostra o abismo entre as classes, ao mesmo tempo em que, por um breve momento de dor, consegue uni-las na narração do aparato do cortejo fúnebre, que pode ser compartilhado por todos, mas não da mesma maneira. A crítica de Sampaio inverte valores quando indica que o verdadeiro sentimento pela perda da rainha era o do povo, que não guardava protocolos:

Tudo o que foi aqui grande e real foi do povo. Tudo o que não foi deste foi ordinário e comum. Tudo o que foi extraordinário foi o que não vinha no programa, tudo o que foi oficial não passou de coisa vulgar e sabida.

Adiante, ele diferencia, no cortejo, as pessoas que percorreram o trajeto a pé por não terem outra forma de fazê-lo, e, mesmo assim, compareceram para prestar sua última homenagem à rainha; os que poderiam ter-se utilizado do trem, mas não o fizeram, a fim de acompanhar de perto o povo:

O povo foi a pé – parte porque desejava, e não podia dar por outro modo, provas do seu sentimento, e não queria faltar a esta demonstração de respeito – parte porque tendo significado noutras ocasiões a sua consideração aos finados pelo acompanhamento a pé não queria reverenciar menos a que fora sua rainha. Estes tinham, ou podiam ter trens, e não quiseram usar deles. Os que eram do povo seguiram seus irmãos; os das classes superiores seguiram o seu exemplo.

Em último lugar, ele critica a aristocracia, que até nesse momento mantém o pedantismo, fazendo questão de se colocar distante do restante do povo. Esta é a pior face da “Europa reacionária e retrógrada”:

A corte só, os designados no programa, acompanharam de sege. É que a aristocracia velha e cansada não pode percorrer a pé o espaço que vai do leito da morte ao túmulo, nem se queria confundir com o povo nestas demonstrações de afecto democrático, que a podem comprometer com a Europa reacionária e retrógrada.

Sampaio finaliza o artigo recordando que D. Maria era filha do homem que chefiara o exército liberal, D. Pedro IV:

E nós, democratas, respeitamos neste momento as virtudes da finada, como temos respeitado as de todos os que ou tem simbolizado alguma grande ideia, ou praticado algumas grandes virtudes sociais. Inclino-nos diante da que ocupou um trono como já nos inclinamos diante do cadáver também augusto de sua inocente e virtuosa irmã. Eram ambas filhas do chefe de quem fomos soldados.

### 3.5 As críticas à Igreja

Lopes de Mendonça, apesar de mordaz crítico da Igreja católica, professava, como Garrett, “um cristianismo esclarecido, de ‘origem democrática’, inspirador do direito social no

protesto contra a injustiça e na apologia dos ideais de igualdade e fraternidade<sup>147</sup>”. Nas palavras dele: “Eu acredito no cristianismo... dele há-de derivar a emancipação do homem”<sup>148</sup>.

Ligado ao século das Luzes e baseado na Razão, A. P. Lopes de Mendonça pautava seus valores sempre por uma inspiração nos princípios do cristianismo, como fica evidente em vários momentos de sua obra *Memórias dum doido*:

século maldito, que renegaste o Cristo, e que afastas os olhos do céu! O teu Deus é a ciência, a tua fé, a liberdade; engrandeces o teu orgulho nas mais frenéticas aspirações, e resignas-te ao pensamento de ter por lençol algumas camadas de terra, perdendo a esperança da bem-aventurança prometida aos que amaram, aos que sofreram cá na terra!<sup>149</sup>.

Para ele, Jesus foi o maior homem do século: “É feliz o homem que vê brilhar no céu a luz de uma consoladora esperança. Só a fé dá resignação para afrontar as vicissitudes da vida. O maior homem deste século, expirou com os olhos na cruz, símbolo da redenção<sup>150</sup>”.

Apesar de se afinarem quanto aos princípios cristãos, Garrett e Lopes de Mendonça divergiam em suas opiniões acerca da Igreja católica; enquanto aquele criticava apenas os maus padres, mostrando sempre, em suas obras, além de um padre corrupto e vil, um sacerdote virtuoso e bom, que servisse de contraponto, este direcionava sua crítica à Igreja como instituição, conforme se verifica em crítica feita à obra *O Arco de Sant’Ana*, em que Mendonça adverte que

os romances podem, dentro de uma esfera, doutrinar o espírito das gerações, tornarem-se um elemento de propaganda intelectual; mas não acreditamos, que o *Arco de Sant’Ana* conseguisse este fim, traçado na graciosa e elegante miniatura de um facto isolado<sup>151</sup>.

No seu julgamento, o primeiro volume da obra, publicado em 1845, apresentou uma crítica bastante incisiva em relação ao reacionarismo que obstava as conquistas da causa liberal portuguesa, mas o segundo teria sido mais voltado à literatura como arte e entretenimento, em que Garrett demonstra todo o seu esmerado estilo<sup>152</sup>.

O autor de *O arco de Sant’Ana*, no entanto, não é poupado por Mendonça, que considera que Garrett, apesar de todo o talento literário, foi superficial no que diz respeito às críticas relacionadas à igreja; para Lopes de Mendonça, a obra deveria ter sido mais incisiva, mais abrangente: “um homem da lição e talento do sr. visconde de Almeida Garrett,

<sup>147</sup> RIBEIRO, 1980, p. 31

<sup>148</sup> Op. cit., p. 279.

<sup>149</sup> MENDONÇA, 1982, p. 145-6.

<sup>150</sup> Op. cit., p. 162.

<sup>151</sup> MENDONÇA, 1859, p. 112.

<sup>152</sup> Ver MENDONÇA, 1855, p. 93.



escolhendo uma época tão notável da nossa história, não devia ser tão parco, em a retratar, em a firmar na imaginação<sup>153</sup>”.

Ele destaca que, como literatura, *O Arco de Sant’Ana* é uma excelente obra, mas que é o próprio Garrett quem, no prólogo, adverte o leitor sobre “a mais perniciosa de todas as oligarquias, a eclesiástica”, além de afirmar que o livro guarda “a verdade chamada histórica [...] vai guardada e salva<sup>154</sup>”. Esta é justamente a ressalva que Mendonça faz ao livro:

Se o *Arco de Sant’Ana* fosse uma obra unicamente d’arte, se quisesse apenas reproduzir com as cores da imaginação um episódio mais ou menos interessante do passado, não poderíamos ser porventura extremamente severos para com a sua ligeireza e inconsistência histórica: mas o autor pôs mais alto a mira, e ele próprio o denuncia significativamente no prólogo.

Ressalte-se que os princípios cristãos defendidos coincidem com os princípios do socialismo, que Mendonça também professava. A religião, na concepção de Lopes de Mendonça, é um guia para a humanidade:

a humanidade sem religião, sem ideal, seria como um viandante perdido num deserto de trevas: a luz, trêmula, mal distinta um momento, há de brilhar de novo com esplêndido fulgor: o egoísmo das cifras há de morrer como a brutalidade das arma, e o arbítrio da força: e no meio das ruínas desses sistemas desvanecidos, há de erguer-se outra vez a cruz, porque a cruz é eterna!<sup>155</sup>

### 3.6. Itália – Da primeira guerra do *Risorgimento* ao reino da Itália (1848-1861)

A viagem de Lopes de Mendonça que o inspirou a escrever o livro em questão, como já dito no capítulo anterior, ocorreu em 1850, dois anos após a primeira guerra do chamado *Risorgimento*, ou renascimento, em português, que foi o primeiro embate surgido como repercussão dos movimentos pela unificação da Itália, os quais começavam a ensaiar uma organização. Por sua natureza muito diversa, esses grupos revolucionários levaram um longo período para se concertar em prol da causa da unificação. O *Risorgimento* é, portanto, o processo pelo qual a Itália passou para se unificar, no qual “muitas lutas convergiram para tornar-se [sic] uma só luta<sup>156</sup>”.

A Itália esteve sob domínio francês de 1796 a 1815, quando ocorreu o Congresso de Viena, encontro internacional das principais potências vitoriosas nas Guerras Napoleônicas

---

<sup>153</sup> MENDONÇA, 1855, p. 94.

<sup>154</sup> GARRETT, 1980, p. 23-26.

<sup>155</sup> MENDONÇA, [1852], p. 38.

<sup>156</sup> GOOCH, 1991, p. 14.

(Áustria, Rússia, Prússia e França<sup>157</sup> principalmente), realizado em 9 de junho de 1815. A ideia dessa reunião foi estabelecer um equilíbrio de poder, restaurando as dinastias anteriores a Napoleão e restabelecendo as fronteiras.

Como consequência desse concerto, a Itália foi dividida em 7 estados: Reino de Sardenha, composto por Piemonte, Ligúria e Sardenha; o Reino Lombardo-Vêneto; o Ducado de Parma; o Ducado de Módena; o Grão-ducado de Toscana; o Estado Pontifício e o Reino das Duas Sicílias.

Segundo Gooch (1991, p. 16), a ideia de que a Itália poderia ser um Estado unitário foi suscitada ainda nos anos de domínio francês. Mas a força motriz do *Risorgimento* foi a busca de liberdade política – causa que burgueses, que buscavam limitar o poder monárquico, e democratas, como Garibaldi, abraçaram na busca da independência da Itália, que já no tempo da viagem de Mendonça estava sob domínio austríaco.

A primeira etapa desse movimento foi marcada por rebeliões. Assim os militantes acreditavam conseguir derrubar as monarquias que desagradavam ao povo. Esse método fracassou, por não haver entre os rebeldes uma base ideológica definida. Sociedades secretas foram fundadas, com a finalidade de derrubar os governos absolutistas e chegar à independência da Itália. Merecem destaque os Carbonários e a Jovem Itália, esta última fundada por Giuseppe Mazzini. A Jovem Itália tinha ideais republicanos, sem os quais Mazzini não acreditava ser possível haver igualdade entre os cidadãos. Os irmãos Emílio e Atílio Bandiera, a quem A. P. Lopes de Mendonça dedica um capítulo inteiro das *Recordações de Itália*, foram também membros dessa sociedade, que jamais conseguiu persuadir as grandes massas a abraçar sua causa.

Antes de 1848, a Itália, sob domínio austríaco, sofria com o atraso econômico, e sua economia era baseada em atividades agrícolas. Além disso, as regiões italianas tinham perfis muito diversos, havendo, basicamente, uma divisão econômica em três grandes regiões: o Norte, porção mais industrializada, que já vislumbrava alguma comunicação com o comércio exterior para exportação; o Centro, onde se encontravam os estados eclesiásticos e o papado; e o Sul, predominantemente agrário, o que se tornava mais um empecilho à união das forças para a formação de um Estado-nação.

Com esse perfil regional, “não existia na Itália nem uma situação revolucionária em que o descontentamento generalizado pudesse funcionar como detonador, nem uma ideologia unificadora que mantivesse acesas as chamas, caso uma faísca houvesse acendido o fogo<sup>158</sup>”.

---

<sup>157</sup> SCIROCCO, 1990, p. 29.

É em 1847 que começa a se formar ambiente propício para que estourasse a primeira revolução do *Risorgimento*. Com a situação econômica agravada e a notícia de que uma revolta na Sicília havia conseguido derrubar alguns governos absolutistas, pensou-se numa liderança que centralizasse as reivindicações dos revoltosos. Cogitou-se então que o papa Pio IX, aparentemente simpático à causa liberal, pudesse ocupar esse papel, mas isso não ocorre. Pelo temor de uma conspiração contra o papa e os liberais, formou-se uma guarda, o que alarmou os austríacos, que, ocupando Ferrara, ameaçaram marchar sobre os Estados Pontifícios, gerando protestos por toda a Itália. Como Áustria e França se encontravam ocupadas cada uma com seus problemas internos, portanto sem o menor interesse em mediar os conflitos italianos, estava criado o ambiente propício para a revolução.

Em janeiro de 1848, em Palermo, surge um manifesto incitando os sicilianos a pegar em armas. Sicilianos de todas as classes unem-se em prol da recuperação da Constituição de 1812. A insurreição ganha o continente, com Fernando II, do Reino das Duas Sicílias,

sucumbindo à revolução, seguido de Carlos Alberto, rei do Piemonte, que cede às pressões e publica um novo projeto de Constituição.

Em março de 1848, cai Metternich, primeiro-ministro austríaco, e, aproveitando-se disso, radicais e moderados de Milão unem forças contra a Áustria, sob mediação de Carlo Cattaneo, advogado republicano liberal, que priorizava a libertação milanesa em detrimento da unificação dos estados propriamente. A luta contra os austríacos começou em 18 de março, com a moderação solicitando reforços do Piemonte, e, após o período conhecido como “os cinco dias gloriosos” ou “as jornadas de Milão”, o comandante austríaco, Radetzky, retirou-se para Verona, na Lombardia-Venécia. Com o pedido de auxílio dos moderados, o rei Carlos Alberto manifestou interesse em ajudar os lombardos, visando a anexar a Lombardia aos seus domínios. Carlos Alberto, entretanto, fracassou, sendo vencido por Radetzky, em 25 de julho de 1848, na batalha de Custosa. Partindo em retirada, para negociar com Viena, anunciou o armistício em 25 de agosto.

Na Sicília, motivados pelo levante de Milão, os rebeldes recusam o parlamento proposto por Fernando II, expulsando-o por meio de um governo provisório. No continente, começaram a eclodir ideias revolucionárias entre as massas, que, sem apoio dos democratas, são logo derrotadas, com o absolutismo sendo restaurado em setembro. Em Roma, Pio IX nomeia Pellegrino Rossi para administrar os Estados Papais, o que se configurou como um

---

<sup>158</sup> GOOCH, 1991, p. 25.



Mapa 14. Divisão da Itália em sete estados, após o Congresso de Viena (1815).

Disponível em: <http://www.storiologia.it/regnosardo/regno01.htm>

retrocesso, sobretudo no que toca à liberdade de imprensa, despertando a ira dos democratas e culminando no assassinato de Rossi, em novembro, logo após a abertura do parlamento.

Os deputados cedem o poder a uma junta de três homens, entre os quais estava Mazzini, com apoio das massas, e, por meio de uma assembleia, Roma torna-se uma república, em fevereiro de 1849. A Áustria sofria guerras internas, que representavam um óbice para os italianos. Se, por um lado, isso significou o enfraquecimento austríaco, por outro, suscitou também a falta de apoio das grandes potências, que já cogitavam restaurar as fronteiras anteriores ao Congresso de Viena. Os democratas, temendo esse retrocesso, assumem o poder no Piemonte, recusando-se a ceder à Áustria, com o aval do rei piemontês.

A guerra recomeça a 20 de março de 1849, mas dura apenas três dias, com Carlos Alberto derrotado na batalha de Novara, após a qual abdica em nome do filho Vítor Emanuel.

Roma, com o poder entregue às mãos do triunvirato, é atacada pela França e pela Áustria, que vencem, tomando os Estados Papais. Fernando II ataca a república romana e Mazzini foge. O novo rei do Piemonte, Vítor Emanuel, faz um acordo de paz com Radetzky, em troca de negar apoio aos democratas, e a paz é selada. Veneza, entretanto, decide continuar lutando, ainda com algum apoio do Piemonte e com interesse de Roma em montar um bloco democrático. Liderados por Daniele Manin, eminente político, os venezianos recusam o auxílio de Roma, e, tendo perdido apoio de Carlos Alberto desde Novara, tentam, sem sucesso, auxílio da França e da Grã-Bretanha. Acabam obtendo ajuda da Hungria contra os austríacos, que foi em vão, já que, com a irrupção da revolução húngara de 19 de agosto de 1849 as atenções estavam voltadas para as revoltas internas e, Veneza, já bombardeada e sem provisões, acaba sendo tomada pelas tropas austríacas.

Com o retorno do domínio austríaco, Radetzky impõe uma política repressiva, com aumento de impostos. O despotismo predominava em toda a Itália, prejudicando os camponeses e ampliando o patrimônio dos nobres.

Em 1850, o conde Camilo Benso di Cavour ingressa no ministério da agricultura piemontês, chegando a primeiro-ministro dois anos depois. Conseguiu associar seu grupo de centro-direita com o grupo de centro-esquerda e, com esse apoio político, pôde conter tanto o mazzinismo quanto o despotismo da monarquia, flutuando entre esquerda e direita de acordo com suas conveniências. Em 1852, ele reuniu-se com Napoleão III, buscando, para a expansão piemontesa, o apoio externo que não houve em 1848, com a consciência de que o apoio francês era de grande importância para a empreitada.





Figura 15. Giuseppe Mazzini.  
Disponível em: <http://en.academic.ru/dic.nsf/enwiki/23076>

Além do apoio estrangeiro, Cavour necessitava enfraquecer o socialismo e o republicanismo, atraindo patriotas que lutavam por causas diversas e convencendo-os a unir-se em torno de uma só. Desse modo, ele conseguiu cativar as principais lideranças revolucionárias, como Manin e Garibaldi, cujo exército era mais eficiente até do que o corpo militar do Piemonte.

Só faltava a ele o apoio francês, que foi obtido por meio de um acordo secreto com Napoleão III, que se aliaria a Cavour contra a Áustria em troca do casamento do sobrinho do líder francês com a filha de Vítor Emanuel. Selado o acordo, Napoleão declarou guerra à Áustria, propondo uma nova divisão da Itália, em quatro partes, sendo “um reino da alta Itália, que incluiria Piemonte-Sardenha, Lombardia, Veneza e a Romanha; Roma e seus arredores, a serem governados pelo papa; um reino separado da Itália central; [...] e um reino do sul<sup>159</sup>”, além do casamento e das regiões de Nice e Saboia, que fazem fronteira com a França. O tratado foi assinado, e o casamento realizado dias depois. Essa manobra foi ameaçada, no último momento, porque a França recuou, diante do interesse da Grã-Bretanha em mediar os conflitos entre Piemonte e Áustria, que, em abril de 1859, exige a dissolução do exército de voluntários, o que Cavour nega, deflagrando finalmente a guerra.

O contexto internacional era favorável à Itália: a Rússia se encontrava sob o efeito da Guerra da Crimeia; a Prússia ainda ressentida com a Áustria pela humilhação no Pontilhado de Olmütz; e a Grã-Bretanha estava disposta a apoiar Piemonte, pela admiração que nutria por Garibaldi e pela cultura italiana, além do interesse nas ferrovias italianas e no enxofre siciliano. A eleição britânica de 1859 leva ao poder Palmerston, primeiro-ministro antiaustríaco, que via no apoio ao Piemonte um modo de enfraquecer o poder da França.

Para tentar obstar a unificação, em março de 1859, Napoleão III propôs a independência da Toscana. Então Cavour, apelando para uma solução democrática, promoveu plebiscitos, que votaram pela anexação da Toscana à monarquia constitucional de Vítor Emanuel II, cedendo à França, em troca do apoio, Saboia e Nice.

Em maio deste ano, Napoleão III comandou um grande exército composto de italianos e franceses, levando vantagem sobre a Áustria, e avançando com as tropas para Milão para a batalha de Magenta, em 4 de junho, que terminou com o recuo dos austríacos, derrotados vinte dias depois, simultaneamente, em Solferino, pelos franceses e, em San Martino, pelos piemonteses.

---

<sup>159</sup> GOOCH, 1991, p. 48.



Napoleão III começa a temer que, ao continuar a guerra, o nacionalismo italiano, que ele mesmo estimulou, pudesse sair do controle, correndo o risco de dar poder total ao Piemonte, e propõe, assim, uma trégua à Áustria, em termos que beneficiassem a França na divisão dos territórios. Vítor Emanuel discorda, mesmo com a insistência de Cavour, que, não tendo convencido o rei, renuncia, mas que retornará ao poder em 1860, quando tentará convencer a França a ceder em favor do Piemonte.

Em abril de 1848, ocorre uma pequena insurreição popular em Palermo, que terminou com o fuzilamento de treze homens, gerando vários motins de grupos armados, como havia ocorrido em 1848. Era a oportunidade esperada pelos revolucionários do sul, liderados por Garibaldi, que desembarcou em Marsala, a 10 maio de 1861, com seu famoso exército dos mil homens, composto de burgueses e operários (ainda assim insuficientes para fazer frente aos 25.000 soldados dos Bourbons). Com o apoio dos camponeses, no dia 13 de maio de 1860, Garibaldi derrota-os, assumindo a ditadura da Sicília em nome de Vítor Emanuel II.

Temendo que Garibaldi tomasse o continente, o que estremeceria as relações com a França, Cavour tentou secretamente contê-lo, com a ajuda da marinha, sem sucesso, e Garibaldi chega a Nápoles, em 7 de setembro de 1860, anunciando a pretensão de libertar Roma. Cavour então convence Napoleão III a deixar que o Piemonte ocupe a Úmbria e as Marcas, para poupar Roma, mas os piemonteses cruzaram as fronteiras papais em 11 de setembro, e em 1º de outubro de 1860 os Bourbons eram derrotados na batalha de Volturno. Cavour aprova, por plebiscito, a anexação do reino dos Bourbons, frustrando Garibaldi, que cede a Vítor Emanuel II a posse desse reino, cujas últimas tropas capitularam a 13 de março de 1861.

O reino da Itália foi formalizado em 17 de março de 1861, quando Vítor Emanuel incorporou o novo título. Os problemas da Itália, entretanto, não paravam por aí, já que a sua economia, baseada na agricultura, era atrasada, e grande parte do povo ainda vivia na pobreza, além de grande parte do reino não aceitar o domínio piemontês. Travou-se, assim, uma guerra civil entre 1861 e 1865, por despreparo do governo em lidar com a nova situação.

Apenas em julho de 1865, a Prússia sonda a Itália sobre um possível apoio contra a Áustria, em troca da Venécia e da província de Mântua. Viena tentou ceder a Venécia à França, para desestabilizar essa aliança, mas Vítor Emanuel II preferiu a guerra, que se iniciou em 20 de junho de 1866. Quatro dias depois, os italianos perdem outra batalha em Custosa, mas recusam-se a abandonar a guerra, pela esperança de conquistar Trentino, onde Garibaldi



Figura 16. Camilo Benso de Cavour.  
Disponível em: <http://picornot.com/keyword/camillo+bens>

já havia entrado. Com a Prússia tendo anunciado trégua, a Itália, sem esse apoio aliado, desiste de Trentino por ora e suspende a guerra. Em outubro, é assinado um acordo em que a Áustria cede a Veneza à Itália, além de reconhecer o novo reino, decisão aprovada em plebiscito pelos venecianos. Restava ainda resolver a questão de Roma. A Itália começa a se desvencilhar da França. Roma seria tomada apenas em 1870.

A revolução de 1848-9 não obteve êxito, na época, porque as insurreições vienenses, das quais os italianos pretendiam se aproveitar para retomar o poder, foram rapidamente controladas, e a Áustria logo recuperou seu poder interno, trucidando as revoltas italianas, que não contavam com qualquer apoio estrangeiro.

Ademais, como as revoltas da Itália eram locais, isoladas, e não nacionais, não havia unificação de luta. Essas derrotas, contudo, foram fundamentais para que se percebesse que sem um esforço comum, a Itália não poderia ser unificada. Apenas depois de mobilizados em torno de um mesmo ideal foi possível concretizar o projeto de um Estado italiano uno.

### **3.7 A trajetória de A. P. Lopes de Mendonça nas *Recordações de Itália***

A viagem à Itália que deu origem às *Recordações de Itália* aconteceu em outubro de 1850 (“Partimos numa quarta-feira às oito horas da manhã. Era um belo dia de outubro, adornado de um céu azul claro, e de um mar pacífico e bonançoso<sup>160</sup>”). Lopes de Mendonça partiu de Lisboa, a bordo do navio Infante D. Luís, descendo pelo Estreito de Gibraltar, onde permanece por um curto espaço de tempo, até alcançar Gênova.

Nesta cidade, demora-se por alguns dias, nos quais visita monumentos históricos e muitos palácios, até partir para Pavia, no Lombardo-Vêneto. Essa viagem é feita de carruagem, e suscita elogios às estradas que levam Mendonça à Catedral de Pavia, onde ele conhece o mosteiro que lá funcionava na época. Parte de Pavia para Milão, vai a Monza e, depois de uma rápida visita ao Lago de Como, retorna a Milão.

A viagem ocorre no fim da ditadura cabralista, e a publicação das *Recordações* em livro data de 1852-3, portanto quando Lopes de Mendonça estava, então, em plena oposição à Regeneração.

---

<sup>160</sup> MENDONÇA, [1852], p. 27.

Na carta prefácio, dirigida a Alexandre Herculano, ele já denuncia o acomodamento em que Portugal se encontrava então:

a nação que dobrou antes de todos o cabo das tormentas, cujos pilotos primeiro circum-navegaram a terra, que abriu à actividade humana mundos ignorados, jaz há dois séculos moribunda e abatida: o seu testamento de glória é um poema, cujo autor ele deixou morrer de fome num hospital; leem-no como o seu gemido extremo de agonia e desdenham de saber se essa nação se constituiu uma província espanhola, ou uma colónia inglesa!<sup>161</sup>

Tecendo críticas ao absolutismo, ele questiona o célebre historiador e autor do *Eurico*, o *presbítero* sobre quando será feita alguma movimentação, a fim de que Portugal volte a ter, frente às nações estrangeiras de destaque, a importância que conquistou no passado.

Mendonça lamenta a posição monarquista de Herculano, demonstrando que aceita, com deferência, que o amigo advogue a favor da causa contrária à sua:

Quando é que nos reabilitaremos na imaginação das nações que nos cercam? Quando é que aqueceremos os nossos membros fatigados e inertes ao sol da civilização europeia? Quando é que poderemos elevar a nossa frente humilhada pelos desvios e torpezas da monarquia absoluta e destes dezessete anos de corrupção e de estupidez representativa? É aqui que me cumpre lamentar, meu amigo, que as suas opiniões monárquicas o afastem das fileiras da democracia: que convencido, como nós, que só uma grande revolução nos pode salvar, tente ligar as tradições do passado e as inspirações do futuro, por um sistema de equilíbrio social e político, que não é semelhante ao do governo constitucional, mas que eu creio tão ineficaz como ele, para nos resgatar da nossa humilhante e vergonhosa situação. O que posso assegurar é que isso em nada diminui o respeito e veneração que o nosso partido lhe consagra; o que não impede também que deixemos de fazer votos para que algum dia entoe connosco um viva ao triunfo dos princípios democráticos e republicanos.

No primeiro capítulo (“No Mar”), Mendonça se detém no gosto por navegar. Lembremos de que ele foi aspirante da marinha. Em viagem, consegue esquecer-se da política, da burocracia e de todos os empecilhos ao progresso da sociedade portuguesa, pois está embebido da arte abundante nas terras italianas. Ele toca, todavia, no contraste que se pode perceber entre o Portugal do passado e o do presente, que vem à tona quando ele avista, ao longe, terras que já foram domínio português, mas que o país acabou perdendo.

Por um momento, aparentemente resignado de que a letargia tenha tomado conta de sua pátria, assume que “é banal já o lamentar a extrema decadência” do país, pois

a imensidão do seu abatimento, que contrasta com o admirável esplendor do seu glorioso passado: mas quem se não sentiria transpassado de dor, avistando ao longe Ceuta, Arzila, Tanger, essas terras conquistadas a preço de tanto sangue, hoje perdidas – para sempre! – para as nossas armas?<sup>162</sup>.

Ele ressalta ainda que os ganhos de Portugal foram vitórias de toda a humanidade.

<sup>161</sup> MENDONÇA, [1852], p. 23.

<sup>162</sup> Op. cit., p. 23.





Mapa 17. Trajetória de A. P. Lopes de Mendonça e viagem à Itália (1850)  
 Disponível em: <http://historioteca.wordpress.com/author/historioteca/>

- Legenda:
- Percurso de A. P. Lopes de Mendonça na viagem das *Recordações de Itália*
  - Campanha de Garibaldi
  - Campanha das tropas piemontesas

Lopes de Mendonça viaja por uma Itália em plena efervescência, em que já se haviam iniciado as lutas pela unificação. Em Pavia, ele relembra os dias de glória vividos, certamente em referência às conquistas de 1848 e 1849:

Pobre Itália! Ontem tão animada de esperança, tão fervente de entusiasmo, tão audaz nos desejos, tão temerária nas lides da guerra: hoje, vendo o penacho do croata roçando as pedras dos seus monumentos, e o mosquete do austríaco ameaçando as suas aspirações generosas de independência e de liberdade! [...]

Chora! Chora! ó minha Itália, que não tarda o dia em que mãos robustas te enxuguem o pranto, em que a tua face vergonhosa se mostre radiante pelo esplendor de uma ideia, em que, livre e poderosa, entoes o canto imortal da emancipação democrática!

Essas lágrimas não são perdidas, porque engrossam a corrente da revolução, e vão marcar com traço indelével a frente dos teus opressores<sup>163</sup>.

Demonstrava, assim, por meio desses excertos, esperança de libertação da Itália como um todo e de Veneza, em particular, que foi o local onde mais se persistiu em guerrear pela liberdade, nas primeiras revoltas do *Risorgimento*, em 1848-1849.

Já no segundo volume da obra, ele comenta o desânimo que toma conta da cidade após ter tido a alegria de se ver livre da dominação estrangeira; contudo, mais uma vez, demonstra sua confiança no poder de reorganização para a luta dos venezianos:

Veneza é hoje uma sombra, que olha todos os dias o túmulo, onde tem de desaparecer tarde ou cedo; a que tantas vezes desposou o Adriático, entre os vivas de uma população delirante, há-de talvez repousar em paz no fundo das suas águas!...

Mas também quando o moribundo se reanima, ainda faz tremer os mais ousados. Os velhos leões rugem com furor medonho, e os austríacos pararam uns poucos de meses diante dessa rainha orgulhosa, que por momentos usou da coroa sacrossanta, que por tantos séculos lhe ornara a frente.

É neste segundo volume que está concentrada a maior parte dos escritos de A. P. Lopes de Mendonça acerca da história da Itália. No capítulo denominado “Bepa”, paralelamente à história de amor contada por Beponi, que se preparava para as Jornadas de Milão, lutando ao lado da Carbonária e da Jovem Itália, está um pouco da história das Jornadas de Milão: “estávamos perto dum grande acontecimento: a *Jovem Itália* e a *Carbonária* preparavam-se para a revolução que depois rebentou; e eu era um dos seus agentes<sup>164</sup>”.

“Beatriz”, o capítulo seguinte, tratará das insurreições de Veneza em 1848, em que os venezianos conseguiram expulsar os austríacos:

A Europa começava a revolver-se nas convulsões revolucionárias: Pio IX já mostrara aos olhos da Itália, a bandeira que ele devia depois abater às plantas de nações poderosas. O sopro onipotente do povo parecia querer varrer as coroas da cabeça dos reis, e despenhar das alturas da poder as aristocracias firmadas por um longo domínio<sup>165</sup>.

<sup>163</sup> MENDONÇA, [1852], p. 80.

<sup>164</sup> MENDONÇA, [1853], p. 173.

<sup>165</sup> Op. cit., p. 183.

A seguir, abre-se um capítulo que traz o nome dos revolucionários italianos “Irmãos Bandiera”. Aqui Mendonça conta a trajetória de Atílio e Emílio Bandiera, que, influenciados pelas ideias de Mazzini, fundaram, no início da década de 1840, um grupo revolucionário que lutou em Calábria, onde eles foram capturados e fuzilados em julho de 1844.

Outros capítulos se sucedem: “Um Proscrito”, “D. André Speroni” e “História duma artista”. O último capítulo das *Recordações de Itália*, nomeado “A Itália Política”, trata-se de uma longa explanação em que Lopes de Mendonça começa contando as primeiras impressões sobre o lugar, obtidas não em sua viagem, mas pelo que diziam negativamente a respeito da sociedade italiana. O autor, contudo, afirma que questionava essas opiniões, mais por se tratar de uma pátria que deu origem a “Dante e Miguel Ângelo, Tasso e Raphael Ariosto e Ticiano”:

Eu dizia a mim mesmo: será possível que a herança espiritual de tantos feitos ilustres, se apague sem remorso no coração de uma nação inteira? A irradiação soberana do talento terá apenas um eco estéril nas páginas dum livro, ou nas paredes de um monumento, e não iluminará os olhos de gerações degeneradas?<sup>166</sup>

Mendonça defende os “exaltados” italianos, pugnando que a revolução deve ser aliada à modernidade, a mudanças, caso contrário, a luta seria vã:

Os exaltados aqui, como quase sempre acontece, tiveram razão: o seu horizonte era vasto, a sua ideia imensa, o seu sistema ligava a um tempo as páginas gloriosas da história italiana com as severas aspirações dos dogmas modernos. Pedir sangue, sacrifícios, lágrimas, heroísmo a um povo para o atar às cansadas fórmulas de um princípio condenado, é uma decepção infame e um cálculo covarde.<sup>167</sup>

Por este motivo, era imperativo, na opinião dele, que a Itália, encetadas já as lutas pela unificação, ensejasse uma república, forma de governo que acomodasse as transformações que o país sofreria: “A palavra – república! – não podia deixar de ser o grito da Itália revolucionária. Era uma saudade e uma esperança que resumia a ambição, o ideal, e a história dum povo inteiro<sup>168</sup>”.

No “Appendix”, datado de outubro de 1853, Mendonça postula que muitas das opiniões expressas acerca da política italiana estariam também na obra *Republique et Royaute em Italie*, de Giuseppe Mazzini, com prefácio de Georges Sand, com a qual ele teve contato em 1851. O autor das *Recordações de Itália* crê que haja, a essa época, ambiente propício à unificação, cujas causas obstantes já considerava vencidas. Sabemos que ainda levaria alguns anos para que isso se consolidasse de fato.

---

<sup>166</sup> Op. cit., p. 248.

<sup>167</sup> Op. cit., p. 250.

<sup>168</sup> Op. cit., p. 250.

#### 4 AS RECORDAÇÕES DA ITÁLIA (1852-1853), DE A. P. LOPES DE MENDONÇA

As *Recordações de Itália*, antes de reunidas em livro, foram publicadas soltas, em jornais e revistas. Segundo Maria Manuela Tavares Ribeiro (1980), os primeiros oito capítulos saíram, com a mesma titulação em que aparecem no livro, avulsos, na *Revista Universal Lisbonense*, entre novembro de 1850 e junho de 1851. Os capítulos agrupados sob os títulos “De Milão a Monza” e “Uma excursão ao Lago di Como” publicaram-se n’*A Semana*, respectivamente entre maio de 1851 a abril de 1852 e em junho do mesmo ano; os oito capítulos que compõem “Bepa” saíram, com algumas alterações, n’*A Revolução de Setembro*, em abril de 1851 e, posteriormente, na íntegra, n’*A Semana*, no mês de maio de 1852. “Beatriz”, além de publicado n’*A Revolução de Setembro* em fevereiro de 1851 e n’*A Semana* em maio de 1852, também saiu depois em *Cenas e Fantasias de nossos tempos* (1860). Ainda “Um proscrito” saiu no *Almanaque Democrático*, em 1852, e “História d’uma artista”, que aparece n’*A Revolução de Setembro* de 1853. Por fim, o capítulo final, denominado “A Itália política”, é dividido em quatro partes, que compõem edições d’*A Revolução de Setembro* de dezembro de 1850<sup>169</sup>.

À edição em livro, Lopes de Mendonça acrescentou ainda, depois do último capítulo, um “Appendix”, datado de outubro de 1853.

Analisaremos os tópicos fundamentais dessas seções, destacando os principais aspectos que são nelas tratados, levando-se em conta o período em ebulição pelo qual a Itália – e também Portugal – passava e o posicionamento político de A. P. Lopes de Mendonça frente a esses acontecimentos.

O tomo I das *Recordações* trata da chegada do autor à Itália, depois de passar pelo Estreito de Gibraltar, passando por Gênova e Milão, para terminar no seu passeio ao Lago de Como. Nesse primeiro volume, há farta apreciação das obras de arte e da arquitetura italiana, visitas a igrejas e reflexões sobre o fazer artístico, sem abandonar a esfera política, presente em todo o livro.

O segundo tomo é, portanto, o mais “explicitamente” político. Com comentários acerca da situação revolucionária pré-unificação italiana e também com críticas à sociedade da Itália e de Portugal, de forma mais direta. Às divagações do viajante português, neste

---

<sup>169</sup> Ver RIBEIRO, 1980, p. 303-304.



volume, somam-se narrativas ficcionais permeadas por fatos da história italiana, aos quais se mistura a ficção.

A obra como um todo traz crônicas de viagem, opiniões do autor sobre a arte, a arquitetura, a cultura, a gastronomia, os costumes do povo italiano, em impressões por vezes aparentemente despreziosas, como o autor ressalta:

Uma vez por todas, e a propósito de todas as coisas de que houvermos de tratar, faça-se a reflexão de que isto não é um tratado de crítica, um compêndio de estética, uma série de estudos artísticos, feitos de luneta no olho, e de pitada nos dedos, mas as impressões fugitivas de um espírito despreocupado, que vê tudo de corrida, porque o tempo não lhe sobra e que não acredita, de mais a mais, nas admirações calculadas desses charlatães da arte, que fingem chorar horas inteiras diante do nariz de uma *madona*, ou dos louros anéis de um mimoso *bambino*<sup>170</sup>.

Lopes de Mendonça faz uma ressalva aos que porventura possam pensar que tudo está dito ali. Nem tudo a respeito da viagem é contado ao leitor, deixando um ar misterioso a respeito de alguns acontecimentos que se quiseram omitir:

Parte das recordações de um viajante guardam-se para uma noite de inverno, perto de um excelente fogão, com um charuto havano na boca, e sentindo as odoríferas emanações de um café primoroso, perfumando a atmosfera de um gabinete *comfortable*<sup>171</sup>.

#### 4.1 Portugal na Europa oitocentista

Em meados do século XIX, Portugal, já uma nação soberana, com suas conquistas além-mar, amargava um presente de revoltas internas e pouca visibilidade internacional.

Uma carta a Alexandre Herculano abre o primeiro volume das *Recordações de Itália*. Em seu primeiro parágrafo, A. P. Lopes de Mendonça tece suas contumazes críticas aos barões que compravam títulos de nobreza:

A nobreza hoje compra-se com dinheiro: os velhos nomes aristocráticos ou desaparecem pela acção do tempo, ou se apagam pela longa inação de gerações degeneradas: a única realeza incontestável do século é a da inteligência – os únicos brasões que o povo hoje respeita são os que se adquirem pelo culto austero da ciência, pelas improbas vigílias do estudo e do trabalho<sup>172</sup>.

Prosseguindo na carta a Herculano, enfatiza a importância de ter algum distanciamento da querida pátria para que se exaltem os feitos desta:

se há ocasião para acatar e engrandecer a glória dos homens, que representam intelectualmente um país, é quando se viaja em nações estranhas, é quando vemos esquecida a grandeza e quase perdida a memória dos feitos que ilustraram a pátria, e lhe concederam, um tão eminente lugar na história da civilização moderna<sup>173</sup>,

<sup>170</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 62.

<sup>171</sup> Op. cit., p. 43.

<sup>172</sup> Op. cit., p. 23.

<sup>173</sup> Op. cit., p. 23.

para, posteriormente, evidenciar a pouca representatividade que a nação tem, naquela época, frente ao restante do continente europeu, em confronto o passado, das navegações e das descobertas, do qual quase nada sobrou, sendo a bandeira portuguesa esquecida em portos e alfândegas mundo afora:

Não é atrevimento o declarar que as nações estrangeiras quase que ignoram a nossa existência: o nosso pavilhão raras vezes tremula nos seus portos, os nossos produtos poucas vezes empacham as suas alfândegas, e os seus mercados: a nossa literatura nem mesmo penetra na nação vizinha<sup>174</sup>.

Como meio de conferir notoriedade a Portugal novamente, Mendonça, que, como já demonstramos no primeiro capítulo, é entusiasta da civilização e da troca de produtos entre nações distantes, sugere a exportação do até hoje apreciado vinho português como porta de entrada para o reavivamento de Portugal junto às outras nações:

Qual seria o meio de avivar a nossa memória, não digo já na cabeça ou no coração, mas no paladar dos povos estranhos? Era fazendo-lhes beber o nosso admirável vinho, provando-lhes que a beberagem com que adubam os seus banquetes<sup>175</sup>.

Na viagem, consegue distrair-se, não pensando nas mazelas que assolavam Portugal e deixando-se embriagar pela atmosfera encantadora da Itália, ainda que demonstrasse certo desânimo em relação à sua pátria, por cuja causa liberal lutou por toda a vida, quando contrasta passado e presente nacionais:

Juro aqui, que não me lembrei nem do sistema constitucional, nem dos custosos emolumentos de um passaporte, nem de um baile de cortesias e de contradanças sensaboras, nem dos cafés corredores, nem das grinaldas verdes de nenhuma beleza requestada; sonhava nas graciosas gôndolas de Veneza, nas madonas de Rafael, nas concepções de Miguel Ângelo, nas maravilhas daquela terra, tantas vezes ilustre, e poucos meses antes glorificada pelos feitos da sua heroica revolução!<sup>176</sup>.

Ainda sobre o passado da nação portuguesa, Lopes de Mendonça destacará que os feitos de sua pátria foram de fundamental importância não apenas para si, mas por lograr conquistas que beneficiaram a civilização como um todo, abrindo as portas para negociações internacionais impraticáveis até então, além de dar a conhecer territórios obscuros ao restante do globo: “não era só Portugal, era a humanidade inteira, que haveria ganho neste baptismo feito pela civilização cristã à civilização árabe<sup>177</sup>”.

Mendonça exalta a riqueza de Lisboa em face das cidades históricas europeias, apesar do terremoto de 1775, que destruiu muito de sua arquitetura. Destaca também as obras posteriores à hecatombe, que teriam mudado as feições da cidade.

Quem duvida de que Lisboa é tão rica de tradições, como as mais nobres e altivas cidades?[...]

<sup>174</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 54.

<sup>175</sup> Op. cit., p. 54.

<sup>176</sup> Op. cit., p. 28.

<sup>177</sup> Op. cit., p. 29.

Esta terra, bem sei, foi uma terra de crimes, de amores violentos, de ódios irreconciliáveis, de paixões ardentes, de ambições sinistras<sup>178</sup>.

Estando na pátria de Dante e Da Vinci, que preservou seu passado em magníficos monumentos arquitetônicos, igrejas e esculturas, Mendonça, por comparação, lamenta que não se tenha feito o mesmo em Portugal, que possui obras de um valor histórico tão alto, atribuindo à aristocracia o desinteresse em guardar essas memórias pátrias de séculos passados. Após enumerar uma série de Palácios suntuosos da antiga nobreza de Gênova, questiona-se sobre por que razão em Portugal não se fez o mesmo:

Estes marinheiros e comerciantes [italianos], que tinham numa das mãos a espada, e na outra o oitante, que combatiam, e negociavam a um tempo, não se despediram da vida, sem atirarem nobremente os seus tesouros ao regaço dos artistas, e eternizarem em mármore a fama das suas vitórias.

Qual será a razão por que em Portugal, a nossa aristocracia, nem deixou de si essa memória? Como é que ela se resignou a esconder as suas riquezas em ignóbeis pardieiros, e que moribunda, abandonada do antigo heroísmo, não quis denunciar ao mundo, que merecera os cantos de Camões, e os capítulos de Barros e de Couto<sup>179</sup>?

É ele mesmo quem responde, culpando a monarquia, que vendia seus títulos nobiliárquicos aos que só se interessavam por galgar posições sociais, sem se preocupar com o rumo da sociedade, que cada vez mais enveredava pela valorização da pompa vazia:

Eu respondo, e parece-me não errar no meu juízo. É que a onipotência monárquica cedo absorveu os orgulhos da fidalguia. É que os peitos fortes despiram a armadura, para vestirem a libré de cortesia. Classe eminente, e ao mesmo tempo serva, não era nas mesuras do paço que podia encontrar essa altivez, essa consciência do seu poder, e da sua glória, que dá o desejo grandioso da imortalidade histórica. Morriam contentes vendo o seu nome no *foro grande*, e a sua genealogia no *livro dos costados*. Depois, durante o reinado da dinastia bragantina, era tão remota sempre a influência milagrosa dos feitos antigos... Abanhavam o lume, punham a toalha, ordenavam os manjares, ferravam os cavalos dos seus monarcas; com estes apreciáveis e honrosos deveres, esqueciam-se de tudo – do passado e do futuro: e quando o povo se agitou, não tiveram força para lhe resistir – pactuaram: deixaram-se dominar pelos *merceiros* e *barões novos*, e não tarda que façam causa comum com eles<sup>180</sup>.

## 4.2 O labor literário

Como já exposto no primeiro capítulo do presente trabalho, a literatura foi o meio de subsistência de Lopes de Mendonça. A vida de homem de letras, no entanto, nunca lhe rendeu fortuna. Nas páginas de *Recordações de Itália*, ele denuncia o pouco valor que é atribuído aos artistas da palavra em seu país.

Na viagem das *Recordações de Itália*, Mendonça vivia já, há alguns anos, como escritor em Portugal. Confessa, entretanto, que está contando o dinheiro, sendo obrigado a

<sup>178</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 140.

<sup>179</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 69.

<sup>180</sup> Op. cit., p. 70.

controlar diariamente seus gastos, pois qualquer extravagância ou digressão poderia ser motivo de grandes apuros financeiros. De certa forma, lamenta sua situação, ridicularizando os milionários que, quanto mais ricos eram, também mais idiotas.

Eis os contratemplos morais de uma viajante que tem de calcular dia por dia, a sua permanência em um país estrangeiro. Via uma linda mulher, podia apaixonar-me por ela, exactamente como um herói dos romances de Scudéry, ‘à simples vista,’ e não me era permitido, ao menos, vê-la mais uma hora, admirá-la mais um dia! É nestes momentos que eu chego quase a invejar a riqueza de uma quantidade de tolos que conheço, riqueza que, seja dito aqui entre nós, está na razão inversa do seu próprio senso comum: quando chegam a milionários são fofa e ridiculamente idiotas<sup>181</sup>.

Em determinado ponto das crônicas, ele chega a lastimar seu talento para as letras, sustentando que, não fosse essa sua “desgraçada” vocação, preferiria o cargo de cicerone, por exemplo, que lhe parecia muito mais rentável e menos penoso:

Quando Alexandre visitou Diógenes, disse-lhe este sabido comprimento: “Eu quisera ser Diógenes se não fosse Alexandre”. Se não tivesse a vocação desgraçada de homem de letras, preferiria o cargo de *cicerone* a ter de rabiscar resmas de papel, mais ou menos sensabores, e de atormentar a imaginação umas poucas de vezes na semana, com grave detrimento da minha paciência<sup>182</sup>.

Como muitos turistas célebres viajam pela Itália a escrever crônicas sobre este país, ao saber que Théophile Gautier tinha passado também por Veneza a escrever suas impressões daquela cidade, Mendonça reconhece, com pesar, que certamente os escritos deste terão alcance muito maior que o seu, que dificilmente sairão de Portugal, o que é fruto da já denunciada pouca visibilidade de Portugal e de tudo que seja relacionado ao país, no restante da Europa.

As suas impressões hão-de ser lidas proximamente por todo o mundo, que soletira, no folhetim da *Presse*. As minhas, ainda que valessem alguma coisa, auguro desde já, que não passam do Cabo da Roca, senão para entreterem alguma brasileira, negra como os bronzes de Florença, na hora sacramental de uma calmosa sesta<sup>183</sup>.

Em Portugal, segundo nosso autor, é mais vantajoso, financeiramente, ser agiota do que ser escritor, pois o esforço do labor literário obtém pouco reconhecimento. Para Mendonça, em países como a França é que os esforços do labor literário têm compensação:

Num país estrangeiro, Lamartine é saudado por uma população inteira, as suas palavras são recebidas entre rugidos frenéticos, o seu nome conservado na memória com respeito religioso! Assim vale a pena, empalidecer em noites duramente veladas, ver no rosto cavadas as rugas da meditação, escrever com o sangue do coração as tremendas catástrofes da vida, que no fim luz um raio de glória que vos aquece a cabeça calva e despovoada, que vos alumia o rosto desencantado e triste... Em Portugal, se quereis um conselho, fazei-vos agiota: é um mister infame, mas podeis afogar o remorso com Bordeaux, Champanhe, Reno, Madeira, Xerez e Málaga. E se enriquecerdes, certifico-vos que podem reconhecer-vos a firma comercial, e *lui faire honneur*, como dizem os franceses. A vossa firma literária, essa, custa-lhe a ser acreditada, mesmo nos mais ilustrados círculos da vossa terra<sup>184</sup>.

<sup>181</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 91.

<sup>182</sup> Op. cit., p. 63.

<sup>183</sup> Op. cit., p. 25.

<sup>184</sup> Op. cit., p. 60.

O sucesso dos escritores, em Portugal, segundo Lopes de Mendonça, depende de “meia dúzia de parvos, sentados em concílio geral, nos bancos de um café”, e a riqueza estaria há muito apartada dessa profissão, que não a garante nem a seus nomes mais ilustres, como Garrett, que, apesar do nome e prestígio literário, teve problemas financeiros por toda a vida: “a respeito de fortuna, afirmo ser uma deusa, de há muito divorciada como o estreito orçamento de um literato, ou de um jornalista”<sup>185</sup>.

Ainda que reclamasse das condições financeiras da vida de escritor, o que pode dar a falsa impressão de que ele pretendia frequentar as altas rodas da sociedade lisboeta, Mendonça insistia que era nos lugares menos opulentos que se encontravam as verdadeiras inspirações para uma literatura que retratasse os costumes.

Desculpando-se com o leitor por sua passagem por uma espécie de taverna, justificava-se, usando a arte como pretexto para frequentar esses ambientes, onde ele adquire inspiração para compor sua literatura de costumes. Nessa taverna, encanta-se com uma inglesa, mas logo a esquece, substituindo-a por uma andaluza, com que acaba passando uma parte da noite:

Perdoem-me este episódio, que não é positivamente ortodoxo: para estudar os costumes, e nisso um autor português pode parecer-se com todos os escritores deste mundo, não se pode exclusivamente frequentar os salões de um baile, ou tomar chá numa reunião muito decente e muito insípida: se cometi o irreverente pecado de passar um pedaço da noite numa companhia um pouco tumultuosa, foi tudo pelo amor da arte!<sup>186</sup>.

A riqueza ainda “esmagava-o”, como disse uma vez nas *Memórias dum Doido*. Ele descreve a pompa e o luxo do Café da Concórdia, que, no entanto, não lhe enche os olhos:

São espelhos custosos que revestem as paredes: são mesas de pés doirados e tapetes turcos que mobilam o pavimento: são reposteiros e bambinelas de veludo vermelho que guarnecem as portas e as janelas: são sofás de veludo da mesma cor, que convidam ao *dolce far niente*, e que vos intimam que tomeis o desdenhoso *orientalismo* de um paxá de sete caudas, que não veja em sonhos o fatal cordão, que lhe ameaça a onipotência. Ainda bem, não examinava, e não gozava deste luxo, exposto franca e rasgadamente, sem as prosaicas restrições de um génio meticulosamente econômico<sup>187</sup>.

É que, com toda essa superficialidade, na sua perspectiva, não havia espaço para os verdadeiros sentimentos, que se desenvolviam por meio das tribulações. Para Mendonça, somente na dificuldade se encontraria ambiente propício para o cultivo do amor, longe das afetações da riqueza e do luxo: “Já houve um autor céptico que disse que ‘o amor morava apenas no quente ninho da rola’. Eu afirmo que o elemento artístico existe apenas nas águas furtadas de algum poeta ou literato pobre”<sup>188</sup>.

<sup>185</sup> Op. cit., p. 25.

<sup>186</sup> Op. cit., p. 36.

<sup>187</sup> Op. cit., p. 52.

<sup>188</sup> Op. cit., p. 53.

Apesar de fazer da escrita um meio de sobrevivência, diante do exposto, é possível depreender que o reconhecimento material era, para A. P. Lopes de Mendonça, secundário, menos importante que o reconhecimento artístico, que ele tanto perseguia e tanto admirava nas culturas estrangeiras.

### 4.3 O valor da arte

Os rumos da arte na Europa foram também alvos da crítica mendonciana. Como desaprovasse o argentarismo que se instalara em Portugal e em todo o continente, já podia vislumbrar que os ventos do capitalismo sopravam também sobre a arte europeia, que ele lamenta prostituída e a quem invoca como uma entidade:

Ó divina arte, virgem de casto olhar, e de austero e elevado aspecto, pálida como o lírio, de loiros cabelos espargidos em anéis pela curva deliciosa do teu pescoço, docemente inclinado, tu que de joelhos sobre a terra, só sabias erguer os olhos pelo espaço infinito dos céus, eis-te agora, mísera vagabunda, vendendo os teus segredos, como a mulher pública os seus encantos, a tanto por coluna, e não invocada, para engrandeceres a alma, mas para engrossar as rendas do literato, do artista, e do poeta!

O demónio da cobiça também te precipitou do altar sagrado, donde dominavas as pequenezas do mundo: estendes a mão ao oiro, e os lábios à devassa voluptuosidade dos grandes e dos pequenos: as tuas vestes puras e santas arrastaram-se, mais de uma vez, no lodo da ignomínia<sup>189</sup>.

Naqueles tempos, de consolidação da revolução industrial, Mendonça denuncia já que a arte perde importância diante do progresso, da velocidade, do crescimento das indústrias. No pragmatismo que tudo isso suscita, pouco espaço resta à arte que sobreviveu aos séculos e vem perdendo sua majestade para o fascínio com a indústria:

eu não sei que gozo melancólico e triste existe em nós, homens do cepticismo quando nos extasiamos diante das obras, que as almas crentes de outros séculos avivaram com o mágico esplendor da esperança!

Eram eles que faziam obras duráveis e grandiosos monumentos, porque lhes não pesava no coração a dúvida do seu futuro destino. Nós, somos os homens da prosa, dos prazeres materiais, e do movimento febril. Queremos rasgar os ares com a rapidez do caminho de ferro, queremos sujeitar a natureza, usando das suas forças, em nosso benefício. Não é a arte, é a indústria, a rainha do século<sup>190</sup>.

Lopes de Mendonça comenta que a industrialização começa a atingir também, de certo modo, a arte, não porque as obras sejam produzidas em fábricas, mas pela quantidade de obras de um mesmo artista que passam a ser criadas em larga escala e espalhadas por todos os lugares. Passando a produzir quase como operários, esses artistas têm o valor artístico de suas obras diminuído, posto que agora não mais importa, ao que parece, a perenidade ou a

<sup>189</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 65.

<sup>190</sup> Op. cit., p. 67.

singularidade de uma obra artística, mas sua fama no presente, que é alcançada pela grande quantidade de exemplares que o artista apresenta:

A capela tem muitos *frescos* de João Baptista Carlone. Este pintor é de uma reputação secundária, mas é bastante apreciado na Itália. Entretanto, a intensidade, a correção, a excelência do seu talento, perderam forçosamente pela espantosa quantidade de obras, que se encontram por toda a parte, marcadas com o seu nome. Este artista alistou-se, acho eu, na classe dos industriais: tornou-se *faiseur* como A. Dumas, Scribe, e os modernos sibaritas da *letra redonda*<sup>191</sup>.

O materialismo e o pragmatismo para os quais o mundo caminha preocupam Mendonça. Tendo em vista a valorização dessas obras feitas aos montes e a importância conferida à prosa em detrimento da arte poética, ele declara: “a poesia está morta, porque já ninguém crê. Vive-se pelas inspirações do momento: eis a tremenda conclusão desta civilização materialista e bastarda<sup>192</sup>”.

Segundo Lopes de Mendonça, o talento artístico é um dom; e as obras que esse talento produz são capazes de imortalizar o nome de seu criador, que é conhecido e admirado durante séculos após sua morte. Por esse motivo, nosso autor comenta que ela se faz mais importante que títulos nobiliárquicos, ou do que o poder efêmero que a política pode conferir, porque “a arte não morre, e os monumentos não se apagam da face da terra tão rápidos como as criaturas de Deus...<sup>193</sup>”:

E riam-se esses pobres políticos, vermes que se agitam no fundo deste sepulcro, que se chama sociedade, das existências caprichosas e excêntricas que se dedicam ao culto da arte, que elas mais poderosas que a voz de um povo, mais ilustres que a mão de um monarca, ungem os escolhidos da sua inteligência, e concedem-lhes a coroa eternamente viçosa que floreja entre as mais afastadas gerações<sup>194</sup>.

O autor viajante divaga sobre a finitude do ser humano e a sua pequena importância diante dos feitos dos homens que conseguiram escrever seu nome na eternidade, seja por meio de feitos heroicos, seja por meio de seu talento. Demonstra preocupação com o futuro da sociedade (tão materialista), que pouco pensa na representação que terá para as gerações futuras, que ele teme ser composta de futilidades como perfumes ou peças de vestuário, em detrimento da produção artística:

Como nós somos pequenos comparados com o medonho apocalipse do mundo? Para que serve amar e sofrer, aspirar à glória e ao domínio, quando no relâmpago de vida, que nos é dado a respirar neste mundo, nós apenas passamos como o grão d'areia, que, a vaga indolente atira às imensas praias que envolvem o oceano? Dos séculos sobrevive às vezes um nome, e quando estas gerações, que agora se agitam como os vermes no fundo dos sepulcros, vierem aumentar com uma plegada o pó que cobre a superfície dos rochedos, e dos granitos antediluvianos, talvez que um chapéu redondo e uma casaca velha, um par de botas, ou um vidro de água de colônia, seja tudo quanto traduza aos remotos vindouros o largo drama da existência actual, com as suas revoluções, com os seus prodígios de ciência, com os caminhos

<sup>191</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 64.

<sup>192</sup> Op. cit., p. 61.

<sup>193</sup> Op. cit., p. 120.

<sup>194</sup> Op. cit., p. 48.

de ferro e os telégrafos eléctricos, com os manifestos de Ledru-Rollin e de Mazzini, com as notas de Palmerston, e os decretos imperiais de Napoleão Luís!<sup>195</sup>

#### 4.4 Os rumos da modernidade

O progresso, ao mesmo tempo em que é aplaudido por Lopes de Mendonça, é, por vezes, condenado. O defensor das estradas de ferro, que se regozija ao tomar chás oriundos de países exóticos em porcelanas chinesas – graças ao avanço da civilização – mostra-se também cauteloso e crítico em relação a alguns aspectos da vida moderna.

A multidão que agora ocupa as grandes cidades, impedindo que as pessoas mantenham relações estreitas como era antes, e a impessoalidade são algumas das preocupações de Mendonça com o crescimento exacerbado que a industrialização traz, o que, segundo ele, pode parecer fascinante de início, mas logo se torna cansativo:

Ao princípio, e é o que deve acontecer em Londres e em Paris, aquela agitação deslumbra-nos a vista, e dá-nos um certo prazer; por último, enfastia e desagrada. Há como um pensamento de humilhação de nos sentirmos estranhos no meio daquelas turbas, e depois, que laço, que solidariedade moral nos liga a tantos entes da nossa espécie, a tantas fisionomias que se não apagam da memória, e que mal se nos retratam na imaginação?

Se isto é pouco agradável em relação aos homens, é terrível em relação às mulheres. Passeiam tão grande número delas pelas ruas, airosas e bonitas; sentimos tanto o desejo de conversar, de as examinar de perto, que mais duma vez estivemos resolvidos a pedir a algumas, que se demorassem um momento, que não atravessassem a rua. Ligeiras e saltitantes, desaparecendo, ou nas arcadas das igrejas, ou nas lojas, e nos amplos vestíbulos das casas e palácios<sup>196</sup>.

Após elogiar a civilização, confessa: “visto de perto, examinado no seu giro, enfastia-me, desgosta-me. A minha alma artística contrai-se como a sensitiva, em presença daquele *babelismo* desarmónico, e tumultuoso<sup>197</sup>”.

Em Gibraltar, incomodava-o o aspecto impessoal da cidade, que lhe dava a impressão de que todos ali estavam de passagem, sem lá habitarem. A arquitetura das casas, limpa, sem detalhes, à moda inglesa, apesar de confortável, enfastiava-o, pois não dava mostras de um passado, do desenvolvimento que pudesse ter ocorrido ali desde gerações passadas:

E é o que faz de Gibraltar uma cidade comodamente insuportável. Digo que nunca vi nas ruas tão irrepreensivelmente *macadamizadas*, e tão rigorosamente limpas: afirmo que as casas, sem arquitetura, e sem relevo, podem oferecer a um viajante toda do repouso, mas quem no fim de duas horas não for acometido de um acesso de *spleen*, é porque tem os nervos e, o coração afinados no positivismo mais comercial deste mundo.

É que Gibraltar, além de ser inglesa, não tem aquele aspecto majestoso e regular, que denuncia o desenvolvimento racional de uma civilização definida. É uma cidade, cujos habitantes parecem estar ancorados, e não domiciliados na terra: dir-se-á que ao sopro do

<sup>195</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 160.

<sup>196</sup> Op. cit., p. 201.

<sup>197</sup> Op. cit., p. 51.



vento do levante, navios e habitantes desaparecem e a deixam entregue às desolações da solidão<sup>198</sup>.

A influência inglesa desagradava Lopes de Mendonça também no que diz respeito ao uso da língua, cujos sons “ásperos” não combinavam com os italianos, para ele, de costumes espontâneos e alegres, diferente dos ingleses:

Ó bela Itália, terra da liberdade, e da elegância descuidosa, aonde as mulheres sorriem quando querem, aonde os homens falam, andam, e cumprimentam com tanta afabilidade e franqueza, para que caíste em graça aos ingleses, que deixam nos teus risonhos dias um rastro dos seus nevoeiros eternos, nos teus costumes alguma coisa do seu tremendo *improper*, na tua língua alguns dos seus sons ásperos e satânicos?<sup>199</sup>

Ainda que criticasse principalmente a influência inglesa nesses aspectos que considerava negativos na modernidade, Mendonça nega que seja inimigo da Inglaterra, país que ele respeita, sobretudo pela estabilidade como potência mundial:

Ninguém me suponha inimigo da Inglaterra, depreciador dessa grande nação [...] Deus me livre, apesar de ser criado talvez no ódio do nome inglês, que eu não respeite e admire essa grande nação, que não me curve perante a constância serena com que se mantém imóvel no centro da liberdade, como as suas rochas no seio do oceano. Mas agora não insulto o sincero culto que lhe presto, analisando rapidamente estes dois exemplares da fria, grave, e austera Grã-Bretanha<sup>200</sup>.

Grande amante da cultura antiga, Lopes de Mendonça apenas não conseguia atribuir aos elementos da modernidade os mesmos valores que percebia nos objetos e lugares velhos, que, para ele, apresentavam novas perspectivas a cada novo olhar:

Direi sempre, e é uma verdade de simples intuição: existe mais novidade num objecto antigo, visto debaixo de um aspecto novo, do que num objecto inteiramente desconhecido. Para a imaginação vale mais o Tibre, cujas ondas por tantos séculos conduziram consigo a história do mundo, do que o Nilo imenso e majestoso, que alimenta com os seus limos e escórias, a produção agrícola do Egito<sup>201</sup>.

Alguns aspectos da modernidade, de fato, o repugnavam. Em visita à Universidade de Pavia, ele conhece o laboratório de anatomia, um dos mais modernos e ricos da época, que considera uma profanação:

Eu não sei que haja espectáculo, que abata mais o orgulho humano, engrandecendo ao mesmo tempo o poder misterioso dessa causa final a que chamamos Deus, do que a exposição dos segredos da anatomia humana. É a negação do belo, a soberania da morte e do nada, a glorificação hedionda de uma ciência indiscreta, e ímpia, que nos rasga as ilusões, sem piedade nem misericórdia<sup>202</sup>.

Ao deparar-se com o corpo de uma jovem mulher exposto no laboratório, ele demonstra repulsa pelo espetáculo, que desvela a beleza artística do corpo feminino:

e vedes as entranhas daquela bela virgem, repugnantemente representadas, e asquerosamente exactas: as exigências da ciência matam as impressões da arte.

<sup>198</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 33.

<sup>199</sup> Op. cit., p. 73.

<sup>200</sup> Op. cit., p. 115.

<sup>201</sup> Op. cit., p. 62.

<sup>202</sup> Op. cit., p. 77.

Não me admira que em certas eras, se perseguissem os cultores da medicina. A vista dum gabinete de anatomia tem alguma coisa de infernal e de repugnante<sup>203</sup>.

Mendonça demonstra, no entanto, grande admiração pelo progresso no que este traz de melhorias materiais, sobretudo no tocante às estradas e ferrovias, que facilitam o trânsito e diminuem as distâncias. Impressionaram-no as condições das estradas de Pavia: “Parece-me mesmo que no estado em que estão as estradas, na situação agrícola e industrial daquele país, não se viaja, passeia-se, sobretudo na estação amena do outono<sup>204</sup>”.

Como os caminhos de ferro significavam para ele progresso, Mendonça exhibe, nas *Recordações de Itália*, grande empolgação com esse avanço da civilização. Em sua passagem pela estação lombarda, ele deslumra-se com a grandiosidade do prédio e com a riqueza de detalhes de sua arquitetura, o que ele preza, em detrimento das já citadas construções retas e frias à moda inglesa que ele vira em Gibraltar:

Uma estação de caminho de ferro na Lombardia é mais do que um edifício industrial, é um suntuoso monumento. São soberbas e elegantes colunas, que amparam os tectos: os salões de espera adornados de sofás de veludo, com as portas trabalhadas com os mais delicados labores de marcenaria, com espelhos esplêndidos, e paredes cuidadosamente adornadas, não deitariam a perder a reputação de qualquer príncipe abastado, ou de um banqueiro seis vezes milionário<sup>205</sup>.

Exalta a sensação da primeira viagem de trem, um misto de medo e satisfação: “A primeira vez que um homem se sente impelido com aquela incrível velocidade, tem, a um tempo, o sentimento de um vago terror, e uma inspiração sobre-humana de orgulho<sup>206</sup>”.

Mendonça expressa grande admiração pelo processo de modernização das sociedades, que ele acreditava ser responsável por transformações importantes no futuro:

Há alguma cousa de mágico, de feiticeiro, de profundamente sobrenatural, quando vemos as árvores e as habitações desaparecendo, como por encanto, diante dos nossos olhos deslumbrados. E quando um *humorista* gracioso declara que o ‘caminho de ferro’ há-de, daqui a tempos, fazer chegar os indivíduos ao seu destino na véspera da partida, exprime nesta exageração paradoxal todos os prodígios dessa invenção, que tem de mudar, em poucos anos, a face do mundo<sup>207</sup>.

As opiniões de A. P. Lopes de Mendonça acerca do progresso podem parecer ambivalentes. Por um lado, ele defende a construção de estradas de ferro, que auxiliariam a conexão de Portugal com o restante da Europa, facilitando, assim, as relações de exportação e importação, por exemplo; por outro, condena a modernização daquilo que “profane” o que ele considera sagrado, como o gabinete de anatomia, que ele considera uma violação ao corpo humano, ou o aumento desenfreado das metrópoles, que abalam as relações humanas. O que ele possivelmente desejava era um equilíbrio entre o progresso que a modernização das

<sup>203</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 77.

<sup>204</sup> Op. cit., p. 81.

<sup>205</sup> Op. cit., p. 90.

<sup>206</sup> Op. cit., p. 90.

<sup>207</sup> Op. cit., p. 90.

sociedades trazia com a herança clássica da arquitetura e dos costumes; os avanços materiais do progresso, guardando-se a beleza e a importância cultural que ele percebia nos monumentos antigos da Itália.

#### 4.5 O papel da mulher

As considerações de A. P. Lopes de Mendonça sobre o papel da mulher na sociedade portuguesa do século XIX mereceram um tópico à parte, pois, em vários momentos da obra, o autor demonstra opiniões bastante avançadas acerca da representação e da posição feminina na sociedade.

Ele comenta, por exemplo, o destino das mulheres que cometem algo que a sociedade condene, como se envolver sexualmente com um homem sem estar casada ou ter um amante e ser descoberta, coisas que, a uma mulher, não se perdoaria. Só restava a ela, nesses casos, três caminhos: se pertence a uma família de posses, poderia dedicar-se à vida religiosa; se não, restavam-lhe a prostituição ou vida de artista.

Separada da sociedade pelo vício, eliminada da humanidade pela miséria – mulher! de balde te arrependes, de balde invocas a Deus no céu, e a religião na terra; só tens o desprezo por patrimônio: assim o quer essa sociedade hipócrita e corrompida, assim o publicam às vezes mil bocas [...] só tens por único horizonte, por derradeira ambição, elevares-te à aristocracia da devassidão; porque então nesta civilização bastarda, o vício às vezes é tão respeitado, tão idolatrado como a virtude: deixa de ser um objeto de desprezo, para se tornar quando muito um assunto de escândalo<sup>208</sup>.

Mendonça mostra que a mulher de então era educada para esconder as próprias emoções e para transmitir delicadeza e perfeição: “Socialmente, e **como a civilização a modifica**<sup>209</sup>, é um ser frágil, cujos cabelos exalam odoríferos perfumes, cujas mãos acetinadas calçam luvas, que as preservam do ar frio e da atmosfera, cuja voz é pausada, mórbida e insinuante<sup>210</sup>”.

As intervenções do narrador-autor são bastante vanguardistas considerados em confronto com o senso comum da época. Quase todas as mulheres daquele tempo nem tinham o direito de estudar, condenadas que estavam a viver para a família e a casa: “Abomino que a mulher seja escrava: quero-a emancipada pela inteligência e pelo coração<sup>211</sup>”.

<sup>208</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 37.

<sup>209</sup> [grifo nosso]

<sup>210</sup> Op. cit., p. 113.

<sup>211</sup> Op. cit., p. 60.

## 4.6 Religião

De acordo com o que já abordamos, a posição de Lopes de Mendonça em relação à Igreja é de total oposição, por considerá-la uma instituição materialista; no entanto ele guardava os ideais cristãos da religião.

Nas *Recordações de Itália*, ele critica os casamentos por interesse, que não eram mais realizados como um sacramento religioso, mas como um acordo financeiro entre “macho e fêmea de duas nobilíssimas famílias”<sup>212</sup>, a fim de acumularem suas fortunas, com total apoio da Igreja católica:

A prostituição moral atinge os últimos limites da infâmia [...] Que faz então essa religião, recheada de conventos, que consente assim a postergação solene de toda a poesia, de toda a grandeza ideal do consórcio – da comunicação purificada pelos preceitos divinos do Evangelho, e da eternidade?<sup>213</sup>

Partidário do socialismo, os ideais desse sistema, para ele, estavam em consonância com os princípios cristãos, essencialmente no que tange à igualdade entre irmãos e à solidariedade. A Igreja como instituição não representava, na sua opinião, esses princípios. No capítulo “Os Irmãos Bandiera”, há uma cena que ilustra essa ideia. Já condenados à morte, é oferecido a Atílio e Emílio, que seriam fuzilados, um padre para que eles se confessassem, ao passo que eles prontamente recusaram sua presença, já que consideravam que suas atitudes em vida foram cristãs e valiam, por isso, mais do que qualquer palavra proferida no momento que precede sua morte:

Não quiseram confessar-se, e disseram com doçura ao sacerdote: “Praticamos a lei do Evangelho, e procurámos propagá-la com o nosso sangue entre os filhos de Cristo, e por isso esperamos merecer a misericórdia de Deus, menos pelas vossas palavras, do que pelas boas obras que fizemos. Sacerdote do Redentor, pedimos-vos que pregueis o verbo evangélico aos nossos irmãos em Jesus Cristo, que veem sofismada a religião da liberdade e da igualdade!”<sup>214</sup>

Outro episódio que demonstra o valor que Mendonça confere à religião e à fé é o episódio, ocorrido no Lago de Como, em que dois homens, um cético e um religioso, enfrentam uma tempestade. O homem cético afirma que, com suas técnicas, conseguirá salvá-los, enquanto o homem de fé ora. Depois de terminada a tormenta, o narrador-autor comenta a reação de ambos:

Para o homem do mundo que conhecera as delícias da vida, que sorvera em dourada taça os gozos cá da terra, a salvação foi um capricho do acaso, a tormenta horrorosa de que havia escapado um manancial de comoções ignoradas, o panorama fúnebre que o rodeava, um motivo quando muito de curiosidade...

<sup>212</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 56.

<sup>213</sup> Op. cit., p. 56.

<sup>214</sup> Op. cit., p. 198.

Para o homem do povo, simples e rude, a quem Deus concedera para consolo das fadigas, os afectos tão doces de pai, e de esposo, tudo nascia do céu, era ao seu anjo da guarda, a um santo protector, *a la Madona*, que atribuía o haver escapado da morte!

Que vale mais então? esta fé cândida, ou aquela ciência céptica? Estas afeições santificadas pela natureza, e pela religião, ou aquelas torvas paixões, banhadas de lágrimas e de vigílias, que se comprazem na dor, que se alimentam tantas vezes de remorsos pungentes?<sup>215</sup>

Como podemos observar, A. P. Lopes de Mendonça não abominava a religião, muito ao contrário, abominava o clero e sua instituição. As próprias igrejas, segundo nosso autor, deixaram de ser monumentos à religião, para tornarem-se monumentos à arte – e, no caso em apreço, à história – como Mendonça comenta em sua visita à Basílica de São Marcos, em Veneza, cujos visitantes não tem mais como principal foco o culto a Deus:

a Basílica resumiu toda a história do povo veneziano. Começada nas eras de crença viva, e de entusiasmo ardente, enriquecida com os despojos de Constantinopla, no século XVI, já não é a chama imaculada da fé, a aspiração ideal para um mundo melhor, que aorna de tesouros, que a garante de santas e devotas relíquias, é o culto das artes, o ardor desenfreado das comoções do espírito, o nobre orgulho de deixar escrita, em perduráveis monumentos, a memória de uma geração inteligente e activa<sup>216</sup>.

Ele lamenta que, no século XIX, os valores cristãos estejam sendo abandonados: “Oh! Bem sei que no nosso século o amor, a fé, o entusiasmo, são como esses velhos caducos, que se arrastam languidamente, sem energia e sem vigor<sup>217</sup>”. Mostra-se, contudo, resignado, por considerar que talvez este seja o rumo natural dos acontecimentos em vista de tantas mudanças que estavam ocorrendo:

Este século tem muitos *contras*: tem também uma quantidade grande de *prós*. Se ele não tem fé, se possui maior estômago do que coração, se vive nas delícias da terra, e não quer lembrar-se das ideais venturas do céu, é que tudo assim devia de acontecer, e estava marcado no livro misterioso dos destinos humanos.<sup>218</sup>

#### 4.7 As narrativas

Em *Recordações de Itália*, A. P. Lopes de Mendonça apresenta, também, algumas narrativas de ficção, inseridas no contexto histórico específico da Itália pré-unificação.

Comentaremos os episódios inspirados por Veneza, como atesta o próprio autor: “Veneza inspirou-nos três narrações, que inserimos em seguida, das quais uma é rigorosamente histórica. Resta-nos repetir humildemente, para as salvar de alguma crítica

<sup>215</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 125.

<sup>216</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p.148.

<sup>217</sup> Op. cit., p. 140.

<sup>218</sup> MENDONÇA, [1852], Tomo I, p. 61.

veemente, a fórmula da velha literatura: ‘Perdoai os erros do autor’<sup>219</sup>. A saber, as narrativas são “Beatriz”, “Os Irmãos Bandiera” e “Um Proscrito”.

#### 4.7.1 Beatriz

A primeira das narrativas inspiradas pela estada de A. P. Lopes de Mendonça em Veneza é “Beatriz – Episódio da Revolução de 1848”, que, como o próprio subtítulo informa, transcorre durante as movimentações que culminariam na revolução que será o estopim de outras muitas revoltas.

Beatriz é uma condessa, abandonada pelo marido, que, incomodado pela presença do sigisbéu da esposa, espécie de cavalheiro de companhia, comum às mulheres da aristocracia da época, deixou “sua honra entregue às más línguas da cidade, com completa indiferença<sup>220</sup>”.

A caracterização de Beatriz traz dois elementos comuns à descrição romântica da amada: anjo e mulher. O “anjo” é a amada talhada à feição das convenções morais do tempo, pura e idealizada; e a “mulher” está marcada pelo desejo sexual, que sente e inspira:

Anjo, quando voa, esquecido da terra, nos céus esplêndidos da adoração: mulher, quando estuda o modo de se embeçar melhor no véu, e de oferecer à admiração, em movimentos calculados, o airoso da estatura, a pequenez oriental do seu pé de fada, as opulentas e caprichosas tranças do seu cabelo negro; heroica, quando pensa na sua Itália, ajoelhada e abatida diante das águias odiadas de uma nação estrangeira!<sup>221</sup>

Beatriz amava Carlos, um austríaco.

Aproximando-se a revolução, Beatriz, que amava a pátria em primeiro lugar, encontrou-se com Carlos na Igreja de São Marcos, sentindo-se já incomodada pela posição que ele, vestindo o uniforme hussardo, ocupava. Nesse momento, como “nobre e veneziana” que era, pretendia sacrificar seu amor em nome da pátria: “A mulher desaparecia, e a veneziana ressuscitava, abrasada unicamente ao culto austero das tradições patrícias<sup>222</sup>”.

Ela cria coragem e profere as fatais palavras ao amado:

Este amor é um ultraje à pátria, é uma desonra para mim, para aqueles de quem procedo... Entre uma italiana e um austríaco há o abismo que vai abrir-se com uma luta próxima... ameite, amo-te ainda, e repetiu estas últimas palavras quase com o sopro da respiração, não posso, não devo pertencer-te!<sup>223</sup>

<sup>219</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 164.

<sup>220</sup> Op. cit., p. 182.

<sup>221</sup> Op. cit., p. 184.

<sup>222</sup> Op. cit., p. 185.

<sup>223</sup> Op. cit., p. 186.

Carlos, então, responde: “Que devo eu fazer então?... Que sacrifício exiges para te merecer?... viver longe de ti, isso não! não posso!”, ao passo que Beatriz pede a ele que abandone a luta austríaca e passe para o lado italiano: “Rasga esse odiado uniforme que prostitui os nobres sentimentos que te palpitam no coração... combate pela causa os povos oprimidos, e das nações escravas... engrandece essa espada que cinges, ornando-lhe os punhos com as cores imortais da bandeira italiana<sup>224</sup>”.

Como Carlos se recusa a aceder ao pedido de Beatriz, eles rompem, e estoura a revolução de 1848, na qual Veneza, a princípio, levou vantagem. Beatriz tornou-se então uma espécie de musa dos venezianos: “Beatriz não vivia senão para a pátria; se o seu sexo lho permitisse, iria procurar o esquecimento do coração, nas cenas dolorosas, e ao mesmo tempo deslumbrantes de um campo de batalha”<sup>225</sup>.

Temos aqui mais um exemplo do pensamento avançado de A. P. Lopes de Mendonça acerca do papel feminino naquela sociedade. Beatriz, mulher abandonada pelo marido e, portanto, socialmente malvista, impõe-se sobre o amante, impelindo-o a desistir da causa de seu país para lutar pela causa italiana.

Além disso, Beatriz cogita lutar na revolução, sendo impedida apenas por seu sexo, o que confere a ela grande avanço em relação às mocinhas românticas tradicionais, que jamais cogitariam tal façanha.

Beatriz recebe uma carta de Carlos, pela qual se deduz que ele tenha morrido e sente, então, o peso de sua escolha, que agora não tem mais retorno:

A vida suspendeu-se-lhe perante aquela tremenda revelação; as artérias pararam no seu pulsar contínuo, o sangue gelou-se-lhe nas veias, o olhar imóvel alargou as órbitas, e caiu de joelhos diante de um crucifixo de marfim, cinzelado com aquela graça e nitidez dos antigos artistas italianos.

Depois, afastando-o com a mão, levou aos lábios com a outra a facha tricolor, e repetiu com voz trémula, magoada, duvidosa: “A pátria! A pátria!”<sup>226</sup>,

tornando-se uma espécie de musa dos revolucionários de 1848 e agarrando-se ao amor pela pátria para se consolar e aplacar a dor da morte de seu amor, Carlos.

<sup>224</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 186.

<sup>225</sup> Op. cit., p. 188.

<sup>226</sup> Op. cit., p. 189.

#### 4.7.2 Os Irmãos Bandiera

Esta pequena narrativa, datada de agosto de 1853, conta a história de dois personagens reais e célebres nas lutas pela unificação da Itália: Atílio e Emílio Bandiera, que se encontraram, em Corfou, com outros revolucionários, para tentar, em 1844, uma insurreição contra os austríacos:

Corfou foi o ponto de reunião de muitos patriotas italianos, apenas se soube que os Bandiera tentavam uma empresa revolucionária. Dominico Mora, jovem oficial de 22 anos, que servia na armada austríaca, foi um dos primeiros que desertara, para tomar um glorioso quinhão na aventureira tentativa dos seus dois companheiros d'armas.<sup>227</sup>

Essa história mistura ficção e história, já que Mendonça recria aqui a tentativa de insurreição do grupo dos Irmãos Bandiera, sendo fiel, guardada a licença poética, ao que os historiadores contam a respeito dos acontecimentos que envolveram seu cerco até sua morte.

Emílio Bandiera, ao chegar a Corfou, encontra sua mãe, que tenta persuadi-lo a fazer um acordo com os austríacos sem lutar. O filho não cede aos apelos da mãe, ao que Mendonça comenta que “o amor da pátria foi superior ao amor da família”<sup>228</sup>.

Assim como Beatriz, Emílio Bandiera colocava a pátria acima dos interesses pessoais mais importantes.

Reunindo os poucos guerrilheiros com os quais contavam em Corfou, os Irmãos partiram em direção à Calábria, mas, delatados por alguém que soube dos planos ainda em Corfou, foram capturados no caminho, com todo o seu grupo, em Cozensa, sendo julgados e fuzilados dias depois:

No dia 25 de Julho, às cinco horas da manhã, Atílio e Emílio Bandiera, Nicola Ricciotti, Dominico Mora, Anacharsis Nardi, Giovanni Venerucci, Giacomino Rocca, Dominico Lupatelli e Francisco Bertí, este último, antigo soldado das guerras do império, foram acordados do sono reparador da vida, para o sono eterno, que dormem os cadáveres no seio da natureza.

Mendonça pergunta, então, quando chegará o dia em que a Itália poderá honrar esses mártires, que morreram bradando “Viva la Italia!”:

Quando é que eles poderão bradar: – Levantai-vos das campas, ó mortos, que haveis perecido pela liberdade e pela pátria! Vinde assistir ao banquete da fraternidade, ó mártires, que o preparastes pelo vosso sacrifício, e pela vossa gloriosa dedicação! Resurgi do túmulo, como o túmulo vos recebeu no momento supremo! Aparecei com os cabelos brancos pelo frio das masmorras, com as faces descoradas pela fome da proscricção, com o rosto ensanguentado pelas balas dos fuzilamentos... Chegou o dia solene, e tão ardentemente esperado: “Glória a Deus nas alturas do céu, paz na terra aos homens de boa vontade!”

<sup>227</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 197.

<sup>228</sup> Op. cit., p. 197.



### 4.7.3 Um proscrito

Depois de um capítulo dedicado a Milão, Mendonça conta, em “Um proscrito”, a história de seu encontro com Zambianchi, um guerrilheiro, chefe do estado-maior de Garibaldi, que teria lutado ao lado deste, depois de ter sido preso ainda aos 14 anos pela inquisição romana, ser perseguido em Bolonha e ter desenvolvido o amor pela luta a favor da liberdade nos cárceres em que fora encerrado. Esta seria a narrativa verídica da qual Lopes de Mendonça falava.

Zambianchi encontrava-se preso pelos sardos, que, a fim de se livrarem dele, decidiram deixá-lo ir viajar num vapor português, o mesmo em que ia Lopes de Mendonça, que reconheceu o revolucionário e com quem conversou longamente durante a viagem.

Mendonça descreve Zambianchi e, a princípio, posiciona-se contrário às ações violentas praticadas pelos democratas, como Zambianchi, por exemplo:

Repudiamos essas doutrinas de sangue, que podem aproximar o partido democrático dos Haynaus e Windisgraetz, dos cardeais da cúria romana, dos assassinos de Nápoles, dessas mil torpezas que condenam o partido reaccionário ao horror da civilização, e ao estigma da posteridade. Somos severos para todos os excessos, e julgámos que uma das maiores conquistas da revolução de fevereiro é a abolição da pena de morte, saudada pelos aplausos de todo um povo, na embriaguez da vitória, e na onipotência da sua soberania<sup>229</sup>.

Ele reconhece, entretanto, que, em alguns momentos, mesmo para os democratas que eram contrários à violência, não foi possível lutar sem derramamento de sangue, considerando-se, ainda, todo o sofrimento pelo qual muitos dos revolucionários passaram:

Mas nem todos os chefes da revolução poderiam possuir a abnegação evangélica, que hoje se tem intimamente ligado com os dogmas da democracia. Muitos deles ao sangue responderam com o sangue: ao ódio com o ódio – ao extermínio com o extermínio. Cada um daqueles guerreiros que combatiam pela independência e liberdade da Itália, havia, por longos anos, ensopado o pão da proscricção com as lágrimas da saudade; e não é extraordinário que as paixões políticas fossem exacerbadas com a recordação pungente dos sofrimentos pessoais<sup>230</sup>.

Mendonça defende que os revolucionários sofreram atrocidades durante o domínio estrangeiro, o que o faz, não apoiar, mas entender a reação brutal de seus companheiros de luta. Não havia outra alternativa a não ser reagir do mesmo jeito:

É que ainda que nos repugnem aquelas cenas de devastação e de morte, cumpre não esquecer que os patriotas eram fuzilados, assassinados, encerrados nos calabouços, torturados nas prisões; é que entre a piedade e o esquecimento, erguiam-se as sombras de mil mártires, que haviam tinto com o sangue os degraus do cadafalso, ou lavado com as lágrimas as duras lajens das masmorras; é que desde Dante, como disse Miguel Ângelo Buonarrotti[,] *per l' aspro esilio suo con sua virtute*, até aos fuzilamentos dos irmãos Bandiera, no longo intervalo de cinco séculos, aquela generosa terra de Itália havia sido o vasto cemitério dos seus mais

<sup>229</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 219.

<sup>230</sup> Op. cit., p. 219.

heroicos filhos, expirando pelo grandioso pensamento da sua independência nacional, e da sua unidade política.[...]

Estas considerações atenuam, decerto, as sanguinolentas represálias, que, mais de uma vez, mancharam os feitos ilustres da revolução italiana<sup>231</sup>.

Mendonça compreende a sanha e as ações dos democratas, que sofreram a duras penas durante toda a vida, o que não se pode dizer dos que estão no poder: “Qual é o chefe reaccionário, cujos sofrimentos se possam comparar com os dos democratas, errantes e proscritos tantos anos, sofrendo a fome, o frio, mil horríveis privações?”<sup>232</sup>

Zambianchi, no entanto, diferentemente de Mendonça, é radical no que diz respeito a essas represálias, que apoia, e conta, sem embaraços, como façanhas de guerra: “Zambianchi é fanático até ao crime. Não oculta nenhuma das ações de rigor que cometeu durante a guerra; acha natural o direito da represália”. Seu desejo era morrer pela causa da pátria: “Na última revolução, ferido um sem-número de vezes, assistiu a todos os combates e só embainhou a espada, e tomou outra vez o caminho do desterro, quando viu que não havia meio de morrer pela pátria”<sup>233</sup>, e era movido pela vingança que nutria depois de tantos anos de perseguição, punindo com a Lei de Talião às investidas do partido adversário.

Lopes de Mendonça usa da ironia ao comentar a anistia concedida pelo papa aos soldados que cometeram atrocidades na Romanha: “violaram as irmãs, açoutaram as mães, assassinaram os pais dos seus generosos inimigos, talvez para que o papa lhes desse no fim alguns *anos de indulgência* por feito tão leal e meritório”<sup>234</sup>.

Como não puderam assassinar Zambianchi, tornaram-no um criminoso, pela má fama inventada e propagada por todo o país: “menoscabaram a sua reputação, caluniaram o seu carácter, e, tomados de um fingido horror pelo seu nome, apontaram-no à imaginação pública como um destes insaciáveis criminosos, que se comprazem nas cenas de sangue, e nos espectáculos de devastação”<sup>235</sup>.

O autor expõe sua indignação pela hipocrisia dos reaccionários, que causaram tantas mortes, usaram de tanta truculência e fingem uma indignação falsa sobre os mesmos fatos, quando cometidos pelos democratas:

Eu não conheço nada de mais atrozmente infame do que esta hipocrisia calculada, com que os partidos reaccionários, salpicados do sangue friamente derramado em bárbaras execuções, pretendem atenuar a sua ferocidade, com demonstrações de uma fingida indignação, que as suas almas depravadas não podem sentir.<sup>236</sup>

<sup>231</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 219.

<sup>232</sup> Op. cit., p. 225.

<sup>233</sup> Op. cit., p. 220.

<sup>234</sup> Op. cit., p. 221.

<sup>235</sup> Op. cit., p. 222.

<sup>236</sup> Op. cit., p. 222.

Os princípios cristãos de igualdade são lembrados, quando Mendonça comenta a diferença da comoção diante da morte de um nobre e da de centenas de camponeses, sobre o que ele questiona: “Pois a inviolabilidade da vida humana, esse princípio proclamado pelo cristianismo, e santificado pela civilização, é menor para o pequeno do que para o grande, para o pobre do que para o rico?”<sup>237</sup>

Zambianchi precisou esconder-se, pois o governo inglês não permitiu sua estada em Gibraltar por mais de um dia, e não podia ir nem a Portugal, nem à Espanha. Mendonça despede-se então do amigo, com grande pesar:

Vi correr as lágrimas sobre aquelas faces enegrecidas, e caírem-lhe nas barbas majestosas, que haviam crescido nas prisões e nas batalhas,  
Chorei também, apertando-o nos braços. Dias depois chegava a Lisboa no paquete inglês, indo para Londres<sup>238</sup>.

Zambianchi vai para Londres, segundo informa Mendonça, onde passa a ganhar a vida, assim como Garibaldi e outros emigrados italianos, “com o suor do rosto”<sup>239</sup>.

Como bem observou David<sup>240</sup>, diferentemente dos demais heróis mendonçianos, que são vítimas das circunstâncias desfavoráveis da vida – como o Maurício das *Memórias dum Doido* –, Zambianchi é seu oposto. Ainda que tenha passado grande parte da sua existência nos cárceres, sendo sempre perseguido, não parece ter se posicionado como vítima.

#### 4.7.4 D. André Speroni

“D. André Speroni” é, como o próprio Lopes de Mendonça alerta, a reunião de fragmentos de um livro inédito, que, segundo soubemos, jamais veio a lume. Os trechos que compõem este capítulo nas *Recordações de Itália* dão conta da caracterização do personagem e do lugar da narrativa, que o autor não revela, dizendo apenas que se passa em um país civilizado, pouco importando determinar qual, pois acreditava que, “assim como o caminho de ferro nivela os terrenos, a civilização identifica os costumes”<sup>241</sup>.

O personagem é caracterizado com pouca precisão de detalhes; era um tipo comum:

D. André Speroni não era nem, gordo nem magro, nem louro, nem trigueiro, nem branco, nem moreno. Era uma cara vulgar como as de quase todos os que habitam este planeta sublunar. Parecia-se com seu pai, similhaça que não é hoje muito ordinária, porque quase todos os homens se parecem muito mais com suas mães. Se não fosse o preceito romano:

<sup>237</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 224.

<sup>238</sup> Op. cit., p. 225.

<sup>239</sup> Op. cit., p. 226.

<sup>240</sup> DAVID, 2007b, p. 49.

<sup>241</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 230.

“*pater est ille, quem justae nuptiae demonstrat*” como se poderia manter o direito de herança e de propriedade, e, sustar a efervescência dos Telémacos que correriam pelo mundo em buscados ignorados Ulisses?...<sup>242</sup>

Era um homem viajado, *blasé*, que apreciava a companhia dos amigos. Mais do que isso Mendonça não deixa evidente.

Entra em cena, então, Bepa, uma artista, decerto a mesma que dá nome a um dos capítulos do volume das *Recordações*, para iniciar uma discussão sobre a música, a arte e para introduzir a narrativa “História de uma artista”, subcapítulo de “D. André Speroni”, em que este narra a história de uma artista russa.

O início desta narrativa é uma divagação sobre o papel da artista naquele tempo, e sobre a perda do prestígio que a profissão já teve no passado: “A artista agora – santo Deus! – é uma mulher como as outras. Creio até, que passa uma parte da manhã limpando as luvas que há-de calçar no teatro para fazer de marquesa ou de rainha.<sup>243</sup>”

A artista cuja história D. André contava fora o oposto destas, e tinha na arte sua religião: “Deus a fadara sacerdotisa desse culto eterno, que a humanidade eleva à grandeza do seu próprio espírito!<sup>244</sup>”.

Era excêntrica, desprezava os títulos de nobreza e as posições sociais, e valorizava o talento de um artista sobre todo o resto dos indivíduos, incluindo-se aí o rei: “A sua excentricidade nada mais era do que o desdém profundo para as convenções do mundo exterior; e ela aproximava-se com mais respeito dum *maestro* célebre, dum pintor distinto, ou dum grande poeta, do que dos reis mais poderosos da terra<sup>245</sup>”.

A artista “amou como uma louca, como um anjo, como uma mulher, como um demônio<sup>246</sup>” e, tendo amado assim, tanto, conheceu a pobreza e o anonimato, sacrificando sua riqueza para quitar a dívida de seu amante:

Um dia vi-a num pobre albergue, ela que morava num suntuoso palácio. Vi-a sozinha, isolada, abandonando o teatro, abandonando o público, abandonando a glória, abandonando a arte. Chorou comigo não a sua opulência perdida, mas as ferventes comoções que lhe engrandeciam a existência. Deu tudo ao amor. Riqueza, aplausos, os prestígios da admiração, as seduções do entusiasmo. Vendo o seu amante ameaçado de um processo desonroso, sacrificara-lhe tudo; tudo, até a arte, que era a última, a suprema ilusão da sua alma devastada<sup>247</sup>.

Abdicando de tudo, inclusive de sua arte, era como se tivesse morrido em vida. Recordemos aqui Beatriz, que, diferentemente da artista de D. André Speroni, não abdicou do

<sup>242</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 230.

<sup>243</sup> Op. cit., p. 242.

<sup>244</sup> Op. cit., p. 243.

<sup>245</sup> Op. cit., p. 243.

<sup>246</sup> Op. cit., p. 243.

<sup>247</sup> Op. cit., Tomo II, p. 244.

amor à pátria pelo amor de um homem, reforçando seu caráter firme e decidido, que não a permitiu sobrepor o amor às suas convicções. A artista renunciou ao prestígio, à arte, ao dinheiro, à vida:

Era a mais sublime de todas as abdições, era o mais heroico dos suicídios. Não era a oferta da vida durante um paroxismo de exaltação moral, era o sacrifício dela ao esquecimento, à obscuridade e à miséria s três maiores flagelos para uma organização d'artista. Ela em sabia que era a morte; mas a morte lenta, a agonia infinita, o suplício de cada instante, o espicaçar do abutre insaciável nas entranhas laceradas de Prometeu.<sup>248</sup>

Com essa atitude, dizemos que a artista, mais do que metaforicamente, abdicava da vida, pois de fato não haveria outra vida possível a não ser a que conhecia. Naquela sociedade, não havia lugar para mulheres como ela: “Aquela mulher morria, porque não podia ser nem esposa, nem mãe, nem aspirar às doces ternuras da família, nem aos sentimentos mais vulgares que a natureza imprime no coração das suas criaturas<sup>249</sup>”.

Recordemo-nos, então, de Paulina, primeiro amor do Maurício, em *Memórias dum Doido*, que sai da casa de sua família e vai viver com o protagonista do livro, sem se casar. Após o rompimento com Maurício, torna-se uma artista, uma das opções que restavam à mulher que cometeu algum “deslize”, como já comentamos neste capítulo. Ser uma artista era uma das opções para as mulheres condenadas, não havia caminho de volta.

Ademais, uma mulher que viveu toda uma vida como artista dificilmente se adequaria aos papéis impostos de mãe, esposa e à submissão oriunda deles, mesmo que a sociedade aceitasse essa condição, e acaba expirando:

Amou o luxo, os prazeres, as excitações de uma vida desordenada... Condená-la aos preceitos sociais, seria matar a energia da sua vocação... Sede boas esposas, sede bons mães, sede fiéis e submissas, não invejeis o esplendor daquelas, que sentem vivos os desejos, e não os saciam nunca! [...]

Depois acharam-na morta um dia, morta na flor dos anos, morta dessa doença misteriosa, que a medicina não pode curar e não sabe compreender, que muitas vezes não é mais do que o sentimento estético, que reduz ao nada a matéria fugitiva que morre e passa; pó impalpável que o vento agita nas tardes tempestuosas do estio.<sup>250</sup>

Lopes de Mendonça, por meio do discurso final de D. André, chama-nos a atenção, mais uma vez, para a hipocrisia daquela sociedade, posto que o ato de abnegação da artista, de doar tudo o que tinha ao amante endividado, era de grande altruísmo, e muitas “mulheres honestas” jamais seriam capazes de tal ato:

Perder riqueza, posição, as comoções vertiginosas da glória só para salvar um homem, não é acaso atingir urna abnegação quase divina? [...]

E quem aprecia no seu verdadeiro valor esses actos grandiosos? [...] qualquer lady, mesmo apanhada em flagrante delito de *criminal conversation*; olharia com horror a artista sublime!...<sup>251</sup>

<sup>248</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 244.

<sup>249</sup> Op. cit., p. 245.

<sup>250</sup> Op. cit., p. 246.

<sup>251</sup> Op. cit., p. 246.

## 4.8 Itália política

O último capítulo das Recordações de Itália é dedicado às reflexões de A. P. Lopes de Mendonça a respeito da situação da Itália em processo da unificação. Nos artigos que compõem esta seção, “escritos em 30 e 31 de Dezembro de 1850 no jornal – *A Revolução de Setembro*<sup>252</sup>”, ele tece críticas a certos aspectos que estorvavam o êxito dessa causa.

Ele confessa que ouviu dizer mal da Itália, antes de lá estar, mas que nunca acreditou piamente nestas difamações. Para ele, a revolução de 1848 é uma amostra de que a Itália honrou seu passado ilustre e não aceitou inerte os ataques que atentavam contra ela:

Se não houvesse outra prova bastava a da revolução de 1848, para denunciar que as nações não adormecem eternamente; que a terra, avara não sorve de balde o suor e o sangue de gerações, heroicas: que a alma de um povo não se embriaga na contemplação entusiástica de tão admiráveis primores de arte, e de tão sagradas memórias, sem se ver animada de uma fé robusta, e pronta ao sacrifício, em nome da religião sacrossanta da pátria.<sup>253</sup>

A fé, que estaria acabada na Itália, segundo seu julgamento, era renegada mesmo pelos moderados, aos quais chama de “lepra” e de vendidos, que arrastariam ideias já ultrapassadas, como a constituição, obstando a causa da revolução, aos quais ele se opõe veementemente neste momento:

Se houve alguém que a renegasse [a fé], no dia do perigo, foram esses egoístas rebocadores de ideias mortas, esses nomes cansados de uma aristocracia corrupta, esses políticos palhaços de transações mesquinhas, os chamados *moderados*; a lepra de todas as causas generosas, os traidores covardes de todo o pensamento grandioso, os eternos Judas da liberdade, que vendem o seu divino mestre por trinta dinheiros, mas que, para cúmulo de infâmia! não se enforcam de remorsos em nenhuma árvore, depois de haverem cometido o hediondo atentado<sup>254</sup>.

Ataca os moderados, que eram favoráveis à monarquia, por defenderem interesses individuais, mesmo que isso custasse o sofrimento da grande maioria. Refere-se àqueles que a “hipocrisia constitucional aplaudia”, usando da ironia: são “espíritos sensatos”. Já os revolucionários que trabalharam para libertar a Itália do jugo estrangeiro, Mazzini e Garibaldi, eram encarados com pouca seriedade: “Mazzini era um espírito tresloucado; Mazzini, um ambicioso impaciente; Garibaldi apenas um guerrilheiro atrevido”<sup>255</sup>. As comparações com a situação portuguesa, evidentemente, seriam diretas: em 1853 os “moderados” em Portugal estavam no poder, eram os regeneradores! Rodrigo da Fonseca Magalhães, Fontes Pereira de Melo, Almeida Garrett, etc.

<sup>252</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 258.

<sup>253</sup> Op. cit., p. 249.

<sup>254</sup> Op. cit., p. 248.

<sup>255</sup> Op. cit., p. 250

A constituição em vigor, que havia sido uma espécie de compensação às insurreições que começavam a eclodir, não é poupada, mas considerada uma medida paliativa que não remediará as controvérsias do processo de unificação:

A pedra filosofal dos governos reside na panaceia constitucional, espécie de remendo político, que não compromete nenhuma opinião: sopa de mel lançada no cão cérbere da democracia, quando ladra mais forte, o que não impede que o roubo seja o roubo, o monopólio o monopólio, a agiotagem a agiotagem, a corte a corte, e este mundo o melhor de todos os mundos possíveis<sup>256</sup>.

O povo italiano começava a se conscientizar de que deveria unir suas forças em prol da causa de seu país, como aconteceu em Milão, conforme Mendonça relata:

O acontecimento mais notável, e que prova até que ponto é indomável o rancor contra a Áustria, é que fazendo as autoridades circular dias antes do natalício do imperador, que ele tencionava dar uma constituição à Lombardia, chegou esse dia, e Milão despovoou-se completamente. A gente abastada partiu desde o amanhecer para o Lago di Como, para Monza, para todas as proximidades da cidade; a gente pobre não saiu de casa. Paisanos, giravam vinte pessoas, quando muito, e a tal ponto, que todos notaram que m<sup>lle</sup>. Cruvelli, *prima donna* prussiana, saísse a fazer uma visita, ignorando ela, como depois me confessou, esta resolução tão espontaneamente tomada pelos habitantes.

Haverá em alguma história facto mais característico, sintoma mais decisivo, expressão mais eloquente do espírito de uma população?<sup>257</sup>

Os venezianos também já estavam se unindo contra a monarquia, contra os acordos que as autoridades propunham, mas não resolviam, apenas adiavam o problema. Os habitantes de Veneza já vislumbravam a república, tendo já percebido que tudo era “uma ignomínia; que não nasceram para engrossar os estados de uma monarquia, mas para se representarem na grande federação italiana com a imponente herança das suas tradições, avivadas com os esplêndidos feitos da sua última revolução”<sup>258</sup>, já que, para ele, “a independência sem a democracia é um sonho pueril, é uma esperança absurda”<sup>259</sup>.

Esse pensamento de valorização da república, segundo Lopes de Mendonça, entretanto, não foi oriundo dos vários grupos secretos que surgiram durante o *Risorgimento* ou de um de seus líderes, mas estava já, a essa altura, “arraigado na alma do povo”, o que conferia muito mais força aos movimentos revolucionários:

Seriam por acaso os manejos da *Carbonária*, e as viçosas convicções da *Jovem Itália*, que poderiam iniciar um povo inteiro, nos mistérios das suas *choças*, e nos audazes planos dos seus *clubs* políticos?

Não é assim que se podem explicar os sintomas que denunciam grandes acontecimentos, e as manifestações das crenças de um povo. Nos largos quadros, que a Providência abre ao desenvolvimento e progressos de uma nação, há, decerto; lugar bastante para as glórias e infâmias individuais, para o heroísmo dos fortes, para o egoísmo dos covardes; mas é só quando um sentimento agita profundamente as entranhas de um povo, que se podem esperar as lutas mal feridas e as catástrofes inesperadas.<sup>260</sup>

<sup>256</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 250.

<sup>257</sup> Op. cit., p. 252.

<sup>258</sup> Op. cit., p. 252.

<sup>259</sup> Op. cit., p. 252.

<sup>260</sup> Op. cit., p. 254.

No entender de A. P. Lopes de Mendonça, a comoção popular voluntária seria o elemento fundamental para o êxito nas lutas italianas. E, mesmo tendo sido vencida nas primeiras batalhas pela unificação, as revoltas serviram para dar consciência ao povo de seu poder de mudança, além de demarcar para as nações dominantes que não seria fácil tarefa derrotá-la, posto que, com a união de forças que se deu,

a Itália sentiu a sua força, conheceu o seu direito, creu nos seus destinos: vencida, prostrada, agonizante, já compreende o Deus que adora, já marca no horizonte com o olhar a sua esperança longínqua, já tomou lugar no seio das democracias caídas, e partilhou essa solidariedade da grande causa europeia, princípio fecundo, que há-de determinar a emancipação dos povos escravizados, e o triunfo definitivo do novo dogma político.<sup>261</sup>

O que faltava à Itália era suprimir as diferenças internas para voltar-se para um ideal único, que prevalecesse sobre os pequenos desentendimentos em favor da causa nacional:

Eis o que até aqui havia faltado à Itália, o que determinou sua nova era política. As inimizades locais, os rancores domésticos, alimentados pela diplomacia dos pequenos potentados, desapareceram no centro da revolução. Nos muros de Roma pelejavam todas as nações da Itália; a emigração lombarda tomou armas em todos os lugares onde a liberdade carecia de defensores, e a pátria de combatentes. A Itália inteira seguia anhelante a sorte da guerra, em cada um dos pontos que ainda sustentavam o glorioso estandarte da revolução; o coração do país palpitava num mesmo desejo, e numa mesma esperança: – *Viva la Italia!* gritavam esses pequenos estados, que a mesma ideia, que as mesmas aspirações faziam comungar para sempre na unidade federativa, e despirem-se das o pequenas vaidades, indignas de uma tão grande causa.<sup>262</sup>

Por esse motivo, a Revolução de 1848 foi um marco dessa luta, pois foi quando os italianos começaram a se organizar contra um mesmo inimigo, passando por cima de pequenas rivalidades internas. O povo, incansavelmente, num esforço único, com as armas de que dispunha, posicionava-se contra exércitos armados e estrategicamente preparados:

Houve cansaço na guerra, como proclamaram os áulicos do Piemonte? [...] Diga-o a revolução de Milão, começada com bengalas, estoques e punhais, e que durou cinco dias, contra forças respeitáveis e um exercito disciplinado; digam-no os muros de Roma, e os valentes companheiros de Garibaldi; diga-o o aspecto desse povo, que presencia todos os dias execuções militares, e que prefere a morte, a apertar a mão do carrasco! diga-o Bréscia, e o Lago de Como; diga-o Verona e Veneza; diga-o a voz dos seus milhares de emigrados, e o epitáfio dos seus ilustres mártires.<sup>263</sup>

Mendonça valoriza, ainda, as derrotas, que foram parte fundamental do processo e que suscitariam maiores vantagens futuras. Era necessário recuar, por vezes, na hora certa, para que a vitória fosse integral, e não apenas de algumas regiões:

O que aconteceria se a segunda invasão na Lombardia pelo exército de Carlos Alberto fosse coroada de sucesso? [...] Haveria uma respeitável monarquia de segunda ordem, mas não haveria a Itália; a democracia lombarda estaria, como agora, condenada ao desterro: os fidalgos lombardos engrossariam as reuniões dos fidalgos de Turim, e talvez fantasiassem uma espécie de feudalismo constitucional: mas a Itália jazeria sozinha e abandonada como agora, e a voz eloquente de Mazzini talvez não fizesse acender, com tanto fervor o entusiasmo pela liberdade e pela pátria.<sup>264</sup>

<sup>261</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 254.

<sup>262</sup> Op. cit., p. 256.

<sup>263</sup> Op. cit., p. 256.

<sup>264</sup> Op. cit., p. 256.



Ou seja: algumas perdas foram importantes para o processo: “é preferível este adormecimento passageiro a um triunfo incompleto e talvez prejudicial”<sup>265</sup>.

Concluem-se as considerações sobre a Itália política com as palavras de Lopes de Mendonça, que justificariam a glória da nação italiana, que se deve à bênção de Deus:

Porque é que em Itália brilhas tu com tão vivo esplendor, ó arte querida, que aplacas, como a harpa de David, os furores de Saul?  
É que Deus, concedendo a essa formosa terra tão gloriosos destinos no passado, tão vivas angústias no presente, fadou-a eternamente com os dois sentimentos mais espirituais que existem cá na terra – a saudade e a esperança!<sup>266</sup>

#### 4.9 Appendix

Após o último capítulo, Mendonça apresenta ainda um “Appendix”, datado de outubro de 1853, ou seja, incluído apenas quando da publicação do segundo tomo das *Recordações de Itália* em livro, em que dá conta sucintamente da situação italiana como estava àquela época, três anos depois de sua viagem à pátria de Raphael.

Segundo Mendonça, Maquiavel já previra, n’*O Príncipe*, que a Itália seria dividida por nações estrangeiras, que a dominariam pela cobiça, e que seria este o principal óbice à sua unificação, pela divisão que ocorreria entre os seus nacionais:

O grande escritor não deixa a menor dúvida sobre a sua intenção no último capítulo. Aí, depois de dar como causa principal dos males que sofre a Itália, o desmembramento interno, e as invasões estrangeiras, declara que a casa de Médicis, que possui nas suas mãos a Toscana e os estados da igreja, é que deve dar principio à grandiosa missão de salvar como Moisés o seu povo da servidão do Egito.<sup>267</sup>

Apesar das previsões de Maquiavel terem sido feitas ainda no século XVI, a divisão de territórios ainda era, em pleno século XIX, e três anos depois da visita de Lopes de Mendonça àquele país, o maior empecilho à causa da unificação da Itália, pela qual ele lamenta: “E a Itália sofre hoje ainda as consequências de não haver encontrado a ambição salvadora, e providencial, que pudesse impor o seu poder às rivalidades mesquinhas, que intestinamente a dilaceravam”<sup>268</sup>.

É evidente que outros fatores, como a sua geografia, enredavam também o processo unificador, posto que, para que ocorresse plenamente, a Itália teria de resolver outros fatores

<sup>265</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 257.

<sup>266</sup> Op. cit., p. 237.

<sup>267</sup> Op. cit., p. 259.

<sup>268</sup> Op. cit., p. 259.

difícultosos. Como um Estado unificado, os italianos deverão centralizar o poder em uma das regiões, mas qual delas?, especula Mendonça:

Qual será a capital da Itália? Veneza ou Génova existem em pontos extremos; Milão está mui próxima de qualquer invasão continental; Roma, apesar do prestígio do seu nome, está como abafada naquelas vastas planícies insalubres e desertas, e não pode aspirar a ser uma cidade marítima.<sup>269</sup>

Ele considera um erro político das nações dominantes “retalhar as nações” dominadas:

A unidade política da Europa não se pode fundar senão pelo invencível respeito às nacionalidades federadas. Desmembrar, retalhar as nações, ao bel-prazer das diplomacias, como se tem feito até aqui, é peor ainda do que um atentado contra o direito das nações, é um erro político, cujas remotas consequências hão-de pesar sobre as próprias cabeças dos seus autores<sup>270</sup>.

E questiona “Quando chegará o dia em que o egoísmo das monarquias ceda o passo à iniciativa rasgada das democracias triunfantes?<sup>271</sup>”, não sabendo que, na verdade, ocorrerá o contrário, pois será Garibaldi quem abrirá mão de seu ideal republicano para possibilitar a fundação do reino italiano, em 1861, em prol da causa maior da unificação. A. P. Lopes de Mendonça tinha certeza de que esta só seria alcançada pela união popular:

Que esse dia esteja afastado ou próximo, é certo que só a comunhão dos povos, operada pelo culto das mesmas ideias políticas, e das mesmas reformas sociais, é que pode realizar o grande pensamento de justiça nacional, e da salvação europeia.<sup>272</sup>

Desse modo, ele antecipa, ainda no século XIX, no calor dos acontecimentos, o que os historiadores consolidaram através de seus estudos. Foram as divisões internas, que perduraram por décadas, o principal impeditivo à causa da unificação. Somente quando todas as forças convergiram para trabalharem juntas em torno de um mesmo objeto maior, desconsiderando as dissensões que as separavam, os revolucionários puderam obter êxito e tornar a Itália um país uno.

<sup>269</sup> MENDONÇA, [1853], Tomo II, p. 260.

<sup>270</sup> Op. cit., p. 262.

<sup>271</sup> Op. cit., p. 262.

<sup>272</sup> Op. cit., p. 262.

## 5 CONCLUSÃO

A obra de A. P. Lopes de Mendonça não tem merecido da crítica o espaço que deveria. A intenção maior da nossa edição das *Recordações de Itália* não é apenas a recuperação de uma das obras deste autor, mas sobretudo uma contribuição para a valorização do conjunto da produção mendonciana. Para que a crítica mendonciana possa tecer uma apreciação que faça jus ao trabalho de Mendonça, é necessário que se revise a obra em sua totalidade.

Nas *Recordações de Itália*, temos uma reunião dos mais variados temas apreciados pelo autor, desde as suas opiniões sobre a função das mulheres na sociedade oitocentista até posições contra a Igreja e a monarquia.

Nossa edição baseou-se na única publicação em livro das *Recordações de Itália*, de 1852-1853, atualizando a ortografia tão oscilante à época. Procuramos manter a máxima fidelidade à escrita do autor, conservando os empregos de evidente intenção estilística e alterando somente as palavras cuja realização fônica permanecesse intacta, bem como as formas de época, os estrangeirismos e a pontuação com forte base prosódica, habitual no século XIX. Mantivemos os usos portugueses das palavras cujas grafias apresentem realização facultativa pelo Novo Acordo Ortográfico. Acrescentamos, também, algumas notas de rodapé, que favorecem a leitura.

Neste trabalho, procuramos reunir os principais estudos acerca do autor, elegendo as obras de Ofélia Paiva Monteiro (2010), Sérgio Nazar David (2007), José Augusto França (1999), Alberto Ferreira (1985) e Victor de Sá (s. d.) para este fim. Cada um desses teóricos aborda, em especial, um aspecto da obra mendonciana, que procuramos analisar também, mesmo que de modo sucinto. A ironia como forma de pensar, o falso rótulo de ultrarromântico, a importância política e social do romantismo, a aproximação com a estética realista e o envolvimento com o socialismo foram os temas escolhidos para nossa análise, a partir dos escritos dos críticos acima citados.

No capítulo histórico, fizemos uma contextualização da obra em apreço na década de 1850. Tanto em Portugal, pátria onde nasceu e viveu Lopes de Mendonça, quanto na Itália, para onde viajou, escrevendo as *Recordações de Itália*, muitas transformações políticas e sociais estavam ocorrendo. Lopes de Mendonça esteve sempre envolvido nelas, seja lutando efetivamente – como na Patuleia (1846), em Portugal, seja escrevendo a respeito das revoltas e denunciando as injustiças cometidas contra os “democratas” – como nas *Recordações de Itália* e em muitos de seus artigos publicados n’*A Revolução de Setembro*, entre 1846 e 1857.

Abordamos, neste capítulo, a oposição de Mendonça à ditadura Cabralista, sua oposição, e posterior adesão, à Regeneração, sua participação ativa nas revoltas populares em Portugal e sua postura anticlerical. Fizemos também uma síntese do processo que levou à unificação italiana, durante o qual ocorreu a viagem que motivou o livro *Recordações de Itália*.

O estudo crítico das *Recordações de Itália* buscou mostrar inicialmente como Mendonça representa Portugal face ao restante da Europa. Mendonça trata da pouca visibilidade de seu país na época. Ele ainda denuncia a desvalorização do trabalho do escritor em seu país; questiona o valor da arte naquelas épocas, em que o materialismo já dava sinais de dominância e o pragmatismo sobrepunha-se à beleza; trata de aspectos do progresso e da modernidade, fundamentais ao avanço humano, como a construção dos caminhos de ferro, que tanto o impressionavam com sua velocidade, ressaltando a importância do valor histórico e cultural das obras do passado, que não devem ser esquecidas. Destacamos ainda as opiniões do autor acerca do papel feminino no século XIX, a respeito do qual ele apresenta posições avançadas para a época, e as críticas à Igreja.

Além das páginas mais específicas sobre a viagem à Itália, analisamos também as narrativas inseridas nas *Recordações de Itália*, que apresentam dilemas sociais e situações históricas verídicas, como o encontro de Mendonça com Zambianchi, chefe de estado de Garibaldi. Por fim, este capítulo dá conta das considerações de A. P. Lopes de Mendonça a respeito da situação da Itália no processo de unificação, das quais ele conclui que o principal empecilho a esta eram as dissensões internas, que dividiam os revoltosos, impedindo-os de constituir um ideal único, que os fizesse lutar por uma mesma causa, desprezando diferenças menores.

Limitar os estudos sobre a obra de A. P. Lopes de Mendonça às *Memórias dum Doido*, como tem ocorrido há décadas, é reduzir demasiadamente o potencial desta. A obra mendonciana requer uma análise mais abrangente, que abarque os aspectos políticos sobre os quais ele tanto se debruçou n' *A Revolução de Setembro* e, posteriormente, no *Eco dos Operários*. Enquanto as *Memórias dum Doido* estão caminhando para a sua quinta edição, obras como as *Recordações de Itália* e as *Memórias de Literatura Contemporânea* permanecem esquecidas, sem novas edições.

Autor político que foi, por muito tempo, Mendonça foi equivocadamente considerado ultrarromântico, o que demonstramos ser uma perspectiva limitada de sua obra, que, por este rótulo inadequado, foi lida muitas vezes como “literatura menor”.

Esperamos, com este trabalho, dar uma contribuição para uma releitura da obra deste importante autor. Reavaliar a obra de A. P. Lopes de Mendonça é certamente reavaliar o conjunto da literatura portuguesa de Oitocentos.

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, Manuel Pinheiro. *Ensaaios Críticos*. Porto: Em casa de viúva Moré, 1866.

COELHO, Jacinto do Prado. A. P. Lopes de Mendonça. In: SIMÕES, João Gaspar (Dir.). *Perspectiva da Literatura Portuguesa do século XIX*. Lisboa: Edições Ática, 1947. 2 v.

DAVID, Sérgio Nazar. A. P. Lopes de Mendonça e o jornal *A Revolução de Setembro*. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). *Literatura, política e história em Portugal (1820-1856)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a.

ECO DOS OPERÁRIOS. [S.l.:s.n], 1850-1851

\_\_\_\_\_. *O século de Silvestre da Silva: estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Prefácio, 2007b.

FERREIRA, Alberto. *Bom senso e bom gosto (Questão Coimbrã)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985. v.1

FRANÇA, José Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

GARRETT, *O Arco de Sant’Ana*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

\_\_\_\_\_. *Correspondência Familiar*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

\_\_\_\_\_. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Martin Claret, [2---]. p. 26.

GOOCH, John. *A Unificação da Itália*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1991.

GRANDE Enciclopédia Delta Larousse.. Rio de Janeiro: Delta.1970. v.5

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Editorial enciclopédia, [19--].

HOURCADE, Pierre. *Temas de literatura portuguesa*. [S.l : s. n.], 1978.

LOPES, Óscar ; SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa*. 5.ed. Porto: Porto Ed., [19--].

MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal. O Liberalismo (1807-1890)*. Lisboa: Estampa, [19--]v.5.

MENDONÇA, A. P. Lopes. *Ensaaios de critica e litteratura*. Lisboa: Typografia da Revolução de Setembro, 1849.

\_\_\_\_\_. *Memorias de literatura contemporanea*. Lisboa: Typografia do panorama, 1855.

\_\_\_\_\_. *Memórias dum doido*. Lisboa: Imprensa Nacional : Casa da Moeda , 1982.

MENDONÇA, A. P. Lopes. *Notícia histórica do Duque de Palmela*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

\_\_\_\_\_. *Recordações de Italia*. Lisboa: Typographia da Revista Popular, 1852-53.

\_\_\_\_\_. *Scenas e phantasias de nossos tempos*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1860.

\_\_\_\_\_. *O Último Amor*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

MÓNICA, Maria Filomena (Org.). *A Europa e nós: uma polémica de 1853 (A. Herculano contra A. P. Lopes de Mendonça)*. Lisboa: Quetzal Editores, 1996.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. *Estudos Garrettianos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MORMORIO, Diego. *Il Risorgimento (1848-1870)*. Roma: Editori Riuniti, 1998.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima. A presença da herança clássica na narrativa de viagem a Itália. In: PEREIRA, Belmiro Fernandes ; VÁRZEAS, Marta (Org.) *As Artes de Prometeu: Estudos em Homenagem a Ana Paula Quintela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

\_\_\_\_\_. Fragmento e narrativa de viagem. In: DUARTE, Isabel Margarida ; OLIVEIRA, Fátima (Org.). *O Fascínio da linguagem – Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

\_\_\_\_\_. Representações do Outro na narrativa de viagem otocentista. In: AMARAL, Ana Luisa et al (Org.). *Cadernos de Literatura Comparada 8/9: literatura e identidades*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003. p. 67-76.

PATO, Bulhão. *Sob os cyprestes – Vida íntima de homens ilustres*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1877.

A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO. [S.l: s.n.], 1846 - 1857.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Teorias e teses literárias de António Pedro Lopes de Mendonça*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1980.

RODRIGUES, Ernesto. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial notícias, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cultura literária oitocentista*. Porto: Lello Editores, 1999.

ROTA, Ettore (A Cura Di). *Questioni Di Storia Del Risorgimento E Del'unità D'italia*. Milano: Carlo Marzorati, 1951.

SÁ, Victor de. *Perspectivas do século XIX*. Lisboa: Portugália, [19--].

SERRÃO, Joel (Org.). *Liberalismo, socialismo e republicanismo* – Antologia do pensamento político português. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1979.

SERRÃO, Joel. *Temas Oitocentistas*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980, 2v.

SCIROCCO, Alfonso. *L'Italia del Risorgimento*. Bologna: Il Mulino, 1990.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. t.1.

SPELLANZON, Cesare. *Storia del Risorgimento e dell'unità d'Italia..* Milano: Rizzoli Editore, 1960. v.7

*UNICO: Dizionario Enciclopedico Universale*. Roma: Gremese Spada, 1995.